

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

ISRAEL PINHEIRO MATOS

**GRAMÁTICAS SOCIAIS DE DISCURSOS DE ÓDIO E DE LUTA POR
RECONHECIMENTO**

**MANAUS
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

ISRAEL PINHEIRO MATOS

**GRAMÁTICAS SOCIAIS DE DISCURSOS DE ÓDIO E DE LUTA POR
RECONHECIMENTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, como parte do requisito para obtenção do título de Doutor. Linha de Pesquisa 2 – Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Orientador: Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

**MANAUS
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M433g Matos, Israel Pinheiro
Gramáticas sociais de discurso de ódio e luta por reconhecimento / Israel Pinheiro Matos . 2022
245 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Odenei de Souza Ribeiro
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Luta por reconhecimento. 2. Discurso de ódio. 3. Gramáticas sociais. 4. Redes sociais. 5. Plataformas digitais. I. Ribeiro, Odenei de Souza. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Nome: Pinheiro, Israel

Título: Gramáticas sociais de discurso de ódio e de luta pelo reconhecimento.

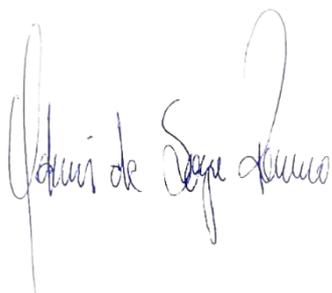
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da UFAM, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor.

Aprovado em: 14 de janeiro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

Parecer: (APROVADO) Assinatura:



Prof.ª Dr.ª Marilene Corrêa da Silva Freitas

Parecer: (_APROVADO) Assinatura:



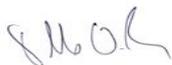
Prof.ª Dr.ª Fabiane Vinente dos Santos

Parecer: (APROVADO) Assinatura:



Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa

Parecer: (APROVADO) Assinatura:



Prof. Dr. Harald Sá Peixoto Pinheiro

Parecer: (APROVADO) Assinatura:



À minha vó Maria Francisca da Silva, que não teve oportunidade de ter educação formal, mas me proporcionou essa chance.

Ao meu professor, querido amigo e companheiro de luta Luiz Fernando de Souza Santos. Hasta Siempre, companheiro!

AGRADECIMENTOS

A presente tese só se torna possível pelo esforço coletivo e apoio de amigos, colegas, camaradas e familiares que fizeram parte da minha trajetória de vida.

Gostaria de agradecer minha amada companheira, esposa, Aline Ribeiro, que ao longo desses anos tem partilhado os momentos bons e difíceis de um processo de doutoramento, sem as incontáveis vezes que pôde me escutar, me acalmar e me incentivar. Pela luta constante por um mundo melhor, não há palavras para agradecer todo seu amor.

Agradecer minha cunhada Raescla Ribeiro, por todo os incentivos, horas de lazer e risos que ajudaram a compor essa tese e esse trabalho, as importantes reflexões e preocupações partilhadas para a construção de um novo mundo.

Agradeço a minha mãe Luzinete da Silva Pinheiro e meu pai Eladio Batista Matos. Ao meu Padrasto Luiz Eduardo Amorim. A minha tia Luziete da Silva Pinheiro e Luziene Pinheiro, uma família pequena, mas ainda assim, importante para nosso apoio, e meu sobrinho Davizinho, somos o que somos.

Não posso esquecer da minha outra cunhada, pelas conversas sobre Lady Bug e teorias miraculos e Little Poneis. É para um futuro melhor para ela que escrevo essa tese. Para minha sogra Adélia Ribeiro, que luta e tem lutado constantemente por sua família e filhas, pelo carinho depositado a mim.

Aos meus colegas de curso Fabiola Emanuele, Liliane Costa, Viviane, Sandrelle, Salatiel e Joaquina, pelas conversas infundáveis, pelos cafés e por toda discussão e diversão que foi possível. Foi muito bom partilhar essa trajetória com vocês e ser conhecido como o cara do “ódio”.

Aos meus amigos, Herbet, Saulo, João, Gabriel, Thiago, Rafael que esperaram pacientemente o término da tese para que pudéssemos voltar a jogar RPG, sem dúvida nenhuma meus mais sinceros agradecimentos. E ao Germano, mesmo distante geograficamente se fez presente, ao longo dessa trajetória, obrigado por tudo!

Aos meus amigos Fabio Candotti e Flávia Melo, pelo apoio incondicional e a confiança que depositaram em mim, nunca esquecerei o carinho e o amor que construímos ao longo desses anos, muito obrigado mesmo.

Ao meu orientador, que pacientemente partilhou comigo essa jornada, nos momentos de desespero entre as dificuldades de explorar temas tão difíceis, em um momento tão importante quanto o nosso. Odenei Ribeiro, mais que um orientador se tornou um companheiro e amigo nessa jornada.

Agradeço ao Programa Sociedade e Cultura na Amazônia que acreditou nesse projeto e nos frutos desse trabalho árduo, tanto quanto a Universidade Federal do Amazonas e CAPES, pelo financiamento dessa pesquisa que garantiu a viabilidade da construção desta tese.

“O ódio não produz o amor, e com o ódio não se renova o mundo...”.

Errico Malatesta

RESUMO

A presente tese visa fazer uma reflexão acerca das estruturas que constroem a internet, a emergência das plataformas das redes sociais e as configurações das gramáticas sociais, da luta pelo reconhecimento e do discurso de ódio, no ciberespaço brasileiro. Metodologicamente o trabalho foi desenvolvido sob uma análise discursiva dos sentidos produzidos por influencers, páginas, canais de plataforma de vídeo, blogs, perfis de usuários em redes sociais, no domínio brasileiro, norteados por uma segmentaridade rizomática. Esta tese é fruto de reflexão e discussão epistemológica com a teoria crítica e o pensamento pós-estruturalista contemporâneos, numa perspectiva decolonial, a partir da Amazônia, dentro desse ciberespaço.

Palavras-chave: Luta por reconhecimento, discurso de ódio, gramáticas sociais, movimentos sociais.

ABSTRACT

This thesis aims to reflect on the structures that build the internet, the emergence of social media platforms and the configurations of social grammars, the struggle for recognition, and hate speech in brazilian cyberspace. Methodologically, the work was developed under a discursive analysis of the meanings produced by influencers, pages, vídeo platform channels, blogs, user profiles on social networks, in the brazilian domain, guided by rhizomatic segmentarities. This thesis is the result of reflection and epistemological discussion with contemporary critical theory and post-structuralist thinking, in a decolonial perspective, from the Amazonia within this cyberspace.

Keywords: Recognition struggle, hate speech, social grammars, social movements

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Logo Marca da Associação de Defesa Hétero.....	88
Figura 2: Marcha das Vadias do Rio de Janeiro em 2013.....	90
Figura 3 - Mulheres Contra o Feminismo.....	98
Figura 4: Mulheres Contra o Feminismo.....	100
Figura 5: Mulheres Contra o Feminismo.....	100
Figura 6: Valesca Popuzuda.....	101
Figura 7: MHUFJ.....	106
Figura 8: MHUFJ -.....	107
Figura 9: MHUFJ.....	108
Figura 10: MHUFJ.....	109
Figura 11: MHUFJ.....	110
Figura 12: MHUFJ.....	111
Figura 13: MHUJF.....	112
Figura 14: MHUFJ.....	114
Figura 15 MHUFJ.....	115
Figura 16: MHUFJ.....	116
Figura 17: MHUFJ.....	117
Figura 18: Orgulho de Ser Hetero.....	118
Figura 19: Orgulho de Ser Hetero.....	119
Figura 20: Orgulho de Ser Hetero.....	119
Figura 21: Orgulho de Ser Hetero.....	119
Figura 22: Orgulho de Ser Hetero.....	120
Figura 23: Orgulho de Ser Hetero.....	121
Figura 24: Orgulho de Ser Hetero.....	121
Figura 25: Orgulho de Ser Hetero.....	121
Figura 26: Orgulho de Ser Hetero –.....	122
Figura 27: Orgulho de Ser Hetero.....	122
Figura 28: Orgulho de Ser Hetero.....	126
Figura 29: Orgulho de Ser Hetero.....	127
Figura 30: Orgulho de Ser Hetero.....	127
Figura 31: Orgulho de Ser Hetero.....	127
Figura 32: Orgulho de Ser Hetero.....	128
Figura 33 - Orgulho de Ser Hetero.....	128
Figura 34: Orgulho de Ser Hetero.....	129
Figura 35: Orgulho de Ser Hetero –.....	130
Figura 36: Orgulho de Ser Hetero.....	131
Figura 37: Orgulho 32, Número 00, março de 2010.....	135
Figura 38: Orgulho 32, Número 04, outubro de 2010.....	135
Figura 39: Orgulho 32, Número 12, junho de 2013.....	138
Figura 40: Orgulho 32, Número 12, junho de 2013.....	138
Figura 41: Orgulho 32, Número 12, junho de 2013.....	138
Figura 42: Parada Hetero Brasil –.....	141
Figura 43: Parada Hetero Brasil.....	143

Figura 44: Parada Hetero Brasil	143
Figura 45: Parada Hetero Brasil	143
Figura 46: Homem de Bem - 24 de outubro de 2013	145
Figura 47: Homem de Bem - 24 de outubro de 2013	146
Figura 48: Homem de Bem - 23 de outubro de 2013	146
Figura 49 - Homem de Bem.....	147
Figura 50: Motociata	210
Figura 51: Motociata 2	210
Figura 52 - Ato de apoio a Bolsonaro 2021	210

ALERTA DE GATILHO

Alertamos que este trabalho contém comentários e imagens que podem despertar gatilho por conta de violência sexual, violência com grupos LGBTQIA+, negros e mulheres. Tal conteúdo se dá por conta da temática deste trabalho, voltada para o discurso de ódio nas mídias sociais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - COMPREENDENDO OS FIOS INVISÍVEIS DO RECONHECIMENTO E DO ÓDIO	18
1.1 Vidas Negras importam e Mães de Maio.....	22
1.2 Potência de realidade e falseamento de realidades	34
1.3 Governamentalidade Neoliberal.....	37
CAPÍTULO 2 - DISPOSITIVOS DE CONTROLE E DE DESCONTROLE.....	47
2.1 A construção do ciberespaço.....	49
2.2 A formação da Comunidade como Cultura	61
2.3 As redes sociais como subjetivação	67
2.4 Efeitos e discurso Neoliberal nas redes sociais.....	74
CAPÍTULO 3 - MUNDO EM COLISÕES: PLATAFORMAS SOCIAIS E CIBERESPAÇOS EM DISPUTA (2013-2016).....	82
3.1 A defesa de ser Hetero (2013)	87
3.2 Moda e Política: Garotas Direitas (2013-2014)	92
3.3 Mulheres Contra o Feminismo: <i>O feminismo não me representa!</i>.....	95
3.4 Mulheres e Homens Unidos em Favor da Justiça e da Família (2014)	103
3.5 #Orgulho de Ser Hetero – Guia Prático de Como Ser Macho (2013-2016).....	117
3.6 Orgulho 32: Orgulho, Patriotismo e União (2013-2014)	131
3.7 Parada Hetero Brasil: porque Casal é Homem e Mulher, o resto é Par.....	139
3.8 Homens de Bem: Contra Escória Gayzista e Feminazi.....	143
3.9 Homens Brancos: Orgulho de Ser Branco	148
3.10 – Dispositivos emocionais de descontrole.....	150
3.11 – Gramática heteronormativa patriarcal ou a gramática do homem do bem	152
CAPÍTULO 4 - INFLUENCERS COMO INTELLECTUAIS DO CIBERESPAÇO (2017 – 2020).....	155
4.1 A monetização do eu e a simulação da vida cotidiana (2017-2018).....	156
4.2 A construção de uma gramática social ultraliberal nas redes sociais	158
4.3 Gramática feminista liberal nas redes sociais	182
4.4 Gramáticas CyberComunistas nas Redes Sociais.....	194
CAPÍTULO 5 - NA PERIFERIA DO CIBERESPAÇO	207
5.1 Gramática Social Proto-Fascista	207
5.2 Gramática Feminista Interseccional na Amazônia.....	212

NO INTERREGNO DO CIBERESPAÇO (A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS)	231
REFERÊNCIAS	241

INTRODUÇÃO

Compreender as redes sociais é um trabalho extenso e árduo, a continuidade do fluxo intermitente de informação, a mudança de pautas cotidianas, elencadas pelo aparecimento e desaparecimento de sites, pode em primeiro momento nos colocar um desafio analítico, indicando a internet como se fosse um respiro fugaz. Ao mesmo tempo que, muitas vezes, nas coletas de dados, na busca pela compreensão de linguagens e informações me sentia como um cowboy do ciberespaço, proposto por Willian Gibson em o Neuromancer, um romance escrito em 1984, mesmo ano em que nasci nesse mundo.

Nascer em um mundo de tecnologias de consumo fez parte da própria maneira que interpretei o mundo, vendo-o através de telas, primeiros os tubos de TV pré-aquecidas, terminando em telas transparentes full HD com 4k de resolução. A tecnologia continuou quer a gente exercesse a reflexão sobre elas ou não, ela vai continuar, pois somos seres ciborgues, por isso essa sensação que tive ao realizar essa pesquisa de ter me tornado um cowboy do ciberespaço, como Gibson propõe, vasculhando nodos de informação, observando redes e interações, passando horas transcrevendo entrevistas, buscando recorrências semânticas para compreensão das redes virtuais.

Não à toa, esse processo de impacto e reflexão é apresentado nos primeiros dois capítulos dessa tese, buscando elencar as condições simbólicas, discursivas e dispositivas que teceram as plataformas de redes virtuais do nosso mundo contemporâneo. A compreensão discursiva desses elementos me pareceu importante para situar quem está lendo a respeito dos caminhos conceituais e metodológicos, que me atravessaram ao longo desse percurso.

Minha preocupação era apresentar as formas emergentes dos usos da internet, desde sua construção inicial, de que formas esses usos nos atravessaram e serviram para fundamentar um outro modo de comportamento, vinculado a uma tecnologia invasiva como o smartphone, sem que pudéssemos sentir que somos invadidos por corporações, com nossa privacidade reformulada e determinando a maneira como agimos no dia a dia. As formas como foram impostos de maneira silenciosa, sem diálogo, sob a égide do desejo, do prazer e do lazer, em uma sociedade mais informacional, que pontua sua população e analisa comportamentos massivos, que define eleições e golpeia governos.

Esse é o mundo cyberpunk delineado por autores nos anos 80, que finalmente se realiza e tende a aprofundar-se, conforme vemos tecnologias e redes sociais transformarem nossas vidas em empresas, empreendimentos lucrativos que moldam nosso comportamento, nossos desejos e nossos sonhos. Sonhos de lutas políticas que são submetidos a pautas empresariais, agendas de lucro de grandes empresas sintetizadas em personalidades, influenciadores profissionalmente condicionados para parecer que estão apenas vivendo o consumo, encerrando nossos horizontes de transformação ao menos pior. As redes sociais redefiniram nossa realidade, fragmentaram em diversas mentiras e verdades, o possível e impossível, beirando aos mais absurdos. Tudo para nos manter conectados, logados em uma rede de fluxo contínuo, em que inteligências artificiais calculam nossos próximos passos, moldam nossos novos desejos.

Para alcançar a dimensão plural e complexa do tema, esta tese está dividida em seis capítulos: no primeiro, compreendendo os fios invisíveis do re-conhecimento do ódio, realizo uma discussão mais fluída com intenção de demonstrar alguns quadros possíveis da luta pelo reconhecimento do discurso de ódio na internet. Debatendo com a teoria do reconhecimento, de Axel Honnet, elencam-se possibilidades de outros tipos de gramáticas. Desenvolvo também um trabalho sobre potência e falseamento de realidade, e apresento a governamentalidade neoliberal como uma possibilidade interpretativa para esses fenômenos nas redes sociais. No capítulo seguinte, apresento as estruturas históricas, sociais e culturais que foram centrais para o desenvolvimento da internet, e como as consequências do modelo construído criaram um dispositivo de des-controle.

O terceiro capítulo, Mundo em colisões: Plataformas sociais e ciberespaço em disputa (2013-2016), apresento dez sites que cataloguei, os quais centram o discurso de ódio na produção de seus conteúdos. Nesse capítulo, uso de imagens que foram parte desse repositório dos sites, portanto há um conteúdo sensível de violência explícita contra grupos eleitos como “inimigos” destes: mulheres, pessoas LGBTQI+. Em Influencers, como intelectuais do ciberespaço (2017-2020), o capítulo quatro, apresento alguns tipos de gramáticas sociais, partindo desses influencers que ocupam o ciberespaço. O quinto capítulo, contínuo essa apresentação, agora centrada no território amazônico, especificamente no Amazonas, por isso o título: Na periferia do ciberespaço. No interregno do ciberespaço, o sexto e último capítulo, apresento as considerações finais da tese, com o cenário do apagão de oxigênio da cidade de Manaus.

CAPÍTULO 1 - COMPREENDENDO OS FIOS INVISÍVEIS DO RECONHECIMENTO E DO ÓDIO

A proposta desse trabalho visa expor fios invisíveis dessa trama virtual que constituem a construção do discurso político do ódio em redes virtuais no Brasil. Nesse sentido, a análise pauta-se, necessariamente, pelo seguinte entendimento, que existem espaços virtuais específicos em que dispositivos discursivos se deslocam em constante processo de trocas simbólicas e conseqüentemente de axiomas, constituindo e atingindo um número cada vez maior de sujeitos, reforçando-se através de uma estrutura social manuseada por sentidos ideológicos de realidade.

O computador, como objeto material de relação, se torna potencialmente uma ferramenta utilizada no século XXI para qualquer tipo de atividade humana, não apenas o aparelho em si, mas a potência da rede que conecta a máquina, reestruturando relações sociais e o próprio espaço urbano. A metrópole informacional, como apresentada por Castells (2000), traz consigo também uma mudança de lógica social em que os agentes que compõem a divisão social do trabalho necessitam adequar-se a uma linguagem informática, tendo o computador como instrumento de transmissão e construção de mensagens. No entanto, outros dispositivos eletrônicos interativos têm se tornando importantes na construção dessa relação, como verdadeiras gadgets¹ no avanço de uma lógica social voltada para um mercado de trocas de informação.

Para Lévy (2011), a lógica de trocas de informação extremadas é uma marca de nosso tempo, no entanto, ressalta que os processos de virtualização sempre estiveram ocorrendo nas relações sociais entre sujeitos, assim, nesse período histórico assumem uma estrutura diferenciada, voltada pra o agente detentor da informação. A sociedade em rede nos proporciona uma verdadeira “feira” de trocas simbólicas, cujo conjunto de informação é repassado de um nó para outro dentro da rede e a conexão entre os sujeitos múltiplos e coletivos que compõem a realidade é o que chamamos de virtualidade ou ciberespaço.

No ciberespaço, “compartilham do mesmo ambiente virtual de interação uma multiplicidade de pessoas, oriundas de diversos estratos sociais, com valores, crenças, tempos

¹ A tradução mais próxima do termo seria engrenagem, no sentido em que estamos apresentando a palavra, ela não se encaixa somente como uma engrenagem, mas como um dispositivo fluído que pode ser composto tanto por um aparelho como o smartphone, ou um aplicativo, e ainda ambos. Nesse sentido, preferiu-se manter o termo gadgets, que pode ser entendido também como bugiganga, sentido esse que nos remete a criação ou invenção estranha, ou estranhada.

e espaços, específicos, passíveis de colisão [...]” (DORNELLES, p. 13, 2008). No entanto, o salto tecnológico da atualidade torna a existência humana uma relação cercada pela possibilidade de colisão.

A colisão no ciberespaço é um movimento semântico de discursos e de vontades colocando em xeque-mate valores, representações, conhecimentos, ou seja, as características essenciais que dão sentido à vida de cada indivíduo. A subjetividade individual se mescla em um conjunto comunitário de ideais compartilhadas por pares de uma mesma rede social, reafirma determinadas identidades, através de um processo de estranhamento ou de alteridade em relação a outros, construindo uma variedade de características que são incorporadas pelos indivíduos através de práticas sociais.

Essas características, apesar de definirem individualmente cada sujeito que compartilha de um mesmo ideal, nos indica também a potencialidade de um tipo de sociedade. Cria-se uma identidade coletiva, que é compartilhada por um conjunto de sujeitos, por exemplo, quando afirmo que pertenço à nação verde e amarelo, estou fazendo referência, na verdade, que me reconheço nas cores da bandeira Brasileira, mas isso pode gerar outras interpretações, que confio no time Brasileiro de futebol, ou que acredito na força da economia Brasileira, ou que pertenço a uma classe social específica, como ocorreu no processo de construção do impeachment da presidenta Dilma, em 2016 no Brasil, quando o verde e amarelo ganharam um outro significado em extratos sociais conservadores e que fortaleceram o discurso para a retirada da presidenta.

Para Silva (2009), a construção social da identidade em um mundo globalizado, em nosso caso dentro de uma concepção de rede global, se estabelece a partir dos conflitos estabelecidos dentro de uma ordem que aparentemente seria hegemônica, mas na verdade é composta por discursos plurais em disputas que afirmam ou desconstruem uma determinada visão de mundo, tendo em vista isto. A interação dentro de um campo social virtual traz consigo a possibilidade da construção e desconstrução sem amarras, que no mundo real seriam impostos por outros indivíduos, mas no mundo virtual pode ser resolvido com um simples clique, evitando coerções que poderiam expor um aspecto congruente de uma determinada identidade.

Por essa ótica, o virtual é mesmo um mecanismo dialógico, que se expressa através da comunicação e das relações intersubjetivas. O campo virtual não é virtual por não se efetivar na realidade, mas, na verdade o campo virtual é parte da realidade social. Dessa maneira, é efetivo da realidade também, já que em nossa sociedade utilizamos a todo momento objetos

virtualizados, que se apresentam desde formas mais rudimentares de escrita até equações complexas, em desenhos na caverna até interfaces gráficas de alta resolução.

É possível produzir identidade através do ódio? Como se fazer política pelo ódio? O que seria o ódio em si, emoção ou comportamento? Antes de nos debruçar sobre essas questões, pertinentes a essa reflexão, cabe pensarmos como grupos de indivíduos, mesmo em conflito, estão interagindo para a construção de identidades. Dessa forma, é importante refletir sobre os conceitos que fazem parte desses processos.

Como propõe Goffman (2004), o estigma se apresenta com uma dupla relação de sentidos, uma vez que em um determinado caso, um grupo social estabelece sobre um indivíduo barreiras de relação social, através de características pré-estabelecidas que constituem processos de distinção. Nesse caso, o sujeito não pode atuar junto ao grupo, pois a característica estigmatizada é o que define sua identidade social, que se encontra, dessa maneira, em desacordo com aquilo que o grupo considera importante e necessário. Assim, um sujeito homossexual se torna estigmatizado diante uma sociedade onde o discurso heteronormativo estrutura-se de forma hegemônica, não lhe permitindo acessar os mesmos direitos de um sujeito heterossexual. Desse modo, mesmo o direito à vida não é preservado por conta dessa condição estigmatizadora, criando uma identidade deteriorada em relação aos “normais”. Por consequência, o estigma também marca o diferente dentro da sociedade, a possibilidade alternativa em relação ao que está estabelecido, a sua própria existência significa a possibilidade de outra realidade.

Podemos pensar em uma identidade deteriorada, a partir dessa reflexão apresentada por Goffman, que nos remete tanto à impossibilidade da construção desses sujeitos de identidades, impedidas de constituir novas realidades pelo grupo que detém um determinado domínio de meios de produção simbólica, levando a um processo de petrificação, cuja categoria social de identidade dos sujeitos estigmatizados estariam petrificada temporal e espacialmente dentro daquilo que é imposto pelo grupo de “normais”. O debate aqui não se situa no que é considerado normalidade ou anormalidade, mas nas normatividades impostas por grupos em interação nas redes virtuais, em que existe uma luta pela autodeterminação de um Si individual e de um Eu coletivo dinâmica a esse processo de deterioração da identidade.

A constituição de autodeterminação por um determinado grupo estigmatizado pode ser entendida como um processo de enfrentamento ao grupo “normal”. A definição de um movimento LGBTQIA+ em uma sociedade heteronormativa move os conceitos fixos dos

"normais" que são aqueles que se encontram estabelecidos em suas identidades de modo hegemônico, gerando um processo de não reconhecimento da identidade e da intersubjetividade desse grupo. Esse processo abre a potência de transformação do que é estabelecido, do mesmo modo que o movimento feminista se apresenta como um processo de ruptura do papel designado às mulheres ao longo das normatividades patriarcais, em que o grupo masculino detinha sobre si o poder de definição - classificação - da identidade feminina. Este grupo se torna o "outro" ontologicamente construído pelos grupos que detêm a hegemonia do poder simbólico.

Tendo em vista isso, como efeito, constrói-se uma gramática ética e moral para regimentar as identidades dos Outros. Esse conjunto de estruturas compostas por objetos de sentidos que necessitam ser impostos, afirmados e assimilados de forma autoritária e violenta para que os estigmatizados possam se estabelecer categoricamente dentro da lógica hegemônica. Esses aspectos geram, dessa maneira, os processos de intolerância, produzindo um discurso que válida as ações dos sujeitos.

Axel Honnet (2003) chama essa condição de formas de reconhecimento recusado, gerando um conjunto de possibilidade de lesão da identidade do outro, com ofensas e desrespeitos, no entanto, ainda se perpétua a possibilidade de reconhecimento. Todavia, acredito que nos processos de intolerância, a possibilidade de reconhecimento é anulada pela própria autodeterminação do grupo agressor, pois não existem objetos de significado que possam concatenar ou mediar as relações, já que o reconhecimento do outro denota o potencial de esfacelamento da própria identidade. Conseqüentemente, os objetos de sentido do grupo agressor estão baseados na nulidade do outro e na extinção dessa ameaça em potencial, não deixando alternativa ao outro, se não resistir e procurar mecanismos de enfrentar as violências impostas. Por esse prisma, cessar os processos de ódio não apagam as marcas da violência sofrida.

[...] essa experiência de desrespeito não pode variar simplesmente com o tempo histórico ou com o quadro cultural de referências: O sofrimento da tortura ou da violação será sempre acompanhado, por mais distintos que possam ser os sistemas de legitimação que procuram justificá-las socialmente, de um colapso dramático da confiança na fidedignidade do mundo social e, com isso, na própria auto-segurança (HONNET, p.214, 2003).

Há diversos níveis de estigmatização social que contribuem para a desqualificação das identidades dos outros, no entanto, as violências, física e psicológica, deixam marcas na própria construção da autoimagem dos sujeitos, promovendo a construção de estratégias de resistência por grupos de identidades deterioradas. Essas estratégias compõem a construção de espaços de

sociabilidade que permitam o desenvolvimento livre das identidades de grupos sociais estigmatizados. Assim, nos espaços de segregação, os sujeitos procuram estabelecer mecanismos de resistência às violências impostas, reafirmando a si em detrimento aos ataques simbólicos empreendidos por outros. Pode-se situar como exemplo disso as Marchas das Vadias, em abril de 2011, quando se realizou um protesto na cidade de Toronto no Canadá, porque um policial que ministrava um curso de segurança na Universidade afirmou que as mulheres teriam menos chance de serem estupradas se parassem de se vestir que nem vadias, conseqüentemente gerou protestos na cidade pela afirmação. A ação do policial é conseqüente de uma normatividade estabelecida sobre o corpo feminino, em como se vestir e se comportar. Como estratégia, os grupos femininos utilizam o termo Vadia, imposto de forma negativa por uma cultura patriarcal, para romper com o moralismo masculino e a normatividade masculina, construindo mecanismos de reconhecimento, já que todas as mulheres sofrem constrangimento e ameaças físicas diariamente, independente da roupa e do comportamento, apenas por serem mulheres.

Os processos de ódio são estabelecidos por grupos agressores que sentem sua identidade ameaçada pela existência do Outro, recusando reconhecer a identidade dos estigmatizados como possíveis. Logo, o fio condutor dessa pesquisa se fundamenta na compreensão dos discursos políticos que envolvem os processos de ódio constituídos como estratégias por grupos agressores em relação a um conjunto de sujeitos estigmatizados na sociedade Brasileira, compondo minorias que se apresentam como alternativa à normatividade vigente. Para tanto, o ponto central de análise pretende compreender as gramáticas sociais desenvolvidas por diversos grupos nas redes virtuais, através do discurso implícito da interação e da produção de conteúdo no ciberespaço, levando em consideração a amplitude do discurso e seus efeitos a partir da governamentalidade neoliberal.

1.1 Vidas Negras importam e Mães de Maio

[...]o movimento Mães de Maio é um movimento de mulheres que não se curvou para o Estado, deste o momento que o Estado retirou nossos filhos nós tinha que reagir... Eu cai na cama do hospital, daí meu filho apareceu para mim no quinto dia e me deu uma sacudida, falou: Mãe não adianta a senhora ficar dessa forma, porque eu não volto mais, lute pelos que estão vivo [...] (relato de uma militante das Mães de Maio)

...mal posso esperar o dia de ver você voltando para gente, sua voz avisar, o portão bater, você com riso contente... Chapa desde dia que cê sumiu todo dia alguém pergunta de você... (EMICIDA, música CHAPA)

Em 2012, Trayvon Martin de 17 anos foi alvejado com um tiro no peito por um vigilante chamado George Zimmerman, que patrulhava o bairro. Essa morte desencadeou diversos protestos pelos Estados Unidos da América, principalmente nas redes virtuais, como o Facebook e o Twitter. A utilização da hashtag *#blacklivesmatter* (vidas negras importam) se espalhou rapidamente pelo país, já que o vigilante não foi indiciado pela morte do jovem de 17 anos. Após esse evento, Alicia Garza, uma escritora e ativista de direitos de trabalhadores, junto com amigos e seu marido, criou a hashtag e passou a encabeçar o desenvolvimento de um movimento de lutas contra violência policial a jovens negros. Em 2014, com a morte de Michael Brown por policiais na cidade de Ferguson e Eric Graner na cidade de Nova York, o movimento se tornou nacional. A difusão do movimento se deu através das redes virtuais, ganhando visibilidade internacional em diversas partes do mundo, inclusive com a construção de movimentos na França, na Inglaterra e no Brasil.²

Esse processo de internacionalização leva em consideração que a principal população que sofre diante da violência policial é a população negra, principalmente de regiões periféricas de centros urbanos. O caso de Trayvon Martin, que aconteceu nos EUA, é reflexo do que é experienciado em diversos casos que ocorrem diariamente no Brasil. De acordo com CPI Assassinato de Jovens (2016), estima-se que 77% dos jovens assassinados no Brasil são negros, desses 93% são do gênero masculino. Boa parte desse material coletado se organiza a partir de denúncias de grupos organizados, principalmente movimentos de mulheres, boa parte mães que perderam seus filhos. Podemos citar a excepcionalidade do grupo Mães de Maio como sendo um movimento organizado da sociedade civil, que busca destacar a ação do Estado sobre a juventude negra e periférica. Diante do que está posto no relatório, é importante salientar:

A partir de denúncias que essas mulheres trouxeram à CPI, constatou-se que a inevitabilidade de se assumir que o Estado Brasileiro vem sistematicamente dizimando sua população jovem, em sua maioria negra e de origem pobre [...]. Esta CPI, criada para investigar o assassinato de jovens, apurou que o verdadeiro massacre que vitima meninos e meninas se concentra na juventude negra, vítima principalmente da ação e inação do Estado Brasileiro (BRASIL, 2016, p.6-7).

As narrativas trazidas pelas mães das vítimas dos homicídios, de jovens negros, demonstram a existência de uma luta pelo reconhecimento estabelecida entre a sociedade e Estado, do mesmo modo que o reconhecimento é conceito chave para compreensão do

² Fontes Consultadas: Susie Armitage. **Como o Black Lives Matter tornou-se um movimento global**. In: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, publicado em 09 /12/ 2016.; BBC BRASIL. **Entenda o caso do adolescente negro assassinado na Flórida**. In: BBC-Brasil, publicado em 23 de março de 2012.

movimento *#blacklivesmatter*. É necessário questionar parte da teoria do reconhecimento proposta por Axel Honneth, tendo em vista os limites epistêmicos do reconhecimento na periferia do capitalismo e como esse reconhecimento ocorre fora do *ocidente vencedor* do qual a teoria crítica faz parte. Essa reflexão busca elucidar que existem características históricas que são deixadas de lado e permitem um momento temporal para o reconhecimento em determinado contexto e em outro não.

A teoria proposta por Axel Honneth desenvolve-se a partir do conceito de reconhecimento construído por Hegel³, no que se refere a diversos níveis em que o indivíduo acessa, que o auxiliam na elaboração de si, por exemplo, na família, na esfera jurídica e no Estado. Para Hegel, o processo de produção social não se desenvolve de um egoísmo natural ou individual como proposto em Hobbes para a formalização de um contrato social coagido pelo Estado, mas a partir de um reconhecimento intersubjetivo dos sujeitos em diversos níveis, que constitui uma concepção moral da produção social.

Enfim, essa gramática moral percorre diversas esferas, a saber, um primeiro momento, a família se apresenta como primeira comunidade de acesso do indivíduo, para Honneth isso se apresenta na forma do Amor. Para explicar essa teorização, ele recorre a Winnicott para poder compreender essa relação entre mãe-filho na produção desse princípio. Em seguida, o desenvolvimento jurídico das relações em Hegel, que para Honneth, o indivíduo passa a lutar pelo reconhecimento na esfera política e jurídica. Neste caso, a comunidade de origem não é mais a família, mas a forma de reconhecimento no Direito como mecanismo de equidade entre os indivíduos. E finalmente, levando a constituição do Estado e do reconhecimento do sujeito dentro das esferas institucionais, isso em Hegel; já em Honneth, a interpretação desse terceiro nível se funda na possibilidade da Solidariedade, isto é, no reconhecimento universal dos indivíduos a partir de suas comunidades. Assim sendo, o Estado só é possível através de uma gramática moral que permite uma construção solidária entre os indivíduos, ao invés de uma luta de todos contra todos em Hobbes, ou uma institucionalidade racional em Hegel.

Nesse ponto, o reconhecimento como conceito se torna central para elaboração de princípios em cada um desses níveis que possibilitam a integralidade social, psicológica e moral

³ POLI, 2015. “O conceito de reconhecimento – Anerkennung – tornou-se célebre a partir dos estudos de Hegel, em especial dos “escritos de Jena” e, posteriormente consagrado na obra Fenomenologia do Espírito” (p.211, In: Um olhar sobre a Teoria Crítica de Axel Honneth. Iusgentium, v.12 – jul/dez, 2015). A intenção não é recompor a teoria hegeliana do reconhecimento e nem a teoria honnethiana do reconhecimento, mas apenas apresentar inicialmente os principais pontos.

dos indivíduos, produzindo princípios como *autoconfiança* na esfera familiar, *autorrespeito* na esfera jurídica e *dignidade* na esfera da solidariedade, essenciais na construção da gramática social da luta pelo reconhecimento. Os princípios tríplexes do reconhecimento nos ajudam compreender que existe uma posição epistêmica defendida na teoria do reconhecimento hegeliana herdada por Axel Honneth, que envolve o princípio da universalização e atravessa a tríplex do reconhecimento.

O princípio da *universalização* é parte inerente do aporte teórico herdado da teoria crítica, que em seu processo primitivo desenvolveu sua crítica ao paradigma histórico-dialético marxiano. Mesmo que Honneth procure fugir desse passado, ao recorrer a outra interpretação hegeliana, perpetua, na sua elaboração teórica, o princípio da universalização e do desenvolvimento como elementos da integralidade dos indivíduos. Por conseguinte, ao não se alcançar a universalização – como proposto por Habermas em que *a modernidade seria um projeto inacabado* – e ao impedir o desenvolvimento da integridade intersubjetiva do indivíduo que Honneth identifica como sendo a *violação, privação de direitos e a degradação do ser*, os indivíduos recorrem a uma luta pelo reconhecimento a partir de princípios que, na verdade, são ocidentais e não universais.

[...] a principal sistematização de uma teoria do reconhecimento vem expressa na obra de Axel Honneth que busca fundamentar, solidamente, a ideia de que é a luta por reconhecimento que constitui a gramática dos conflitos sociais [...]. As lutas por reconhecimento ganham dimensão de fundamento dos avanços normativos sociais. Assim, o autor propõe, com substrato em Hegel, uma tipologia progressiva tríplex de formas de reconhecimento: amor, direito e solidariedade (POLI, 2015, p.212-213).

Amor, Direito e Solidariedade, não são tão universais como se pressupõe. Por certo que Axel Honneth não está preocupado com essa disparidade, pois ancorado ao princípio que a equidade é uma busca incessante, ele tem o problema resolvido ao demonstrar que a luta por reconhecimento é um processo constante de produção de si e do outro – através de uma alteridade filosófica – para possibilitar uma emancipação do ser. É interessante que Honneth constrói uma crítica profunda à questão metafísica hegeliana, mas cai em uma armadilha epistêmica herdada de sua tradição, vamos a crítica a tese central hegeliana.

O modelo de Hegel toma seu ponto de partida da tese especulativa segundo a qual a formação do Eu prático está ligada à pressuposição do reconhecimento recíproco entre dois sujeitos: só quando dois indivíduos se veem confirmados em sua autonomia por seu respectivo defrontante, eles podem chegar de maneira complementar a uma compreensão de si mesmos com um Eu autonomamente agente e individuado. Para Hegel, essa tese tem de constituir o ponto de partida, porque ela torna acessível de certo modo o traço estrutural do domínio do objeto social que lhe interessa em sua teoria da eticidade; [...] a reflexão permanece ligada à pressuposição da tradição metafísica, visto que não considera a relação intersubjetiva como um curso empírico no interior do mundo social [...] (HONNETH, 2003, p.119-129).

Honneth não se dá ao trabalho de construir uma crítica mais aprofundada à questão da metafísica, pois como visto ao longo de sua tese, trata-se de um paradigma já superado. No entanto, ao se utilizar de Winnicott, Mead, Habbermas, Marx, Sorel e Satre, recorre a um modelo de construção de si que pressupõe uma universalização empírica dos indivíduos. Para tanto, ele procura elencar os princípios resultantes em sua análise a partir de *modos de reconhecimento, dimensões da personalidade, formas de reconhecimento, potencial evolutivo, autorrelações práticas, formas de desrespeito e componentes ameaçadores da personalidade* nos níveis emotivos, cognitivos e sociais de uma estrutura de sociedade em que o Amor, Direito e Solidariedade são elementos centrais e universais como constituintes.

Concordo com Honneth que existe uma gramática moral que se relaciona com os conflitos sociais, pois sua preocupação ancora-se na perspectiva que essa gramática moral é gerada na luta pelo reconhecimento. Acredito que existe uma gramática social anterior à luta pelo reconhecimento, produtora e produzida em um jogo de interrelações subjetivas, cujos indivíduos, enquanto atores, estão dispostos a entrar ou não em uma luta. Indubitavelmente, a luta é parte importante do reconhecimento. Por isso, é o conflito intersubjetivo, proporciona a construção de diversas gramáticas sociais de reconhecimento e não reconhecimento. Nesse ponto, o conceito de Amor produzido da relação winnecottiana de mãe-filho, do Direito produzido na compreensão de Mead, da produção das relações normativas na forma de elementos jurídicos e o princípio de Solidariedade, produzido na relação econômica, política e social dos indivíduos, só é possível em uma sociedade igualitária nos moldes da modernidade europeia e ocidental, ignorando outros modelos de sociedade, principalmente na periferia do capitalismo.

Silva e Michelotti (2009) já debatem que em sociedade de extrema desigualdade, os parâmetros dessa gramática moral honnethiana não poderiam ser levados a cabo, pois existem caminhos empíricos que impedem o sentido de Amor, Direito e Solidariedade, sejam parte integrante do desenvolvimento dos indivíduos, justamente porque existe uma estrutura social em que as desigualdades se perpetuam a partir de valores diferenciados. Ocorre que a periferia não se encontra somente em sociedades de extrema desigualdade, como propõe os autores, encontra-se dentro de sociedade de modernidades centrais também. Acredito que o questionamento da teoria do reconhecimento universalista é válido, mas ela não vale somente para situações como o Brasil, mas em contextos em que determinadas comunidades não acessam os conceitos de igualdade impostos por aqueles que detém algum nível de poder.

A existência de um parâmetro de igualdade que rege as relações sociais torna-se a garantia de que os “diferentes” tenham o direito de ter suas diferenças reconhecidas não como um elemento de desqualificação, mas, ao contrário, como base de dignidade e valorização social [...] a busca pelo reconhecimento tende a orientar-se não pela universalização de determinados padrões sociais e legalmente instituídos de igualdade/diferença, mas, em grande medida, por esforços individuais e/ou coletivos para acessar e usufruir de privilégios associados às posições diferenciadas que configuram a hierarquia social (SILVA & MICHELOTTI, 2009, p.448).

Acessar privilégios pode ser entendido para uma parcela desses grupos, mas outra parte está em luta pela existência física e imaterial dentro das diversas sociedades. Ocorre que existem entraves para que a luta pelo reconhecimento possa ser desenvolvida em sua íntegra, esses que Honneth classifica como desrespeitos nos níveis de desenvolvimento das personalidades individuais e das identidades coletivas, que envolve: 1) *maus-tratos e violação*; 2) *privação de direitos e exclusão*; 3) *degradação e ofensa*. Eles seriam bases importantes para iniciar a luta pelo reconhecimento, mas, em sua armadilha epistêmica, Axel Honneth traça, com uma pitada de determinismo histórico, uma linha particular para o reconhecimento dos indivíduos e coletivos, ignorando a possibilidade que cada contexto apresenta e a emergência de uma diversidade de modelos de luta que estão pouco interessados em Amor, Direito e Solidariedade.

Alguns grupos e comunidades irão ressaltar outros elementos axiológicos de reconhecimento de si, muitas vezes tão díspares que será impossível o diálogo entre grupos que se encontram tão distanciados, criando, dessa maneira, o que chamo de *colisão semântica* em que o conflito não iniciará a luta pelo reconhecimento, mas uma luta para preservação da identidade, tanto moral como física, produzindo gramáticas sociais ainda mais complexas em diversas esferas das sociedades. A tríplice do reconhecimento será despedaçada no momento em que a gramática social de uma comunidade perde sentido na gramática social de outra comunidade, do mesmo modo que a intersubjetividade encontra seu limite na incapacidade de comunicação e de reconhecimento. Para tanto, isso construiu uma hierarquia social entre os grupos de afinidade semântica, que estarão em uma luta por privilégios e uma luta por existência. O reconhecimento nesse jogo de relações é diluído e a máxima simelliana faz sentido, conquanto o conflito seja resolução do embate e não um meio para produção de uma emancipação.

É interessante notar que Axel Honneth ignora contextos históricos de produção das deteriorações da identidade do Outro, na tentativa de construir uma teoria do reconhecimento que sirva de chave interpretativa do movimento do Ser no desenvolvimento de uma sociedade

liberal de direito, centrado novamente a organização desse processo no valor da Solidariedade no mundo do trabalho. No entanto, é importante compreender como essa questão da Solidariedade pode ser possível quando existem valores motivadores de outra ordem, como por exemplo, a Negritude para a população negra afro americana em nosso continente, ou mesmo a questão da Sororidade no lugar da Solidariedade, para grupos de mulheres feministas como valor fundamental de organização política.

Ao ignorar, por exemplo, os contextos da luta anticolonial, que trazem à tona questões essenciais para poder ampliar a possibilidade do reconhecimento e do não reconhecimento, para que os indivíduos pudessem almejar valores e princípios comuns, Honneth ignora que existe um limite importante, que deveria ser levado em consideração, entre aqueles que lutam para se reconhecer e aqueles que não lutam para se reconhecer, e ainda, aqueles que lutam para não reconhecer outros.

Esses três movimentos do Ser, no que se refere à possibilidade do reconhecimento de si, do não reconhecimento de si e do reconhecimento do outro, fundamentam o que acredito ser um motor necessário para a construção de uma gramática social da luta pelo reconhecimento. Essa gramática se afirma em razões práticas e subjetivadas, já que o discurso da luta constrói e reafirma identidades coletivas através de marcos históricos que constituem essas identidades de objetos semânticos. As três perspectivas estão em jogo nas relações sociais contemporâneas a partir dos contextos em que essas gramáticas de luta pelo reconhecimento estejam atuando em um contexto de luta ampliado pelo ciberespaço, tendo em vista que o escopo do discurso atinge uma parcela muito maior de pessoas e consegue sintetizar um conjunto de informações em uma hashtag que traz consigo a potência da ação.

Retomando a questão do movimento *#blacklivesmatter*, inicialmente pode parecer que o movimento segue o caminho desenhado por Honneth, a negação do reconhecimento de direitos de um jovem negro alvejado, isto é, o reconhecimento que aquele jovem negro de 17 anos poderia ser qualquer um jovem negro, em qualquer parte dos Estados Unidos da América, seria a base para o início de uma luta pelo reconhecimento que *vidas negras importam*. Neste caso, o valor comum fundamental não é a Solidariedade, mas de Negritude como mecanismo de reconhecimento, que no jogo de relações entre brancos e negros nos Estados Unidos constrói uma determinada *discursividade* agregadora de indivíduos em torno de uma causa, organização e modelo de luta. Por este ponto de vista, a luta é para que se reconheça a existência de uma estrutura branca utilizada para exterminar os negros gradativamente, que se espalha através das

instituições jurídicas, onde o discurso da criminalidade é utilizado como justificativa para vigilância, perseguição e execução da população afrodescendente. Nesse jogo de relações, houve aqueles que lutaram, os que não lutaram e ainda os que lutaram contra, pois no mesmo período grupos brancos *racialistas*⁴ começaram a ressurgir com marchas, utilizando a *#whitelivesmatter* (vidas brancas importam) ou ainda *#alllivesmatter* (todas as vidas importam) em uma tentativa de bloquear as formas de luta de reconhecimento.

O movimento *#blacklivesmatter* não está lutando somente por uma questão de direitos, como pode parecer em primeiro momento, a luta também é para que se altere a forma como a morte de negros é tratada pela justiça estadunidense, analiticamente trata-se de um movimento para contestação de uma gramática social de grupos brancos. É importante salientar que tal gramática pode ser compreendida como um conjunto, mais ou menos explícito, de práticas culturais, sociais e simbólicas que interfere no modo como a subjetividade dos indivíduos pertencentes a um determinado grupo interpreta o mundo e age sobre ele. Consequentemente, esse conjunto de práticas estende-se para modos de agir, maneiras de pensar e formas de sentir o mundo que se reproduz de forma contínua, histórica e ideologicamente através de artefatos sociais e da incorporação de comportamentos particulares do grupo que partilha essa gramática social. Assim, a crítica do movimento recai particularmente em agentes de segurança privada e pública, tendo em vista que a morte é desencadeada por um vigilante, que foi inocentando do processo criminal devido à legislação da Flórida que garante a legítima defesa caso a pessoa se sinta ameaçada.

Em uma gravação que circulou na mídia estadunidense, vemos o autor dos disparos contra o jovem Trayvon Martin, ligando para a polícia minutos antes de assassinar o jovem, suas palavras indicam um conjunto discursivo de valores, sentidos e compreensão do mundo distorcido que o leva a agir sob uma determinada moral, que se baseia em valores racistas e conservadores.

Em gravações divulgadas pelo serviço de atendimento de emergência 911, o vigilante diz: *Houve alguns arrombamentos (no bairro) recentemente, e agora há outro cara suspeito na vizinhança de Twin Laker.* De acordo com o jornal *The Miami Herald*, Zimmerman teria dito que o rapaz parecia ter usado drogas e estar *aprontando alguma coisa. Está chovendo. Ele fica caminhando, olhando para as casas. Esses vagabundos sempre conseguem fugir.* Teria dito. Pouco depois, a voz de Zimmerman fica ofegante, como se ele estivesse correndo, e ele diz ao 911 que está perseguindo o

⁴ O termo racialista ou supremacista é aquilo que pode ser chamado de termo nativo, utilizado para expressar o grupo de pessoas racistas que atuam nos Estados Unidos da América, no contexto brasileiro não existe um uso recorrente desse termo.

jovem. Segundos depois, ouve-se uma briga e um tiro (BBC-BRASIL, 23 de março de 2012).

Zimmerman não apenas perseguiu um jovem negro no sul dos Estados Unidos e o alvejou com tiros, como também foi referendado pela justiça local quando foi inocentado meses depois. Inocentado jurídica e moralmente por um grupo que considerou que, de alguma forma, aquele jovem negro representava uma ameaça. Isso se torna tão absurdo que leva à emergência de um movimento para enfrentar essa ordem estabelecida de uma gramática social racial estadunidense, que permite que um homem branco saia inocentado das instituições jurídicas por matar um jovem negro. Veremos mais adiante como essa gramática social reproduz resultado semelhante no contexto Brasileiro.

Em um período depois, houve o caso de um homem que entrou em uma igreja batista, frequentada majoritariamente por negros e começou a atirar na congregação por acreditar que *os direitos dos brancos estavam cada vez mais ameaçados em detrimento dos direitos dos negros*. Isso ocorreu em 2015, em Charleston. Na mesma época, o movimento *#blacklivesmatter* também mudou seu discurso, procurando incluir outros grupos étnicos, devido a um incidente em que um grupo de rapazes negros atirou contra policiais na Carolina do Sul, fazendo com o *#blacklivesmatter* passasse a atuar também contra mortes por armas de fogo, lançando o discurso racial para um segundo plano.

Esses eventos, que na verdade são marcos históricos, alteram trajetórias individuais e coletivas e fazem parte daquilo que Honneth ignora, as singularidades históricas que o jogo das relações produz, assim como o significado que os atores tendem a produzir e reproduzir dos eventos em que estão envolvidos. O conflito é elemento motivador para mudança na dinâmica dessas gramáticas sociais, que pode significar ruptura em alguns casos, alterando a identidade do grupo e a discursividade gramatical deste, ou reificando os valores que hegemonizam a identidade e sujeitos que partilham uma mesma gramática social.

Prefiro pensar em termos de marcos históricos a eventos de significância, apesar de ambos estarem correlacionados, pois, se um evento desencadeia diversos processos na dinâmica de grupos e indivíduos, esse evento só alcança um grau de significado a partir de sua relevância história, perpetuada pelos indivíduos que detêm uma legitimidade na afirmação desses marcos, reproduzidos através da intersubjetividade histórica, em um jogo de relação de indivíduos para o grupo e do grupo para indivíduos, em uma disputa para a legitimação e para deslegitimação desses eventos como marcos históricos, quer seja de forma endógena – quando indivíduos e grupos que partilham a mesma gramática social alteram esses marcos históricos; – quer seja

exógena – feita por indivíduos e grupos que não partilham da mesma gramática social, mas que entram em conflito com os indivíduos e grupos antagônicos.

A luta pelo reconhecimento é, na verdade, uma luta pela legitimação do Eu-Coletivo no Outro-Coletivo, em um processo que pode resultar em ruptura dos agentes ou na cristalização de agentes motivadores de grupos sociais. No caso do assassinato da juventude Brasileira, a preocupação gira em torno das disparidades de números entre os jovens negros assassinados e a juventude branca, chegando a ser quatro vezes mais jovens negros que morrem. Novamente pode parecer que a linha da luta pelo reconhecimento proposta por Axel Honneth desenvolve-se, nesse caso, tendo as mães das vítimas como protagonistas dessa luta para que o Estado reconheça sua responsabilidade. Apesar da CPI afirmar categoricamente que existe um dispositivo jurídico que impulsiona essa morte – auto de resistência –, traz para o discurso público a questão da racialidade como fundamental para entender o extermínio da população negra.

A sociedade racista cria mecanismos, institucionais ou não, que impingem limites e mesmo exclusão, fazendo com que a pessoa negra esteja mais vulnerável a situações de imobilidade social associadas à pobreza e à miséria, quando não a situações extremas que levam à alienação e, no limite, a morte. Como ideologia, o racismo se desenvolveu como inspiração à própria construção do ideário de nação, no caso brasileira [...] (BRASIL, 2016, p.26).

A luta por reconhecimento, pautada por diversos movimentos negros no Brasil, e no caso essa CPI protagonizada por movimento de mães, está em uma luta não somente por Direitos no sentido honnethiano, como ocorreu nos Estados Unidos nos anos 60-70, mas em uma luta pelo reconhecimento da instrumentalização das normas jurídicas e das normas estatais que contêm em si dispositivos de exclusão e de extermínio da população negra, apesar da CPI reconhecer isso. Temos, no Brasil, uma singularidade jurídica que é exemplo de como esse reconhecimento varia de acordo com seu contexto.

Em 2013, durante os protestos pelo aumento da passagem de ônibus, que desencadearam em um importante levante popular contra as instituições estatais e contra o governo, um jovem que, naquele momento, vivia em situação de morador de rua, levava consigo um detergente e uma rodo minúsculo que usava para trabalhar. Ele foi preso por policiais militares que insistiram que este portava material explosivo e, por isso, esse jovem de nome Rafael Braga foi preso e indiciado. Quando recebeu uma progressão na pena, para o semiaberto, foi fotografado em frente a um muro com os seguintes dizeres: *você só olha da esquerda para*

a direita, o Estado te esmaga de cima para baixo, o jovem foi enviado para a solitária por causa dessa fotografia. Rafael Braga foi preso por ser negro e pobre, servindo de bode expiatório diante dos protestos de 2013.

A correlação nesse sentido demonstra que o reconhecimento do racismo no Brasil, não servirá de parâmetro para redução desse racismo jurídico-institucional, haja vista que o auto de resistência segue sem ser discutido, sendo avaliado como um instrumento necessário para as forças policiais em todo o solo brasileiro. Em determinados contextos, a luta não é por um reconhecimento somente, mas como apontei anteriormente, a luta pelo reconhecimento assumirá diversas formas, modelos, trajetórias conforme as possibilidades temporais e sociais dos contextos em que as lutas ocorrem.

Retornando à CPI do Assassinato de Jovens, o relato da morte de um dos jovens feito pela sua mãe, que compõe um movimento político de mães que exigem do Estado o reconhecimento da responsabilidade da morte dos seus filhos pelos aparelhos repressores, demonstra a posição resultante de uma política institucional de guerra que resulta na morte de jovens de periferia, principalmente negros. É possível notar a semelhança de posicionamento dessa política de guerra implementada pelo Estado, e a posição do vigilante que assassinou o jovem na Flórida.

Eduardo tinha dez anos, ainda muito menino para sequer entrar na estatística dos adolescentes brutalmente assassinados em massa no Brasil. Apesar disso, foi morto pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Eduardo estava em casa, havia acabado de assistir televisão quando saiu e sentou-se à porta da rua. Em questão de segundos, foi alvejado sem defesa.

Os policiais chegaram atirando, às cinco e meia da tarde. Não houve troca de tiros. Eduardo tinha um celular branco na mão e os policiais primeiramente afirmaram que o confundiram com uma arma. Em uma outra versão, a arma teria caído e disparado, acertando Eduardo.

Vendo a cena da morte do filho, sua mãe correu para fora de casa e avistou uma fileira com cerca de 20 policiais, incluindo policiais do Batalhão de Operações Especiais, do Rio de Janeiro (BOPE). Diante da sua dor, ainda escutou de um deles: **Assim como eu matei seu filho, eu posso muito bem te matar, porque eu matei um filho de bandido** (BRASIL, 2016, p.9-10).

O *filho do bandido* não é apenas um enunciado solto na fala de um policial que acabou de executar uma criança, é também um resultante de um conjunto discursivo que justifica a ação policial sobre uma determinada população e região geográfica dentro da cidade, *muito bem te matar*. Envolve todo um conjunto estruturante de um discurso punitivista de execução e de guerra contra a população, empreendido pelo Estado, mas que não se apresenta somente na

figura deste, infiltra-se cotidianamente, construindo uma verdadeira gramática social que permeia o que chamamos de discurso de ódio, que justifica a intolerância e naturaliza execuções de determinados indivíduos.

Outro relato nos indica também que essa política de guerra implementada na periferia das cidades brasileiras se reproduz continuamente, afetando famílias negras e de classe popular, negando qualquer forma de reconhecimento, já que as mortes são justificadas pelo dispositivo jurídico de *auto de resistência* e amparada na doutrina do *inimigo*⁵. Doutrina essa que impõe uma política de guerra contra a população, uma verdadeira política de segurança pública que tem o objetivo de validar, de forma indireta e direta, o extermínio de uma população.

Hugo Leonardo era negro e morador da Rocinha, no Rio de Janeiro. À ocasião da sua morte, estava desempregado. Por isso mesmo, trabalhava dentro da favela fazendo bicos, subindo e descendo com compras e, assim, sempre ganhava algum dinheiro e ajudava em casa, comprando arroz e feijão. Era usuário de maconha e uma vez foi preso.

No dia 17 de abril de 2012, à tarde, Hugo Leonardo estava na rua, na comunidade onde morava, onde havia crescido, onde era seu território. Hugo Leonardo foi morto com dois tiros. Ele teria morrido por estar junto a um grupo de traficantes reunidos na rua, em confronto com vários policiais, em meio a um tiroteio. Hugo Leonardo foi alvejado de joelhos. Quando levou o primeiro tiro, perguntou ao policial: *por que está fazendo isto comigo?* Nem ele sabia porque estava sendo assassinado. Seu caso permanece sem investigação e sem solução até o momento (BRASIL, 2016, p.15).

A barbárie do caso de Hugo revela o potencial da ação instrumental de um estado liberal de direito. Com a justificativa da guerra, a população chega a tal ponto que se perde de vista o sentido da ação, ao se perguntar *por que está fazendo isso comigo?* Em situações como esta, os elementos de deterioração da identidade são violentamente expressos através da violência policial como ação individual de seus agentes e a violência policial como política de Estado. Isto é, como razão de Estado que se infiltra em todos os campos da vida cotidiana através das conexões intersubjetivas da produção de diversas esferas sociais – a esfera midiática, a esfera jurídica, esfera política, esfera familiar – constituindo níveis diferenciados de acesso ao reconhecimento e ao não reconhecimento. É preciso compreender de que forma o estado liberal de direito constitui em si a contradição para produção da intolerância que justifica a morte do *filho do bandido* sem explicação alguma por parte da sociedade.

⁵ O nome na verdade chama-se direito penal do inimigo, um conceito introduzido por Gunther Jakobs, onde determinadas pessoas, por serem inimigas da sociedade, não detêm o reconhecimento de seus direitos civis e humanos. É interessante que, apesar do termo passar a ser utilizado a partir de 1985, a prática da exceção seja um traço essencial do Estado Liberal de Direito.

Quando é possível o reconhecimento? A pergunta faz-se necessária para compreender os diversos contextos em que as gramáticas sociais de luta estão produzindo e se reproduzindo, que discursos históricos se tornam marcos históricos, referências de reconhecimento de si e do outro. Ao introduzirmos a categoria de temporalidade e do contexto na construção da gramática social da luta pelo reconhecimento, estamos propondo compreender como a produção de determinados contextos políticos, jurídicos, sociais e culturais são incorporados como lutas sociais que envolvem uma autorrepresentação dos indivíduos e de comunidades coletivas que estão interagindo entre si. Contexto e Temporalidade nos ajudariam a compreender, não apenas as formas das lutas pelo reconhecimento, como também a perceber de forma mais apurada as idiossincrasias e desvios históricos que determinados grupos sociais constroem, bem como acrescentar outros elementos de gramáticas diversificadas.

A incorporação dessas gramáticas sociais pelos indivíduos é outro ponto crucial que precisa ser elucidado para a construção de uma teoria do reconhecimento, pois a individualidade é uma parcela importante da totalidade histórica e cultural na qual estamos imersos. Ao ampliarmos o escopo dessas gramáticas morais e sociais, poderemos compreender de que forma determinados movimentos sociais têm suas identidades deterioradas em um processo histórico de conflito, em que momento se torna inviável a comunicação intersubjetiva entre grupos sociais diferentes, que geram tanto o desrespeito como o reconhecimento. E finalmente, como a subjetividade dos indivíduos que partilham um mesmo conjunto gramatical é afetada nesse processo de conflito inerente à produção do reconhecimento.

1.2 Potência de realidade e falseamento de realidades

No dia 03 de fevereiro de 2017, faleceria Marisa Letícia, casada com o ex-presidente Lula. A morte da primeira-dama gerou uma comoção nacional, com palavras de conforto ao presidente, bem como diversas personalidades do meio político Brasileiro manifestaram seu pesar. Todavia, essa comoção nacional não gerou apenas palavras de empatia para com a figura pública que Lula representava. Ao mesmo tempo, a morte de Marisa Letícia gerou diversas manifestações de ódio nas redes virtuais, especificamente um comentário chamou atenção de Sergio Henrique Pereira, colunista e articulista do JUSBRASIL, um site que reúne diversos artigos da área de Direito, mas também de outras áreas maiores.

Sérgio Henrique Pereira⁶ (2017) destaca o que ele chama de *banalidade do mal*⁷, a posição que determinados internautas tomaram em relação à morte de Marisa. Posições essas que envolveram acusações de envolvimento com a operação *Lava a jato*, “formação de quadrilha”, “ser cúmplice do maior criminoso da história do país”, entre outras. Esses tipos de comentários, na visão de Pereira, questionam a própria essência do que seria uma sociedade democrática de direito, questiona princípios fundamentais de civilidade, mas principalmente lança sobre todos a potência do que seria o “mal” sobre o *senso de justiça* comum. Sob esse ponto de vista, ele nos apresenta um comentário que sintetiza argumentos essenciais para entender a situação que ocorria naquele momento.

Não estamos felizes pela morte de Marisa Letícia, mulher do Lula. A morte sempre é uma tragédia. Porém não somos hipócritas. Marisa Letícia viveu uma vida de crimes. Foi fiel comparsa de Lula, maior bandido da história do Brasil. Usufruiu do melhor que o dinheiro pode comprar, dinheiro roubado que poderia salvar milhões de vidas se fosse bem aplicado nos hospitais públicos. Infelizmente Marisa não foi alcançada pela Justiça. Não pagou por seus delitos. Viveu e morreu no luxo, em um dos hospitais mais caros do país e nem gastou para isso. Todos os custos de Marisa no Sítio Libanês foram custeados pelo povo brasileiro pois o Governo Federal banca todas as despesas de Presidentes, vices, Senadores, Deputados Federais e de seus familiares nesse hospital, mesmo após o fim dos seus mandatos. Ou seja, Marisa já era rica, dinheiro fruto de roubo e de morte de milhões de brasileiros, e ainda se internou no melhor hospital do Brasil com o nosso dinheiro. Morreu em cama quente ao lado dos melhores médicos do Brasil. Enquanto isso trabalhadores honestos morrem no chão gelado dos hospitais públicos sem qualquer tipo de atendimento digno. Não vamos endeusar bandido aqui. A morte não transforma ninguém em santo. Agora que pague o que deve do outro lado, pois se a justiça dos homens e falha, a justiça de Deus é implacável. Uma a menos para roubar o sofrido povo brasileiro. (Extraído do site Exame.com)⁸

Notem que a força desse discurso não são apenas palavras emotivamente mobilizadas contra uma figura pública, que era a primeira dama, mas se trata de uma articulação de argumentos que permeia, de modo subjacente, determinadas classes sociais, determinados grupos sociais. O autor do comentário inicia afirmando que a morte de Marisa não traz felicidade, logo em seguida anula essa afirmação com um: *porém não somos hipócritas*; começa a desenvolver seus argumentos a partir da degradação da imagem da Marisa Letícia, lançando-a no lugar não-direito, da denegação do respeito e do reconhecimento, ao criminalizar sem crime, ao estigmatizar a Outra por ser a Outra. O autor do comentário lança sua sentença sobre

⁶ Consultado em 30 de agosto de 2018, disponível no site JusBrasil através do link: <https://sergiohenriquepereira.jusbrasil.com.br/artigos/426067215/ex-primeira-dama-marisa-leticia-morre-a-banalidade-do-mal-de-alguns-brasileiros>

⁷ Referência à Hannah Arendt, ao longo de sua obra, mas principalmente em *As origens do totalitarismo*.

⁸ Consultado em 30 de agosto de 2018 em <https://exame.abril.com.br/brasil/morre-marisa-leticia-ex-primeira-dama-e-esposa-de-lula/>

a vida e sobre a morte, sobre o “santo” e o profano e finaliza com a justiça como princípio fundamental do sofrimento, da morte e da dívida pelo crime cometido.

O comentário sintetiza um amplo discurso desenvolvidos por grupos diversos nas redes virtuais, não apenas a indiferença se manifestando, mas o *desejo de morte* do outro, em que essa morte – que se configura em Justiça Divina – é passível de ser celebrada. Esse *desejo de morte* se reflete em comentários do tipo *morre peste, para eu abrir meu champagne*⁹ e também *tem que romper o procedimento, daí já abre a pupila. E o capeta abraça ela*.¹⁰

Em todo caso, a morte se torna punição, se torna sentença e se torna justiça. Quando essa pulsão de Thanos não pode ser concluída, não pode ser celebrada e até mesmo quando ela pode ser celebrada, ela segue outro caminho, o da degradação da identidade, isto é, o assujeitamento do outro à degradação da identidade. Foi o que ocorreu alguns meses após a morte de Marisa, quando uma notícia falsa correu determinados jornais e grupos na internet, de que Marisa estaria viva e foi vista na Itália. Em um dos relatos em torno dessa notícia falsa afirma que médicos demitidos do Sírio Libanês confirmaram que Marisa não estava no hospital, que, na verdade, no caixão existia uma boneca de cera, utilizaram também uma fotografia em que ela estaria de casaco e viva. Entre outros boatos, também circularam aqueles que afirmaram que Maria Letícia aguardava o presidente Lula na Etiópia, local que teria abrigado a primeira-dama. De acordo com o blog “*Me engana que posto!*”, um blog direcionado a desmitificar notícias falsas, a notícia foi compartilhada cerca de 42.200 vezes no site Facebook, tendo o site chamado *Saúde, Vida e Família* como fonte originária desse boato.¹¹

O caso de Marisa Letícia é emblemático para exemplificar disposições assumidas explicitamente na internet que podem ser classificadas como *discurso de ódio*. Dois elementos importantes podem ser encontrados nessa situação particular, o primeiro é o *desejo de morte* empreendido por aqueles que nomearam a primeira dama como objeto expiatório de uma justiça divina, o segundo elemento é a *falsificação da realidade*, desenvolvida por uma força coletiva com produção de ideias e notícias, bem como a própria reprodução de *fake news* implícitas na

⁹ Comentário feito por um procurador de Justiça em Minas Gerais, o mesmo que sugeriu que antiga presidenta Dilma Rousseff tomasse um banho de gasolina e se ateasse fogo durante a abertura das Olimpíadas. Consultado em 30 de agosto de 2018, em <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/procurador-de-minas-e-investigado-por-frase-morre-logo-pestesobre-marisa-leticia.ghtml>

¹⁰ Nesse caso um médico sugere interferir num procedimento para assassinar a primeira dama, quando essa estava internada no Sírio Libanês, a conversa foi extraída de um grupo do aplicativo de mensagens conhecido como WhatsApp. <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/quem-e-richam-faissal-medico-que-suguiu-no-whatsapp-procedimento-para-matar-marisa-leticia-por-joaquim-de-carvalho/>

¹¹ <https://veja.abril.com.br/blog/me-engana-que-eu-posto/boatos-sobre-morte-de-marisa-tem-teoria-conspiratoria-e-montagem/>

estrutura atual da internet. Criou-se, dessa maneira, uma *potência de realidade* a partir de um efeito de *curto-circuito*, em que a reflexão sobre a realidade é subtraída em detrimento à afirmação da realidade, constantemente reforçada pelo conjunto de sujeitos que compõe as interações sociais no ciberespaço. Temos três elementos importantes para compreender o *desejo de morte, a falsificação da realidade e o efeito de curto-circuito* produzido a partir do que conhecemos como discurso de ódio. Esses elementos são efeitos e não o discurso em si, mas que nos ajudam a entender os dispositivos no qual o discurso de ódio no ciberespaço se desenvolve e funciona.

1.3 Governamentalidade Neoliberal

O pensamento filosófico e científico ocidental sofreu um grande impacto no final do século XIX e no início do século XX, quando Freud formulou as bases para *Interpretação dos Sonhos*. Ele desenvolveu aquilo que se tornaria as bases para a psicanálise, não obstante ele desenvolveu importantes análises e interpretações acerca da *psique* do indivíduo ocidental, mais precisamente europeu, ao trazer para o campo da razão, os sonhos, fantasias, desejos que eram elaborados no campo da subjetividade. Podemos dizer que Freud traz para o campo da objetividade aquilo que não era considerado científico e passível de análise.

Ao desenvolver sua teoria psicanalítica, continuou seu trabalho de compreensão do mundo histórico e da cultura na qual estava inserido, cujos elementos da estrutura psíquica – *Id, Ego, Superego* – foram fundamentais na construção de instrumentos de análise das subjetividades, principalmente daquelas que se encontravam no campo do adoecimento, da loucura, da não-razão do século XIX. Essas estruturas psíquicas necessitavam ainda de uma unidade, tendo em vista que o campo epistemológico onde Freud se encontrava e em seu tempo histórico exigiam que se explicitassem as unidades elementais dessas estruturas, ou mesmo o motor que alimentava as estruturas psíquicas. Freud encontrou no conceito de *pulsão* – transfigurado do léxico da medicina – a síntese necessária para explorar a energia primeva que sustenta as entidades do aparelho psíquico.

A energia pulsional, libidinal, o desejo, as fantasias, tudo começa com essas *pulsões*, para poder caracterizar melhor esse conceito ele buscou tipificar essa relação entre pulsão de morte e pulsão de vida, algo que seria explorado por seus discípulos, Jung, Reich, Winnicott, Anna Freud. Mas vamos nos ater, por enquanto, ao desenvolvimento das argumentações

encontradas no ensaio o Mal Estar da Civilização, Mal Estar da Cultura e Psicologia de Massas e a Análise do Eu.

O desejo de morte se torna paradigma essencial para o desenvolvimento da psicanálise clássica, pois essa pulsão caótica emerge do Ser. É importante ressaltar que a questão da morte se relaciona com a própria condição existencial do ser humano, o fim da sua vida e o fim da vida do outro são condições existenciais que perpassam a história da humanidade. Arcabouços explicativos - simbólicos, míticos, antropológicos no sentido mais ampla possível - são desenvolvidos para a compreensão da morte e pressupostos sobre a vida além da morte estão presentes nas religiões nas mais variadas culturas.

Nossa cultura, especificamente, se fundamenta através dos princípios cristãos, apesar das dissidências acerca da vida além da morte – como a crença do céu, do inferno, da imortalidade da alma e do corpo –, a morte é uma condição permanente que fundamenta a crença cristã. Apesar disso, não somos uma sociedade *thanocrática* por primazia, a vida e a morte são questões fundamentais que mobilizam todo uma gramática social do cotidiano, as esferas de nosso mundo giram em torno de vida e morte como elementos dos discursos do poder.

Em *A história da sexualidade*, Michel Foucault aponta o que seria um marco paradigmático para a compreensão das formas de poder sobre o corpo, como se processou, ao longo dos séculos, as formas do exercício deste sobre a sociedade. O poder soberano se relacionava com o poder de definir a vida e a morte dos súditos, isso mudaria nessa etapa da modernidade, em que o poder de vida e morte não seria mais um critério de definição do poder soberano, mas seria agora ramificado nas múltiplas esferas do poder. Vida e morte estavam sujeitas a centros de poder dispersos, rarefeitos nas relações, mas, mesmo assim, ainda causando efeitos no desenvolvimento de disposições sociais para crer e para agir.

A tese da biopolítica como dispositivo da governamentalidade na modernidade é fundamental para compreender de que forma o *desejo de morte* se torna elemento do cotidiano dos indivíduos. Tendo em vista que nessa etapa da modernidade quando o poder se torna rarefeito, quando a noção de biopolítica se torna capilarizada nos múltiplos sujeitos, que reproduzem um *continuum punitivo* em função do exercício do poder, é importante definirmos que existem idiosincrasias que o próprio poder gera, conforme as bases dessa capilaridade se assentam em uma *desigualdade social* sistêmica, inerente à própria governamentalidade moderna.

Achile Mbembe, ao expor os aspectos fundamentais da necropolítica como outro aspecto dessa governamentalidade neoliberal nos apresenta de que maneira - aquilo que chamo de - a desigualdade social sistêmica tende a fundamentar que grupos dentro da sociedade *mereçam morrer, mereçam ser exterminados e não são passíveis de luto* (BUTLER,2015) por parte de outros grupos da sociedade. Ocorre que sabemos que, ao identificar o outro grupo, estamos partindo de pressupostos identitários mais ou menos explícitos que serve a um propósito subjetivo e objetivo, pois se trata de identificar quem é quem nesse dispositivo do poder em que o *controle através da violência, encarceramento e morte* precisa ser exercido para *definir o lugar desses grupos na sociedade*. Para tanto, o *desejo de morte* é direcionado especificamente, fundamentando o discurso de ódio contra grupos específicos, pois a *morte*, em suas múltiplas representações em nossa sociedade, se mostra a punição passível contra aquele grupo, cuja “necessidade de expiação [é] imposta pela justiça”. A incorporação desse discurso tende a se reproduzir conforme as bases da desigualdade social não são enfrentadas e são reforçadas pela governamentalidade neoliberal.

A verdade que a compreensão do *desejo de morte*, expresso através daquilo que é caracterizado como discurso de ódio, reside na própria compreensão das estruturas que constituem a governamentalidade neoliberal que conduz o poder em nossa sociedade de capitalismo financeiro, levando em consideração que não estamos apresentando esses elementos de maneira topológica, mas sim de maneira tipificada. Podemos propor que a estrutura dessa governamentalidade situa o indivíduo através de dispositivos de poder, que são perpassados tanto por uma biopolítica quanto por uma necropolítica, tendo em vista que os efeitos discursivos desses dispositivos se encontram mesclados na vida cotidiana. Faz-se necessário compreender que tanto a *luta pelo reconhecimento* como o *reconhecimento denegado* situam-se dentro dessas estruturas de efeitos de poder para formar aquilo que compreendemos como discurso de ódio.



É uma espécie de efeito motor que conduz os indivíduos, porque os efeitos desse discurso permitem que uma parcela da subjetividade dessas pessoas possa, ao mesmo tempo, ser reconhecido como possuidora de direitos, identidades e existência; como ter outra parcela não reconhecida, que tem todos essas condições negadas ao mesmo tempo (inclusive o direito à existência). Então, de que maneira é expreso os efeitos de discurso no cotidiano? É importante compreender que o discurso de ódio é apenas um dos efeitos de discurso possíveis evocados dentro das arenas de enfrentamento político, isto é, existem outros efeitos que se desenvolvem conforme os grupos, dentro dessa sociedade, são afetados, tanto no que se refere ao reconhecimento quanto ao não reconhecimento.

O *desejo de morte* do outro perpassa um desses efeitos dessa governamentalidade neoliberal, ele é um efeito instrumentalizado para reforçar a estrutura de poder, apesar do poder não está localizado em um espaço específico – como a presidência da república, ou assembleias legislativas. O poder é parte integrante da *potência de realidade* dos indivíduos em nossa sociedade, pois há a necessidade de construir e generalizar sua realidade como sendo única, tendo em vista que serve de parâmetro para a própria construção de sua identidade. Conforme o movimento de reconhecimento e de denegação se dá no conflito, o *desejo de morte* emerge como instrumento importante para extinguir e reafirmar-se dentro de um conjunto de identidades, pois como efeito da necropolítica, o outro que é o inimigo, o responsável pelas mazelas, responsável pelo “mal”, precisa ser exterminado para que a identidade do dominador possa manter-se. Todavia, esse outro precisa ser passível de morte, pois a vida é direito fundamental incorporado e compreendido, conceito fundamental para nossa sociedade. Assim, para que esse outro possa ser morto, sua história, sua identidade, sua condição precisa ser deteriorada integralmente, de modo que outro instrumento é acionado para tal resultado, a *falsificação da realidade*.

Acredito que a *realidade* seja deveras complexa para ser instituída, requer um esforço tremendo para produzir aquilo que compreendemos como realidade. Mesmo assim, existe a possibilidade de um conflito de realidade, idiosincrasias presentes nessa relação que envolvem indivíduos, tempo e espaço. Isso não quer dizer que não exista uma realidade física, mas ocorre que mesmo o mais concreto objeto é passível de interpretação a partir da perspectiva, muitas vezes esquece-se de um exemplo básico sobre movimento físico, definição da posição de um objeto - se ele se move ou se está em repouso - depende da perspectiva da análise.

Nesse momento, enquanto está lendo o texto, podemos dizer que você estaria parado, se eu olhar apenas para o texto e seus olhos, mas se você estiver em um ônibus, ou metrô, ou mesmo em um carro, você estaria em movimento; mesmo sentado em uma mesa, estamos em um relativo movimento, se tomarmos as medidas astronômicas. A perspectiva, de fato, interfere muito na realidade, na crença da realidade e, principalmente, da vontade de realidade. Isso quer dizer que a realidade é parte importante do processo, que ela é distorcida diante dos efeitos discursivos possíveis que modificam a nossa perspectiva de realidade.

Mas não podemos nos enganar (talvez possamos), existe uma vontade de saber e uma potência de realidade que são efeitos desse discurso sobre a verdade. Realidade e verdade, dentro dessa equação, normalmente andariam juntas para produzir os efeitos do Saber, porém, tendo em vista que Saber é Poder, em nossa sociedade quem define e interpreta o mundo, quem indica a Vontade de Saber é a Ciência. A ciência é quem classifica, define, compreende, explica, entende, informa, delimita, amplia, recorta e inova dentro das relações capitalistas da sociedade ocidental, é partir dela que se instrumentaliza a realidade.

Em tese, todos os objetos que temos a nossa disposição são consequências dessa divisão social do trabalho, em uma cadeia de eventos e de produção que perdemos de vista, mas que se encontra presente em cada pedaço de papel, caneta, teclado, objetos de higiene. Existe uma parcela do trabalho intelectual supressumido nesses objetos. Esse processo é resultante de séculos de empreendimento científico, resultante da divisão instituída pelo poder a partir da insurgência instituída contra a ordem anterior das coisas, contra o Soberano Absoluto. A Ciência se tornou o instrumento do discurso Iluminista, de efeito de discursos se tornou o próprio discurso do poder, requereu para si o monopólio da classificação do mundo, dos mundos, a hegemonia da definição de tudo, pelo menos era isso que se esperava ao longo do século XIX e início do XX.

O *eclipse da razão* se deu no momento em que a "mágica científica" foi revelada, no desenvolvimento da miséria, pois uma real filosofia da miséria estava por trás da Ciência. A Vontade de Saber se modificou, a ciência que era vista como elemento positivo, passou a ser relativizada no processo de desenvolvimento do próprio conhecimento, do mesmo poder que um saber absoluto foi abandonado. A continuidade desse poder absoluto necessitou ser questionado, a relativização da realidade colocou em xeque a própria ciência. Alguns chamaram de crise do conhecimento, do eclipse da razão, de distorções do positivismo, mas de qualquer modo, a Ciência como discurso modificou-se, aprofundou-se em sua própria análise e os indivíduos que a definiam passaram a ser passíveis de definições.

Tudo isso graças aos avanços das Ciências Humanas, posto que conforme as disciplinas das Ciências Humanas avançavam, a Ciência também avançou na própria compreensão do mundo. Sem dúvida alguma, é graças as Ciências Humanas que devemos o próprio avanço das Ciências Naturais e Biológicas, até mesmo daquelas tidas como abstratas, como a Matemática. As Ciências Humanas trouxeram a esses campos do conhecimento fôlego renovados, mesmo buscando criticar os ideais iluministas herdadas do século XVI - XVII, ainda assim ela se responsabilizou por devolver o caráter positivo à Ciência, ou pelo menos tentou.

Max Horkheimer expõe de maneira primorosa os aspectos da crise do conhecimento que se desenvolveu nos primeiros 50 anos do século XX, que serviriam de base para a crise do conhecimento do próprio século XXI. Ele percebeu que os aspectos que definiam a nossa sociedade como humana, estaria de alguma forma em declínio. Isso quer dizer que as condições de reprodução de nossa sociedade estavam por embrutecer cada vez mais o desenvolvimento do pensamento autônomo, independente e a interpretação do mundo em si é relegada a um controle do conhecimento.

O controle do conhecimento se tornou essencial para o desenvolvimento do que seria uma governamentalidade neoliberal, pois, embora não fosse uma estratégia do poder, serviu de base estrutural para o desenvolvimento de ideias incorporadas pelo pensamento dessa gramática social que sustenta o fazer político em uma sociedade neoliberal.

A razão jamais dirigiu verdadeiramente a realidade social, mas hoje está tão completamente expurgada de quaisquer tendências ou preferências específicas que renunciou, por fim, até mesmo à tarefa de julgar ações e modo de vida do homem. (HORKHEIMER, 2002, p.15).

Esse desterro da razão a uma posição subordinada contrasta agudamente com as idéias dos pioneiros da civilização burguesa, os representantes espirituais e políticos da classe média ascendente, que foram unânimes em assinalar o papel de destaque da

razão no comportamento humano, talvez mesmo o papel predominante. Eles definiram uma legislatura sábia como aquela cujas leis estão de acordo com a razão; as políticas nacional e internacional eram julgadas segundo prisma de seguirem ou não as diretrizes da razão (HORKHEIMER, 2002, p.15).

Esses dois trechos nos apresentam argumentações importantes para compreender de que maneira a Verdade e a Razão se tornaram essenciais para o desenvolvimento de toda uma estrutura de poder, ou melhor, um dispositivo de poder que serviu tanto ao processo "revolucionário" da classe burguesa, em seu processo de ascensão às estruturas do poder ao longo do século XVIII e XIX; quanto auxiliou para que esses dispositivo de poder se modificassem e , ao se modificar a razão instrumento, efeito, se tornou ciência como discurso e instituição. Todavia, os efeitos das razões deram lugar, como pudemos acompanhar no período de avanço nas nações imperialistas no final do século XIX e início do XX, ao pragmatismo racional, impulsionado por ideias eugênicas, racistas, classistas. Acompanhamos os efeitos do Saber quando a governamentalidade se encontrava em processo de transição, para um tipo de razão de Estado de Bem Estar. Fato é que, ao depositar suas fichas no Estado, essa razão se tornou seu próprio eclipse.

Horkheimer compreende que, de fato, a razão nunca se relacionou com a realidade social, mas quando está o fez, fez através da instrumentalização do mundo, da tecnocracia institucional e burocrática que fundamenta a reorganização das cidades no século XX. Também impulsionou o pensamento nazista e fascista durante os anos 30, que fundamentou o pragmatismo de guerra estadunidense em Hiroshima e Nagasaki, ou mesmo o pragmatismo socialista da União Soviética.

A prova cabal disso é que vemos os campos de concentração, em todos as facetas da sociedade do período, quer seja no apartheid neocolonial, na segregação americana, na mestiçagem brasileira, no gulag soviético, consequentes de um mesmo processo racional de produção da verdade. Como um espectro, sempre esteve ali e agora, essa razão morta retorna de maneira instrumental quase um século depois.

Quanto mais as ideias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com um significado próprio. São consideradas como coisas, máquinas. A linguagem tornou-se apenas mais um instrumento no gigantesco aparelho de produção da sociedade moderna (HORKHEIMER, 2002, p. 27).

As consequências do pragmatismo do pensamento, do individualismo do Ser, da coisificação das condições sociais, da razão esvaziada de sentido demonstram que o desejo pela

verdade torna-se, cada vez mais, uma potência pela realidade, mas sem reflexão, sem compreensão, sem oposição, apenas automatizada, fechada em si, à serviço do aprimoramento da mão de obra, da disciplinarização do estudante, do encarceramento da sexualidade, do extermínio cultural do Ser para uma estandardização de uma mercado de ideias, como uma Black Friday à serviço da degradação humana.

Consequentemente, o pensamento se manifesta na realidade através das coisas, do mesmo modo que as coisas se manifestam nos sonhos, nos sentimentos, nas relações sociais de nossa sociedade capitalista como demarcadores de sentidos, de emoções e, principalmente como aspectos essenciais de nossa existência, quando trocamos presentes em dias especiais, quando levamos flores para pessoas especiais. Ocorre que chegamos em uma etapa em que a materialidade e a virtualidade tornaram-se elementos entrelaçados ao fio da realidade, em uma sociedade delimitada pelo pensamento do smartphone, pelas subjetividades de sistemas operacionais, por compartilhamento da Verdade em pequenas doses diárias, sem reflexão ou interpretação da realidade. É desse modo que uma *potência de realidade* se manifesta através de uma *falsificação da realidade*.

Quando trato dessa potência e dessa falsificação, busco apresentar que, em nosso momento histórico, os instrumentos de produção da realidade e de falsificação desta, nunca foram tão difundidos em nossa sociedade. A ciência se encontra em um patamar de questionamento nunca antes visto, desde sua concepção liberal burguesa no século XVI, ainda que esse questionamento não siga os próprios parâmetros científicos. As inteligências coletivas, que o modo de vida em redes virtuais proporcionou, criaram uma suspensão da realidade e de desconfiança que coloca em xeque a ciência. Mesmo que esta não reconheça, no momento, nos lança a possibilidade de um obscurantismo cada vez mais profundo, em que a academia, como centro de produção da Verdade, passa a ser questionada por Youtubers, Blogueiros, Insta-Influenciadores, justamente para garantir uma condução dos sujeitos em uma direção específica.

O questionamento obtuso à ciência, e ainda à razão, é inerente à própria lógica capitalista, mas ao longo do século XX e XXI tornou-se instrumento para organização de massas e instrumento para produção de consensos políticos, culturais, sociais falsificados. Essa mudança, acompanhamos aos poucos, ao longo dos últimos 30 anos do século XX, em programas de televisão conservadores ao longo do mundo, mais tarde em websites direcionados

a públicos específicos, nos dias de hoje utilizada de maneira massiva através de mensagens em celulares para definir pautas políticas e direcionar emoções para conduzir ações políticas.

Marisa Letícia é um caso que exemplifica e nos ajuda a compreender dois efeitos presentes no discurso de ódio, bem como a que papel servem dentro do jogo de relações. O primeiro apresentado é a instrumentalização do *desejo de morte*, conteúdo da lógica neoliberal a qual estamos sendo expostos cotidianamente ao longo de três décadas, tanto política como culturalmente, que se confunde como o efeito da biopolítica e da necropolítica.

Do mesmo modo, observamos o processo de *falsificação da realidade*, em que o real não é apenas questionado, mas é reproduzido, redirecionado, refratado para a condução dos sujeitos, para um redirecionamento da compreensão e dos sentidos de realidade. Como Walter Benjamin nos indica, em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, a imagem se torna manipulável, não somente a fotografia, mas a própria paisagem da realidade, desenvolvendo, dessa maneira, os mais variados tipos de idiossincrasias de sentido possíveis, em que os objetos de sentido estão em colapso, muitas vezes em conflito em um fluxo de ideias que são antagônicas em relação à realidade.

[..] A verdade e as ideias foram radicalmente funcionalizadas e a linguagem é considerada com um mero instrumento, seja para a estocagem e comunicação dos elementos intelectuais da produção, seja para a orientação das massas. Ao mesmo tempo a linguagem tira sua vingança, revertendo ao seu estágio mágico. Como nos tempos da magia, cada palavra é considerada uma força poderosa que pode destruir a sociedade e pela qual aquele que fala deve ser responsabilizado (HORKERHEIMER, 2002, p.27).

O perigo da maioria se torna cada vez mais presente em uma sociedade conectada em tempo real, de relações virtuais, pois conforme conceitos não se acomodem em uma subjetividade instrumentalizada, cria-se o que ele chama de *resistência a qualquer coisa que não se acomode*. Isto se reflete nas manifestações de rua em defesa de ditaduras, retorno a um passado mítico que não existiu, mas que é fabulosamente reconstruído por uma linguagem fascista e por uma razão obscura que se perpetua nas instituições dessa sociedade democrática. É o conceito de democracia esvaziado de seus sentidos, sem que possa ser justificado através de uma razão compreensiva.

A verdade se torna instrumento de manipulação das massas, de controle para administração da política sobre os sujeitos. Ao mesmo tempo, esvazia conceitos essenciais políticos, como democracia, liberdade, segurança, entre outros conceitos que emergem na sociedade contemporânea. Em nível subjetivo, como efeitos de uma governamentalidade

neoliberal, as redes virtuais, a internet, o ciberespaço nos apresentam uma infinidade de possibilidades de compreensão desses efeitos, por isso precisamos nos debruçar sobre os instrumentos que acomodam esses discursos e nos sentidos produzidos a partir dessas múltiplas acomodações.

CAPÍTULO 2 - DISPOSITIVOS DE CONTROLE E DE DESCONTROLE

Se a emergência de uma sociedade centrada na disciplina foi essencial para a compreensão de um arquipélago punitivo através das instituições de controle social, o descontrole - pelo menos a ideia desse enunciado - cumpriria um papel no desenvolvimento de dispositivos moleculares de descontrole, em que o ciberespaço teria sua funcionalidade dentro dessa maquinaria do poder emergente no século XXI.

A internet era a grande aposta para um escape de uma realidade política que se encerrava em uma democracia liberal, representativa como única legitimidade possível para o desenvolvimento de redes de comunicação livres, já que as redes virtuais prometiam uma verdadeira revolução no modo de participar politicamente da esfera pública¹². Sem dúvidas, ela alterou a forma de se fazer política e de se organizar politicamente, permitindo que indivíduos, anteriormente separados por distâncias geográficas ou pelo individualismo subjacente a uma sociedade de consumo, se encontrassem através de significantes comuns, reelaborando os processos de construção de identidades. Movimentos mundiais, como a "primavera árabe" nos anos de 2010 - 2012, as Marchas das "Vadias", "occupy wall street", a mobilização em favor dos Chiapas no México em 1999, entre outros são exemplos de mobilizações que se deram concomitantemente em ambientes virtuais e reais. Pode-se observar a emergência de insurreições, revoluções, revoltas e de pautas políticas como fontes de água que minam em um terreno estéril, como rios subterrâneos prestes a jorrar.

Sem dúvida, era um horizonte promissor de avanço político, mesmo diante da ofensiva neoliberal, justamente em resposta às consequências do neoliberalismo e de políticas autoritárias. A cultura, ou melhor, a cibercultura, incorporada em diversos desses movimentos políticos pelo mundo, auxiliou no desenvolvimento e difusão entre diversos estratos da sociedade global desses movimentos de contestação. As inteligências coletivas, definidas por Pierre Levy (2006), se apresentaram como um dos agentes fundamentais na produção de uma representação de lutas e, principalmente, na construção de objetos de sentido que mobilizam e mobilizaram indivíduos a se engajar politicamente, para apoiar determinadas ações e posições políticas. O movimento "occupy wall street" é um exemplo pertinente, no que se refere a lutas por reconhecimento de direito "à cidade" em relação ao mercado financeiro, pois ocupar a região de wall street é um reflexo dos diversos empreendimentos resultantes de uma outra forma

¹² Pierre Levy

de organização social que despontavam depois da primeira década do século XXI. Henrique Soares Carneiro, define:

[...] uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto e reivindicações peculiares em cada região, mas como formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua. Uma onda de mobilizações e protestos sociais tomou a dimensão de um movimento global (CARNEIRO, 2012, p. 8).

Essa síntese nos revela bastante do contexto político social no qual a emergência de insurreições em diversos lugares, muitas vezes concomitantes, nos ajuda a compreender, apesar do pano de fundo de uma crise mundial econômica que se iniciou em 2008, o caráter multidimensional, que levou ao desenvolvimento de sentimentos de "consciência e solidariedade mútua". Apesar desses múltiplos focos de reivindicações políticas que se desenvolveram ao longo das primeiras décadas do século XXI; apesar desses inúmeros casos, eventos e insurreições eclodirem em um curto espaço de tempo, não se sustenta a tese de *insurreições espontâneas*, pois analisando historicamente os processos de contestação, percebe-se que se ancoram contra uma geopolítica incessante de políticas neoliberais que produziram uma razão de mundo. Podemos observar o esforço de décadas de trabalho ininterrupto de grupos de base, por luta por democracia, por reconhecimento, por autodeterminação, que ajudaram a produzir um consenso necessário de estratégias de ação direta e enfrentamento a estruturas de opressão.

Difícil crer e manter a tese de *insurreições espontâneas*, pois havia contexto e motivações comuns de indivíduos, mas o desenvolvimento de significados comuns e movimentações semelhantes é resultante de acúmulo histórico, incorporado através de gramáticas sociais diversas, em constante processo de desenvolvimento, em contextos multidimensionais, econômicos, sociais, culturais, ideológicos, que criaram fatores psicológicos de ordem individuais e coletivas, desenvolvidos em subjetividades múltiplas. É importante notar que a semelhança nos processos desenvolvidos nos desafia a compreender as formas como desenvolveu-se uma linguagem política comum entre populações tão diferentes. Assim sendo, precisamos nos debruçar sobre uma das dimensões que proporcionaram emergências de insurreições tão conectadas no mundo que partilharam comportamentos, signos e práticas comuns.

2.1 A construção do ciberespaço

A construção da internet - anteriormente chamada de Arpanet - deriva de uma confluência de segmentaridades¹³ que foram fundamentais em sua construção e envolveu todo um conjunto de sociabilidades diversas, confluindo em um feixe particular que possibilitou sua estruturação ao longo de mais de três décadas. Uma dessas segmentaridades produziu tipos de cultura, que para Castels (2007) podem ser nomeadas através de cultura da tecnoelites, cultura empresarial empreendedora, cultura hacker e a cultura das comunidades virtuais.

1) Tecnoelites - formada por grupos intelectuais pertencentes à academia e também membros intelectuais militares que fomentaram a informática como ciência; constituíram trabalhadores do alto escalão do que era conhecido como alta tecnologia, para a construção de sentidos e tecnologias funcionais para conectar a sociedade a essa rede.

2) A Cultura Empresarial apresenta múltiplos empreendimentos, que auxiliaram tanto na popularização do computador, como no investimento em infraestrutura de comunicação - da fibra ótica a satélites - e moldaram a interface e a estética do ciberespaço e das cidades informacionais até os dias de hoje;

3) Os Hackers foram importantes para definição de valores e sentidos políticos *inside on* ciberespaço, pois empreendeu semanticamente através de conceitos como liberdade e contestação, do mesmo modo que imprimiu uma linguagem prática de acesso a mercadorias simbólicas de software;

4) E ainda as Comunidades Virtuais, que moldaram a forma como se usa a internet, tanto para a troca de informações, como para ações para além do ciberespaço, mas falaremos delas mais tarde, que foram fundamentais na difusão da linguagem e na noção de construção de redes sociais.

Podemos nos debruçar, no momento, em uma dessas ciberculturas que estruturaram a internet como conhecemos, já que seus efeitos podem ser sentidos mais na sociabilidade produzida pelos usuários da internet, na estrutura técnica de designers das redes sociais. Podemos dizer que o surgimento da internet caminha paralelamente a um sentimento de contestação em relação a grupos que reuniam um capital acadêmico estabelecido, dentro de um campo científico ainda não autônomo, mas em vias de se tornar, o que seria um campo

¹³ Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 3). Rio de Janeiro, RJ: Ed. 34

tecnopolítico¹⁴ da computação. Assim, vamos falar dos Hackers, que misturavam tanto ideias anarquistas, quanto uma vontade tecnológica essencial para o ambiente informacional que se formava nos anos 80. Muitas vezes, foram representados como "desajustados" dentro de uma sociedade "coesa", uma vez que eram vistos como uma pedra no sapato, que alteraram os rumos que militares e corporações tinham planejado para a internet. A cultura hacker não se localiza especificamente em um grupo, ou pessoas, é diluída através de discursos, de ações e de uma vontade de transformação. No limiar, os hackers foram essenciais para difundir no ciberespaço os ideais de *liberdade, privacidade e anti-establishment* nos anos iniciais da internet.

Nesse sentido restrito, a cultura hacker, a meu ver, diz respeito ao conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computadores que interagem on-line em torno de sua colaboração em projetos autonomamente definidos de programação criativa [...]. Nesse sentido, a Internet foi originalmente a criação da cultura tecnomeritocrática; depois tornou-se a base para sua própria atualização tecnológica através do *input* fornecido pela cultura hacker, interagindo na Internet (CASTELLS, p.46, 2007).

Embora Castells tenha razão no processo de interferência da cultura hacker, pode-se afirmar que os valores e sentidos da cultura hacker estavam incorporados no desenvolvimento da internet. Mesmo no momento da construção de uma cultura tecnomeritocrática, não se tratou de um elemento externo, mas interno dos próprios desenvolvedores, programadores e programadoras, engenheiros e engenheiras da computação que, naquele momento, se situavam ainda no campo científico da informática. Lemos (2013) nos indica que o processo de mudança do saber científico da informática para computação envolve um próprio desvio epistemológico daqueles que pesavam e produziam tecnologia, de seus efeitos sobre a sociedade, alterados para o desenvolvimento tecnológico em si, cada vez mais aprofundado. O mais importante é que as ideias compartilhadas por parte dessa comunidade de desenvolvedores eram atravessadas por uma cultura de contestação, em um movimento chamado *cyberpunk*, de origem musical, estético, filosófico e literário que ajudou ao estabelecimento da cultura hacker posteriormente. Do mesmo modo, esse conjunto de produção cultural *cyberpunk* refletia parte da epistemologia que foi subalternizada e, conforme a infraestrutura permitia, a difusão da internet avançava e situava ainda mais o poder das grandes corporações sobre o ciberespaço.

Esses mesmos produtores se tornaram os consumidores, os fomentadores de uma ética política dentro do ciberespaço, através das comunidades virtuais, da introdução do conceito de

¹⁴ Tecnopolítico, pois sua constituição reuniu um conjunto de indivíduos que partilhavam conhecimento, prestígio e definiram regras de reconhecimento entre aqueles que pertenciam a cultura hacker e os que não pertenciam, que envolve fatores de conhecimento técnico e de prestígio social político.

código livre, de construção coletiva do conhecimento. Podemos afirmar que isso se materializa no ciberespaço através do GNU-UNIX, criado em 1969, que faria com que os programadores pudessem desenvolver de maneira mais livre, sem precisar criar uma linguagem específica. Nesse sentido, o sistema operacional foi fundamental para a popularização, difusão e formação das Comunidades Virtuais. Aliado a uma verdadeira revolução técnica, com a invenção de microprocessadores, em especial o microchip 68000, que reduzia o preço de um computador e tornava viável o *home computer*, tivemos um contexto tecnológico que permitiu que a ARPANET se tornasse a Internet.

A liberdade é um conceito fundamental para a cultura hacker, a partir do momento em que as corporações e os departamentos de defesa, que atuavam no desenvolvimento da computação e da produção de sistemas operacionais, passam a trancar os computadores nos departamentos. Eric Raymond, um dos primeiros programadores e fundador do Movimento Software Livre, conta que, ao colocar senhas em computadores, fez com que ele sentisse que precisava mudar a direção que todo o trabalho estava tomando. Isso é confirmado por Richard Stallman, fundador do GNU Project.

Eu me juntei ao Laboratório de Inteligência Artificial do MIT em 1971. Me juntei a uma comunidade próspera de hackers, pessoas que amavam programar, amavam explorar o que eles podiam fazer com computadores. E eles desenvolveram um sistema operacional completo, inteiramente escrito lá. E eu me tornei um do time que continuou aperfeiçoando o Sistema Operacional, adicionando novas potencialidades. Este era meu trabalho, e eu o amava, todos nós amávamos. Esta era a razão de fazer aquilo. E nós chamávamos o nosso sistema operacional de "O Sistema de Tempo Compartilhado Incompatível". Isto é um exemplo do espírito brincalhão que define um hacker. Hackers são pessoas que adoram brincadeiras inteligentes. Bem começou a dar errado, quando o mundo exterior começou a nos pressionar a ter senhas. Nós não tínhamos nenhuma senha em nossos computadores. A razão é que os hackers que originalmente projetaram o Sistema, perceberam que senhas eram um modo que os administradores tinham de poder controlar todos os usuários. [...] Nós tínhamos a filosofia que quem estivesse sentado no computador deveria poder fazer o que quisesse e alguém que estivesse lá ontem não deveria está controlando o que você está fazendo hoje. Quando colocaram senhas nos computadores do MIT, eu e um grupo de outros hackers não gostamos. Eu decidi tentar uma forma subversiva de hack. Eu aprendi como decodificar as senhas, olhando a base de dados das senhas codificadas eu descobrir o que cada pessoa iria digitar para ter acesso. Então eu chegava com a pessoa e falava "Você escolheu a senha a palavra Muble, não seria melhor escolher como senha a tecla Enter? Muito mais prático", então metade daquelas pessoas toparam colocar a tecla Enter como senha. Eu estava mostrando para eles como essa segurança era uma piada (STELLMAN, 2001).

Um simples movimento de trancar os computadores através de senhas, fundamentou a essência daquilo que seria parte do movimento hacker, uma marca das características desse grupo, as bases filosóficas estavam fundamentadas na potencialidade de compartilhar de forma

coletiva os progressos de cada indivíduo. Ao contrário de privacidade, a senha, na verdade, tem o objetivo de controle e realiza o monitoramento por parte de administradores, da empresa sobre o que estava sendo produzido. Nos dias de hoje serve para coletar dados de consumo e acesso, uma sociedade de controle, principalmente com o processo de *mass media* que viria a se tornar a internet. Esses fatores levaram Stelman a perceber que para que existisse uma liberdade criativa, seria necessária uma contestação criativa.

Castells sugere que a cultura hacker possui como principal característica herdada das tecnolites, uma tecnomeritocrácia com uma meta de "excelência" que possibilite, através do aprimoramento da tecnologia, compartilhamento da criação de outro espaço entre os espaços, isto é, aprimorando a eficácia do uso do software e do ciberespaço. A tecnomeritocracia rivaliza, no entanto, com o conceito de código livre, defendida inicialmente pela comunidade hacker, pois o código livre proporciona que qualquer pessoa possa acessar, modificar, criar um programa para ser utilizado pelos usuários de maneira livre. Todavia, a tecnomeritocracia pressupõe um conhecimento técnico, uma espécie de razão instrumental, necessária para o desenvolvimento de um código. Assim, o código livre e sua potencialidade se ancoram numa razão comunicativa, ambas se retroalimentando. O código trancado e o código livre podem parecer inicialmente posições opostas, mas são complementares para a segmentaridade que produziu a internet. Dessa maneira, razão instrumental e comunicativa caminham lado a lado para o desenvolvimento de uma cibercultura tecnopolítica, que só é possível porque os elementos subjetivos de crítica não estavam presentes na gênese do conceito e das práticas subsequentes.

É justamente nesse movimento prático que surgiu o processo de construção do ciberespaço em uma perpétua radicalização neoliberal, mesmo quando vemos o ataque de governos inteiros e corporações a hackativistas, ou a sites de compartilhamento gratuitos, comunidades de "leaks". Principalmente, a tentativa de prender ou trancar o código fonte de programas, impedindo modificações e aperfeiçoamentos variados. Podemos pensar, primeiramente, que existe essa oposição radical, mas pode se chamar uma oposição complementar, dispositivo necessário para aperfeiçoar tanto o capitalismo, quanto a própria comunidade hacker.

É importante ressaltar que para o Movimento Software Livre não significa propriamente usos gratuitos do programa ou coletivização dos meios de produção de programação, mas envolve, especificamente, a contraposição ao cerceamento da liberdade

sobre o programa, isto é, você é livre para construir a partir do programa, mas não quer dizer que irá fazer isso sem uma monetização desse trabalho, ou do consumo do trabalho. De acordo com o próprio movimento, existem 4 tipos de liberdades defendidas pelo movimento, seria a *liberdade de executar, a liberdade de estudar, a liberdade de redistribuir, liberdade de distribuir*. Cada uma dessas liberdades contém em si as segmentaridades de discursos práticos, executar o programa para poder estudar, conseqüentemente o modificar para que possa ser testado pela comunidade e, dessa maneira, ser distribuído para mais aperfeiçoamento. A liberdade criativa é o ponto fundamental do Movimento Software Livre, mas dentro de um sistema de produção de mais valia, todo trabalho tende a produzir potencial mercadoria. No caso de software - produtos virtuais - para que ele possa ter valor de troca, é necessário trancar o código para que ele não possa ser modificado, para que se possa atribuir o valor de troca, necessário para o sistema de produção de mais-valia.

Trancar o código significa também encerrar uma mercadoria, criando, dessa forma, um valor de troca fixo, em termos de um sistema de produção. Ano após ano, softwares não livres são revendidos e vendidos para produção de valor e de mais valia, mesmo sendo apenas modificações estéticas, todos pagam para poder ter o software e o hardware. A liberdade de executar, estudar, redistribuir e distribuir cede lugar à liberdade de mercado de definir os usuários e condicionar este a uma lógica estética e prática, imposta pelas grandes corporações de informática.

A cultura hacker está em constante processo de embate com o campo da tecnolites, que tem o objetivo de reforçar o sistema de produção capitalista, mas é importante ressaltar que a cultura hacker não é necessariamente anticapitalista. Isso é reforçado em diversos momentos ao longo da história do movimento, que não se trata de uma revolução aos moldes da teoria política clássica, mas da luta por uma "liberdade criativa" essencialmente, tendo em vista que a herança tenocmeritocrática, herdada da relação com a tecnolites na gênese da internet, requer acesso a um tipo de tecnologia para o desenvolvimento de software que não é acessível para todos. Precisamos interpretar que um código livre para todos é direcionado para todos que tenham acesso ao conhecimento técnico, incorporado à linguagem da comunidade e tenham como *letmotiv* o aperfeiçoamento do código - conseqüentemente do programa, do sistema, etc. - para a comunidade.

É a cultura hacker que vai impulsionar, em certo sentido, inovações de tecnologia social desenvolvidas pelas tecnolites. As grandes corporações, mais que as instituições

militares, resultarão nas plataformas de mídia social, entre o meio termo do artesanato virtual dos hackers e a experiência de usuários que será formada uma cultural comunal na internet no início dos anos 90, através de fóruns, mail-listings ou listas de e-mails. É através desses meios que os primeiros hackativistas e ciberativistas atuarão.

As fontes culturais da Internet não podem ser reduzidas, porém, aos valores dos inovadores tecnológicos. Os primeiros usuários de redes de computadores criaram comunidades virtuais [...]. Pessoas envolvidas nas redes da Usenet News, na FIDONET, e nos BBS, desenvolveram e difundiram formas e usos na rede: envio de mensagens, lista de correspondências, sala de chat, jogos para múltiplos usuários (expandido os MUDS - acrônimo de *multi-user dugeon* - pioneiros), conferências e sistema de conferências (CASTELS, 2007, p. 57).

O modo como usamos a internet até os dias de hoje ainda herda muito desse período inicial, pois essas comunidades que criam o que entendemos como o ciberespaço, apesar do conceito ser idealizado pela literatura cybepunk, que seria adotado como referencial para as dinâmicas desenvolvidas nas relações entre computadores e redes, trata de dispositivos e plataforma como principais meios de interação. Se considerarmos que o Movimento Código Livre emerge dentro do campo hacker, como uma tentativa de romper com os limites estabelecidos pelas corporações, os movimentos de luta - até aquele momento - exógenos ao campo computacional, utilizarão o computador e a rede como instrumento de visibilização de suas pautas, de organização e de enfrentamento, em uma relação dialética que mudará também a própria comunidade hacker e sua relação com a política exógena, a internet.

Por exemplo, o BBS - Bulletin Board System - utilizado por empresas para difundir informativos, mensagens, arquivos, se tornou também um espaço para o lazer, para interações sociais. Um sistema criado para enviar mensagens para todos os seus usuários, mais tarde também seria fundamental para encontros amorosos e sexuais de forma anônima entre os usuários de BBS. Um exemplo disso é o BBS Kinky Kumputer que servia à comunidade da Baía de São Francisco na Califórnia, que de 1984 a 1992, além de servir como um sistema de troca de arquivos, também ajudava na organização de encontros sexuais.

A utilização para organização de movimentos de lutas ambientais na região da Baía de São Francisco também foi importante para o desenvolvimento de uma rede internacional de divulgação e trocas de informações. Foi o que permitiu a diversos grupos e movimentos sociais utilizar a internet como plataforma de divulgação e de contrainformação da mídia mainstream e, nesse primeiro momento, existiam diversidades de movimentos, mas podemos citar como

um movimento que se utilizou de todas as técnicas de enfrentamento, o Exército Zapatista de Libertação Nacional - EZLN.

Em meados da década de 1990, o movimento zapatista em Chiapas, no México, arrebatou a imaginação popular pelo mundo todo ao congregar apoio para sua causa através de redes eletrônicas de faxes e da Internet - em conexão com o mundo da mídia e uma estrutura descentralizada de grupos de solidariedade [...] na origem dessa rede eletrônica de solidariedade estava La Neta, uma rede baseada na Internet que organizava mulheres mexicanas, apoiadas pelo São Francisco Institute of Global Communication, uma ONG de técnicos socialmente responsável (CASTELLS, 2007, p.143).

O EZLN utilizou a internet como mecanismo de contrainformação em relação aos meios de comunicação tradicionais que estavam criminalizando as ações do movimento zapatista em Chiapas, bem como divulgando notícias falsas em relação ao movimento emergente, que se levantava para lutar pelo direito a terra e sofria com o lobby corporativo que já tinha expulsado centenas de comunidades indígenas de suas terras para a monocultura e especulação latifundiária. Para tanto, um conjunto de comunicados passou a circular através do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena, fazendo com que o mundo inteiro começasse a dar atenção aos confrontos e às lutas empreendidas nos primeiros anos de organização do movimento, para além da televisão, dos jornais de ampla circulação no México.

O Comitê Clandestino Revolucionário Indígena é instância máxima do movimento e, em 2015, um site oficial passou a concentrar os comunicados do movimento, inclusive com um arquivo organizado de todos os comunicados feitos desde 1993, antes da marcha empreendida em janeiro de 1994, em Chiapas. A formação de um núcleo de comunicação e propaganda vai se tornar essencial para movimentos de luta no mundo que utilizaram a internet como plataforma de difusão de ideias.

O impacto dos pronunciamentos zapatistas se espalha pela internet, mobilizando não apenas usuários da rede naquele momento, mas artistas, personalidades públicas e mídias internacionais que querem entender o que ocorreu em Chiapas. As fotos do subcomandante Marcos inauguraram uma nova estética de luta, que atravessará as redes virtuais pelo mundo. As imagens dele com uma máscara e fumando um cachimbo, armado com um fuzil, sintetizam de diversas formas as lutas anticapitalistas que irão se estabelecer pelo mundo de forma insurrecional.

O cyberativismo se torna forma de propaganda e agitação dos movimentos sociais pelo mundo. Claro que os países que possuíam uma estrutura informacional, uma cidade conectada

irá reagir e se adaptar a essas formas de organização primeiro que os países na periferia do capitalismo. A exemplo disso, o uso de BBs, naquilo que foi conhecido como Batalha de Seattle (1996), ou na organização de grupos anticapitalistas contra o Tratado de Livre Mercado, a internet será instrumento agregador, de grupos sociais diversos, porque os movimentos sociais em rede não usarão a internet como um meio de comunicação, mas como estrutura organizacional (CASTELLS, 2007).

Essa potência organizacional que nos interessa, o cyberativismo, sintetiza um conjunto de modos, linguagens e ações voltadas para o potencial organizacional que a internet propõe em um mundo em rede, tendo o ciberespaço como ponto fundamental de desenvolvimento de lutas. Isso se aprofunda conforme as tecnologias que constituem o ciberespaço também se aprofundam em nossa sociedade.

Podemos afirmar que a cultura hacker, o senso de comunidade, o sentido de tecnomeritocracia são algumas (pressupondo que existem outras não mapeadas pela tese, trabalho) das forças discursivas que irão definir o ciberespaço nos últimos 30 anos, tendo em vista que o ciberespaço é um conceito não definido topograficamente, mas comportalmente, através da interação dos indivíduos e das estruturas informacionais e comunicacionais de seu tempo. É um *dever de fluxos de sentidos* que atravessa múltiplas camadas de indivíduos e se propõe a organizar subjetivamente uma sociedade inteira.

O potencial da internet é subordinado a uma estrutura capitalista de exploração, que percebeu no ciberespaço um local de exploração e produção de mais-valia. Dessa forma, o investimento em tecnologia de comunicação para ampliar a internet, no desenvolvimento de computadores de casa - home computer -, com processadores mais velozes, armazenamentos cada vez mais amplos, fará com que o ciberespaço ganhe cada vez mais importância no mundo.

Do mesmo modo que a invenção do smartphone como tecnologia desse tempo fará com que a nossa forma de se comportar no mundo se altere drasticamente, a dialética ferramenta-humano faz todo sentido, conforme nossa sociedade informacional passa a se conectar a cada segundo a um dispositivo eletrônico que concentra em si todas as nossas informações, de trabalho, de lazer, econômicas, pessoais.

O conceito desse tipo de telefone envolve um tipo de conexão móvel e o armazenamento de informações a partir de um sistema operacional específico para o celular. Reunindo, dessa maneira, uma gama de tecnologias que foram desenvolvidas nos anos 90 e

2000 em um único aparelho. É considerado o primeiro smartphone da história o modelo Simon da IBM, lançado em agosto de 1994, possuía uma tela touch e visava acessar os e-mails através dele, mas ele não fez sucesso, devido ao seu tamanho e peso. Outro tipo de tecnologia iria assumir sua função inicialmente, o PDA - Personal Digital Assistant - que seria uma espécie de agenda interativa, com lembretes, ligadas ao e-mail, ou a servidores pessoais dependendo do modelo, seria a base da integração de dispositivos de celulares na próxima década. Os modelos que conhecemos hoje surgem, de fato, entre os anos de 2006 e 2008, já que nesse período são incorporados a celulares sistemas operacionais com a função de concentrar aplicativos de integração de informação. Agendas, e-mails, arquivos, editores de textos, nos dias atuais editores de vídeo, aplicativos de aprendizagem, lazer, entretenimento, aplicativos de encontro etc..

Todo smartphone possui um sistema operacional e acesso a uma rede móvel e, com o avanço das redes de wireless e wlan que seria redes locais sem fio, os smartphones se tornaram equipamentos da vida cotidianos comuns na sociedade. Observa-se que a primeira propagando do Iphone, por exemplo, é um copilado de imagens procurando demonstrar a evolução do telefone, passando pelo telefone com fio em cima de uma mesa, cenas de filmes famosos vão mostrando os diversos tipos de telefone, até chegar ao primeiro modelo de Iphone lançado na história. É interessante notar que, apesar de todo ano um modelo de smartphone ser lançado no mercado, o conceito de integração não se alterou muito, posto que reúne toda essa gama de tecnologias em um único dispositivo e ainda concentra todas as informações em contas específicas.

Ter uma conta nos remete muito à questão estabelecida por Sellman, sob a égide da segurança pessoal, uma conta com uma senha é justificada como mecanismo de seguridade da privacidade dos dados, quando, na verdade, estamos apenas colocando nas mãos de uma empresa a catalogação da nossa vida cotidiana, a rotina de nossos acessos. Quando nomeamos os assuntos de nossos e-mails, estamos ajudando o algoritmo do provedor do e-mail a supor nossos interesses. Dessa forma, nossos gostos são moldados de maneira silenciosa, induzindo à compra, ao consumo, ao desejo, ao fetiche da mercadoria, à propaganda subliminar. É bom lembrar que antes das contas, tínhamos o chip de armazenamento de dados ou os cartões *sd* - ainda temos hoje, mas eles servem a outro papel - pois agora tudo está em um outro dispositivo criado com o avanço da internet, em um sistema de servidores que não imaginamos onde estão, as nuvens de dados e de informações.

O conceito de *nuvem* de dados ou apenas *nuvem* emerge nos primórdios da Arpanet, pensado por John McCarthy, um local de compartilhamento comum de dados que seria fundamental para o desenvolvimento da internet naquele período. O termo e o modelo de nuvem foram formulados pelo professor Rammath Chellappa, em 1997, inspirado no conceito de ter os dados "no ar". Isso seria incorporado inicialmente por grandes empresas, ter um mainframe de dados em um servidor particular, que permitirá o acesso dos usuários de redes. No início dos anos 2000, até os dias de hoje, isso passou a ser oferecido como hospedagem de sites, depois como serviço próprio, vinculado a determinadas contas de e-mails ou empresas especializadas em armazenamento de dados.

Essas tecnologias seriam atreladas à emergência também de plataformas de interação da vida cotidiana, apesar de todas essas tecnologias citadas acima terem seus subsídios legitimados a partir do mundo do trabalho, em prol da "eficiência do colaboracionista". As comunidades, sites, blogs e fóruns na internet ainda permitiam uma liberdade relativa de debate, de fuga das vigilâncias de grandes corporações, todavia conforme as tecnologias de comunicação se tornaram cada vez mais popularizadas no mundo, impulsionada por um avanço de mercado de telefonia celular, computação pessoal, artigos de consumo eletrônicos, criou-se um contexto especial para o surgimento de plataformas de redes sociais.

Essas plataformas surgem de maneira gradativa, conforme as estruturas do ciberespaço se tornam sistematicamente parte da arquitetura do sistema de produção capitalista, de reprodução da cidade e da infraestrutura da contemporaneidade. Elas são uma resposta "lógica" ao problema da individualização lançado no início do século com o avanço de uma vida mental na cidade (SIMMEL, 1991). A sensação de afastamento um dos outros, de distanciamento de si e de deslocamento da comunidade, imposto pelo ciclo de produção capitalista que formam nossa sociedade em cidades, podem agora "ser supridas" por uma plataforma que "conecta as pessoas". A emergência dessa tecnologia de poder em nosso tempo é condicionada como uma "necessidade básica", ao alocar essa "necessidade" cria um letmotiv, uma razão para estruturação de uma sociedade em rede, sob a égide de poder comunicar-se e ser reconhecido.

O desejo passa a ser processado, catalogado e vendido em pacotes de internet, que vai se aprofundando na subjetividade dia após dia, hora após hora, nos conectando a plataformas de redes sociais. O capital atravessa de maneira perversa os mais profundos desejos, criando "necessidades" e reproduzindo em série, não apenas mercadorias, mas sonhos, fantasias e desejos, extraindo dos sentimentos o lucro necessário para a contínua exploração no capitalismo

financeiro de uma sociedade de consumo em massa. A necessidade de conexão, de interação se tornam desejos consumíveis, a vizinhança cada vez mais fechada, a insegurança diante da violência difusa nas cidades, o avanço da velocidade de comunicação, são os elementos essenciais para que o desejo de se comunicar se torne a mercadoria do século XXI, o dispositivo disciplinar para uma governamentalidade neoliberal. A plataforma social é o efeito desse discurso, é o espaço social necessário para as atuais necessidades desse capitalismo, é o que *coloniza nossa mente* (SENNETI, 2019). Não se trata de uma acomodação subjetiva, trata-se de uma programação do comportamento humano.

Esse processo não ocorreu de maneira abrupta, ao contrário, foi gradativamente silencioso. O ciclo de reprodução de mercadorias se tornou parte integrante, a vontade de consumir a cada ano um novo produto, o impulso para a inovação, o mesmo que se relaciona com o conceito de *liberdade* do movimento código livre e o investimento infraestrutural militar e empresarial no setor de tecnologia de comunicação, tornou esse mundo possível. Estamos vivendo as consequências da Ideologia Industrial proposta por Herbert Marcuse, todavia para além de homens unidimensionais, nos tornamos uma sociedade de indivíduos fragmentados.

A fragmentação do ser, que é parte da existência social, cria gramáticas particulares, incorporadas e alavancadas pelas plataformas de redes sociais. Todavia, ao afirmar que estamos em uma sociedade de indivíduos fragmentados é porque diante da mudança estrutural do mundo do trabalho, a emergência de uma tecnologia de poder que age sobre os corpos para fazer viver, para fazer morrer e para fazer desejar, a incorporação de diversos papéis dentro dessa sociedade, cria uma sociedade de indivíduos fragmentados. Estamos sempre em parte, em busca de um todo, um coletivo que não somos capazes mais de produzir sozinho, para tanto deixa-se que o mercado produza para nós, enquanto extrai cada informação de nosso cotidiano

O colonizador pós-moderno não é mais físico, ele é uma inteligência artificial independente que atravessa nosso cotidiano, sem fronteiras, imperialista em sua própria ação, que iremos nomear a partir de cada identidade. Ele vai ser o homem branco europeu, em outro momento, vai ser o homem negro machista, em outro momento a mulher branca, em outro momento a mulher negra cis, em outro momento a mulher trans negra, o hippester, o metrosssexual. Esse colonizador pós-moderno é fragmentado, não possui um corpo, ao contrário ele está em todos os corpos, é incorporado no discurso e na linguagem empreendedora, do *self-made man*, esse colonizador pós-moderno se despreendeu de um corpo humano, se tornou um

algoritmo pensante, um robô pré-programado para reproduzir os processos de violentação da *biopolítica* e de *necropolítica* inerente à *governamentalidade neoliberal*.

Nesse processo de indivíduos fragmentados, as plataformas sociais se tornam potentes para o controle, justamente a partir de um descontrole, de uma liberdade cedida para o consumo de pessoas, em que os indivíduos de se tornam as empresas, as plataformas sociais permitem que cada pessoa possa fazer sua própria propaganda, na criação do seu perfil, na escolha de seus gostos, você se torna um potencial produto em um mercado de desejos, de vontades de se comunicar e se encontrar com outros. É nesse contexto que o colonizador pós-moderno atua, ele transforma em moeda nosso carinho por pessoas que estavam distantes e que encontramos nas redes sociais, capitaliza o potencial dos relacionamentos amorosos, enquanto você busca amar. Esse colonizador busca explorar cada mensagem de amor, carinho e apreço que possa ser expressado.

É interessante, pois na vontade voraz do capitalismo também se cria um movimento insurgente, as resistências ao pensamento colonizador e a esse colonizador pós-moderno vai se constituir através do que vamos conhecer como cyberativismo, pois é no encontro com o outro que, por exemplo, movimentos de mulheres negras irão se formar, que marchas pelo mundo irão derrubar governos, que lutas pelo direito à cidade irão ser retomadas, onde redes de indignação e esperança irão ser constituídas. A insurgência da identidade será *interscionada*, a luta contra a fragmentação do ser nessa sociedade encontrará resistências das mais diversas nesse mesmo ciberespaço. As plataformas vão se adaptar para suprimir, adoecer e excluir esses movimentos de seu espaço, mas quanto mais mecanismos de monitoramento forem criados, mais estratégias de resistência vão se constituindo de maneiras mais ou menos conscientes.

Em contrapartida, redes de intolerância e ódio serão formadas, estabelecidas com o intuito unicamente de deteriorar a identidade dos outros, para preservar, ou melhor, conservar uma identidade mítica instituída. O colonizador pós-moderno se espalhará como um vírus de computador que controla um sistema operacional, grupos de intolerância e ódio vão criar estratégias de ataque, de reafirmação de si e riso dos outros.

Dessa forma, a linguagem se torna ponto fundamental de compreensão e extensão da ação dos indivíduos - tendo em vista que linguagem também é resultante da ação - as plataformas sociais serão uma arena de batalha, uma esfera público/privada de constante enfrentamento, conflito e resistência. Do mesmo modo que esse conflito é parte do próprio dispositivo discursivo dessa tecnologia do poder, precisamos compreender seus mecanismos e,

para além disso, precisamos entender as plataformas onde a conflitualidade se reproduz e como cada uma delas serve para moldar essa sociedade de descontrolo.

Todos elementos apresentados, a desigualdade de classes, o racismo, violência de gênero, são elementos subjacentes de uma sociedade desigual, produzida por múltiplas estruturas que atravessam os indivíduos, que se tornam mercadorias de engajamento nas plataformas de redes sociais. O descontrolo se torna dispositivo de subjetivação do comportamento nas redes sociais, que agora atua com os efeitos emocionais que causam em seus usuários, a informação circulada só é engajada a partir de uma posição afetiva, como poderá ser percebido mais à frente. Essa engenharia social transfigura as relações traçadas nas plataformas no que poderia ser chamado de bolhas, a própria noção de bolha precisa ser repensada, pois essas estruturas funcionam como um circuito onde o fluxo de informação atravessa os usuários. O que entendemos por bolha cria uma noção que as informações ficam aprisionadas dentro de um fluxograma interno sem imposição externa, mas o processo ocorre à parte de uma direção. A empresa direciona o fluxo, cria um curto-circuito alimentado de fora da bolha, aumentando o circuito conforme os usuários se engajam em determinadas informações.

Isso reconfigura as gramáticas sociais de redes, já que antes a militância era traçada no controle de fluxo, pelos movimentos para os movimentos, agora é atravessada pela engenharia de uma grande empresa. É importante saber que quando produzimos alguma coisa nas redes sociais, elas alcançam outras pessoas a partir do que é definido pela empresa gerenciadora, que precisa do engajamento para lucrar, do mesmo modo que o ódio se tornou moeda de engajamento, alterando as práticas políticas, sociais e culturais de movimentos políticos diversos. A polarização faz parte da estrutura das plataformas de redes sociais, ela é o motor da produção de lucro.

2.2 A formação da Comunidade como Cultura

Yo stoy curado, anestesiado. Ya me he olvidado de ti. Hoy me despido de tua ausencia. Ya stoy em paz.

Manu Chao. La Despedida.

Comunidade, comum, local comum, o ciberespaço era compreendido como o retorno a esse lugar comum, um espaço passível de aglutinação de pessoas, discutindo diversos

assuntos, compartilhando dados, arquivos, experiências. Esse era o conceito de rede social pensando por volta dos anos 2000, já que até então o uso da internet era direcionado a fóruns especializados, sites, salas de bate papos, que permitiam conversas em tempo real, diferente dos e-mails que requeriam um tempo a mais. A concepção de redes sociais era fundir fóruns, com sala de bate papos e BBS em um só local, com um espaço comum para deixar mensagens públicas para os usuários, um espaço para mensagens mais privadas, o compartilhamento de arquivos como fotos. Parece uma obviedade, mas o formato da internet não foi sempre esse, não havia uma plataforma que reunia a cada momento fotos, mensagens, notícias, conversas em tempo real. É justamente esse conceito que modificará a estética do ciberespaço.

No Brasil, o processo de inclusão digital, impulsionado por políticas públicas de governo, nos anos de 2004-2005 fez com que uma estrutura de conexão, para formar um ciberespaço de domínio Brasileiro, crescesse. Nosso domínio crescia através de portais como o IG¹⁵, ou UOL¹⁶, porque na medida em que o investimento em difusão de computadores e acesso a bens de consumo digital avançavam de maneira gradativamente no Brasil e no mundo, o acesso a câmeras, celulares, laptops se tornou cada vez mais acessíveis a uma parcela considerável da população brasileira. Mesmo com as desigualdades estruturais, o processo de "inclusão social" se tornou pauta na primeira década dos anos 2000 no Brasil.

Pode-se elencar dois fatores, dentre diversos: primeiro, uma política pública de acesso a bens de consumo assumida durante a gestão do governo do Partido dos Trabalhadores, executada pelo presidente Lula, que criou acesso tanto às chamadas mercadorias brancas - eletrodomésticos e eletrônicas - quanto estruturou a energia elétrica, ampliando a rede elétrica no país por consequência da fibra ótica e transmissão via satélite; o segundo fator, é também o avanço das megacorporações de comunicação que passaram a gerir as redes de comunicação, promovendo a construção de uma infraestrutura móvel que permitiu o uso de celular e sua popularização, tanto como um signo de prestígio, como mais tarde se tornando item básico, tendo em vista que as redes de telefonia fixa, privada e pública foram gradativamente desmanteladas e desarticuladas.

Nesse contexto, o computador, o celular e o modem foram gradualmente incorporados na privacidade do lar, em primeiro momento dentro do ambiente de classe média, depois,

¹⁵ Internet Group, provedor de internet brasileiro de banda larga e de acesso discado à internet, comprado pela Brasil Telecom em 2004, mais tarde sendo adquirido pela OI empresa de telecomunicação.

¹⁶ Empresa brasileira de conteúdo da internet, que faz parte do conglomerado do Grupo Folha.

conforme as redes wireless e lan house se tornaram parte da lógica da cidade, a classe popular passou a ter acesso restrito a um tipo de internet, muitas vezes mais lenta e precarizada, todavia que permitia o processo de incorporação de códigos, valores e símbolos sociais que circulavam na internet, por 1 real você poderia ter acesso a 1 horas de internet em uma lan house. Conforme a estrutura de rede móvel foi avançando, as corporações passaram a monopolizar esse tempo.

É justamente nesse contexto que surgirão duas redes sociais importantes que mudarão o formato do ciberespaço Brasileiro, vamos nos deter sobre uma primeiramente, o Orkut. A rede social recebe o nome de seu fundador Orkut Büyükkökten, que colocou no ar a rede em 24 de janeiro de 2004. O alvo do criador da rede social era os Estados Unidos da América, mas é no Brasil e na Índia onde a rede social iria crescer, alcançando a marca de mais de 30 milhões de usuários¹⁷.

O Orkut era organizado para a formação de comunidades, o usuário teria um perfil onde poderia receber mensagens públicas chamadas de scraps e mensagens privadas que poderiam se tornar públicas, caso o usuário desejasse no menu depoimentos. O usuário tinha um quadro de mensagens onde recebia os scraps de conhecidos e amigos, os perfis eram públicos ou privados, nesse caso para poder deixar um scrap em um perfil privado era necessário primeiro receber um convite ou enviar um convite de amizade e ser aceito pelo outro usuário.

A dinâmica era simples, as comunidades funcionariam como os fóruns, cada usuário possuía um repertório de comunidades das quais participava ou tinha afinidades, todo tipo de comunidade era possível, desde as destinadas a troca de arquivos, a destinada a discussões particulares. Os usuários também podiam ser avaliados por outros usuários, podendo receber um coração - no caso de ser atraente, uma cara feliz - no caso de ser confiável e uma pedra de gelo - caso fosse legal. Era possível qualificar as amizades como *desconhecido*, *conhecido*, *amigo*, *bom amigo*, *melhor amigo* em uma lista de amizade que era disponibilizada pela plataforma.

O mote principal eram as comunidades, que possuíam um criador e mediadores, que tinham o poder de apagar tópicos, mensagens e eventos que julgassem inadequados para a comunidade. Dessa forma, dentro do ciberespaço, pequenos nodos ciberespaciais eram criados

¹⁷ www.orkut.com

em que quantidades variadas de usuários interagiam, trocavam ideias, marcavam encontros, ou apenas se juntavam a uma comunidade por afinidades ou gostos.

Em 2008, a sede do Orkut foi transferida da Califórnia para o Brasil, devido a quantidade de adesão da população brasileira à plataforma. Nesse período, algumas mudanças ocorreram na plataforma, ela passou a informar aos usuários quem havia visitado nas últimas 24 o seu perfil. Isso tinha a função de monitorar as interações de cada usuário, também foi incorporado a função de mensagens diretas, uma espécie de bate papo que permitia interação em tempo real, elas ficavam localizadas no canto inferior da tela principal. O *messenger* tinha o objetivo de manter uma conversa direta, particular e instantânea entre dois usuários, claro que era possível conversar com mais de um usuário ao mesmo tempo, mas a conversa era direta entre dois usuários apenas, sem a criação de conferência ou grupos de bate papo. Com o avanço da telefonia móvel e do *smarthphone*, um aplicativo de celular foi desenvolvido.

O Okurt reúne todas essas funções em um só espaço, vale a pena citar ele, apesar de ter parado suas atividades em 30 de setembro de 2014, por dois motivos. Ela definiu um tipo de comportamento de reprodução do cotidiano em rede pelos seus usuários, fotos de festas, passeios, fotos do dia a dia, eram todas postadas em álbuns, algo que mais tarde se tornaria essencial para outra plataforma, o Instagram. Notem que esse tipo de comportamento só é possível com o avanço das estruturas de rede móveis e de wireless, mas é fundamental para entendermos como o particular se tornou objeto de interesse de grandes corporações. Em segundo lugar, é no Orkut que os primeiros eventos de discurso de ódio começarão a se manifestar, as comunidades que serviam para discussões, também serviram para aglutinar pessoas, grupos que buscavam visibilizar suas identidades, como grupos indígenas, grupos negros, de mulheres, de feminismo, entre outros. Também surgiram comunidades nazistas, racistas, machistas que distribuiriam material, reuniriam pessoas com objetivo de atacar algum desses grupo em busca de visibilidade.

Dois casos específicos nos ajudam a entender o que mais tarde iria se proliferar pela internet, identificado como discurso de ódio, posto que o conceito de discurso de ódio também é um elemento relativamente recente, ele se constitui através de uma visão geral dos campos jurídicos, relacionados aos direitos humanos e a um debate no campo midiático sobre liberdade de expressão. Para critérios analíticos, consideraremos o *discurso de ódio* como o conjunto de práticas discursivas e linguísticas que visam deteriorar a identidade de grupos sociais através do uso do escárnio, da violência e denegação do outro.

No caso do Orkut, no domínio brasileiro da internet, podemos citar dois casos denunciados em que houve penalização por parte do Estado. O primeiro trata-se de um usuário que incitou diversas vezes o *extermínio da população indígena* em comunidades no Orkut, isso ocorreu entre novembro de 2004 e janeiro de 2005.

Um processo foi iniciado em 2007 pelo Ministério Público do Pará, o principal enunciado destacado na mídia foi "Deveríamos matar todos e passar a estudar a sua história". A comunidade contava naquele momento com 69 membros, de acordo com a notícia veiculada, todos os membros iriam ser investigados, e o sigilo das contas no Fotolog seria quebrado para inquérito. O nome da comunidade se chamava "Índios...Eu consigo viver sem". Após a quebra do sigilo, o Ministério Público divulgou mais alguns enunciados feito pelo usuário.

Quero deixar claro que não discuto com índios, mas sobre índios. Esses seres são incapazes e não tem como se responsabilizar por quaisquer discussões. Continuo defendendo a política americana em relação aos índios, vamos exterminá-los e depois estudar a sua linda história neste país promissor (PARÁ, 24 de agosto de 2009).¹⁸

O usuário foi penalizado em 2 anos de prisão, que foram convertidos em serviços comunitários junto a FUNAI e o pagamento de 20 mil reais. Os enunciados produzidos pelo usuário sintetizam um conjunto articulado de representações em torno das populações indígenas. Ao incitar a morte dessas populações, ele corrobora com a ideia de que esse grupo é, de alguma forma, *atrasado ou incapaz*. A defesa aberta de um extermínio da população indígena é transpassada por uma ideal de progresso dentro da dinâmica do capitalismo, que não reconhece a essa população os direitos íntegros a sua cultura, ao modo de vida e à identidade étnica. Existe uma transfiguração dos símbolos de luta, pois o direito a terra é transfigurado em *privilégios*, a identidade é transfigurada em *alegoria ou fantasia* e o indígena é aprisionado dentro de uma *representação mítica do passado*. Cada um destes elementos é subsidiado por estruturas do pensamento social, que mesmo que já tenham sido desconstruídas e continuem sendo desconstruídas em determinados setores - como na academia - ainda se perpetuam no imaginário popular.

O segundo caso, também emblemático, ao que indica esse homem administrava as seguintes comunidades no Orkut, *Coisas que odeio: preto e racista, Adolf Hitler Lovers, Sou Racista e Racista não, higiênico*. Além de propagar outros tipos de discursos de ódio, não citados pela reportagem, ele foi condenado há 4 meses e 24 dias de prisão, a pena foi convertida

¹⁸ Fonte: <http://www.mpf.mp.br/pa/sala-de-imprensa/noticias-pa/usuario-do-orkut-e-condenado-por-racismo-contra-indios>

a serviços comunitários. Nesse segundo caso, existe um intercruzamento com uma estrutura racista da sociedade brasileira com os ideais nazifascistas e, propriamente, neonazistas¹⁹. No mesmo período, o Ministério Público Federal de São Paulo entrou com ação contra outro usuário do Orkut por injúria racial e racismo, ele era membro da comunidade *Mate um negro e ganhe um brinde*. Na discussão da comunidade, ele fez saudações nazistas e a polícia civil, em uma ação, cumpriu um mandato de busca na casa do usuário, onde encontraram material de cunho nazista e matérias de grupos skinheads.²⁰

O intercruzamento com os ideais nazistas em comunidades da internet já é observado há algum tempo. A antropóloga Adriana Dias (2007) já indicava que uma mistura de revisionismo histórico, que constrói e ressignifica símbolos e mitos, coloca esses usuários como *heróis sob o léxico racial*, faz com que os indivíduos que sustentam os ideais nazistas se observem como uma resistência a uma conspiração sionista internacional que pretende acabar com *o homem branco*. Entre os sites pesquisados pela antropóloga e os usuários que partilham de ideias racistas - não necessariamente nazistas - o potencial de agregação em torno do tema e do discurso é grande. Ainda de acordo com Adriana Dias, em uma pesquisa realizada em 2018, no Brasil havia 105 mil usuários simpatizantes ao ideário nazista, mais de 45 mil sites nazistas no país.

Estamos diante de um nodo ciberespacial²¹, especificamente nazista, que encontra no contexto racista um campo para a proliferação de um ideário totalitário, os casos acima citados foram uma espécie de leves infiltrações de um rio subterrâneo que nunca foi impedido de correr.

Essas ações que o Ministério Público tomou em maio de 2009 e 2011 foram um conjunto de ações que o poder público tomou para enfrentar, inicialmente, o discurso ódio que já dava sinais no período do Orkut. É importante ressaltar que a rede social foi fechada em setembro de 2014, mas uma outra plataforma, a qual será um dos focos desse estudo, também irá aglutinar e radicalizar a emergência do discurso de ódio.

¹⁹ Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/05/justica-de-sp-condena-homem-por-racismo-no-orkut.html>

²⁰ Fonte: <https://www.conjur.com.br/2009-mai-04/mpf-paulista-denuncia-jovem-racismo-preconceito-orkut>

²¹ Nodo pode ser definido como um emaranhado de linhas que se atravessam e se concentram para fazer conexões, diferentes de um nó em rede que concentra um fluxo informacional intenso, um nodo é um campo subjetivo que atravessa as relações sociais entre membros de uma comunidade ao mesmo tempo que produz um fluxo de informação para fora da mesma comunidade. Diferente da bolha social, termo que se tornou mais popular nos últimos anos, que cria um aprisionamento comunitário, um nodo funciona como um espaço de interação e de acesso, que pessoas podem entrar e sair, enviar e receber informações de dentro e de fora. Enquanto um nodo ciberespacial pode ser construído pela própria comunidade, a bolha social é construída por algoritmos e pela plataforma de rede social.

2.3 As redes sociais como subjetivação

Um dos aspectos do mundo em que vivemos hoje é demarcado pelas tecnologias em redes. Busquei até aqui demonstrar como todo um contexto foi construído para a emergência de plataformas de redes sociais se tornarem elementos fundamentais para nossa sociedade ao longo dos últimos dez anos. Para tanto, faz-se necessário apresentar essas plataformas e seu papel na difusão de gramáticas sociais pelo mundo, e para esta pesquisa, mais especificamente no Brasil. Precisamos, para isso, compreender a trajetória histórica de uma das plataformas sociais que mais agrega usuários no mundo, seu surgimento se dá no mesmo momento que ORKUT, mas seus caminhos são diametralmente diferentes, estamos falando do Facebook.

O Facebook, em 27 de agosto de 2015 alcançou a marca de 1.000.000.000 (um bilhão) de pessoas inscritas na plataforma, hoje ela atinge cerca de 3,6 bilhões de pessoas no mundo. Somando todas as plataformas que formam o conglomerado da companhia Facebook (WhatsApp, Instagram e Messenger) ela alcança cerca de 35% da população do planeta com propagandas, produtos e todo um conjunto de derivados. O Facebook surge em 04 de fevereiro de 2004, como uma rede social voltada para universitários, de acordo com Kirkpatrick (2011), o site surge de duas ideias desenvolvidas por Mark Zuckerberg, um aplicativo de relacionamento que visava ajudar as pessoas a escolher as disciplinas que cursariam em cada semestre por afinidades, fazendo com que colegas, amigos, conhecidos que fariam uma mesma disciplina pudessem se sentir mais à vontade para escolher que disciplina fazer no semestre, chamado Course Match.

Outro programa, que de acordo com mesmo autor, se iniciou a partir de uma brincadeira pós fim de namoro foi o Facemash. Zuckerberg pegou diversas fotos de pessoas e organizou para uma espécie de "concurso de beleza", em que cada pessoa que acessava a foto poderia aprovar ou desaprovar a pessoa da foto, fazendo com que uma avançasse até o topo e outra retrocedesse, ele chamou de Facemash, era uma "brincadeira" que elaborou depois que sua namorada terminou o relacionamento. Ocorre que para essa brincadeira, o desenvolvedor precisou hackear os arquivos e documentos de 4 setores da universidade de Havard, tendo em vista que, como a universidade estava implementado um Facebook eletrônico naquele ano, possuía fotos digitais em servidores. Ambos os programas foram um sucesso no campus, o segundo resultou em um processo interno brando contra Zuckerberg.

A importância dessa história é que ambos os projetos acima citados envolviam um uso de tecnologia a partir de *engenharia social*. Em termos gerais, envolve um determinado programa, ou aplicativo, ou arquivo que é acionado a partir do comportamento humano. Ele necessita da ação humana ou da interação social humana para ser executado, de certa forma o indivíduo se torna o próprio exploit de ação do programa, tendo uma invasão silenciosa de dados particulares que fazem com que as redes funcionem. É importante ressaltar que o termo *engenharia social* é comumente relacionado a algum tipo de ação hacker de invasão ou de roubo de dados. Todavia, nesse sentido, as redes sociais e a engenharia social andam lado a lado, pois o mesmo conceito se aplica.

Uma rede social faz com que pessoas com afinidades, ou algum vínculo de amizade se vinculem para trocar informações e se comunicar. Ocorre que para isso aconteça, uma linha de programação é realizada para agrupar dados que funcionam para aproximação desses indivíduos. Nos casos acima apresentados, o Course Match só funciona quando as pessoas adicionam publicamente que curso ou disciplina irão fazer no semestre, conforme outras pessoas vão agregando, o sistema começa a funcionar, as próprias pessoas se tornam linha de programação para executar o objetivo final, que no caso é fazer com que as pessoas se sintam à vontade para fazer uma disciplina com conhecidos. No caso do Facemash, através das fotos votadas pelos universitários, determinadas pessoas ascendiam dentro de uma escala de relações sociais interpessoais, enquanto outras passavam as ser marginalizadas. De todo modo, as linhas de programação são dadas pelos próprios usuários e o conceito de interatividade humana é instrumentalizado para um objetivo comum, geralmente sob a égide do lazer.

Na tarde de uma quarta-feira, 4 de fevereiro de 2004, Zuckerberg clicou em um link na sua conta da Manage.com²² e o TheFacebook.com entrou no ar. A tela inicial dizia. "O TheFacebook é um diretório on-line que conecta pessoas por meio de redes sociais nas faculdades. Abrimos o TheFacebook para uso popular na Universidade de Harvard. Você pode usar o TheFacebook para: procurar pessoas na sua faculdade; descobrir quem está no mesmo curso que você; procurar amigos dos seus amigos; ver uma representação visual de sua rede social (KIRKPATRICK, 2011, p. 32).

O TheFacebook era inicialmente um site de rede social universitário. Nesse mesmo período, diversas universidades estavam desenvolvendo ou já tinham desenvolvido redes sociais de interação dos alunos, todavia o TheFacebook apresentava algumas características particulares, a primeira se refere ao fato da necessidade de ser amigo de alguém para poder ser

²² Empresa responsável por ceder servidores para alojar o site TheFacebook

convidado para rede, esse caráter de "exclusividade" fez com que a procura por se inserir na rede fosse aumentando exponencialmente. O engajamento era feito através de e-mails, você recebia o convite para poder entrar na rede, isso permaneceu por muito tempo, mesmo quando ela deixou de ser exclusivamente universitária. Outra característica importante é a possibilidade de formação de grupos - no caso do Orkut eram comunidades - de interesse pessoal, até os dias de hoje o Facebook ainda tem como motor principal a formação de grupos de interesses, diferentes de outras redes sociais que possuíam apenas quadros de mensagens no modelo BBS, ou mesmo direct de mensagens aos moldes AIM²³ - mensagens diretas são enviadas para o usuário, a formação de grupos - como fóruns de discussão - era de maneira muito simplificada. Os estudantes formavam grupos para a disciplina, grupos para lazer, grupos de trabalho, esse potencial fez com que o TheFacebook, depois de três semanas de lançamento, chegasse à marca de seis mil usuários²⁴.

Não cabe entrar nos pormenores do avanço do Facebook, sabemos que ele viria a se tornar a maior plataforma de redes sociais do mundo, tanto por seus fundadores terem as conexões certas para tornar o TheFacebook em um negócio rentável, quanto pelo avanço agressivo de seus fundadores em relação ao mercado de redes sociais. Entre eles, além de Mark Zuckerberg poderíamos citar também os colegas de quarto Dustin Mosolovitz - que passou a ser o segundo programador do site na época de sua gênese; Chris Hughes, responsável por ser o porta voz e o vendedor do projeto para outras universidades durante muito tempo; e Eduardo Saverin, financiador original do projeto, economista, filho de um empresário brasileiro do ramo de importação, durante os primeiros anos do site foi responsável pela captação de investimento publicitário no TheFacebook.

A rede social se tornou um espaço de investimento seguro para muitas outras empresas, o público universitário estadunidense era potencial consumidor de marcas de cartão de crédito, roupas, viagens e as propagandas causaram um efeito deveras positivo. Em pouco tempo, diversas empresas disputavam para anunciar no TheFacebook, conforme o site ia ampliando e *derrotando* possíveis concorrentes, isso é atribuído a uma expansão controlada, idealizada por Zuckerberg e Moskovitz, que se preocupavam em expandir o número de usuários, ao mesmo tempo que expandiam o número de servidores.

²³ Empresa que trabalhava com mensagens em tempo real, para distribuição de arquivos de música.

²⁴ KIRKPATRICK, David. *O efeito Facebook*. 2011, p. 36.

Claro que a estratégia de avanço traçada pelos fundadores do Facebook contribuiu para sua expansão, mas havia também um contexto de produtivo, uma sociedade informacional que permitiu que essa plataforma continuasse crescendo exponencialmente, agrupando, inclusive, outros aplicativos e outras redes sociais, como o WhatsApp e o Instagram, tornando-se um conglomerado que reúne não apenas serviços de comunicação, mas streamings, campos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Tudo isso permitiu que a plataforma fosse fundamental para a construção de novas formas de fazer política no mundo.

No Brasil, o Facebook ultrapassou no número usuário do Orkut em 2012, bem como superou todas as outras redes sociais no mesmo período na América Latina. Isso significa dizer que ela se tornou a rede social hegemônica em nossa região do mundo, tanto que em uma reportagem da EBC²⁵, em 12 de dezembro de 2012, relata que, apesar do Facebook já se encontrar presente no Brasil antes dessa data, em 2012 ela se consolidou como principal rede social, tendo nessa época cerca de 34 milhões de usuários registrados.²⁶

De acordo com relatórios da ComScore²⁷, o aumento foi cerca de 127% em relação ao ano de 2011, isto é, o dobro de usuários se engajou nessa rede social no período de um ano. Nesse momento, surgirão uma variedade de páginas e grupos voltados para assuntos diversos, entre eles, grupo de coletivos sociais, institutos, e os mais diversos tipos de ativismo encontrarão nessa plataforma um meio de se organizar e trocar informação. Redes nacionais e internacionais se formarão, na mesma medida em que grupos conservadores, antifeministas, supremacistas raciais, vão encontrar nesse espaço um terreno fértil para a difusão de suas ideias.

Em 2014, quando iniciei as primeiras incursões para compreender como se desenvolvia o discurso de ódio na internet, em uma pesquisa chamada *O Discurso Político do Estigma: processos fascistas, machistas e homofóbicos em redes virtuais*, me deparei com dezenas de páginas que veiculavam discursos de ódio contra grupos políticos em luta por reconhecimento de seus direitos, identidades e práticas sociais. Os critérios de escolha naquele período perpassaram o fato de alguns desses blogs, páginas, canais e sites estarem em *nós de rede*, isto é, eram produtores de conteúdo que estavam no intercruzamento entre os usuários

²⁵ <http://www.ebc.com.br/noticias/retrospectiva-2012/2012/12/retrospectiva-2012-facebook-se-torna-a-rede-social-mais-acessada>

²⁶ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/facebook-passa-orkut-e-vira-maior-rede-social-do-brasil-diz-pesquisa.html>

²⁷ Empresa do ramo publicitário, que monitora e faz análise de mídias digitais e redes sociais. <https://www.comscore.com/por/Insights/Press-Releases/2012/1/Facebook-Blasts-into-Top-Position-in-Brazilian-Social-Networking-Market>

que divulgavam suas postagens e outras páginas que usavam estas como referência. Em 2014, havia uma blogosfera muito mais presente que nos dias de hoje, pode-se dizer que de 2014 para 2019 houve um salto quantitativo e qualitativo nas produções na internet, muito impulsionado pelas plataformas de redes sociais, como o Facebook, Instagram, Twitter e Youtube. Boa parte das páginas que estudei não possuíam uma homepage no Facebook ou mesmo um grupo, mas algumas já davam indícios que migrariam para a plataforma.

Ocorre que boa parte dos blogs daquele período, responsáveis por propagação de discurso de ódio, de deterioração de identidade e instrumentalização do estigma, tiveram suas páginas derrubadas, ou migraram para grupos fechados e secretos. Algumas, no entanto, continuaram, por dois motivos, primeiramente algumas páginas se utilizaram da política de comunidades do Facebook, sob a égide da liberdade de expressão, continuam alimentando um discurso de ódio, utilizando-se da piada como mecanismo de justificação. Nesse sentido, um conceito é desenvolvido para justificar todo tipo de violência, que mais tarde pretendo tratar de forma mais aprofundada, que em português de chama *zoeira*.

É interessante porque essa palavra que define uma prática "inocente" ou mesmo algo "confuso", é acionada para justificar os discursos que visam atingir um grupo minorizado específico. Ao redor dela, rotacionam-se outras como o "politicamente correto" e as "patrulhas ideológicas" e, sob o escudo da comédia, muitas dessas páginas defendem-se de qualquer denúncia. A política pouco clara do Facebook sobre seus grupos não parece lançar sanções sobre essas páginas, isso envolve uma segunda estratégia usada por essas páginas para se manter no ar, trata-se de migração para servidores de outros países, como a Rússia, para evitar ações sobre a página em nível nacional, já em 2014 essa prática era comum em algumas páginas pesquisadas.

O ambiente virtual ou o ciberespaço brasileiro modificou-se muito nos últimos dez anos, de modo que, nos últimos cinco anos, houve uma mudança drástica impulsionada pelas plataformas. O Instagram e o WhatsApp modificaram, inclusive, a forma de usar o Facebook, sem contar a persistência do Twitter que permitiu que ele continuasse pautando debates políticos no mundo, ou mesmo a emergência do Reddit, uma rede de debates contínuo de onde originalmente vem os leaks de todo tipo, de vazamentos da política internacional a vazamentos de produtos como jogos, filmes, séries. A política leak modificou e impulsionou, sobretudo, as normatizações acerca dos direitos autorais e da segurança digital no mundo inteiro.

Nesse mar, onde cada ilha é uma corporação que visa agregar o máximo possível de usuários, o Facebook emerge como um centro gravitacional por onde passa um conjunto de informações, mas diferente de páginas que propagam ódio, temos o perfil e personalidades agregando todo o tipo de discurso e instrumentalizando-o para influenciar usuários. Essa mudança na dinâmica requer que também mudasse a metodologia implementada, para isso, os nós de redes que em 2014 se concentrava em páginas, muitas vezes, produzidas por pessoas anônimas, são desmontadas e reconstruídas em perfis, como de Olavo de Carvalho, Eduardo Bolsonaro, Alexandre Frota, Movimento Brasil Livre, Jair Messias Bolsonaro. Todos se tornaram personalidades que encontram, nesse conjunto de discursos de ódio empreendido contra populações minoritárias, espaço para construir uma carreira política que se solidifica nas emoções coletivas negativas, no ódio à democracia. Ao invés de transformação, temos uma reação e a estruturação de uma política neoliberal conservadora, disfarçada de livre comércio.

No contexto brasileiro, a difusão dessas ideias fez com que páginas perdessem força, mas grupos de Facebook se tornassem cada vez mais fortes bem como houvesse maior utilização de grupos de WhatsApp. Este é um aplicativo de envio de mensagens, escritas e de áudio, criado junto com a empresa de mesmo nome em 2009, popularizou-se a partir de 2012, como um aplicativo de smartphone, foi adquirido pelo Facebook em 19 de fevereiro de 2014. É um aplicativo que vincula sua conta no WhatsApp a um número de telefone, de modo que cada número de telefone possui um WhatsApp, mesmo que um aparelho possua mais de um número ou chip, o número registrado vincula-se ao aparelho utilizado para uso, então, em tese, isso o tornaria altamente seguro.

Para que ele possa funcionar, o aplicativo sincroniza toda a agenda interna para localizar outros números vinculados ao aplicativo, para realizar a comunicação. Apesar de podermos citar o WhatsApp, existe uma dificuldade analítica em acessar materiais produzidos por grupos nesse aplicativo, já que ele é mais particular que o ciberespaço de plataformas como Facebook e Instagram. Por isso, na presente pesquisa, vamos priorizar essas outras plataformas, mas iremos citar o WhatsApp para explicar determinados contextos, como as Eleições de 2018, que tiveram, no aplicativo, uma profunda disputa por votos.

O Instagram foi lançado em 06 de outubro de 2010, inicialmente para IOS do Iphone - smartphone da Apple - anos depois passou a ser distribuído também para o sistema Android. Em 2012, a empresa da rede social foi comprada pelo Facebook por 1 Bilhão de dólares, no mesmo ano a rede social atingiu a marca de 80 milhões de usuários. No Brasil, o aplicativo hoje

conta com 66 milhões de usuários, também ele é palco de um novo comportamento publicitário, haja vista a emergência de influencers ou Instagramers, pessoas que são apoiadas por empresas para vender, divulgar e difundir informações sobre seus produtos. Consequentemente, também no Instagram vamos encontrar perfis vinculados a páginas ou personalidades que encabeçam debates políticos, mas com uma dinâmica diferente dos grupos de Facebook, em virtude de as discussões seguirem em torno da individualização dos perfis. Cada perfil mobiliza uma quantidade de seguidores, que fazem com que determinado assunto entre em pauta de modo geral no Instagram. Não há grupos, fotos e vídeos são o ponto central que movimenta essa rede social.

O Twitter foi fundado em 2006, trata-se de uma rede social voltada para o chamado Microbloggin - uma espécie de postagens curtas, com 280 caracteres - onde você pode expressar opiniões, passar informações, compartilhar links, vídeos, fotos, é uma rede dinâmica e muito mais rápida que o Facebook e o Instagram, o que pode causar estranheza para usuários novos, mas é justamente no Twitter que surgiu o dispositivo de hashtag, ou pelo menos é nesse espaço que ele se popularizou. Uma hashtag é um conjunto de palavras que resume uma ideia ou informação, consequentemente toda postagem vinculada às hashtag pode ser acessada por outras pessoas. Isso proporciona que achemos com mais facilidade todos os comentários sobre um assunto e, ao mesmo tempo, serve para dar um senso de coletividade, já que ela também não trabalha com grupos, as discussões são públicas, mas são feitas entre perfis de usuários, com comentários de qualquer um que siga sua conta.

Atualmente essas são as principais plataformas e rede sociais que formam o ciberespaço brasileiro, mas há também outra plataforma importante para compreendermos o cenário da cibercultura brasileira, trata-se do Youtube, uma empresa comprada em 2006 pela Google, é uma plataforma de divulgação de vídeos, que funciona atualmente, também, como serviço de streaming²⁸. Foi fundada por ex-funcionários da Pay-Pal, nela você envia um arquivo de vídeo para ser transmitido, como um canal de tv, mas cada pessoa que possui um conta pode enviar, criando uma diversidade de canais, produtores, reprodutores e todo o tipo de informação pode ser conseguida atualmente no Youtube.

Essa constelação de empresas domina de forma hegemônica o ciberespaço brasileiro, se nos primórdios da internet, o medo de um mundo dominado por grandes corporações cercava os seus fundadores, hoje essa realidade se torna quase que impassível de ser contestada,

²⁸ Uma transmissão ao vivo ou em tempo real de um determinado local, ou programa, ou jogos.

tamanho é a adesão da população a esses serviços - entendidos como gratuitos - oferecidos por essas empresas. A vinculação a esse modelo caminhou lado a lado com as políticas de inclusão digital, com a popularização de bens de consumo de telecomunicação, como celular, o computador, aliados a uma estrutura de sinal sem fio que permitiu a tecnologia wireless ser difundida em quase toda as partes do país e do mundo.

Nesse sentido, compreender o ciberespaço é sempre fazer um movimento de análise de contextos próximos e contextos distantes, tendo em vista que barreiras nacionais não são suficientes para compreender como determinado contexto local é produzido socialmente, como usuárias e usuários de regiões diferentes vinculam-se, ou como a nacionalidade pode se tornar elemento agregador de determinado grupo virtual, ou mesmo como gênero, raça e classe, marcadores fixos de relações estruturais, são os únicos elementos que não variam nesse mar de possibilidades. Se antes falávamos de um rio subterrâneo, podemos dizer que esse rio chegou a um mar, mas nosso papel aqui não é entendê-los por si, mas compreender o número de indivíduos que por eles passam, que deles se utilizam e como esse conjunto de práticas reforçam um tipo de governamentalidade.

2.4 Efeitos e discurso Neoliberal nas redes sociais

[...] O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a *forma de nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos (DARDOT e LAVAL, 2016, p.16).

Enquanto sociedade, entregamos às corporações o direito de fazer o que bem entenderem com nossas informações. Quando falo nossas informações, estou falando de todo tipo de produção de comunicação que efetivamente produzimos enquanto seres humanos, não somente arquivos de trabalho, como gostos pessoais, tendências particulares, pulsões inconscientes de nossa existência, que proporcionam uma clusterização²⁹ e decupagem³⁰ da vida cotidiana. Para que isso possa ocorrer, faz-se necessário um processo de automatização da vida cotidiana, que não se deu nos últimos cinco anos, é uma pressuposição da própria divisão

²⁹ É a função de dividir a população ou pontos de dados em vários grupos de proximidade, fazendo com que um contingente populacional que compartilhem semelhança em seus dados possam ser agrupados, para que se possam ser traçadas estratégias de comunicação em massa com contingentes particulares.

³⁰ É a divisão de um roteiro em cenas, planos, quadros para criar um filme ou peça audiovisual.

social do trabalho no século XX, que se vincula com formas específicas de organização do mundo do trabalho, aprofundada com o toytoismo. Quando se desencaixam as sequências de produção em divisões específicas de produção, para que um produto possa ser montado, faz-se necessário um método, ou melhor, uma estratégia de automatização que garanta que todas as peças unidas possam finalmente chegar ao produto final.

A automatização da vida envolve um conjunto de dispositivos incorporados pelos indivíduos, em processos fragmentados que elevam o movimento de alienação do mundo do trabalho para a vida cotidiana do indivíduo, em que a vida particular se torna cada vez mais pública, até que se torna indiscernível o público do privado. As plataformas de redes sociais são os efeitos desse dispositivo, o engajamento de tantas pessoas a esse modelo de relações virtuais é parte projetado pelas corporações responsáveis pelas plataformas, mas pertence também a um modelo de vida que torna o empreendedorismo mote fundamental, de desregulamentação de mercado, de precarização e flexibilização dos direitos trabalhistas, pois esse modelo de sociedade neoliberal transforma pessoas em fragmentos especulativos, potenciais fontes de lucro que podem trabalhar, mesmo em seu momento de lazer.

Se ao final do século XIX e ao longo do século XX vemos que a cidade se organiza a partir do capital, o direito à Cidade proposto por Lefbvre é um reflexo de uma organização de mundo voltada para a produção do proletário encerrado somente na fábrica, negando seu acesso a outra cidade vivida pela burguesia, pela elite monetária. Ao final do século XX, temos esse acesso "liberado", todavia, para isso, uma disciplina docilizada é incorporada e reivindicada para o acesso. Quando a fábrica deixa de ser o espaço central de organização de disciplina, para onde esse dispositivo deslocou seu discurso?

Em uma sociedade informacional ou em redes, os espaços desencaixados são o ponto fundamental de produção de comportamento, de condução de população. Para isso, faz-se mister um esforço do grande capital para produzir uma realidade passível de incorporação, porquanto, na medida em que o mercado financeiro desmontava fábricas, deslocava capital para economias precarizadas. Assim, uma estrutura de comunicação se fez necessária para que as peças, as engrenagens virtuais deslocadas pudessem produzir mercadoria, também se deslocou o modo disciplinar, para uma política molecular que pudesse produzir e incorporar esse mundo, em que ter um trabalho formal é o grande sonho do trabalhador e da trabalhadora.

O computador, a rede, o smartphone, o palmtop são tecnologias de um mesmo dispositivo. O discurso tecnomeritocrático, o *código aberto*, a *liberdade de programar* são

efeitos desse dispositivo de automatização da vida, que se deslocou para dentro da vida privada, de modo que hoje o trabalho é uma simulação do cotidiano e é especulativamente lucrativo. Os feixes por onde eles se entrecruzam envolvem tanto o design de programação - como propõe Jaron Lanier (2010) - em um processo de aprisionamento tecnológico da subjetividade, a uma padronização do pensamento, que por consequência é também um aprisionamento da estética da vida cotidiana.

O processo de aprisionamento tecnológico é como uma onda alterando aos poucos o livro de regras da vida, eliminando as ambiguidades do pensamento flexíveis à medida que cada vez mais estruturas de pensamento são engessadas em uma realidade permanente [...]. O aprisionamento tecnológico, contudo, elimina as opções de design com base na facilidade de programação, no que é politicamente viável, no que está na moda ou no que é criado por acaso [...]. O aprisionamento tecnológico remove ideias que não se adequam ao esquema vencedor de representação digital, mas também reduz ou restringe as ideias que o imortalizam, eliminando a imperscrutável penumbra de significado que distingue uma palavra na linguagem natural de um comando em um programa de computador (LANIER, 2010, p. 25).

Esse aprisionamento tecnológico é reflexo de um tipo de política cibernética de encarceramento do mundo, de digitalização da vida privada e de uma memificação da linguagem. São três feixes segmentados de um mesmo discurso, dos quais precisamos compreender os efeitos desses dispositivos através desses processos, para que, dessa forma, possamos compreender como nos tornamos uma sociedade de indivíduos fragmentados e ao mesmo tempo uma sociedade encarcerada digitalmente.

Em 6 de julho de 2016, foi lançado para Smartphone um jogo chamado Pokémon Go³¹, a premissa era utilizar o conceito de realidade virtual avançada, que projetaria os Pokémons na realidade para serem caçados com pokebolas a partir dos smartphones, que usavam as câmeras do celular para poder caçar esses animais virtuais em espaços reais, fazendo com que pessoas tivessem que andar por vários lugares da cidade para achar Pokémons específicos. Nas primeiras semanas, o jogo foi uma febre, levando número grande de pessoas aos parques, às ruas para caçar Pokémons. Cerca de 750 milhões de pessoas baixaram o aplicativo para seus smartphones, reunindo, até mesmo, multidões para caçar monstros específicos, como o *Vaporion* que reuniu centenas de pessoas no Central Park em 16 de julho³². Um simples

³¹ Pokemom Go se baseia em um anime que se tornou uma franquia de jogos, produzido pela empresa Nintendo, uma desenvolvedora japonesa, responsável por diversos jogos, como Super Mario Bros, o universo de Pokemom centra-se em circuito de batalhas entre animais com poderes especiais e treinadores pokemons, cujo protagonista caça animais para treinar em batalhas constantes.

³² <https://cenapop.uol.com.br/2016/07/18/118383-jogadores-de-pokemon-go-lotam-o-central-park-em-busca-de-um-vaporeon/>

"joguinho de celular", que, todavia, trouxe algumas implicações, entre as permissões que o aplicativo pedia, existia uma que envolvia o uso pelo aplicativo da câmera do celular e um registro georreferenciado da casa ou quarto do usuário, que em todo caso era feito pelos usuários do aplicativo sem questionamento algum, além do uso do microfone e acesso de dados como fotos e arquivos para "melhorar a experiência dos jogadores". Para o aplicativo funcionar, precisava de uma outra permissão que deixava o celular logado aos servidores da empresa.

A adoção meteórica e em larga escala do Pokémon e em larga escala do Pokémon Go, se deve ao uso agressivo de informações pessoais de usuários. Ao contrário do Twitter, Facebook e Netflix, o aplicativo requer acesso ininterrupto a sua localização e câmera (um verdadeiro estoque de dados sigilosos de usuários), conforme colocou um órgão fiscalizador de privacidade em carta aos órgãos federais. O mais alarmante ainda é o fato de que o Pokémon Go, da Niantic Labs³³, é gerenciado pelo homem responsável pela equipe que dirigiu, literalmente, o maior escândalo de privacidade na Internet, em que carros do Google, no percurso realizado para fotografar ruas para o recurso "Street View" dos mapas online da empresa, copiou secretamente os tráfegos de internet de redes domésticas, coletando senhas, mensagens de e-mails, prontuários médicos, informações financeiras, além de arquivos de áudio e vídeo (BIDDLE, 09 de agosto de 2016).³⁴

A coleta de dados é uma realidade presente em todo serviço cedido pelas plataformas de redes sociais. No caso desse escândalo, esses dados seriam vendidos para empresas de marketing para realizar o processo de análise de fluxo de dados, para clusterizar esses dados com um processo de georreferenciamento, a saber, o que não foi possível ser feito através do subterfúgio, foi feito de maneira "consentida" no aplicativo. Não apenas dados do usuário foram coletados, como os dados de pessoas com que os usuários interagem.

É importante ressaltar que a Google abre um precedente único no século XXI, no maior escândalo de roubo de dados da história, pois através do Google Maps, no processo de construção de georreferenciamento, o veículo do google view, usado para mapear as ruas da cidade pelo mundo, também capturava dados de informações de redes particulares, como senhas e protocolos de segurança, roubando a quantidade de fluxo de informação e acessos contido em roteadores particulares no mundo. A Google só respondeu juridicamente às localidades que acionaram e, com isso, inaugura um tipo de coleta de informação pautada no limite de quem descobrir que foi roubado, isto é, a empresa acredita que tem o direito de fazer tal ação, até o momento que for contestada, caso não seja, perpetua o processo de invasão de privacidade.

³³ Subsidiária da Nintendo, responsável pelo título.

³⁴ <https://theintercept.com/2016/08/09/ceo-de-pokemon-go-ja-era-mestre-em-capturar-seus-dados-muito-antes-do-jogo/>

As plataformas de redes sociais ou de e-mails, como a Google e o Hotmail, também usam termos de uso que acessam dados, tendências de pesquisa, de interação, para "indicar" marcas, em algumas empresas o uso do microfone é acessado para "aperfeiçoar a experiência do usuário". O Windows 10³⁵, através de jogos e aplicativos informa ao usuário que pode usar câmeras ou microfone e sua localização para "recomendar" determinados serviços e produtos. O Facebook, que inclui também o Instagram e WhatsApp faz o seguinte:

Coletamos o conteúdo, comunicação e outras informações que você fornece quando usa nossos Produtos, inclusive quando você se cadastra para criar uma conta, cria ou compartilha conteúdo, envia mensagens ou se comunica com outras pessoas. Isso pode incluir informações presentes ou sobre o conteúdo que você fornece (como metadados), como a localização de uma foto ou data em que o arquivo foi postado. Isto pode incluir também o que você vê por meio dos recursos que fornecemos, como nossa câmera, de modo que possamos realizar ações como sugerir máscaras e filtros de que você pode gostar, ou dar dicas de formatos da câmera [...] (FACEBOOK, 2019).³⁶

Isso é apenas o primeiro parágrafo do termo de uso de dados do Facebook, existem outros parágrafos que incluem a coleta do seu fluxo de dados, curtidas, grupos, outros usuários com quem interage, marcação em hastags, bem como o compartilhamento de toda informação pública cedida pelos usuários e informações suas coletadas de outros perfis, por exemplo, quando um colega de trabalho lhe marca em uma foto, ou cita seu nome, ou marca um local que você estava, o algoritmo coleta esses dados para a clauterização.

A sensação de uma distopia aos moldes do Big Brother do romance 1984 de George Orwell, em que os dispositivos parecidos com televisão escutavam e filmavam tudo, não importando onde estivesse. Ou Fahrenheit 451 de Ray Bradbury, que através das "tele telas", os personagens interpretavam novelas do dia a dia, para entretenimento dos vizinhos, usavam isso para que as pessoas perseguissem outras pessoas. Esse mundo já é muito próximo às distopias acima citadas, os *termos de uso* são apenas mecanismos para distorcer e para expropriar os dados pessoais para uso comercial.

O panóptico digital não se preocupa em vigiar ou disciplinar, mas através do descontrole busca transfigurar a vida em dígitos passíveis de lucro, deslocando o indivíduo em sujeitos digitais, produzindo cópias de nossas tendências, de nossos comportamentos políticos, afetivos, subjetivos transformados em mercadoria. Dessa vez, uma mercadoria específica,

³⁵ <https://support.microsoft.com/pt-br/help/10557/windows-10-app-permissions>

³⁶ <https://www.facebook.com/privacy/explanation>

particular, como um sussurro, você não sente, mas aquele livro que você conversou com um colega ou uma colega, aparece como sugestão, ou a abertura de uma nova livraria, ou sugestões de viagem, tudo pré-definido a partir do seu perfil financeiro, perfil comportamental, perfil político e perfil emocional. O conceito de *perfil* se torna instrumento de ação, de contenção. Ao digitalizar os espaços privados, os aplicativos não têm somente acesso ao tamanho de sua casa, mas às marcas daquilo que você consome, marca do smartphone, de livros, de filmes, tipos de comida que você consome, tudo em um clique.

O hábito de fotografar comidas, festas, coisas é incorporado e incentivado, a fotografia que tinha o potencial de abrir as possibilidades de horizonte subjetivo de outras realidades, agora é padronizada, aprisionada a uma mesma estética, ou estéticas definidas previamente, com filtros maiores ou menores, em preto e branco, vintage, coloridas, embranquecedoras. Em 28 de maio de 2018, o Google Lens foi lançado, trata-se de uma ferramenta de pesquisa que tem o objetivo de identificar algo para você, uma espécie de lente "mágica" que identifica um produto através da foto, capta as informações disponível sobre ele e dispõe para você, qualquer objeto, em tese, pode ser reconhecido, criando um banco de dados potenciais de acesso de produtos possíveis.

Mas fica a questão, o que são *dados digitais*? O que é a digitalização do mundo? Poderíamos dizer tratar-se da especulação de mercadorias para a produção de mais-valia em um mundo através de dados coletados, agrupados em banco de dados, de servidores secretos em algum lugar do mundo, em outras palavras, é todo o valor potencial de nossa vida capitalizado.

Outro efeito é a *memificação da comunicação*, o ciberespaço é o lócus de discursos, a comunicação perpassa o uso de imagens áudio visuais, emoticons, Gifs, quadros e desenhos de todo tipo. Os memes são um tipo de linguagem que buscam sintetizar uma mensagem em uma figura, que pode assumir diversas formas, pois quando mais rápida a dinâmica da comunicação, maiores são os usos de memes para informar ou comunicar algo, ou mesmo para atacar, ou resistir. Os usos são variados, contínuos e requerem um arcabouço simbólico cultural que permita a comunicação entre as comunidades. Esse processo de memificação vai se utilizar de imagens anônimas, de figuras famosas, de personagens, de eventos.

Nesse caso, diferente do uso das palavras, a interpretação requer que os usuários possuam um código comum,³⁷ não necessariamente a língua, pode ser expressões faciais, comportamentos, sons. Na verdade, é um campo imagético que faz com que seja possível a comunicação através de memes, ao mesmo tempo que permite uma velocidade de comunicação, também acaba por criar ruídos - muitas vezes propositais - na comunicação. A intensidade, ou a forma de se falar, é muito subjetiva, de tal sorte que uma frase pode ser dita de maneira mais áspera ou de maneira mais dócil, criando efeitos diferentes nos interlocutores a depender do modo. Os memes, em contra partida, não possuem esses modos, mas permitem um direcionamento emocional, considerando que não têm a função de comunicar diretamente, mas de forma indireta e causar efeitos emocionais.

O *thug life*³⁸, um meme famoso que consiste em óculos em 8bits, colocado na imagem de uma pessoa, possivelmente famosa, tem o objetivo de demonstrar que a pessoa que o está usando, de alguma forma, foi excepcional em uma área ou em alguma ação. No caso das fotos, os óculos já são colocados em cima da pessoa; no caso de vídeos, os óculos se aproximam aos poucos até chegar no rosto da pessoa, no momento em que este ou esta finaliza uma ideia, discurso ou fala. Ou um meme que visa comunicar estado de confusão, como o da *Nazaré Tedesco Calculando*, consiste em diversos cálculos geométricos e o rosto da atriz Renata Sorrah, que interpretou a personagem Nazaré Tedesco, vilã em uma novela popular chamada *Senhora do Destino*. Esse meme é famoso no Brasil devido às expressões que a atriz faz, por este motivo, também há outros memes feitos com a mesma personagem.

Em uma sociedade cada vez mais aprofundada pelo uso da imagem, como referência comportamental, com o uso de câmera para registro, compartilhamento, os memes se tornam cada vez mais profundos e diversos. Iremos ver exemplos mais concretos quando estivermos discutindo o uso destes nas páginas a serem estudadas nos capítulos subsequentes.

A discussão apresentada aqui teve o objetivo de demonstrar que existe um contexto de produção de conflitualidades, baseado em um tipo de normatividade política emergente de uma governamentalidade neoliberal. Como apresentado no primeiro capítulo, os processos de conflitualidades no ciberespaço perpassam a construção de micropolíticas individuais extremadas, tanto devido aos efeitos de uma automatização, digitalização, memificação e

³⁷ A língua é um código comum, todavia sua inflexão gera as variabilidades linguísticas, estabelecendo o modo como os grupos sociais se apropriam da língua. Ex: gírias e neologismos criados nas comunidades periféricas.

³⁸ vida louca

aprisionamento da vida, quanto do desenvolvimento de gramáticas sociais constituintes de um potencial político instrumentalizado pelas plataformas para fomentar um fim de diálogo, encerrando os indivíduos em um efeito de curto circuito.

O des-controle emocional, psicológico de discursos é acionado justamente para produção do lucro. O des-controle das escolhas, dos comportamentos, das vontades são administrados por um *termo de uso* que visa subtrair dos indivíduos sua liberdade de pensar em prol da liberdade de consumir. Veremos nos próximos capítulos que o consumo não trata apenas de bens materiais, mas de bens simbólicos compartilhados por grupos. Há de se considerar que esses bens simbólicos se manifestam em palavras que estão em disputa, por visões de sociedade diferentes em nível molecular, mas que para a plataforma, apenas permite a obtenção de mais lucro. A digitalização da vida privada se transfigura em potencial político e pequenos preconceitos cotidianos potencializam vontades de políticas de extermínio. Nesse capítulo vemos as ferramentas constituintes de uma infraestrutura de poder no século XXI.

O des-controle é uma dupla face dos efeitos discursivos de uma razão neoliberal, notem que primeiro o des-controle cumpre a função de expropriar o direito à privacidade, pois a automatização dos processos de acesso às redes sociais coloca o usuário em uma posição subalternizada às regras de acesso das empresas. E segundo, o des-controle aparente das redes sociais como um espaço de liberdade total, cria, também, uma cela perfeita para o aprisionamento de rotinas, para a digitalização da vida privada, que compõe parcela das práticas em redes sociais. Nos capítulos subsequentes, iremos debater a organização do campo das redes sociais no Brasil, para a produção de práticas, e as gramáticas sociais que constituem os campos de luta por reconhecimento e discurso de ódio, através de casos emblemáticos em que determinados conceitos e valores acionam e mobilizam comportamentos políticos e culturais diversos.

CAPÍTULO 3 - MUNDO EM COLISÕES: PLATAFORMAS SOCIAIS E CIBERESPAÇOS EM DISPUTA (2013-2016)

Toda tecnologia possui seu caráter social, mesmo os dispositivos de confinamento e isolamento social desenvolvidos ao longo da história da humanidade levam em consideração o outro. O progresso da internet, enquanto tecnologia de diversas tecnologias, nos colocou em um patamar de desenvolvimento em que ela se tornou essencial, reorganizou o mundo ao nosso redor, interferindo nas relações sociais, no modo como nos comunicamos, nos apaixonamos, nos odiamos, na forma como se desenvolvem lutas sociais³⁹. Sendo assim, deparamo-nos com uma nova forma de condução de pessoas, isto é, com políticas cotidianas equacionadas através dessas tecnologias.

Um conjunto moral de significados, de visões de mundo, de compreensão social se transfiguraram de forma extrema. Na última década, acompanhamos modelos de organização nas redes sociais que se tornaram hegemônicos, que passou a projetar comportamentos em massa e interações cotidianas gerenciadas a partir das plataformas sociais. Utilizo o termo de plataformas sociais para designar o conjunto de comportamentos, discursividades e sentidos que atravessam aplicativos, sistemas, programas, arquiteturas virtuais, tecnologias e redes sociais que atuam de maneira a reproduzir uma razão de mundo, que organizam e delimitam a ação da maioria das pessoas na internet.

Em 2014, quando iniciei pesquisas em redes sociais, com um projeto de iniciação científica, um modelo de comportamento nas redes ainda era baseado em sites e páginas, não necessariamente conectadas, mas ancoradas em plataformas, como Facebook, Youtube, Bloggers etc.. Mas foi possível acompanhar uma mudança na organização dessas páginas, que passaram a se conectar em diversos aplicativos, formando uma plataforma de comunicação, compartilhada e atuando em diversos ciberespaços ao mesmo tempo. Focado nas redes sociais, com a intenção de influenciar gostos, comportamentos e sentidos dos indivíduos, esse comportamento foi incorporado de maneira silenciosa, como apontado anteriormente, criando um aprisionamento tecnológico dos sentidos e do fazer. De forma silenciosa, as pessoas foram modelando textos, fotos, áudios e vídeos ao formato de cada aplicativo ou rede social, criando grupos de influenciadores, coachs, youtubers, Instagramers, influencers, que, cooptadas pelo

³⁹ Como apresentamos no capítulo anterior

mercado, passaram a fazer parte do fluxo de mercadoria e do sistema de produção, mas dessa vez atuando na produção da realidade.

Essa potência de realidade, introduzida por uma governamentalidade neoliberal, criou seus efeitos no cotidiano, na apresentação da vida cotidiana como mercadoria para vender mais mercadorias. As plataformas de redes sociais se tornaram a vitrine, onde o EU se tornou uma empresa de venda de si e de coisas; o marketing se tornou o instrumento central na ordem capitalista. Todos esses elementos interferiram na forma como os indivíduos constroem sua realidade, produzem seus sentidos e suas relações sociais pautadas através das tecnologias. O empreendedorismo digital se tornou um dos maiores mercados em crescimento nas plataformas sociais, a imagem de si se tornou a imagem da empresa, não apenas no espaço de mercado, mas no campo político. A forma de fazer política alterou-se, a forma de se relacionar modificou-se, os grupos da família se tornaram parte do cotidiano, grupos de hobbies. Os grupos de trabalho se tornaram espaços invasivos, que atuam na vida de cada um, a qualquer horário, em qualquer momento, se tornaram os espaços de reconhecimento e de construção de identidades, espaços de disputa e discordâncias, espaços de conflitos e conciliações.

Os mundos dentro dos mundos virtuais se colidiram, como o fluxo de sentidos que caminham em uma rodovia, hora ou outra colidem. Indubitavelmente, não há mais retorno possível, por isso se faz necessário se debruçar sobre as plataformas sociais para compreender o fluxo discursivo que constrói os sentidos de ódio e de reconhecimento. Para isso, busca-se realizar um caminho analítico pouco ortodoxo, mas necessário para compreender de que maneira o ódio - como categoria conceitual de desprezo, denegação e deterioração do outro - pavimentava o caminho para construção de um mercado e de uma política neoliberais em nossa sociedade.

É importante resgatar, nesse momento, os processos que levaram a essas mudanças estruturais ocorridas nas últimas décadas, a partir do material empírico produzido. A metodologia proposta por Cristine Hine (2000) de uma etnografia virtual é parte desse processo de compreensão, aliada a um movimento analítico pautado na análise do discurso foucaultiana (2005), cujos enunciados são analisados a partir da recorrência discursiva, da produção de seus efeitos que, no caso apresentado aqui, situa-se na denegação da identidade de outros, um Outro bem definido por grupos que partilham de sentidos particulares, visões de mundo comum, em que esse Outro se torna um entrave e ameaça seu modo de vida.

As seleções dos produtos midiáticos, nesse caso, caracterizados de sites, blogs, canais de vídeo concentram em si um conjunto de informações e fazem parte de uma rede de outros produtos que trocam entre si informações afins. Os sites escolhidos são, na verdade, nós informacionais (Castells, 1999) que estabelecem uma interatividade com outras redes de interação social e de troca de informação.

As redes que se estabelecem não se constituem somente de uma troca de informação pura, lembrando que no período em que vivemos, a troca de informação/conhecimento e as estruturas sociais são imanes de poder social, mas cabe apresentar inicialmente os produtos que compõem o presente objeto de análise.

ADHT: Defesa Hetero.Org.

Esse blog procura apresentar instrumentos jurídicos e argumentos políticos para que o seu público possa combater o que eles definem como *proselitismo e aliciamento de ativistas homossexuais*. O blog é construído pautado em argumentos que podem ser construídos para combater esse *ativismo gay*. Para cumprir tal objetivo, as postagens são voltadas para a construção de argumento de projetos de leis que estão em tramitação nas instâncias governamentais, noticiais religiosas e ícones de luta religiosas. O grupo que produz se define como sendo cristão.

Garotas Direitas: um blog para garotas de valores, que sabem conciliar beleza e inteligência

Inicialmente o blog parece voltado para moda, mas como a autora propõe, trata-se de instrumento de expor uma conciliação entre moda e inteligência. Na verdade, a sua posição se estabeleça por conta da *tendência feminista em se livrar dos grilhões masculinos*. Para a autora, conciliar inteligência e aparência significa tornar-se *mulheres de valores*. O blog também é anexado a uma página no Facebook, na qual a interação entre os posts se mostra maior em relação ao blog e serve como base de informação.

Homem de Bem: Contra a escória gayzista, limpando o lixo feminista, destruindo a imundice ateuista

Esse blog é voltado à construção do discurso de ódio contra ativistas LGBT, Feministas, pautadas em conservadorismo. O autor do blog é desconhecido e procura incentivar

ações violentas contra os grupos acima citados, como estupros, espancamento e violência física e simbólica.

Mulheres Contra o Feminismo: Orgulhosas e Feliz de sermos mulheres

O blog é voltado para apresentar as mulheres que combatem o feminismo, entendendo que esse movimento não representa as mulheres, que encaram o homem como *inimigo mortal*. Acreditam que o feminismo é uma teoria marxista extremista, que atenta contra os valores femininos.

Orgulho de Ser Hetero: um site de humor masculino

Orgulho de ser hetero começou no Facebook e em março de 2013 construiu um blog indexado, ampliando os posts, mas tendo, ainda assim, o mesmo produto. Este site conta com mais de 1 milhão de pessoas que curtiram, de acordo com sua descrição é voltado para o humor masculino, no entanto, por conta do número grande pessoas, esse site acaba sendo um verdadeiro fórum de compreensão da sociedade brasileira. É provável que boa parte da complexidade desse site não possa ser exposta, no entanto, o site é um espelho que daquilo que pode ser chamado de *masculinidade hegemônica*.

Orgulho 32 Carecas do Brasil: Conservadores a serviço da pátria, com informação útil e humor ácido nacionalista.

Essa página é voltada para a cultura nacionalista a partir do grupo Carecas no Brasil, um grupo de núcleo integralista, cabe ressaltar que a página é via para diversos outros produtos relacionados com o ideal nacionalista, como a página *Reacionários*, que também irei citar brevemente ao longo do trabalho.

Mulheres e Homens Unidos a Favor da Família e da Justiça.

A página visa ao público conservador, buscando estabelecer um ideal de família que deve ser seguido, seu público antagônico em sua maioria são as feministas e LGBT. Apesar da página não ser tão curtida ou divulgada, ela situa os principais debates que ocorrem na internet, nas redes de páginas conservadoras de modo preciso, o que torna essencial para compreensão da construção do discurso de ódio pautado em uma noção de família, justiça e vida.

Parada Hetero Brasil

A Parada Hetero Brasil defende que existe uma perda de direitos de uma parcela da sociedade em detrimento a uma minoria que deseja oprimir as pessoas heteros, sua luta é pela salvação da família. Entre os assuntos abordados pela página está a cura gay, o aborto, o avanço *esquerdista*. O posicionamento da página procurava estabelecer uma “resistência” ao avanço de uma *ditadura gayzista, feminazy e comunista* que se instaura no país, tendo o Partido dos Trabalhadores como esse instrumento de ascensão de poder.

Homens Brancos

Homens Brancos surgiu quase no final da pesquisa, com um conteúdo nazista, pregando o orgulho branco em detrimento da miscigenação e dos benefícios trazidos pelo Nazismo

A coleta dos dados decorreu-se em dias distintos, tendo os arquivos on-line dos produtos como instrumento de resgate de diálogos anteriores. A lógica desses produtos funciona diferente de outros tipos de interações sociais, os discursos ficam expostos em espaços virtuais de livre acesso a partir de um histórico de produções, por exemplo, pode-se, nesse momento, vasculhar o site ou blog a procura de postagens antigas e, dessa forma, delinear a construção de uma história social dos produtos a partir das postagens.

Para a compreensão das construções dos discursos de ódio, procura-se avaliar um conjunto de posts com base na interação de assuntos relacionados a outros grupos sociais. Busca-se, dessa maneira, verificar as percepções que os sujeitos consumidores/produtores desse site constroem em relação a pautas gerais, relacionadas à luta de direitos de outros grupos sociais, ou notícias debatidas que disparam dispositivos ideológicos de não reconhecimento que, pode ou não, gerar uma depreciação social do grupo analisado.

A coleta de dados se pauta na construção hipertextual de diversos sujeitos, gerando uma construção textual coletiva não coordenada, desenvolvida de forma estrutural pelas próprias regras dos produtos construídos. Por exemplo, em blogs se acompanham comentários deixados abaixo de posts; em páginas de rede sociais, acompanha-se a discussão de modo mais dinâmico, tendo comentário e resposta em cima de comentários de diversos sujeitos. A intenção não é analisar individualmente cada sujeito e ator que compõe o hipertexto, mas compreender o discurso coletivo que é produzido e expressado nesses espaços virtuais.

3.1 A defesa de ser Hetero (2013)

O blog da Associação para Defesa da Heterossexualidade, do Casamento e Família Tradicionais, representado pela sigla ADHT, se apresenta como um posicionamento contra o avanço de *ideais homossexuais* na sociedade. Em sua apresentação, estabelece que sua luta, enquanto associação é em prol das crianças e da família, defendendo-as do *aliciamento de ativistas homossexuais*. Ao se posicionar dessa forma, indica seu antagonismo político em relação à luta por reconhecimento de direitos desempenhada pelo movimento LGBT no Brasil. O site busca estruturar seu conjunto de postagens voltadas para que o público que venha acompanhar, possa instrumentalizar-se de modo jurídico e político contra valores que, em sua concepção, *deterioram o sentido de família tradicional*⁴⁰.

Os colaboradores dos sites se apresentam como cristãos e palestrantes que atuam junto a igrejas e ONGs, na recuperação de jovens homossexuais. O sentido de recuperação é associado de forma positiva, como uma espécie de *resgate* desses jovens de um lugar negativo, por conta de sua orientação sexual.

Nas ONGs que ajudamos, centenas de jovens que eram homossexuais, e estavam em tratamento foram libertos da prática da homossexualidade também, pela ação de Deus em suas vidas, ao conhecerem os princípios divinos sobre o nosso proceder como cristãos, contidos na Bíblia Sagrada (ADHT, 15 de janeiro 2014).

Três motivos são expostos como justificativa para a construção da associação: primeiro, trata-se de uma postagem realizada por um usuário da internet na página da associação a respeito de uma foto que encena uma família feliz, que o usuário chama esta família de gangue e no dia seguinte de quadrilha; o segundo, trata-se da tentativa de protesto em uma igreja de Copacabana⁴¹, tida como uma *invasão de mulheres seminuas* durante um culto; por último, apontam a fala de um palestrante em um seminário que, segundo estes, afirma *que poderia pegar em armas para defender seus pontos de vista e seus projetos*.

Esses três eventos que parecem delinear sua construção, indica-nos, também, que existe uma disputa por um ideal familiar como justificativa latente, pois nos três casos a referência a crianças e família estão intrinsecamente relacionadas no discurso produzido pelos

⁴⁰ Os trechos em itálico remetem ao discurso nativo encontrado no site, ou seja, são termos e enunciados produzidos pelos próprios produtores de informação das mídias estudadas.

⁴¹ Esse evento se refere a um eventual protesto que ocorreu durante a Marcha das Vadias de 2012 no Rio de Janeiro, quando um grupo realizou um protesto em frente a uma igreja católica em Copacabana. (<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/05/marcha-das-vadias-tem-tumulto-em-frente-igreja-em-copacabana.html>)

produtores desse site. Tanto que a logomarca da associação sugere esse ideal familiar representado, de um lado a figura de uma mulher e o outro um homem de mãos dadas.

Isso se relaciona com uma postura heterossexual, pois trata-se de um modelo normativo de comportamento e de relacionamentos idealizados por grupos conservadores a partir de uma representação de um tipo familiar particular. No entanto, apesar de não haver uma representação de uma criança na logomarca, o blog apresenta diversas referências que as crianças são sujeitos importantes nessas relações, por isso necessitam ser protegidas de uma ameaça externa que pretende influenciar e alterar os valores sociais desse grupo familiar ideal.



Figura 1 - Logo Marca da Associação de Defesa Hétero.
Fonte: <http://www.defesahetero.org/>, janeiro de 2014

A outra característica que se apresenta é a questão da religiosidade, ser cristão não se torna apenas uma questão de opção de crença, mas uma parcela da identidade representada no site. Em uma postagem, um suposto rapaz homossexual e cristão, fala a respeito do blog de modo positivo e bem articulado, a respeito de seu posicionamento contra aborto, mas de sua relação homoafetiva. Em resposta ao Rev. Alberto Thieme agradece pelos elogios ao site e, em seguida, busca esclarecer que as *práticas homossexuais* não condizem com o que está escrito na bíblia.

Eu, pessoalmente, vivi iludido durante alguns anos pensando que era cristão, mas praticava o que Deus não se agradava. Até um dia que Deus usou alguém para me dizer que eu precisava ter uma experiência profunda de entrega da minha vida a Cristo. Isto ocorreu em 2/11/1970. Lembro-me quando estava em um acampamento de jovens cristãos e eu sabia como vc, disse acima, que eu também estava praticando algo que a Bíblia diz que não agrada a Deus. Eu não queria praticar aquilo, mas eu estava dominado pelo pecado (Rev. Alberto Thieme, 13 de agosto de 2012).

As referências ao público cristão são inerentes ao longo de todo o site, de modo que é um espaço para o desenvolvimento de ideais de sociedade vinculados à identidade cristã. A representação construída de cristãos desse site é de pastores e é ressaltado constantemente que se trata de pessoas *bem sucedidas*, que detém algum tipo de distinção social, que podem ter desde titulações acadêmicas até mesmo cargos jurídicos, mas isso não é posto de modo explícito, tanto que essa questão surge em matérias veiculadas no blog de outros sites que fazem referências a filósofos, juristas, pastores, palestrantes que contribuem para a *luta desempenhada pela associação*.

É intenso o número de postagens realizados pelo blog, tendo uma média de 80 postagens por mês. Boa parte das postagens são notícias de outros sites cristãos, sendo o blog um nó dentro de uma rede dentro da internet, onde são veiculadas notícias e conteúdos voltados para a construção de um discurso de *resistência*. Isso significa que os produtores do blog acreditam que existe uma perda de valores e de espaços sociais referentes à sua identidade cristã e heterossexual, que é atribuída ao movimento LGBTQIA+ e ao movimento feminista, há ainda atribuição à problemática atribuída ao comunismo.

Entre as principais postagens realizadas pelo blog, estão aquelas voltadas para discussões de cunho político, como manifestações populares, projetos de lei e denúncias públicas, havendo um direcionamento discursivo que busca mesclar religião e política. A exemplo disso, notícias como os evento EUROPRIDE (Parada Gay da Europa), Marcha das Vadias do Rio de Janeiro e as Manifestações de Junho (2013) são questões recorrentes nos conteúdos postados, bem como referências aos livros bíblicos. Nesse sentido, o site se torna uma plataforma de pregação religiosa pública, onde qualquer pessoa pode acessar e tentar compreender o ponto de vista colocado por cristãos, na tentativa de mostrar caminhos para uma organização política.

Os eventos acima citados aparecem de forma negativizada, como afrontas ao modo da vida cristã e invasão de direitos, por exemplo, a postagem que faz referência ao EUROPRIDE, coloca o evento como uma afronta ao próprio deus, e chama os cristãos para a necessidade de uma posição mais contundente em relação a estas demonstrações públicas de orgulho. O EUROPRIDE desse ano (2014) ocorreu na Itália, em Roma, no blog da Associação para Defesa da Heterossexualidade (ADHT). Essa manifestação de orgulho é expressão de uma vida *pecaminosa*, que transforma uma *prática vil* – a homossexualidade – *em um orgulho*. Na postagem, a manifestação é colocada como *uma vitória de Lúcifer sobre as nações*, para tanto

o EUROPRIDE, na concepção da postagem, desenvolve um discurso lucífero, advindo do próprio Satanás.

No que se refere à Marcha das Vadias do Rio de Janeiro, a postagem pede para que os usuários entrem em contato com seus deputados para que se processem o grupo que utilizou a imagem da Santa Aparecida como consolo e quebrou imagens de santos. Neste ponto, a referência às ações dos grupos feministas é questionada não somente na questão religiosa, mas como um crime constitucional.



Figura 2: Marcha das Vadias do Rio de Janeiro em 2013
Fonte: <https://defesa-hetero.blogspot.com/>, julho de 2013

A respeito das Manifestações de junho que se alastram pelo país, a partir de protestos pelo aumento da passagem, as postagens indicavam que grupos comunistas foram os principais incentivadores das passeatas. Dessa forma, constroem um cenário para que se possa estabelecer uma revolução comunista em solo brasileiro, alerta também para que os pastores avisem sua congregação a respeito do papel subversivo que estas manifestações tomaram.

O que vai acontecer com essas manifestações: a) protestos contínuos até que alguma coisa aconteça. b) um passo a mais em direção ao socialismo. É o que o povo está pedindo nas ruas, mesmo sem saber disto. Implicitamente é o que eles estão pedindo. Uma voz ou outra está pedindo queda de Dilma. Porém, a alma da manifestação pede um governo que seja mais interventor e infelizmente será isto que vamos obter se não fizermos alguma coisa. Que Deus nos ajude. [...] Ninguém quer produzir, ninguém quer ter empresa. Ninguém quer trabalhar em outras coisas. Nós temos o governo é um país mimado: papai Noel que vai nos dar tudo. Estamos vendo um país que não quer trabalhar mais. Isto é uma doença espiritual muito grave (ADHT. 23 de junho de 2013).

A preocupação com o socialismo é parte integrante destes grupos como veremos, pois, esse assunto é retomado diversas vezes, em uma proposta de criação de uma *ação cristã anticomunista*, o ADHT construiu uma identidade reacionária dentro de um campo social em constante processo de transformação. A proteção da família é um subterfúgio para o desenvolvimento de uma pauta anticomunista, antifeminista e antiLGBTQIA+.

Esses valores familiares encontram-se a partir de uma ideal estabelecido, dentro de uma sociedade capitalista e cristã, sendo o comunismo aliado dos agentes responsáveis pela deterioração social da família, tanto que nomeou o governo Dilma (2013) com essa postura, que *privilegia* outros grupos sociais em relação aos cristãos, como os homossexuais, as pautas feministas, de interesses socialistas.

Observou-se, ainda, a crítica ao programa *Mais Médicos*, implementado em 2012 como um plano emergencial para suprir vagas de profissionais de medicina em regiões críticas do território nacional. Na página, é construída como se fosse *resistência em relação ao governo PT*, cujos argumentos variam entre “*escravização dos médicos cubanos*” até mesmo de uma *invasão “comunista”* através desses profissionais.

Outro aspecto que vem à tona é o Foro de São Paulo, colocada como uma espécie de organização que articula os avanços do socialismo no Brasil, através de uma cúpula que é direcionada pelo governo e por partidos de esquerda. Cabe ressaltar que ADHT é um nó dentro de uma rede de sites e blogs que definem o Foro de São Paulo como uma associação perigosa que, a qualquer momento, poderá tomar conta do Brasil e da América Latina.

Do mesmo modo, diversas informações postadas no blog da ADHT são consequências das interações de uma rede cristã conservadora de informação. Ora essa rede parece coesa, ora se apresentam disputas internas, principalmente no debate relacionado a grupos evangélicos que, de acordo como blog, querem misturar *a doutrinação marxista com o evangelho*. Nesse sentido, a Teoria da Missão Integral, apresenta-se como antagonista à posição tomada por ADHT, vendo nesta uma deturpação do evangelho. Os termos utilizados e o discurso produzido possuem linguagem própria, delimitando a compreensão do que seria a Teoria da Missão Integral. Isso nos revela que, pelo menos, existe uma disputa na rede cristã, em que o ADHT pertence ao grupo que se posiciona ao contrário, na construção de um modelo teológico no qual os milagres e a teologia da prosperidade se estabelecem como paradigmas, no entanto, como o discurso é particular e voltado para os agentes que pertencem a rede, foge ao pesquisador a capacidade de compreender essencialmente as diferenças dentro da rede.

O blog também é o local de diversas notícias veiculadas ao universo cristão. Nesse aspecto, chama atenção que boa parte das notícias reproduzidas aponta para aspectos negativos da relação entre cristãos e não cristãos, isto é, a identidade cristã é colocada como excluída das pautas governamentais, atacada por feministas e homossexuais e/ou que têm seus direitos perdidos em relação a um segmento da sociedade, mas em casos mais extremos são veiculadas as perseguições realizadas contra cristãos.

Em diversos momentos, *a perseguição realizada contra cristãos na Líbia* é retratada, em diversas postagens, casos de tortura e perseguição são ilustrados com fotos e vídeos, normalmente seguidos com frases de impacto que indicam que a origem da perseguição se encontra no seio dos movimentos comunistas, LGBTQIA+ e feministas.

Em 2013, os principais antagonistas do site seriam representantes das pautas que eles combatem, como na época do deputado Jean Willys, o Foro de São Paulo, Governo PT/Dilma, que são representados como verdadeiros *agentes do mal*. Do mesmo modo, o blog elenca alguns protagonistas da luta cristã em prol da família, como: Marco Feliciano, Marisa Lobo, Olavo de Carvalho, Júlio Severo, que podem ser compreendidos como intelectuais do tipo de inteligência coletiva construída por essas redes. Agentes que, de alguma forma ou outra, alteram ou reforçam uma determinada força no campo das ideias e da produção de um determinado conhecimento. Nessa linha, o blog se apresenta como um instrumento que busca articular informação e posicionamento político/religioso como mecanismos para uma construção coletiva de um tipo ideal de cristão.

3.2 Moda e Política: Garotas Direitas (2013-2014)

O blog Garotas Direitas surge com uma proposta de enfrentamento a *uma cultura feminista, que idiotiza a mulher e rouba sua autonomia*. A produtora do blog busca conciliar a capacidade intelectual com beleza, debatendo sobre assuntos políticos que vão de moda a política, sob um viés conservador. Estabelece um ideal feminino, em que a autora se posiciona como uma alternativa ao que está estabelecido como feminilidade por uma *cultura marxista* que toma conta da sociedade.

Nesse sentido, os conteúdos ressaltados no blog envolvem uma preocupação com a estética feminina, em que a moda e o cuidado com a aparência são fatores importantes para a constituição de um tipo de feminilidade. Para a autora, a aparência é compreendida como uma

das extensões da mulher, por isso necessita ser aliada com características espirituais e intelectuais. A postura política voltada para o conservadorismo é expressa em diversos posts, apontada com um problema social o avanço do *Marxismo Cultural*, representado pelo avanço do socialismo em todos os setores. Estes fatores a levam ao combate do que chama de doutrinação⁴² nas escolas e universidades.

Garotas Direitas agrega um conjunto de mulheres e homens que compartilham um ideal conservador de sociedade. Na página do Facebook, há mais de 16 mil curtidas, apesar de poucos comentários no blog, ele representa um espaço de circulação de ideias pertinente, pois posiciona intelectualmente a construção dessa visão conservadora da realidade. Isso significa que o blog é produtor/agente dentro das redes sociais, tanto que sua postagem sobre *Marxismo Cultural* foi referência em diversos sites, bem como a postagem *A nova violência contra mulher*.

Em *A nova violência contra mulher*, a autora aponta que existe um tipo de violência que o movimento feminista realiza contra a mulher, que rouba a identidade da mulher em prol de um ideal feminista que é utópico e que *querem transformar o sexo feminino numa massa acéfala, que vaga pelos mais diversos nichos repetindo frases decoradas*⁴³. A postagem procura enfatizar que no desenvolvimento de uma consciência de gênero existe uma perda da individualidade. Ressaltando que *não se pode contestar as pautas do movimento feminista* sem ser rechaçada ou ser desqualificada dentro do movimento feminista.

Essa postagem nos ajuda a compreender o ideal feminino construído pela autora, trata-se de uma mulher livre e individual, que não necessita de *cartilha ou pauta*, que não pode se subjugar a nenhuma coletividade. Essa mulher necessita ser livre e têm determinados valores a serem preservados, por conta disso, as práticas feministas como a marcha das vadias, ou a luta pela sexualidade e autonomia, não fazem parte desse ideal feminino construído pela autora, não vê no movimento feminista um reconhecimento da luta em prol da emancipação feminina. Pelo contrário, em sua visão, o movimento feminista é aprisionador que *dita regras do que é ser mulher*.

⁴² A doutrinação é definida pela autora e outros produtores de outros blogs e sites como uma atitude pedagógica que privilegia uma determinada postura política, neste caso, privilegiando uma leitura do mundo através do marxismo/comunismo. Tanto que há um site convergente chamado Escola Sem Partido, que aborda esse assunto mais especificamente.

⁴³ Garotas Direitas, 11 de setembro 2013. <http://garotasdireitas.blogspot.com.br/>

Em outros posts, podemos compreender que o tipo feminino apresentado pelo blog se encaixa em uma mulher que aprecia a tradição familiar, uma estética corporal que se aproxima de padrões estabelecidos por um mercado consumidor, que se realiza na moda. Também há necessidade de valores conservadores e cristãos a serem desenvolvidos, aliados a um ideal de intelectualidade e posicionamento político diante das adversidades, cujo ponto essencial é a individualidade.

Na construção desse ideal, em determinados momentos no blog, são revelados sentimentos de solidão em um mundo que vai de encontro aos seus valores, mas que não se pretende recuar diante dessas adversidades.

A questão da moda é outro ponto relevante para o blog e, na construção desse tipo ideal de mulher, a moda não é considerada somente como uma proposta de consumo, mas como arte que visa valorizar o corpo feminino e a autoestima. *É claro que sua beleza interior deve ser preservada também, mas esquecer de cuidar de sua aparência é um mal que deteriora qualquer mulher*⁴⁴. Na postagem *Moda é futilidade?*, expressa que cuidar da aparência é essencial para qualquer mulher e homem, tanto que cita que cuidados com a estética deixam as pessoas melhores consigo mesmas e quem diz o contrário estaria mentindo. Por esta ótica, a roupa que a mulher usa é repassada como um signo de sua origem e de seu posicionamento em relação ao mundo, sem deixar de lado estudos e vida espiritual.

A vida espiritual é ressaltada levemente em algumas postagens, mas parece perpassar boa parte do discurso construído no blog, sua referência a essa vida apresenta uma visão cristã, que busca uma relação próxima com Deus, sem esquecer as questões materiais que envolvem a vida nesse mundo. Por conseguinte, combater ideias anticristãs é uma necessidade também para o tipo feminino construído pelo blog. Essas ideias são relacionadas a grupos *esquerdistas e abortistas*, entendidos como agentes de fragmentação familiar.

O conteúdo político desenvolvido pelo blog é voltado para uma análise conservadora da realidade, a posição política é clara, voltada para uma economia liberal, bem como situa uma naturalização dos sujeitos, em diversos postes o termo *natureza humano* é acionado para designar que um tipo de sociedade socialista não é possível por conta da própria essência do ser humano. Esse discurso neutralizante serve para exemplificar diversas “necessidades”, como de reprimir crimes, punir a corrupção, redução da maioria penal. Constrói-se um discurso

⁴⁴ Garotas Direitas, 3 de novembro de 2013

maniqueísta, entre o bem e o mal, que é relativizado em favor da manutenção dos valores conservadores.

Apesar de não ter exata noção do que é a direita, o povo brasileiro é conservador de forma intuitiva - quer menos impostos, mais liberdade, menos intervenção do governo, e apesar de boa parte da população se deixar levar pelo assistencialismo, a maioria não quer viver de bolsa família pelo resto da vida (Garotas Direitas, 3 de Janeiro de 2014).

O trecho é retirado de uma análise retrospectiva feita pelo blog, no início do ano. Ao afirmar que o *povo brasileiro é conservador de forma intuitiva* busca afirmar a posição conservadora como majoritariamente vigente, ou seja, tratam-se de valores que se encontram impregnados no seio da sociedade brasileira. Consequentemente a autora estabelece uma distinção entre uma maioria que conserva valores e uma minoria que não compartilha esses valores, uma minoria que, de acordo com seu discurso, busca *privilégios*.

A conquista desses *privilégios* ocorre em detrimento da perda de direitos desse grupo social majoritário, a exemplo disso, ao analisar o programa de cotas estabelecidos pelo governo, o faz de forma negativa, como um programa que não incentiva a população a se esforçar por um objetivo, sintetiza seu descontentamento em um bordão do governo, atualizado por sua análise, *Brasil é um país de todos – menos dos que se esforçam, trabalham, tentam se manter sem ajuda do governo, pagam suas contas, estudam em boas escolas e não são adeptos do coitadismo* (Garotas Direitas, 11 de janeiro de 2014).

O conteúdo do blog visa estabelecer, primeiramente, uma distinção entre as pessoas de bem e aqueles que são privilegiados por um *sistema imoral assistencialista* estabelecido pelo governo, do mesmo modo que essa mesma estrutura constrói um sentimento de impunidade que pode ser compreendido como a origem dos crimes em geral. Secundariamente também estabelece um sentido coletivo, que visa integrar o conjunto de pessoas de bem sob um ideal positivo, através de um discurso liberal em que o consumo cultural está entrelaçado com um projeto de sociedade.

3.3 Mulheres Contra o Feminismo: *O feminismo não me representa!*

O feminismo é um movimento social que surge a partir da luta das mulheres pelo reconhecimento de direitos, a partir do século XIX. De acordo com o Castells (2013), os movimentos de mulheres tiveram papel importante nas revoluções sociais do século XIX e XX.

Para Pierrot (2007), não existe como apresentar a história sem a participação das mulheres, nas lutas operárias do século XIX aos movimentos de 60, na França, no século XX; na luta contra os regimes autoritários na América Latina à luta pela autonomia do corpo na primeira década do século XXI.

Por esse prisma, a construção do feminismo como movimento trata da construção de uma identidade social de rompimento, dentro de um campo de posições que colocam as mulheres em uma posição de subalternidade no mundo masculino, o movimento feminista embate, então, um combate direto com os sentidos dentro essa posição. Para Beauvoir (1970), a luta feminina é traçada a partir da construção de uma classe social, mas com uma consciência diferenciada, posto que o reconhecimento se estabelece pela própria condição feminina. A construção de mulher não ocorre por conta de fatores genéticos, mas trata-se de uma construção social, *não se nasce mulher, torna-se mulher*, a sociedade produz o conceito de feminino e masculino, estabelecendo a função feminina dentro de uma divisão sexual do trabalho (DURKHEIM, 1999). Mesmo com os avanços tecnológicos, a condição feminina se perpetua em si por uma dominação masculina sobre os meios de educação, controle e valores sociais estabelecidos dentro de uma sociedade masculina (BOURDIEU, 2002).

A luta feminista se perpetua através da diversidade de grupos que compõe a luta, entre aqueles que se colocam como *Feministas Radicais, Anarcofeministas, Feministas Classistas, Mulheres Negras e Feministas*. Essa multiplicidade de movimentos torna os movimentos de mulheres um conjunto plural e diversificado, de modo que nem todo movimento de mulheres é, em si, um movimento feminista, como o caso do grupo Mulheres Contra o Feminismo, que se apresenta da seguinte maneira:

Somos um grupo de mulheres que decidiram escrever esse blog e divulgamos algo que as pessoas pensam não existir: mulheres que querem combater o feminismo. [...] Não nos sentimos representadas por tais mulheres e suas ideologias extremistas que encaram o homem como inimigo mortal, entre outras teorias malucas todas maquiadas com “igualdade, liberdade e de que feministas sempre foram tolerantes com as pessoas” [...]. Somos a favor da feminilidade, do orgulho de ser mulher, mas sem revanchismo e teorias que fazem as mulheres mais tristes e depressivas nos dias de hoje. (Mulheres Contra o Feminismo, 14 de janeiro de 2014).

A atribuição ao processo de desqualificação do movimento feminista decorre historicamente, tanto de uma posição das camadas conservadoras da sociedade, como também pela ameaça da hegemonia masculina dentro de nossa sociedade. Dessa forma, o Mulheres Contra Feminismo procura estabelecer *as contradições que possam existir dentro do*

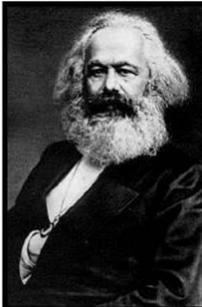
movimento, tendo em vista um processo de fragmentação de um tipo de identidade feminina, muitas vezes, através da falsificação da realidade.

Há disputa por sentido, situada na validação da luta feminista por um horizonte de sociedade, em que a mulher não esteja dentro dos padrões patriarcais pré-estabelecidos, no entanto, o blog coloca em posição a possibilidade que essa proposta de enfrentamento desconstrua a feminilidade e de imponha ideias de cunho marxista na sociedade. Essa afirmativa indica que Mulheres Contra o Feminismo não se identifica com o processo de luta desempenhado pelo movimento feminista e a posição *marxista* desempenhada pelo movimento é categorizada do mesmo modo, como sendo um potencial de negatividade da mulher e dos valores defendidos socialmente.

Em 12 de agosto, o blog postou o seguinte artigo: *Quando as gurus feministas defendem o comunismo*. Que conceitua o comunismo como sendo *aquele movimento que tem por base os pensamentos de Karl Marx*⁴⁵. Afirmando que nos lugares em que o comunismo foi implantado houve genocídios por causa de orientação sexual, ser ateu é um dever e *o aborto é feito quando o governo quer e ter filho é crime*. Para confirmar a veracidade, o artigo traz citações de autores e autoras que apresentam que o feminismo e o comunismo se estabelecem como uma ideologia única, da mesma forma que o movimento LGBT se utiliza de estratégias de *patrulhamento ideológico*, se fazendo de *vitimistas*.

Entre as citadas, estão Karl Marx, Simone de Beauvoir, MacKinnon e Robin Morgan, teóricas que se posicionam como marxistas. Interessante são o uso de trechos de obras clássicas, tanto para o movimento feminista como para o movimento marxista, que são recortadas precisamente em passagens a respeito de um dos pontos fundamentais do blog, que é a categoria de família.

⁴⁵ Mulheres Contra o Feminismo. In: <http://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2013/08/12/quando-as-gurus-feministas-defendem-o-comunismo/>



A família segundo Marx:

“Abolir a família! Até os mais radicais se indignam perante este infame designio dos comunistas. Em que base assenta a família atual, a família burguesa? No capital, no lucro privado. (...) A família burguesa desaparece naturalmente ao deixar de existir o seu corolário, e um e outro desaparecem com o desaparecimento do capital.”

Manifesto comunista

www.garotasdireitas.blogspot.com

Você já ouviu falar de MARXISMO CULTURAL?



«A desconstrução de um texto (ou de um fato histórico) permite que se elimine o seu significado, substituindo-o por outro que se pretende.»

VOCÊ PERCEBE QUE ISTO ACONTECE NO BRASIL DE HOJE??

Marxismo Cultural, ou Revolução Cultural é o nome dado a um ramo do Comunismo, que visa uma série de movimentações para produzir uma mudança no comportamento das indivíduos Ocidentais, que visam à implementação do Socialismo.

Gramsci afirmou que o Comunismo original (Marx) não foi bem sucedido no Ocidente por três pilares básicos, que precisavam ser destruídos: 1) A cultura ocidental-tradiz. 2) A estrutura familiar convencional. 3) A estrutura de classes nos sistemas estatais, substituídas por membros do Partido, denominado por ele, e pela Escola de Frankfurt, como «O Princípio». O mais grave de todos é que a ideologia Gramsciana é a predileta do PT, e está em curso claro em nossas ruas.

ACORDA NUNCA?



O que é o marxismo cultural e como ele nos atinge no dia-a-dia?



<http://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/>

Figura 3 - Mulheres Contra o Feminismo

Fonte: <http://mulherescontraofeminismo.wordpress.com> – agosto de 2013

A figura acima refere-se a uma passeata do dia 8 de março da Juventude Comunista (UJC), no dia da mulher, tal protesto foi realizado na cidade de Fortaleza em um ato unificado com outras entidades dos movimentos sociais, a frase escrita no faixa é *Sem Feminismo Não Há Comunismo*⁴⁶. Essa procura por construir uma relação entre o feminismo e o comunismo perpassa, também, a possibilidade de uma metacategoria da identidade do movimento feminista.

Para o blog, o movimento feminista seria único, ou seja, sem diversidade ou discordância dentro do seu interior, essa construção é ponto essencial no processo discursivo de deterioração da identidade do outro (GOFFMAN, 2004), pois se elegem características comuns para poder exercer os processos de estigmatização de um movimento, ou de um grupo social, como por exemplo, o uso da terminologia índio para designar o conjunto de povos indígenas que habitam o território brasileiro, como se não fossem etnias diferenciadas e particulares.

O movimento feminista também apresenta um conjunto de grupos com particularidades e divergências, por isso, a construção dessas metacategorias, que totalizam as

⁴⁶ União da Juventude Comunista – Ceará in: <http://ujceara.wordpress.com/2013/04/07/ujc-no-ato-unificado-do-8-de-marco-em-fortaleza/>

identidades, é estratégia necessária para um processo de não reconhecimento do outro e com potencial opositor. Deixando cair sobre este o estigma e a culpa sobre algum determinado problema social, no caso do movimento feminista e LGBT, recai a ameaça do fim da família.

Feministas lutam pelo poder, querem se vingar por teorias marxistas absurdas implantadas nas suas mentes, usam qualquer coisa para os seus objetivos e fazem um jogo duplo marxista para isso. Fazem o jogo da força e da fraqueza. Se elas desafiam alguém para lutar contra elas, usam de coletivismo e atacam e grupo pois se dizem ‘fortes e livres’. Se elas vencem, se dizem ‘superpoderosas’. Se as/os oponentes reagem, vencem e esmagam as teorias infundadas delas, elas fazem vitimismo e dizem que o mundo conspira contra elas (Mulheres Contra o Feminismo, 14 de agosto de 2013).

A citação acima pertence à postagem *Como Definir a marcha das vadias, feministas, os seus protestos e a sua luta pela “liberdade”*⁴⁷, que constrói sua análise a respeito da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro em 2013 e sobre os protestos realizados com imagens e crucifixos. Nesse sentido, a acusação de ação criminosa por parte do movimento feminista perpetua, a argumentação reside tanto na afirmação de crime premeditado, pois trata-se de uma performance previamente organizada e planejada, pois como aponta o blog, houve um cordão de isolamento e, assim, formação de quadrilha. Nessa mesma postagem, conta-se sobre a invasão de uma igreja por um grupo que reivindica o direito de abortar, que para o blog há um trocadilho como direito de matar.

A luta pela interrupção da gestação é outro ponto importante no que concerne ao conjunto das entidades dos movimentos feministas, a concepção da camada conservadora estabelece que essa interferência/interrupção se coloca como uma afronta à própria vida. Dessa maneira, a colisão subjetiva que ocorre a respeito desse assunto, dá-se nos valores e nos sentidos daquilo que é considerado vida e da importância sobre o corpo da mulher.

Para o blog Mulheres contra o Feminismo, a concepção de liberdade é uma garantia da sociedade ocidental, pois aponta que as reivindicações sobre autonomia do corpo do movimento feminista são estratégias para a desestruturação da família e um artifício social para colocarem-se em um lugar especial. Quanto ao termo vitimista e vitimismo, parecem ser constantes ao longo dos textos.

⁴⁷ Mulheres Contra o Feminismo in: <http://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2013/08/14/como-definir-a-marcha-das-vadias-feministas-os-seus-protestos-e-a-sua-luta-pela-liberdade/>

Toda esta jogada feminista que mistura vitimismo, leis especiais, utopia e a dualidade desta conversar 'sou forte/sou oprimida' nada mais é que a luta por poder feminista. Pouco importam as mulheres ou homens quem seja. Vitimismo puro.

Vejamos. Enquanto a mulher vive em alguns lugares dominado pelo islamismo sofre com falta de liberdade e a mulher que vive em qualquer lugar comunista é somente mais uma que forma o sistema e deve abortar quando o estado manda e possui pouca liberdade como pessoa, no Ocidente baseada no cristianismo, o feminismo conseguiu propagar a imagem que o Ocidente nos oprime. Sabemos que isso sempre foi mentira e inclusive muitas outras mulheres contra o feminismo escaparam desta mentira feminista e postam no Facebook muitos exemplos disso (Mulheres Contra o Feminismo, 30 de julho, 2013).

O termo liberdade e libertinagem também se torna recorrente ao longo dos debates, principalmente no que se refere a questionar outro princípio do movimento feminista que trata do prazer sexual das mulheres. Nesse ponto, a sexualidade é tratada como arma para o *desmoronamento da sociedade*, que se utiliza de diversas imagens para demonstrar como a sexualidade no ocidente é a maior expressão da *libertinagem feminina*.



Figura 4: Mulheres Contra o Feminismo

Fonte:

<http://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/> - agosto de 2013



Figura 5: Mulheres Contra o Feminismo

Fonte:

<http://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/> - agosto de 2013

[...] Feministas defendem piriquetes com a frase feminista ‘meu corpo-minhas regras’. Feministas defendem a Valeska Popuzuda. Feministas gritam que fazem o que querem com o corpo delas, etc e etc. Feministas se taxam de vadias. Dizem ser contra a mulher objeto e o turismo sexual. E quase sempre a liberdade se transforma em desculpa ou muleta intelectual para elas agirem (Mulheres Contra o Feminismo, 8 de novembro de 2013).

Para o blog, há um relativismo moral que em um determinado momento defende *o meu corpo e minhas regras* e em outro momento, transforma objetificação *do corpo feminino em uma consequência do machismo*, esse relativismo é consequência de uma fuga da realidade ocasionada pelo discurso feminista. As postagens procuram também criticar expressões culturais como o funk, tendo a figura da Valesca Popozuda como exemplo do relativismo moral empregado pelo movimento feminista. A Valesca Popozuda é colocada em condição subalterna pelo blog, como um exemplo de promiscuidade e de libertinagem.



Figura 6: Valesca Popuzuda

Fonte: <http://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/> - novembro de 2013

Tirar a roupa por nada ou para provar teorias malucas e colocar a culpa no machismo desde sempre foi estratégia feminista. Talvez pelo ego das feministas ou pelo culto a promiscuidade que adoram pregar. Talvez por isso tanto defendam as prostitutas. O engraçado é que elas fazem isso porque querem e culpam os homens ao mesmo tempo. Outras fazem isso para copiar os homens. Ao mesmo tempo nunca vemos homens nus protestando por seus direitos (Mulheres Contra o Feminismo, 15 de novembro de 2013).

Essa análise do significado das ações feministas e das lutas desempenhadas, enquanto movimento social, apresenta um teor de preocupação com os caminhos que essa *liberdade*

sexual pode desencadear na sociedade. Apesar disso, o próprio blog não apresenta explicitamente um modelo de sociedade a ser atingido, para o blog a sociedade já é livre, o ocidente é um lócus em que aos direitos e liberdade civis são garantidas.

Chamou-me a atenção a postagem de 20 de novembro, a respeito do dia da consciência negra, que argumenta que os ativistas em prol da Consciência Negra são aliados dos movimentos feministas, tanto que apresenta informações a respeito de escravos brancos, de guerras entre tribos em que negros escravizavam negros, como argumentos de que, na verdade, o movimento negro busca o poder.

Além de apresentar um trecho do Diário de Motocicleta, escrito por Ernesto Guevara, em que este apresenta um posicionamento racista e preconceituoso com a população negra, também apresentam Zumbi como um senhor de escravos, que sequestrava homens e mulheres para poder manter o Quilombo funcionando.

Indicam o livro *White Slaves, African Masters*, como um apoio para *desmistificar o vitimismo, coitadismo e a mentira da suposta dívida histórica entre pessoas brancas e negras* (Mulheres Contra o Feminismo, 20 de novembro de 2013). O livro apresenta um número de mulçumanos negros que escravizaram brancos europeus por mais de oito séculos.

A comparação entre os movimentos sociais, feministas, LGBT e negro, torna claro que a busca por direitos empregada por esse movimento não é somente uma questão de conflito ideológico. Na reflexão do blog, trata-se de uma luta pela própria existência social dentro de uma sociedade cada vez mais plural e múltipla, luta por uma coesão social que estabelece, em afirmativa de desestruturação dos argumentos, pontos e características identitárias desses movimentos com o intuito de deslegitimar sua luta. Para lograr esse intento, o espaço virtual potencializa a capacidade de resistência e inflexão, ou seja, os espaços virtuais tornam-se espaço possível de contrapor argumentos que, em um mundo real, seria mais difícil de serem rebatidos. Importante destacar que utilizam de uma colcha de informações recortadas, descontextualizadas para afirmar um horizonte social em detrimento de outro.

Essa preocupação se reflete na esfera familiar, como centro da manutenção da ordem e das potencialidades de felicidade. A família sofre ataques constantes, o que gera uma sociedade cada vez mais problemática na concepção do blog. Em dois posts de 29 de novembro de 2013, a respeito do suicídio de adolescentes que tiveram imagens de relações sexuais publicadas em redes sociais, constroem uma série de fatos que levam a esse fenômeno. Centram

o ponto inicial em uma família de pais separados, uma criação liberal, sem a manutenção de valores familiares e limites, passando pela influência massiva realizada pelos movimentos feministas sobre *meu corpo, minhas regras para crianças e adolescentes*, findando com uma sexualização precoce que leva meninas e meninos a iniciarem sua vida sexual sem responsabilidades. Ou seja, o movimento feminista se torna o responsável pela desestruturação familiar, pela fragilidade psicológica dos adolescentes e ainda pela sexualização precoce de crianças. Esse discurso é direcionado não apenas contra o movimento feminista, mas contra toda mulher e homem que não se atenha às normas do que seria uma estrutura familiar forte, com determinados valores a serem observados.

Para as Mulheres Contra o Feminismo, o ataque à família faz parte da prática do movimento feminista, inclusive que incitam a prática do incesto como mecanismo para desestruturar a família.

Por isso feministas querem tanto legalizar outros absurdos que elas pregam como ‘moderno’. Se estes novos conceitos forem introduzidos na legislação, **estará comprometido todo o edifício social e legal que tinha seu sustento sobre a instituição da família.** Os princípios legais para a construção de uma nova sociedade, baseada na total permissividade sexual, terão sido lançados. A instituição familiar passará a ser vista como uma categoria ‘opressora’ diante dos gêneros novos e inventados, como a homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e outros. Para que estes novos gêneros sejam protegidos contra a discriminação da instituição familiar, kits gays, bissexuais, transexuais e outros poderão tornar-se obrigatórios nas escolas. (Mulheres Contra o Feminismo, 11 de dezembro, 2013).

O medo constante a respeito dos valores da família parece sempre estar cercando os posts do blog, procurando, dessa maneira, assentar sua análise diretamente contra o movimento feminista, destacando aquilo que considera contradições e artimanhas negativas.

3.4 Mulheres e Homens Unidos em Favor da Justiça e da Família (2014)

As imagens como mecanismos de mediação comunicativa são elementos presentes nos processos de estruturação e relações sociais estabelecidos em nossa sociedade, a linguagem visual tende a se sofisticar na medida em que as tecnologias e a técnica ampliam seus escopos de acesso. Na proporção que nos atualizamos dentro de uma sociedade em rede, interconectada por instrumentos midiáticos e tecnológicos, nossa relação com a fotografia, desenhos, pinturas, com os meios gráficos tendem a se aproximar e tornarem-se mais familiares.

“Estes são apetrechos fundamentais para uma mediação visual do mundo, assistindo propósitos ficcionais, narrativos e estéticos, mas igualmente, documentais e científicos”

(CAMPOS, p. 237, 2011). A imagem não se torna somente uma representação de uma determinada realidade, como um corte, mas em si é uma interpretação significativa e discursiva não verbal.

Dentro do campo virtual, tanto as imagens quanto os sons se tornam meios importantes de chamar atenção e repassar uma determinada informação. Há inúmeras páginas, aplicativos e mídias que trabalham exclusivamente como o uso das imagens, quer sejam fotográficas, quer sejam desenhadas. Nesse processo de virtualização, acaba-se por constituir um registro importante de informações digitalizadas dentro das redes virtuais.

Esses processos de digitalização, como pautado por Levy (2011), perpetuam-se desde o primeiro momento em que se desenhou em uma caverna e tende a manter-se ao longo da existência humana, pois a comunicação é parte inerente da nossa sociedade, no entanto, a imagem, o visual torna-se parte necessária, que integra os meios de comunicação, da televisão ao computador. Esses mecanismos digitais nos indicam a possibilidade de acesso e análise única, permitindo acessar, enquanto cientista social, um recorte interpretativo da realidade.

Nesse trabalho, foi necessário em determinados sites, utilizar-se da metodologia analítica desenvolvida pela antropologia visual, que nos permite compreender os usos da imagem como parte importante para os estabelecimentos de relações e posições dentro das estruturas sociais.

Os meios virtuais são interpostos pelo que se chama de Memes⁴⁸ e/ou Gifs⁴⁹, esse conjunto de imagens são parte integrantes das cadeias de comunicação de diversas páginas, tanto que, muitas páginas do Facebook assumem esse papel de produtoras e reprodutoras de diversas imagens. Normalmente, são várias fotografias, com poucas escritas, construindo uma rede de hiperlinks que atravessam o espaço virtual e conectam o internauta a uma rede de produtores e reprodutores de informações, que podem ser sites, canais, blogs e outros aplicativos.

No caso da página Mulheres e Homens Unidos em favor da Família e da Justiça (MHUFJ), seguindo a própria estética que o Facebook apresenta para suas páginas de divulgação, a relação imagem e informação se tornam mais aproximadas. Por isso, fez-se

⁴⁸ Imagens que retratam uma determinada expressão, informação ou emoções.

⁴⁹ Figuras animadas que retratam determinadas situações, geralmente de 1 a 5 segundos.

necessário analisar o conjunto de informação reproduzido pela página através das imagens reproduzidas.

As páginas no Facebook são um nó em uma rede de informações, que conecta um conjunto de páginas por onde essas circulações transitam. Nesse caso, apesar do número pequeno de curtidas, a página atinge outro conjunto de pessoas com informações da rede na qual ela faz parte.

As postagens possuem um teor, em sua maioria, voltado a um público religioso, com citações bíblicas, aliadas a imagens e pequenos comentários, o local das postagens são espaços de interação direta entre os sujeitos, apesar de não ser necessariamente em tempo real. O motivo de manter o estudo nessa página, apesar de poucas visualizações, tem como objetivo observar as diferenças entre uma página com poucas curtidas e outra página com muitas curtidas, logo uma delas tendo fluxo maior de pessoas interagindo e alcançadas. Bem como analisar sua posição dentro da rede a partir de suas publicações que, em sua maioria, advém de outras fontes de informações e canais de notícias, como R7, Blog do Júlio Severo⁵⁰, Super Reação, entre outras que possuem os mais diversificados números de informações.

As postagens são voltadas para a crítica ao governo, contra os movimentos LGBT, Feministas e Negros, em uma tentativa, tanto de deslegitimar a luta empenhada pelos movimentos, como para criticar ações realizadas por estes. A MHUFJ defende que é necessária uma união de homens e de mulheres para a manutenção de família tradicional e dos valores necessários para a manutenção da sociedade. Tem na figura do feminismo e do movimento LGBT os principais alvos de piadas e de contra informação, apesar de não se declarar anticomunista, a página mantém um diálogo bem aproximado, procurando também postar assuntos relacionados ao *esquerdismo*.

⁵⁰ Essa mesma fonte aparece em diversos sites analisados aqui.



Figura 7: MHUFJ

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a/> - setembro de 2013

A postagem acima refere-se à posição de uma professora em relação às pessoas contrárias à legalização do aborto e da maconha, possivelmente postada em seu perfil ou em alguma outra postagem, não sabe ao certo. O interessante é observar a resposta, que procura pautar no mesmo nível da legalização do aborto, uma possível legalização de estupro.

O problema do povo brasileiro libertino é não saber a diferença entre direito e dever. Acham que se o estupro for legalizado todo mundo tem que estuprar, se a homofobia for legalizada todo mundo vai matar gays, direito não é dever, usa quem quer e precisa. Se você é contra lindo, não estupe e vá ser feliz lutando contra religião, mas quem precisar usar esse direito vai poder fazê-lo sem gente pau-no-cu cagando regra na genitália alheia. Sacaram? (Mulheres e Homens Unidos a favor da Família e da Justiça, 17 de setembro de 2013).

Essa argumentação pode parecer até certo ponto um pouco confusa, mas é a lógica assumida pelos produtores do site, que em outros momentos procuram alterar o discurso do outro colocando palavras em seu lugar. No caso, as palavras trocadas foram aborto por estupro e maconha por homofobia. Ocorre, na concepção da página, tanto a legalização do aborto como da maconha são crimes, portanto, seria legitimar uma ação criminosa. Nos comentários da postagem, quando uma pessoa afirma que a legalização do aborto trata de um direito

constitucional, a resposta é *sim, é como os nazistas falavam, morte aos judeus por um mundo mais justo.*

Em outro momento, a página critica a decisão do Conselho Federal de Psicologia em não apoiar *a cura gay*, utiliza-se da fala da Marisa Lobo, doutora em psicologia, para afirmar que o Conselho Federal de Psicologia está incentivando uma sexualização na infância.



Figura 8: MHUFJ -

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a/> - setembro de 2013

Nos comentários, o CFP é compreendido como uma entidade que não defende os *direitos do povo brasileiro*, defende *ideologias de esquerda*. O sujeito que comentou afirma ainda que as faculdades são espaços de *doutrinação*, de teorias e ideologias como *marxismo/feminismo/gayzismo e sair uma ferramenta da revolução cultural* (SIC), reivindicando que seria melhor procurar uma igreja do que uma ajuda psicológica. Note que a postagem data de setembro de 2012, um ano antes dessa pesquisa começar e da coleta dessa imagem no site. No entanto, parece se perpetuar ao longo do conjunto de postagens, a lógica de que existem ideologias perpassadas dentro dos espaços públicos que colocam esses movimentos sociais em uma categoria de oposição. É como se estivessem juntos em uma empreitada contra o Estado e a Igreja, pois um ano depois é visível o acréscimo do ateuista como figura opositora, como visto nesta imagem abaixo.



Figura 9: MHUFJ

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a/>
- 31 de outubro de 2013

Cada um dos sujeitos dessa imagem representa um determinado segmento da sociedade civil em busca de direitos e reconhecimento de identidade. Essa imagem foi postada após o site ter sido tirado do ar em outubro de 2013, tiveram que fazer outra página que se adequasse aos parâmetros do Facebook.

Comentários como *eu quero um Estado Laico, mas quero Deus em minha vida*, ou *“Eles querem um estado ateuista”* demonstram preocupação com as relações políticas e legislativas, ainda uma preocupação com os processos de mudança e transformações ocorridas na sociedade, principalmente referentes à manutenção e reconhecimento de direitos por uma parcela da sociedade excluída. No entanto, isso é visto como se fosse um privilégio dado a essa parcela de mulheres, homossexuais e negros, que visa somente desestruturar os *valores tradicionais*.

As relações de um Estado Laico com a pluralidade de religiões, identidades e ideias dentro da sociedade parecem causar um atrito de significados constantes, principalmente para quem se posiciona a partir de um horizonte conservador e saudosista, como se se houve algo perdido em um passado remoto, que as mudanças empregadas, principalmente por esses movimentos sociais citados, são desvios e nocivos.

A construção contra o movimento feminista é assumida como uma forma de doença mental compartilhada por mulheres que militam. Em diversas postagens, imagens de feministas

cozinhando cabeças de homens, de bebês foram veiculadas pela página, com facas como se fossem uma ameaça, em especial no que se refere à luta pela legalização do aborto.

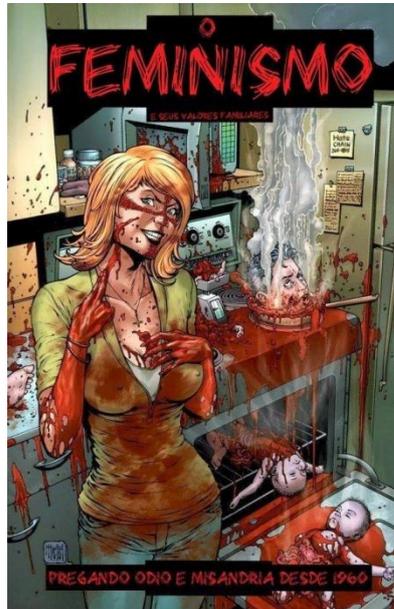


Figura 10: MHUFJ

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a/>
- 17 de setembro de 2013

Essa imagem foi uma das únicas que consegui salvar antes da página ser retirada do ar, refere-se ao que a página acredita ser a representação das feministas e de suas lutas, note a cabeça do homem em uma frigideira e um forno com bebês, em um espaço de cozinha. O título da imagem é *O Feminismo e seus valores familiares, pregando ódio e misandria desde 1960*. Em outro desenho, uma mulher segurava uma faca enquanto havia corpos de bebês suspensos no fundo; em outra, uma mulher mexendo uma panela com um bebê dentro de uma panela ensanguentada. Imagens com o objetivo de chocar e causar repulsa, situando o movimento feminista pautado pelo ódio contra a parcela da sociedade, o mote *luta pela vida* sempre faz referência à posição feminista na questão do aborto. Em outra postagem, a página compara o feminismo com uma doença mental.



Figura 11: MHUFJ

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a/>
- 1 de novembro de 2013

A imagem retrata uma mulher mexicana, que utiliza brincos, piercings, alargadores de orelhas e teflon na testa que simula chifres, ela se chama Maria José Cisterna, ganhou popularidade na internet como a *Mulher Vampiro*. A página utilizou a imagem dela para representar a luta pela autodeterminação do corpo, empreitada pelo movimento feminista, mas em um tom negativo, como uma doença mental.

Nos comentários, houve postagens que indicavam que a mulher estava sob *possessão demoníaca*, ou que *esse é o resultado da libertação que tanto essas feministas lutam*. A liberdade de alterar o corpo é também outro princípio conflitante que se relaciona como o corpo, pois a autodeterminação do corpo, como um mecanismo político, é uma marca dos movimentos sociais feministas e LGBT, não somente a respeito da sexualidade, mas sobre as transformações que o corpo tende a assumir.

Em algumas postagens, pode-se identificar uma disputa pela validação da realidade, tendo a ciência biológica e exata como pontos de partida e de análise para explicar que não pode haver uma transformação corporal, ou que uma mulher trans sofre algum distúrbio mental, como nessa foto acima.

Postagens com o intuito de desqualificar a luta pela legalização do aborto também estão presentes, visando demonstrar como o aborto não pode ser positivo para a sociedade, que existe um *mercado feminista que lucra* com as clínicas de aborto. Bem como críticas a projetos

de leis que tramitam pelas instâncias públicas, como a lei das palmadas, mais médicos, cotas em concursos públicos para negros, cotas nas universidades, entre outras.

Em 9 de novembro de 2013, houve a seguinte postagem:

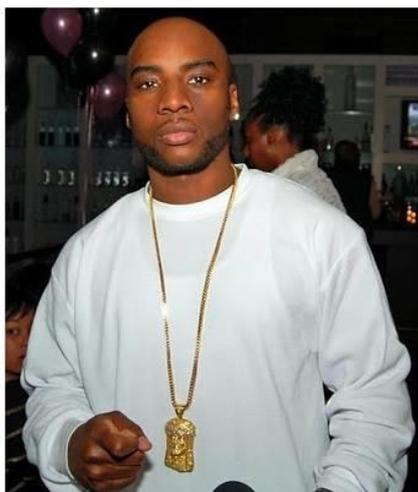
O Brasil será dividido entre negros e brancos em todos os setores, isso é questão de tempo, acredito até mesmo que um dia farão hospitais, escolas, serviços e várias outras coisas exclusivamente para negros, assim também como cada empresa será obrigada a ter metade de funcionários negros, sou capaz de talhar isso numa pedra, datar e aguardar acontecer, esse é o caminho

COTAS = ATESTADO DE INCAPACIDADE (MHUFJ, 9 de novembro de 2013)

Essa publicação refere-se tanto à questão das cotas raciais, como também à compreensão que essas cotas levarão a uma sociedade com mais negros ocupando os espaços públicos e com espaços públicos exclusivos, ou seja, criará um projeto de sociedade sectarista. O site deixa claro que essas políticas públicas criam uma distinção entre homens brancos e negros.

**Sou
rico..**

**E esses
brancos
imbecis
ainda
defendem
cotas pra
mim....**



**PILANTRAGEM, A GENTE
VÊ NO BRASIL**

Figura 12: MHUFJ

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a> - 24 de novembro de 2013

Nessa publicação, a página afirma [...] *cotas são racistas, por isso não entendo como tem gente que defende*. Nos comentários, mesmo com pouco alcance (apenas 4 curtidas), um internauta corrobora o comentário afirmando [...] *negros ricos entram em faculdade quando podem pagar, essas cotas são racistas sim, estão dizendo que o negro é burro demais para entrar na faculdade sozinho*. É interessante notar a inversão nos valores de políticas afirmativas,

tendo estas como alvo de exclusão ao invés de inclusão dentro de espaços majoritariamente de pessoas brancas. A defesa de cotas sociais perpassa isso, que a compreensão dessa distinção passa também por uma seleção entre aqueles que detêm um poder econômico e os que não detêm. Mesmo assim, a culpabilização recai sobre as pessoas pobres que não lutaram para vencer na vida, ou seja, reforça-se um discurso meritocrático e individualista que perpassa nossa sociedade.

Nas críticas ao programa Mais Médicos, a imagem que utilizam para criticar o programa mais médico é mais enfática, trazem uma manchete chamada *Chegada ao Brasil a primeira leva de médicos cubanos*. Ao que tudo indica, parece ser uma montagem, tendo a Folha de São Paulo como o jornal que apresenta a manchete.



Figura 13: MHUJF

Fonte:

<https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=176658435868267&set=a.172652639602180.1073741827.171468719720572&type=1&theater> - 17 de novembro de 2013

Essa imagem é uma montagem, já que na Folha de São Paulo do dia 08 de agosto de 2013, o site do jornal indica a manchete *Serra sugeriu que Siemens fizesses acordo, diz e-mail*⁵¹. A referência dessa foto retrata o programa Mais Médicos seria uma estrutura que escraviza o operário e não garante os direitos trabalhistas da classe médica. O fato de ser cubano retrata

⁵¹ <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/index-20130808.shtml>

também o teor racista que a página apresenta quando se refere aos médicos da ilha comunista e da relação entre os governos dos dois países. Note-se, no canto direito, a referência à notícia *Universidade federal é cara e não tem tanta qualidade*, que também recai na crítica ao ensino superior precário.

A campanha da página contra as cotas raciais se estabelece de forma emblemática, em uma publicação do dia 9 de novembro de 2013, em que a foto de José Roberto Militão, uma liderança do movimento negro, critica o programa de cotas que seria implementado pelo governo no texto de Militão, que foi publicado em 24 de julho de 2012, no site *Braslianas.org*⁵². Nessa carta, José Roberto afirma:

Demonstro ainda que com tal lei, tanto os afro-brasileiros quanto todos os pobres perderão vagas nas universidades públicas. Uma simples questão de matemática. Essa perversa mesquinha está preste a condenar as futuras gerações dos mais pobres a disputas raciais e a conflitos raciais que nossa geração não tem o direito de induzir (*Braslianas.org*, 24 de julho de 2012).

Conforme os dados universitários, atualmente os mais ricos ocupam 70% das vagas. Com as cotas sociais, a melhor forma de Ações Afirmativas – os mais ricos ficariam com apenas 50% das vagas, significam uma relevante política de justiça social. Conforme o PLC ora analisado, os mais ricos ficarão com 75% das vagas, restando aos mais pobres, pretos, pardos e brancos uma falaciosa disputa racial das 25% das vagas (MILITÃO, 2012).

Na carta sobre o PLC 180, como na postagem na página, fica claro que Militão é contra o número de vagas que são dispostas para a população negra e pobre, quer seja branca ou não. Esse seu posicionamento não exclui a necessidade de políticas inclusivas e o aumento das vagas para as cotas. Lembrando que sua crítica se coloca em 2012, um ano antes do projeto de lei final ser aprovado e implementado nas Universidades Públicas do país.

Percebe-se que a MHUFJ utiliza das falas nesse documento de José Militão para uma de suas postagens, que o coloca contra as políticas de inclusão social nas Universidades Públicas.

⁵² <http://advivo.com.br/documento/cotas-raciais-o-projeto-prejudica-pretos-e-brancos-pobres>

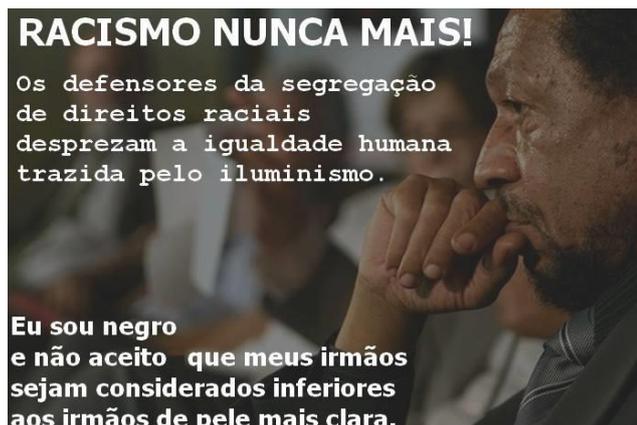


Figura 14: MHUFJ

Fonte:

<https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=181766232024154&set=a.172716866262424.1073741828.171468719720572&type=1&theater> - 09 de Dezembro de 2013

Misoginia⁵³ também é presente ao longo das publicações, um discurso contra mulheres, mais propriamente feministas, que são tidas como *loucas*, *doentes mentais*, *vitimistas*, mas esse discurso se torna objetificado quando se trata de mulheres *promíscuas*, ou seja, que não cumprem o padrão estabelecidos pela página.

A mulher possui uma moralidade tão fraca que consegue amar os homens que ela transa casualmente. Ela consegue amar de tal fora o cafajeste que é incapaz de perceber que o amor dela é um padrão doentio, incompatível com o amor masculino. Se os homens que boicotam mulheres liberais e promíscuas são machistas, por que as mulheres não boicotam os homens promíscuos e liberais? Elas não conseguem! Elas são incapazes disso! (MHUFJ, 14 de dezembro de 2013).

Atingir as mulheres que não se adequam ao padrão pré-estabelecido pela sociedade é uma prática recorrente do site. Apesar do nome ser Mulheres e Homens unidos a favor da família e da justiça, o modelo de mulher dessa sociedade não é apresentado de modo explícito, mas pode ser compreendido a partir do antagonismo que é recorrentemente apresentado, em que aquela mulher que se expressa sexualmente não se enquadra dentro do modelo familiar tradicional.

Os homens tem uma repulsa inata de se relacionarem seriamente com mulheres promíscuas. A sociedade feminista de hoje pressiona os homens a se casarem com vadias, sob pena de serem taxados como machistas/pinto pequeno/gay/misógino ou outra técnica de intimidação feminista. Mas esta repulsa que vem de dentro de você é correta, os homens também tem uma intuição, vadias não merecem ser amadas, mulheres sexualmente experientes só são boas para experiências sexuais, elas não valem o risco de se relacionar seriamente com elas (MHUFJ, 18 de dezembro de 2013).

⁵³ Comportamento que indica aversão, repulsa ou ódio pelo sexo feminino.

Essa *repulsa inata* se perpetua através de uma estrutura que mantém os valores estéticos e sociais estabelecidos de uma determinada maneira. Então, a página define o modelo feminino a ser assumido, que não seria de mulheres *vadias*, essas publicações ocorreram durante o mês de dezembro.

Do mesmo modo que o ataque ao movimento LGBT se estabelece em diversos momentos no blog, com a figura de Jean Wyllys como protagonista da *ameaça gayzista* à democracia. Isso é apresentado em uma figura em que aparece Jean Wyllys dizendo: *Eu represento vocês*.



Figura 15 MHUFJ

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a/> - dezembro de 2013

Essa representatividade trata dos trabalhos apresentados pelo deputado, a respeito da Legalização da Maconha e da Legalização das Profissionais do Sexo. A última fotografia do homem na tela de computador refere-se à incorporação de aulas a respeito de gênero no ensino fundamental que, na concepção do site, seria um incentivo à erotização infantil.

Outra mobilização feita no site, refere-se à PLC 122, uma Lei que visava tipificar a homofobia, o site apresenta como sendo um projeto de lei que cerceia a liberdade de expressão, já que, de acordo com a proposta de lei, publicitar discurso de ódio contra a população LGBT,

de forma discriminatória, seria considerado crime de homofobia. Na interpretação da página, isso seria a *mordaca gay* colocada sobre os meios de comunicação, visando impedir que *homens de bem* pudessem criticar o movimento LGBT.

O desenvolvimento de um discurso de desqualificação do movimento LGBT, apresentando-o como uma farsa se faz presente em outras postagens, mas a figura mais enfática que poderia ser apontada é de uma imagem na qual se questiona as relações internacionais do país aliadas ao movimento LGBT.



Figura 16: MHUFJ

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a/> - 14 de novembro de 2013

O que se é questionado na figura é a relação entre o Irã e o Brasil, bem como de que forma o movimento LGBT se cala na relação entre os países. A argumentação procura apresentar uma convivência entre o movimento LGBT e o governo PT, em que ambos trabalham lado a lado para implementação de um socialismo no país, tendo como a cultura gay o centro dessa transformação. Essa oposição apresenta uma relação entre o movimento LGBT e o que o site chama de Cristianismo, como se fossem antagonistas.

Para finalizar, apresento uma imagem que traça a relação entre o movimento LGBT, a governança e fatalidade. Na figura abaixo, segue a história de um imperador romano, que devido a sua *promiscuidade, causa gay e prostituição* teve um fim trágico.

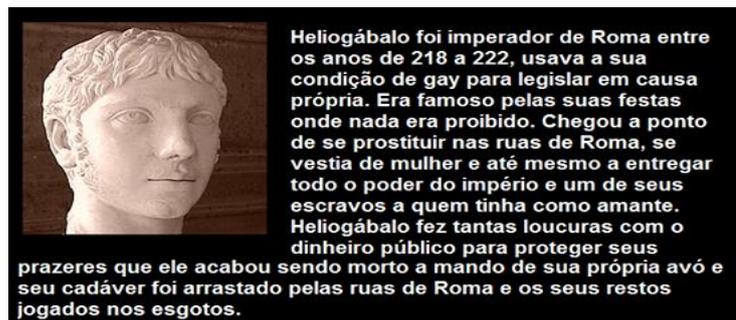


Figura 17: MHUFJ

Fonte: <https://www.Facebook.com/pages/Mulheres-e-Homens-Unidos-a-Favor-da-Fam%C3%ADlia-e-da-Justi%C3%A7a/171468719720572?fref=ts> - dezembro de 2013

3.5 #Orgulho de Ser Hetero – Guia Prático de Como Ser Macho (2013-2016)

A página Orgulho de Ser Hetero (OSH), antes de mais nada é uma página de humor, ao mesmo tempo que é uma página do Facebook é também um blog no domínio BR. Ela conta com mais de 1 milhão⁵⁴ de acessos desde sua fundação, entre os assuntos abordados em suas postagens encontram-se vídeos, entrevistas, fotografias, imagens e montagens. Os assuntos versam sobre tipos de carro, tipos de mulheres, o significado de ser homem, friendzone, ataques ao movimento LGBT e Feminista.

A página se utiliza da imagem de homens famosos, como o ator Charles Sheen e Clint Eastwood como figuras masculinas que dão conselhos recorrentes como ser homem e o que fazer com mulheres *interesseiras*, *piranhas*, *vadias* e *que te colocam em friendzone*. O termo *friendzone* denomina a relação que é traçada entre um homem e uma mulher sem interesse sexual, em que ambos se encontram em uma “zona da amizade”, termo que se sustenta ao longo do site em uma espécie de guerra dos sexos em que um homem não pode ser amigo de uma mulher.

Diversas postagens visam apresentar *guerreiros* que foram alvejados e entraram na *friendzone*, a representatividade do guerreiro perpassa um dos valores enaltecidos pela heteronormatividade que coloca os homens como aqueles desafiados a empregar uma luta ou entrar em combate. Dessa forma, as piadas, entrevistas, reportagens e montagens produzidas pelo site nos indicam uma tipologia masculina, não apenas aceita, como incentivada. O carro e a agressividade se tornam traços inerentes a esse projeto de masculinidade que se realiza através da página que molda um tipo de masculinidade a ser seguida e que qualquer distanciamento

⁵⁴ 1.546.388 em 07 de julho de 2014

desse modelo hegemônico é compreendido como um desvio social, colocando os sujeitos em posição deteriorada diante do *verdadeiro hetero*, classificado como homossexual por isso.

A apresentação do termo *friendzone* se torna importante, pois também delimita o modelo de feminilidade aceita para o *verdadeiro hetero*. Essa mulher precisa assumir posição de amante devota e dedicada ao ser homem, deve valorizá-lo e manter-se fiel, lembrando que não há a possibilidade para outro relacionamento dentro desse modelo hetero, ou seja, não há amizade entre homem e mulher, o que coloca todas as mulheres que não são amigas como potencialmente mulheres a serem *pegadas* ou terem de honrar serem desposadas por esse tipo de homem. Outro tipo de valor feminino a ser valorizado dentro desse site é o corpo feminino, em sua maioria de mulheres loiras, magras e brancas, delimitando modelos femininos adolescentes ou que os lembrem. Há diversas imagens de mulheres desse tipo veiculadas ao longo do site, inclusive há uma tipificação por parte do site das mulheres a serem relacionadas, quadro esse que se encontra em outros sites da rede da qual ele faz parte.



Figura 18: Orgulho de Ser Hetero

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br/> - agosto de 2013

Essa representação da *caça* é recorrente, como se houvesse um desafio a ser superado, e que as mulheres são esse alvo a ser alcançado a qualquer custo. A representação do guepardo como um caçador diante de sua presa é um traço recorrente do tipo de masculinidade que *não perdoa vacilo*, que se mantém focado em um alvo especial. Cabe também a esse homem estabelecer os limites de ação das mulheres com as quais ele se relaciona, através de piadas e ironias. Em diversas postagens, isso vai se esclarecendo ao leitor da página, o diálogo é direto aos homens, não há meio termo nos sentidos usados, tanto que há afirmações do tipo *casem*

com uma mulher que saiba cozinhar. Ou em postagens que procuram deteriorar a imagem de certos tipos de garotas [...] Não sabe nem fritar um ovo, mas já sabe o que quer da vida ou garotas de 14, parecendo que tem 18, agindo como de 21.



Figura 19: Orgulho de Ser Hetero

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br/> - 27 de agosto de 2013



Figura 20: Orgulho de Ser Hetero

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br/> - 13 de agosto de 2013



Figura 21: Orgulho de Ser Hetero

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br/> - 05 de agosto de 2013

Há duas questões envolvidas que devem ser compreendidas, primeiramente há uma perspectiva de feminilidade a ser aceita por essa lógica hetero, a palavra orgulho reivindica sobre si uma positividade que visa estabelecer um lugar ameaçado, esse espaço social que entra em conflito com reivindicações estabelecidas dentro de uma sociedade plural em que uma minoria social busca estabelecer direitos iguais. O questionamento desse lugar procura se estabilizar cristalizando os adjetivos e características que tornam um homem hetero diferenciado, por isso é necessário manter o orgulho. Em contrapartida, há uma dificuldade de

compreender outras formas de masculinidade e feminilidade que fogem ao modelo heteronormativo estabelecido, deixando as mensagens do discurso, em determinados momentos, ambíguos, de modo que enaltecem a sexualidade feminina como positiva e, em outros momentos, é disposta como negativa, tornando o modelo feminino estabelecido de forma ambivalente.

Enquanto o modelo feminino é apresentado como confuso e ambivalente, o modelo de masculinidade assumido se mantém único e fundamental para o funcionamento e organização da sociedade, como uma espécie de guerreiro ou soldado de valores nobres.

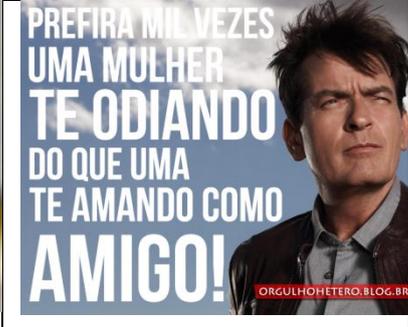


Figura 22: Orgulho de Ser Hetero

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br/> - 15 de julho de 2013

Esse resgate representa uma oposição à proposta de outras formas de masculinidade, de tal ordem, que se elegem características físicas e comportamentais que definem esse homem dentro dessa perspectiva heteronormativa estabelecida, cabe ressaltar que se trata do arquétipo do *cafajeste e do rústico*. Nesse sentido, as figuras utilizadas para expressar esses arquétipos assumidos são os atores Charles Sheen, que ganhou fama recentemente com a série de TV *Two and Half-Man*, exibida pela Fox Tv e pelo SBT, que conta a história de dois irmãos e uma criança vivendo juntos em um apartamento, a série procura satirizar o mundo masculino, bem como defende um modelo de masculinidade a ser representado. Conta, ainda, com Charlie Haper (interpretado por Charles Sheen), um solteirão que sai como diversas mulheres, o seu irmão Alan Haper (interpretado por Jon Cryer) e seus filho Jake Harper (Angus T. Jones). A história se desenvolve na praia de Malibu.

Charlie Haper é uma figura recorrente em diversos posts da página, dando conselhos e significando comportamentos masculinos a serem desenvolvidos.

		
<p>Figura 23: Orgulho de Ser Hetero Fonte: http://orgulhohetero.blog.br/ - 15 de julho de 2013</p>	<p>Figura 24: Orgulho de Ser Hetero Fonte: http://orgulhohetero.blog.br/ - 05 de setembro de 2013</p>	<p>Figura 25: Orgulho de Ser Hetero Fonte: http://orgulhohetero.blog.br/ - 05 de dezembro de 2013</p>

Outra figura representativa é do *homem sem nome* interpretada por Clint Eastwood, um cowboy que vive no Velho Oeste em busca de dinheiro e matando bandidos com pistolas. Essa figura também tende a ser recorrente em listas que definem o que é homem e na apresentação do tipo de homem rústico que é direto e resolve as coisas. Essa figura do cowboy representa um ideal masculino de um homem barbado e que é independente, capaz de enfrentar os perigos e sair ileso. A representação do anti-herói recai sobre o campo da masculinidade, aquele homem que não é bonzinho, no entanto, também não é o antagonista social.

O cowboy, ou melhor, *o homem sem nome* pode ser qualquer um que seja capaz de assumir esse arquétipo na relação com os outros, este arquétipo é também um mecanismo de defesa que mantém o sujeito ileso às transformações negativas do meio. Sua masculinidade é mantida, independente das adversidades do ambiente e dos outros atores que possam vir a aparecer, quer sejam homens ou mulheres.



O discurso produzido pauta-se em um modelo assumido como sendo único e hegemônico, que necessita ser afirmado o tempo todo, pois, nesse modelo, o feminino não é aceito como outro, mas como objeto a se relacionar. Esse processo é representado pelas inúmeras figuras que colocam a mulher apenas com a função de dar prazer ao homem ou reproduzir uma família ideal a ser assimilada.

Esse modelo assumido não permite, também, o diálogo, outras formas de relações entre homens e mulheres não podem ser aceitas, qualquer outro tipo seria aceitar alteração nesse modelo, que não muda, pois se mudar perde seu sentido. Tem, dessa forma, a colisão de sentido na própria relação de conflito entre o que pode ser entendido como o *animus e animas* proposta por Carl Gustav Jung, estes são vistos como antagonista e separados e não podem ser um, no ser social.

O masculino se estabelece, também, como aquele que desafia a homossexualidade, colocando essa relação sexual como não natural, a representatividade de uma relação hetero é a única relação possível, trata-se da afirmação do *orgulho hetero* até seu máximo patamar. As publicações relacionadas a carros, corridas, lutas e homens russos, é modelo tanto da masculinidade rústica estabelecida, como da branquitude eurocêntrica se reorganizando nas relações sociais de masculinidade.

A página tem um alcance de milhões de usuários do Facebook e da internet, a produção constante de publicações, de reportagens e imagens estabelece um verdadeiro guia de masculinidade hetero a ser seguido na sociedade, há diversos comentários que corroboram as postagens “humorísticas” realizadas, mas não há espaços para reflexão, qualquer tipo de tentativa ou questionamento recai em um processo de deterioração deste.

A sociedade como campo plural de sexualidade e masculinidade não pode ser aceito, a manutenção de ordem hetero é perpetuada o tempo todo. Pode-se ver, de fato, uma chamada para uma “resistência” dos avanços de ideologias do tipo gayzista e feminista e a piada é um mecanismo irônico de enfrentamento social para poder criticar sem sofrer as consequências de uma resposta à altura, pois é tão somente uma piadinha.

A colisão subjetiva é amortecida por uma estrutura humorística a ser respeitada, bem como um modelo assumido de masculinidade supraestruturado, ou seja, inquestionável e imutável, que deve ser seguida de todas as formas possíveis. Diferente de outras páginas, o Orgulho de Ser Hetero se perpetua por públicos difusos, não é um discurso direcionado a um público específico, mas há generalizações das postagens, buscando enaltecer valores fundamentais e de senso comum a todos. O discurso construído não é técnico ou burocrático, mas tende a perpassar todos os campos por conta de sua simplicidade e objetividade, mesmo assim há uma racionalidade que busca definir e auxiliar os homens nessa sociedade constantemente “ameaçadora”.

Na construção de uma tipologia de mulheres com as quais os homens não devem se envolver, há uma classificação dos tipos de mulheres e justificativas de porquê não se envolver com elas, partindo de um pressuposto estabelecido através de preconceitos e de éticas masculinas estabelecidas, reforçando uma irmandade masculina ou corporativismo hetero de relacionar-se.

A *ex do amigo* deve ser evitada, tanto pela relação de amizade entre os homens, que pode causar problemas nessa amizade estabelecida, também porque a *mulher do seu amigo* já possui outras pessoas para consola-la. *Mulheres com muitos amigos homens*, pois esse tipo de mulher sai para *fazer umas farras com eles*, com isso, o risco de ser traído é *iminente*. Entre as mulheres também estão feministas, melhor amigas da ex, festeiras e exibidas.

Essa tipologia feminina visa estabelecer uma *zona de perigo* que deve ser evitada ao relacionar-se com mulheres desse tipo, uma forma de controle para que fique avisado dos

comportamentos que uma mulher de respeito deve ter ou não, comportamento de promiscuidade.

Em outra postagem, uma internauta direciona uma mensagem à Thaysa Loopes⁵⁵, ao postar na internet que agradecia a Deus pelas suas conquistas e ajuda, define a negatividade de um tipo de comportamento não aceito por essa masculinidade. A postagem foi feita em forma de print⁵⁶ no dia 23 de agosto de 2013.

Cara, te garanto que Deus não tem NADA a ver com sucesso feito em cima de indecência e de quem acha bonito rebolar (mal) com quase 0 de roupa e com letras tão cheias de cultura sqn⁵⁷. Vai agradecer teu sucesso ao capeta porque quem deixou o portão aberto para vocês poderem sair foi ele (internauta, 23 de agosto de 2013, Orgulho de Ser Hetero).

Essa negatividade de mulheres tidas como “vulgares” se apresenta em outras postagens, em que são realizadas pegadinhas com um homem dirigindo um carro de luxo abordando mulheres na rua para dar carona, com o intuito de comprovar que as mulheres são interesseiras, logo, essas devem ser evitadas.

Os ataques voltados ao movimento LGBT, também são primordialmente voltados aos homossexuais, à parada gay e ao deputado Jean Willys. As postagens visam desqualificar a luta, do mesmo modo que outros sites, estabelecendo a existência de uma contradição política e ideológica.

No dia 16 de agosto de 2013, uma declaração dada pela atleta Yelena Isinbayeva afirmou *que apoia a lei do país dela que proíbe manifestações em defesa dos homossexuais na presença de menores de 18 anos*. Essa postagem tem como objetivo incentivar um processo de discriminação de homossexuais, o interessante é verificar alguns comentários, como do tipo:

Eh normal em outros países pessoas fazerem esse tipo de declaração... se fosse no Brasil a pessoa já estaria presa ou tendo algum gay passando a mão no cabelo dentro do avião enquanto canta robocop gay.. Maldita seja a Globo por promover a viadagem nesse país...

O Brasil é uma país livre e em nossa constituição o ato de expor a opinião pessoal é um direito de todos. Quer dizer apenas dos homossexuais, pois se alguém disser algo contra os atos deles é considerado como homofóbico! O que é moral está sendo considerado desrespeitoso e o que é desrespeitoso está sendo considerado normal e ético!

⁵⁵ Vocalista do grupo de funk Bonde das Maravilhas

⁵⁶ Uma fotografia tirada pela função print script do computador.

⁵⁷ Sqn - Só que não, termo usado para negar afirmativa inicial.

Parabéns pra Rússia!! Lá as pessoas tem liberdade de expressão apesar de ser considerado um regime autoritário. Aqui se você falar contra já vem uns idiotas e a mídia falando asneira.

Nem com menos de 18 nem com maiores de 18, devia ser proibido na presença de todo mundo!

O problema não é contra os gays e sim contra a legalidade do ato de casamento homossexual. Os canais de televisão estão inculcando a homossexualidade na cabeça do telespectador para normalizar uma nova instituição da família... não sou a favor de agressão física ou verbal contra gays... mas, não sou a favor desta nova instituição familiar que estão empurrando goela abaixo no povo... (comentários de internautas, 16 de Agosto de 2013).

Há uma dificuldade de lidar com homossexualidade dentro da sociedade, os comentários de internautas nos revelam que não se trata apenas de produtores do site, mas de uma espécie de senso comum estabelecido no seio da sociedade, em que o homossexual necessita ser discriminado e afastado dos olhares, quer seja na mídia, quer seja em espaços públicos. Há um recorrente discurso *nada contra os homossexuais, mas não aceito a prática do homossexualismo*, demonstrando que não é apenas um problema de discursos conflitantes, pois se questiona como incômoda a própria existência da homossexualidade.

As tentativas de estabelecer, politicamente, dentro das instituições, representatividades dessa sociedade ou um diálogo com as reivindicações do movimento LGBTQIA+ são também vistas como negatividades e os atores que pertencem a esse movimento são discriminados ou desqualificados através de imagens postadas no site.



Figura 28: Orgulho de Ser Hetero

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br/> - 18 de julho de 2013

A figura de Jean Wyllys como o novo presidente da Marvel Comics, empresa que produz histórias em quadrinhos e super heróis dos Estados Unidos é o pano de fundo para questionarem Wolverine, que em episódio recente beijou outro super herói, do casamento do Estrela Polar, um personagem assumidamente homossexual, com seu companheiro de luta, e questiona a declaração do ator que interpreta o homem-aranha nos cinemas. Jean Wyllys se torna um personagem central das postagens que envolve o debate homofóbico no Brasil, porque é uma representação do movimento LGBT para a rede de sites estudadas nessa pesquisa.

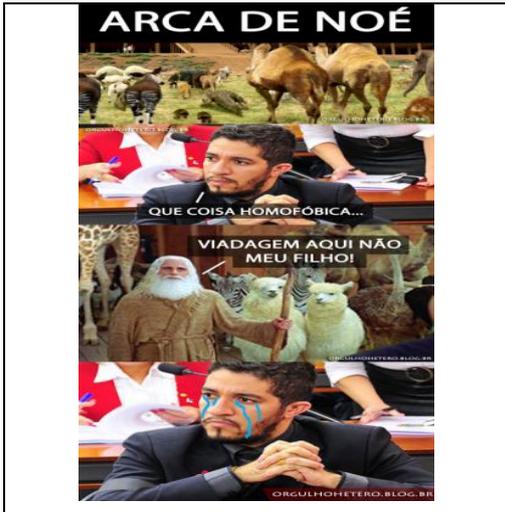


Figura 29: Orgulho de Ser Hetero
Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br> - 19 de julho de 2013



Figura 30: Orgulho de Ser Hetero
Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br> - 20 de agosto de 2013



Figura 31: Orgulho de Ser Hetero
Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br> - 08 de setembro de 2013

A desqualificação do movimento LGBT na figura do Jean Willys requer uma análise mais aprofundada para entender o que representa esse movimento e de que forma a existência dessas reivindicações parece afetar o modelo hetero estabelecido, que perpassa não somente uma questão pessoal/individual, mas uma questão pessoal de cunho social, que transpassa as relações de consumo e de fluxo do capital, trata-se também de relações de ordem subjetiva, latentes em nossa sociedade. Esse processo de desqualificação da luta LGBT se mostrou mais explicitamente nessa página que em outras, tanto pela afirmação do *orgulho de ser hetero* como também como modelador de comportamento tidos com masculinos a serem assumidos. Os

comentários revelam que a página serve como espaço social de expressão de incômodos que em outros momentos não seria possível serem expressos, trata-se de um espaço de afirmação da potencialidade hetero.

Do mesmo jeito com o movimento feminista, que coloca as posturas feministas relativizando os valores quando se trata de manter *privilégios* femininos, essa questão econômica parece ser recorrente, principalmente, sobre *pagar a conta*. Se questiona o papel das mulheres como sexo frágil, mas de modo a desqualificar a luta feminina, pois os *homens sofrem mais com essa sociedade que as mulheres*, sob os argumentos de que são os homens que saem para trabalhar, ir para guerra e, por último, afirmam que a luta feminista traz reivindicações de “tratamento especiais”.

A construção desse discurso perpassa uma estrutura patriarcal no seio da sociedade que manuseia uma desigualdade latente entre os direitos de mulheres e os direitos de homens, apesar da constituição garantir a igualdade para todos, ainda se vive em uma sociedade em que a mulher é consumida, visando ao prazer masculino, em que morte de mulheres não é atribuída às diferenças de gênero, em que as mulheres não ganham o mesmo que o homem, mesmo que exerçam a mesma função.

Ao desqualificar a luta feminista, a página busca manter o local da mulher e sua posição dentro da hierarquia social que mantém intacto o modelo hetero de masculinidade assumida. A página busca deteriorar a imagem feminina, quer seja através do movimento feminista, quer seja deteriorando a imagem da mulher de forma irônica e “humorística”.



Figura 32: Orgulho de Ser Hetero
 Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br> - 03 de agosto de 2013



Figura 33 - Orgulho de Ser Hetero
 Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br> - 04 de novembro de 2013

O recorte econômico é ressaltado diversas vezes no blog porque o homem é quem sai perdendo em uma relação entre mulheres x homens, ou seja, *o homem gasta mais com as mulheres* e, na opinião do site, as feministas relativizam, pois estão em lugar confortável em uma sociedade em que *o homem é provedor*, logo abusam desse “privilégio”. Em outra postagem, utilizam uma imagem para desqualificar a luta feminina pautada em um padrão estético estabelecido pela sociedade, que *essas femininas são hipócritas*.

Essa tentativa refere-se ao argumento que se um homem for sarado, as feministas não reclamarão que ele seja violento, ou agressivo, ou mesmo que seja considerado um estuprador, haja vista que, somente os homens feios estariam classificados nesse quesito. No entanto, a página não problematiza que o estupro não está relacionado ao sexo, é, na verdade, uma relação de poder estabelecida, do mesmo modo que a idade interfere, também, na construção de relações abusivas. Essas postagens apenas reduzem o impacto da violência causada contra mulheres, como se o estupro não fosse um fato sério, que envolve constantemente pessoas do gênero feminino e, em diversos casos, homossexuais.



Figura 34: Orgulho de Ser Hetero

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br> - 05 de dezembro de 2013

Outra postagem pretende colocar o movimento feminista como um movimento pautado no ódio pelo homem, cujas integrantes do movimento são classificadas como mulheres que promovem a violência ou comemoram atos de violência contra as pessoas. Duas postagens são emblemáticas desse aspecto: a primeira refere-se ao caso de uma mulher nos Estados Unidos que cortou e cozinhou o pênis de seu ex-namorado.

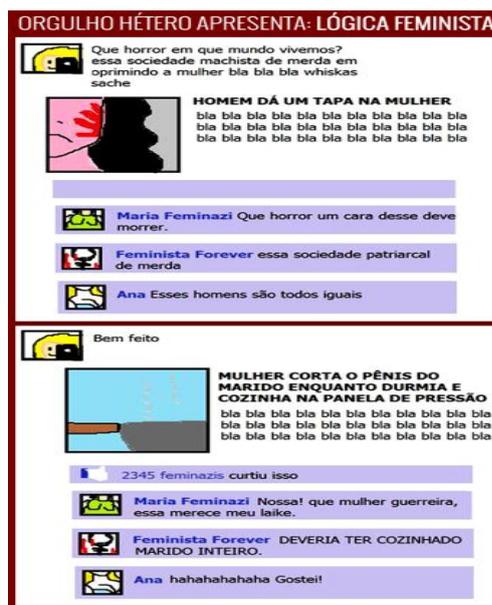


Figura 35: Orgulho de Ser Hetero –

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br> - 22 de setembro de 2013

Notem como as feministas são representadas na figura, *Maria Feminazi*, *Feminista Forever* e *Ana*. O intuito é fazer parecer que o movimento feminista ou mulheres organizadas são a favor de atos de violência contra homens porque são necessários. Em outra postagem, em que um grupo feminista realiza um ato contra o rap Emicida por conta de sua música chamada Trepadeira, a qual coloca a mulher que apanha como a culpada por seu destino e a mulher que exerce sua sexualidade como uma pessoa que deve ser excluída e apanhar. Ao final da postagem, colocou um vídeo de um áudio chamado Rap das Feminazi.

Na letra, conta-se a história de uma menina que entrou para o movimento feminista por causa de uma desilusão amorosa, utilizando termo como *Feminazi*, *baranga*, *princesinha*. *Na marcha das vadias, mostro as tetas e com ódio grito*. Ao final do rap ele coloca a frase *Chega de Feminismo/Chega de Discurso de Ódio/ Chega de sexismo!*



Figura 36: Orgulho de Ser Hetero

Fonte: <http://orgulhohetero.blog.br> - 16 de julho de 2013

O termo vitimismo tende a ser retornado em diversos momentos, classificando esse movimento com uma postura de vítima, mesmo em situações que não é vítima, as feministas também são classificadas como mulheres que homens não devem se relacionar, pois *são muito chatas e transformam tudo em discussão*.

3.6 Orgulho 32: Orgulho, Patriotismo e União (2013-2014)

Os dados coletados por essa página passam por dois aspectos importantes, primeiramente Orgulho 32 se apresenta como uma página do grupo Carecas do Brasil do Rio de Janeiro, esse grupo se identifica como skinheads tradicionais, que seguem a ideologia nacionalista e da classe trabalhadora, mas mantendo sua posição conservadoras em relação a valores familiares, não se identificam como racistas, nem fascistas e nem nazistas, apoiando a luta ao combate a essas ideologias.

A página é um nó importante que visa divulgar um zine virtual que desenvolve a história dos Carecas no Brasil, contando desde a origem inglesa dos skinheads, os vários grupos dentro do movimento contra cultural que fazem parte dos skinheads e do movimento punk. Essa

construção pode ser vista nos primeiros números do zine virtual, que conta a história dos carecas e suas diferenças ideológicas com outros skinheads. O zine tem o intuito de propagar informações dos grupos nas redes sociais, tentando difundir ideais e estabelecer grupos de base.

O segundo aspecto importante é a página Reacionários, que apresenta um fluxo maior de postagens voltadas contra os grupos LGBT, Feminista, Anarquistas, Punks, entre outros, apoiando uma cultura conservadora na sociedade, com um trabalho policial mais *livre das amarras burocráticas* e se denominando anticomunista. Pode-se dizer que, apesar de serem duas páginas diferentes, pertencem a um mesmo produto virtual que busca viabilizar um tipo de informação de acordo com a ideologia propagada pelos Carecas do Brasil.

Os zines virtuais são o instrumento utilizado para construir a análise dos discursos contra homossexuais, do tipo de ideologia nacionalista propagada e das posições sociais ocupadas pelo grupo dentro da sociedade. O zine tem sua primeira publicação em 2010, foram construídos 12 volumes, ao todo, ao longo da pesquisa, de 2010 a 2013, como não eram publicações com uma certa periodicidade, pode-se acompanhar esses zines para compreender o conteúdo da página Orgulho 32.

O apelo familiar, a construção de uma cultura familiar tradicional pode ser compreendida em diversas partes da publicação, os membros se referem a irmãos quando falam de si e de outros carecas de outras regiões. O zine de número 00 é um compêndio geral para se entender a história do movimento skinhead no mundo, tendo suas origens na Inglaterra dos anos 60, até sua introdução no Brasil.

Os primeiros Skinheads brasileiros surgiram em São Paulo, na Zona Leste e o AB C Paulista, os Carecas do Subúrbio. Sendo mais preciso os Carecas foram os primeiros a adotar o estilo skinhead na América Latina. O movimento começou nos anos 70, sério, brasileiro, sem estrangeirismo, um estilo de vida. Os carecas tiveram postura, treinavam, cultuavam o corpo. Preveniam-se com defesa pessoal. Desde o início eram antidrogas, com realização de passeatas, protestos, identificando muitos jovens da época, nas reuniões era proposto não ser um grupo de jovem igual a tantos outros alienados (p.5, Orgulho 32, 2010).

Note-se que a construção da identidade perpassa valores como seriedade, nacionalismo e corporalidade, ou seja, não se reconhecem como um movimento político, mas um estilo de vida a ser assumido. A busca por uma distinção de outros grupos se faz importante como traço na construção de identidade, um grupo diferenciado que busca estabelecer características comuns e hábitos comuns em relação ao conjunto social que se apresenta.

Ter postura é assumir uma posição clara dos valores assumidos por uma determinada comunidade ou grupo social urbano, isso é parte da cultura careca, *todo careca sabe se portar em qualquer lugar seja na rua ou no salão* (Orgulho 32, 2010). Esse respeito que se exige perpassa, também, um tipo de comportamento pautado na construção da identidade masculina, apesar de existirem mulheres dentro do movimento, mas o lance é saber se portar de acordo. Outro ponto é a cultura do corpo, compreendida como apreensão de artes marciais, de exercícios físicos e do não uso de drogas.

O traço nacionalista é presente, assim como também é admitido individualmente que membros se aproximem do integralismo, apesar de não ser defendido coletivamente pelo grupo. Sua definição de nacionalismo perpassa uma preocupação com o local, com o regional dentro de um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, em que a possibilidade de valores subjetivos múltiplos colidirá a qualquer momento.

O nacionalismo é um sentimento de valorização marcado pela aproximação e identificação com uma nação mais precisamente com o ponto de vista ideológico. Costuma diferenciar-se do patriotismo devido à sua definição mais estreita. O patriotismo é considerado mais uma manifestação de amor aos símbolos do Estado, como o hino, as bandeiras, suas instituições ou representantes. Já o nacionalismo apresenta uma definição política mais abrangente, exemplo: da defesa dos interesses da nação antes de quaisquer outros e, sobretudo da sua preservação enquanto entidade, nos campos linguísticos, cultural, etc., contra processos de destruição de sua identidade ou transformação (Orgulho 32, p.7, 2010).

O Nazismo, o Fascismo e o Anarquismo são considerados ideologias de esquerda que são execradas pelos Carecas do Brasil, que necessitam ser combatidas tanto para manutenção de valores sociais estabelecidos, como também pelo caráter violento que essas ideologias apresentam para a sociedade. Os Carecas do Brasil se denominam conservadores, mas não de direita, apenas compartilhando determinados valores, o que os coloca como neutros dentro de um cenário político, nem apoiando a direita ou a esquerda e, muito menos, partidos políticos.

Em uma entrevista publicada no Zine de número 02, para uma pesquisadora da USP, pelo Movimento Carecas do Subúrbio do Brasil, a respeito da ideologia que o movimento prega a resposta foi a seguinte:

Somos nacionalistas, contra as drogas, contra a repressão, contra o preconceito, contra tudo que destrua sua pátria, sua família. Queremos o que todos querem. Emprego com salário justo, e não de fome como este, queremos saúde, segurança. Não somos integralistas, mas dizer que vivemos seguindo o conceito “Deus, Pátria e Família” também seria correto (Orgulho 32, p.7, 2010).

Esse sentimento de nacionalismo, também defende em si uma postura liberal no sentido de acreditar que as melhorias individuais só podem ser conquistadas através do esforço particular, que o livre mercado é a possibilidade de melhorar as condições de vida, por isso se colocam como anticomunistas, tanto na página Reacionários/Orgulho32 como no zine.

No número 04, de outubro de 2010, há um artigo que aborda sobre o Comunismo, colocando como uma ideologia utópica e sem perspectiva de realidade, que ignora a competitividade natural inerente ao ser humana, sendo na verdade uma cultura de ódio.

O problema é que socialistas e comunistas promovem o ódio, a violência e a morte como um meio para atingir algum paraíso utópico naquele dia. A luta de classes é comentar o ódio entre as pessoas e a revolução representa a exaltação da morte como um meio para atingir seus objetivos. Lênin, Stalin, Fidel, Mao e Che são exemplos flagrantes de criminosos e assassinos que deixaram para trás milhares de mortos, em nome da revolução e do socialismo (Orgulho 32, p.7, 2010).

No mesmo número, a Anarquia é colocada como crime, tendo como parâmetro a Lei de Segurança Nacional que vigorava no período da ditadura, mas que, mesmo depois do processo de democratização da sociedade, ainda não foi revogada. Interessante notar que esse artigo é em formato de informativo, não cita diretamente um grupo, mas aponta os pontos que indicam transgressão da lei.

A questão de homofobia também é presente, os Carecas, em diversos volumes, falam sobre assunto, principalmente porque, no período, um grupo de skinheads foi preso e acusado de terem espancado um homossexual, afirmação essa negada pelos Carecas do Brasil. Na construção desse discurso, buscam desqualificar o termo homofobia e substituí-lo por Homofilofobia, que seria o termo adequado, conceituado como *aquela que não tolera quem gosta de pessoa do mesmo sexo*. Também afirmam que não são homofóbicos, apenas não compactuam como o modo de vida escolhido por *essas pessoas* - homossexuais – que não condiz com o estilo de vida.

**TUDO DIA É DIA DE
ORGULHO HÉTERO!**



CARECAS DO BRASIL - RJ



LUTANDO PELOS VALORES
TRADICIONAIS DA FAMÍLIA
BRASILEIRA!

CONTRA O PLC 122/2006 (LEI DA MORDAÇA
"GAYZISTA"), QUE FERRE O ARTIGO 5º, IX DA
CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, QUE É O
PRINCÍPIO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO.

WWW.CARECASRJ.ORG

Figura 37: Orgulho 32, Número 00, março de 2010
Fonte: <http://orgulho32.blogspot.com.br/>



BICHA

Ui! Virei purpurina!

**NÃO NOS ENTENDA MAL, POIS NINGUÉM AQUI
QUER FAZER MAL A NENHUM HOMOSSEXUAL ...
AFINAL ... O QUE É A MÃO DO HOMEM DIANTE DA
BRILHANTE IDÉIA DE ~~SEXO~~ (OU DA NATUREZA)
DE MANDAR A ~~AIDS~~ FAZER O TRABALHO ...**



Figura 38: Orgulho 32, Número 04, outubro de 2010
Fonte: <http://orgulho32.blogspot.com.br/>

O movimento Careca reivindica o direito de livre expressão contra o *homossexualismo*, pois trata-se de defender valores familiares que acreditam ser necessários à sociedade, não se reconhecem como homofóbicos, apenas como defensores de valores essenciais para a sociedade, que é direito deles se expressar contra o que não *gostam no seio da sociedade*, tanto que, em vários números, isso é falado, principalmente contra o PL 122 que criminaliza a homofobia.

No número 06, de junho de 2011, há um artigo que foi construído com relatos tirados da internet de pessoas que não fazem parte do movimento, mas que também não concordam com a PL 122.

Internauta 1

Oie, nossa estou chocada com esta matéria, achei tão agressiva, sei lá não acho que as pessoas q não aceitam os gays sejam ou pensem dessa forma! Acho q existe muita diferença entre ser homofóbico e não gostar dessa opção sexual... Eu não curto homossexualismo, então vou ser considerado homofóbico? Acho que o preconceito parte primeiro dos homossexuais em achar que todos no mundo têm que estar de acordo com suas preferências, eu posso gostar do que eu quiser e tenho por direito de falar também, vivemos numa democracia, com liberdade de expressão, desde que não insulte ou vulgarize minhas palavras, tenho direito de falar o que penso e de não gostar do que outros gostam. E por isso vou ser homofóbica, a tenha paciência!

Antes de assumir alguma condição diferente do que a sociedade nos pede, temos que passar por um processo de aceitação com nós mesmos, para não acabar sendo preconceituoso conosco mesmos...

Abrços até

Internauta 2

Concordo plenamente com *internauta 1*, quer dizer que não temos o direito de não gostar ou de não concordar com certos comportamentos, também acredito que eles são os primeiros a ser preconceituosos com eles mesmos, a maioria quando falam de mulher diz que tem nojo, cospe, etc.. E nem por isso, nós, mulheres nos sentimos insultadas, nem nunca fomos a polícia denunciar por preconceito contra mulheres.

Um bando de gente que não tem o que fazer fica querendo chamar atenção dizendo que o mundo está contra os gays, ou seja, síndrome de coitadinhos.

Abraços

Intenauta 3

Falou muito bem *internauta 1*, os homossexuais tem o direito de assim ser, mas a sociedade não tem a obrigação de gostar dos homossexuais. Não odeio os homossexuais, mas também não convivo com eles, porque não tenho a obrigação de conviver.

E pelas barbas do profeta, não compare raça e cor com homossexualismo. Cada um nasce com sua cor, e isso não pode ser mudado

Internauta 4

Concordo com a internauta 1, que ainda teve coragem de colocar o nome. Preconceito é algo muito relativo, pois da mesma forma que a internauta 1 colocou, também não gosto dessa opção sexual, mesmo que seja um direito de quem assim opte. Mas, usando do direito de liberdade de expressão, e isso não é homofobia e nem homofilofobia, tenho minha opinião, minha maneira de ver as coisas, o direito de me expressar, conquanto não ofenda, não agrida e não ataque moral e eticamente os homossexuais. Isso, sim, daí seria preconceito, ou como prevê a lei, segregadora em princípio, crime. Agora querer classificar quem não concorda, quem não gosta e quem não aceita a opção dos homossexuais de homofóbicas, convenhamos, é uma posição, uma visão não tem absolutamente nada a ver com homofobia e nem como homofilofobia. Apenas respeito a opção de cada um, mas que também respeitem a minha opinião, que é um direito que tenho sustentado pela própria Constituição Federal, proclamada em outubro de 1988.

É que no Brasil, país em que grande parte é ignorante e outra boa parte alienada e uma terceira, está sem opinião própria, é Maria vai com as outras, tudo passa a valer ou ser como chamada grande mídia difunde, propagada, manipula, incute, induz e assim os chamados “jornalões” ou “telejornalões” vão dizimando o cidadão de ter opinião própria E a partir daí só vale e só é verdadeiro o que ela (a mídia) propaga e incute na cabeça dos que não tem personalidade e nem firmeza de opinião. Assim, que cada qual tenha a sua opção e que os contrários o direito de expressar a sua opinião, sem jogar na vala, comum da HOMOFOBIA ou da HOMOFILOFOBIA. Dignidade e personalidade JÁ!

Internauta 5

Pois é, essa questão da HOMOFOBIA ou, segundo outros, HOMOFILOFOBIA, é ais um motivo pra se ficar batendo e debatendo sobre um tema que não tem tanta relevância assim como querem dar a parecer. E, complementando, PRECONCEITO só existe quando passa a haver uma ação explícita de agressividade, de discriminação, de ataques a opção sexual de alguém, do contrário é apenas uma questão e um direito

que cada um tem de aceitar ou não aceitar, porém sempre pautando pelo respeito à opção de cada qual. Como disse o novelista Gilberto Braga: “Se homossexualismo fosse normal... Deus teria criado Adão e Ivo”, Ou como descreveu o cineasta Arnaldo Jabor: “Antigamente, o homossexualismo era proibido no Brasil. Depois, passou a ser tolerado. Hoje é aceito como coisa normal... Eu vou-me embora antes que se torne obrigatório

Fui... Tchau!”

Internauta 6

Vivemos em um país livre e todos têm o direito de gostar ou não de alguém ou coisa, não há leis que obrigue alguém a gostar de outras pessoa, eu não gosto de gays e tenho o direito de não gostar, da mesma forma que não gosto de São Paulo e do Flamengo porque nenhuma lei me pode me obrigar a gostar de algo ou alguém, respeito quem goste e quem é gay, mas longe de mim, e esse meu direito também tem que ser respeitado ou corremos o risco de voltar a um regime de ditatorial, tchau

(relatos publicados no Zine Orgulho 32, número 06, junho de 2011, p 11-13).

Os relatos citados acima tinham como objetivo no zine demonstrar que os Carecas estão de acordo com uma boa parte da população que reconhece que a *PL 122 e o homossexualismo não são um comportamento aceito dentro da sociedade*. A luta pelo direito de expressar seu descontentamento com os gays é parte importante de valores a serem defendidos, ao utilizar de relatos com conteúdos extremamente homofóbicos, clarificam que essa questão parte de sentidos dados dentro da sociedade em geral, de valores que são perpetuados na sociedade brasileiros como senso comum.

Note-se que, nos relatos, o conceito de liberdade é utilizado o tempo todo como parâmetro para justificar a construção de um discurso contra os homossexuais. O termo opção, invés de orientação, coloca estes como culpados pelos próprios comportamentos desviantes dentro da sociedade, *se querem viver assim que vivam bem longe de mim*, essa frase remete a um senso comum estabelecido e também denota ação de cunho segregadora dentro da sociedade, em que os sujeitos fiquem longe dos olhos e da presença de pessoas *normais*.

Nas tirinhas de humor e alguns artigos do zine, os mecanismos de deterioração de identidade recaem sobre os punks, em sua maioria das vezes, com figuras procurando chamá-lo de mendigos, com Carecas segurando punks pelo pescoço, entre outros.



Figura 39: Orgulho 32, Número 12, junho de 2013
 Fonte: <http://orgulho32.blogspot.com.br/>



Figura 40: Orgulho 32, Número 12, junho de 2013
 Fonte: <http://orgulho32.blogspot.com.br/>



Figura 41: Orgulho 32, Número 12, junho de 2013
 Fonte: <http://orgulho32.blogspot.com.br/>

Ao lado do Zine virtual, a página Reacionários que é, na verdade, um produto anexo do Orgulho 32, contém um fluxo de visualizações e de compartilhamento enorme, no entanto, ela não fala especificamente dos Carecas do Brasil. Procura, de certa forma, validar diversos discursos que se encontram circulando na rede, com fotografias que atacam programas como Médico da Família, o governo PT, bolsa família, o funk, o movimento feminista. Termos como

gayzismo, feminazi, esquerdopata, esquerdista são recorrentes ao longo das postagens, que visam um cunho *humorístico* dentro de suas postagens.

A página se insere no conjunto de páginas dentro de redes virtuais específicas, voltadas para um público genérico, mas assumindo uma posição conservadora e reacionária, trocando diversas informações comuns, que podem ser encontradas ao longo das páginas aqui pesquisadas.

3.7 Parada Hetero Brasil: porque Casal é Homem e Mulher, o resto é Par

A página Parada Hetero Brasil passou por diversas denúncias que a retiraram do ar, antes da pesquisa iniciar e depois que a pesquisa iniciou, no entanto, ao longo do período da pesquisa, quando a página era retirada do ar, outra era construída com o mesmo conteúdo. Ao longo desse processo, pode-se dizer que pelo menos três vezes a página foi reconstruída, como outras páginas aqui estudadas. Cabe ressaltar que a opção tomada pelo produtor da página foi de hospedá-la em servidor russo, onde as manifestações homossexuais são proibidas.

Diferente do Orgulho de Ser Hetero, que afirma ser uma página humorística, a Parada Hetero Brasil visa assumir uma postura política de incitar o debate e de demonstrar que o avanço político da atual sociedade é um projeto para o estabelecimento de uma *ditadura gay*. Ao contrário de outros produtos, essa página leva a sério a posição política de que a sociedade hetero precisa ser defendida do avanço gayzista.

A Parada Hetero Brasil define o que seria o gayzista em uma publicação de 19 de agosto de 2013, que foi retirada do ar, mas que, por conta da pesquisa, pode ser colhida antes da página ser retirada de circulação. Cabe demonstrar a formalização do conceito que é amplamente utilizado em diversas páginas dentro das redes virtuais e por atores que compartilham dessas informações.

Gayzista: Definição da Palavra: Junção das palavras GAY e Nazista é empregada para designar ativistas gays que possuem como objetivo, recrutar crianças e jovens para seu comportamento sexual e criar leis que proibam os heterossexuais de reclamarem de suas políticas, tomando—os uma elite dominante intocável. Obs: É importante lembrar que nem todo homossexual é gayzista, temos como exemplo, Clodovil, que vivia a intimidade dele entre quatro paredes e nunca tentou esfregar isso na cara de nenhum hétero, podemos dizer que nem todo homossexual é gayzista, porém, todo gayzista é homossexual (Parada Hetero Brasil, agosto de 2013).

Essa conceituação foi seguida por um longo debate a respeito de liberdade de expressão, de cartilhas de educação sexual na educação, de kit gay, a conceituação do gay como militante ou ativista é o que pauta o posicionamento de um gayzista, como em outras postagens, a preocupação é com o posicionamento político assumido dentro da sociedade. O embate subjetivo e ideológico é pautado em horizontes sociais diferente, a Parada Hetero vê como uma ameaça à sociedade, à democracia e à própria existência humana, a naturalização da homossexualidade na sociedade, dessa maneira, justificando seu posicionamento de enfrentamento aos gayzistas.

O que aconteceria se cada movimento subversivo conseguisse suas metas?

Veja a lista abaixo:

Feministas

Meta: Acabar com os homens

Se realizado: Extinção da Humanidade

Movimento gay

Meta: Fazer todos virarem homossexuais

Se realizado: Extinção da raça humana

Comunistas

Meta: Ditadura Comunista

Se realizado: Miséria, fome, assassinatos em massa, etc.

Movimento pró-drogas

Meta: legalizar as drogas

Se realizado: até seu vizinho certinho vai querer ser traficante (Parada Hetero Brasil, 11 de setembro de 2013, às 11:24).

Em 18 de setembro⁵⁸, a página divulga a imagens de um beijo lésbico em um culto público de Marco Feliciano, em que manifestantes realizaram um beijaço para protestar contra o pastor. O vídeo divulgado da página pertence ao Jornal da Massa, da emissora SBT, um jornal local que passa pela parte da manhã. Junto com o vídeo, a página colocou o Artigo 208 do Código Penal brasileiro.

As imagens mostram as mulheres arrastadas pela polícia e um dos entrevistados falando que a ação do pastor foi demais e outro afirmando que deveriam ser presos mesmo, a imagem é repassada diversas vezes.

Na interação com outros sujeitos, que deixaram diversos comentários, há afirmações como *tem que prender todas sapatonas, faltou elas tomarem muita porrada e tem mesmo que prender essas piranhas que não respeitam ninguém!*

Essa relação entre religiosidade e homossexualidade como fatores antagônicos parece permear o conjunto de páginas estudadas, se explicitando na Parada Hetero Brasil, por meio de diversas postagens e na defesa de um ideal familiar.

⁵⁸ <https://www.facebook.com/photo.php?v=559292527451242>



Figura 42: Parada Hetero Brasil –

Fonte: <https://www.Facebook.com/paradaheterobr> - 18 de novembro de 2013

Esse ideal familiar tem como justificativa central a proteção da criança. A imagem acima retrata uma representação de Jesus afirmando que os homossexuais não são criação sua, ou seja, colocando-os em categoria de negatividade em relação ao conjunto simbólico relacionado ao divino, como se fossem produtos do diabo, uma negação da existência do modelo hegemônico de heteronormatividade, que tem como objetivo subverter as crianças, objetivo dos *gayzistas*.

Em uma postagem no dia 12 de outubro de 2013⁵⁹, a Parada Hetero Brasil indica que o legado do Kit Gay é a hipersexualidade das crianças, *o legado do kit-gay – menino de 5 anos é flagrado no banheiro da escola junto com mais três amigos fazendo sexo oral uns nos outros e filmando – práticas realizadas demonstram ter sido inspiradas diretamente no kit-gay*.

O kit-gay se apresentou como um conjunto de intervenções, que deveriam ser implementadas na educação, visando ampliar o debate sobre sexualidade e diversidade sexual, foi apelidado de kit-gay pela sociedade, com uma tentativa de afirmar que se tratava de um instrumento de doutrinação de uma cultura homossexual.

A intenção das postagens é construir um clima de agressividade, como se o ódio viesse do movimento LGBT, transferindo para o outro um sentimento de imposição e de violência. Nesse raciocínio, o hetero é um sujeito em constante ataque por uma estrutura e cultura que quer lhe impor a homossexualidade. Assim sendo, a página se utiliza de diversos meios, como

⁵⁹ <https://www.facebook.com/photo.php?v=569002303146931&set=vb.558518920861936&type=2&theater>

um vídeo postado em que mostra um evangélico agredido em uma praça e a página⁶⁰ afirma ser um *gayzista*, mas não se pode ver quem bateu no evangélico, mesmo assim afirmam que foi um homossexual.

Na Parada Hetero, também foi incentivado um beijaço virtual hetero, onde casais poderiam enviar diversas fotos para serem publicadas, para protestar contra os beijaços homossexuais que ocorriam no país, bem como o vídeo da marcha pela Família Tradicional que ocorreu em Paris, contra o casamento gay.

A família tradicional entra em voga ao longo de todas as postagens do site, homem, mulher e filhos. São sacralizados e incontestáveis esses valores familiares, cristalizados dentro do modelo social assumido pela página, nem mesmo a possibilidade de adoção é aberta para homossexuais.

Nós somos contra a adoção de crianças por pares gays mesmo! E para os gayzistas, antes de vir falar que a gente prefere ver eles crescerem abandonados na rua, fica o recado: Eles não vão crescer abandonados na rua, caso não apareça um casal hétero para adotar, eles vão crescer no orfanato e vão sair de lá adultos, e como criança de orfanato é obrigado a estudar, provavelmente a pessoa já sai do orfanato para o alojamento de alguma faculdade, ou seja, bem melhor que ser criado por uma dupla de promíscuos que só vão ensinar a ele o que não deve! (Parada Hetero Brasil, 8 de dezembro de 2013).

Outro ponto defendido pelo site é sua política pró-vida ou antiaborto, estabelecendo que essa prática e essa reivindicação feminista visa, antes de tudo, extinguir a raça humana, bem como impedir que melhoramentos genéticos possam ser alcançados dentro da sociedade, já que impede que fetos possam ser desenvolvidos. Em outro momento, é mostrado uma foto de uma mulher grávida, perguntando quantas pessoas são vistas na foto, se a resposta for duas, a imagem completa, *parabéns você é humano*.

⁶⁰ <https://www.facebook.com/photo.php?v=577207825659712&set=vb.558518920861936&type=2&theater>



E finalmente uma última figura da página que pede, TOLERE ISSO, fazendo uma referência ao casal heterossexual.



Figura 45: Parada Hetero Brasil
Fonte: <https://www.facebook.com/paradaheterobr> - 19 de dezembro de 2013

3. 8 Homens de Bem: Contra Escória Gayzista e Feminazi

O blog surge em 11 de setembro de 2013, sob o lema *Desmascarando os males do esquerdismo, gayzismo e do feminismo*, o blog saiu do ar um mês depois, por divulgar imagens de mulheres sendo violentadas e sodomizadas; retornou em outubro, quando foi retirado do ar novamente por uma ação conjunta de hackers, que, por consequência, também divulgou a

identidade do produtor do blog. Foram poucas postagens, mas o suficiente para trazer à tona o debate a respeito do discurso de ódio na televisão e nas redes sociais.

Na primeira postagem intitulada *Homossexuais: Os culpados por você levar fora de mulheres*, eles começam reportando uma página de uma menina que participou de uma festa. A imagem da menina é mostrada com as fitas nos seios, ficando com diversas pessoas, homens e mulheres, em seguida em diversos prints depois, mostrando-a em relacionamento sério.

O argumento visa demonstrar que os homossexuais estão por traz *de orgias e da destruição da sociedade*.

Os homossexuais são naturalmente promíscuos, um sujeito que não honra nem o seu próprio orifício anal é incapaz de honrar. Não existe amor gay, já que o amor verdadeiro é um valor moral e homossexuais são seres amorais. Se você leva uma fora de mulher na balada é porque não está tendo uma atitude masculina, e se não consegue ter uma atitude masculina é porque foram criadas leis que te oprimem favorecendo um tipo de homem afeminado, mais propenso ao bissexualismo. O objetivo de longo prazo dos gays é fazer com que as sociedades futuras se tornem homossexuais, para isto as mulheres estão sendo doutrinadas a repudiar o homem típico, trocando por um sujeito afeminado aos moldes de Justin Bieber (Homens de Bem, 11 de setembro de 2013).

Nessa postagem, o ataque é direto, visando demonstrar que os homossexuais são sujeitos de segunda categoria e doutrinam o movimento feminista para estabelecer suas diretrizes de sociedade. Nos comentários desenvolvidos ao longo da postagem, uma pessoa afirma, inclusive, *Homossexuais são uma aberração da natureza, culpa de um Estado Esquerdista que não deixa a evolução natural acontecer*.

O blog aponta que se os homossexuais desaparecessem da face da terra, não seria problema algum, pois há gastos demais com o combate a AIDS. *Bilhões são gastos em pesquisa na cura da AIDS, sendo que o grupo que mais responde pela propagação desta doença é o grupo homossexual*.

Após diversos ataques à primeira publicação, ela passou a ser alvo de debates em diversos grupos da internet e, no dia 15 de setembro, houve uma segunda publicação, cujo título era *Eu como minhas alunas de mestrado*.

Eu como minhas alunas de graduação, e como outras vagabundas da Universidade. Todas estas patricinhas universitárias são vadias sujas que não valem nada mais que uma foda. As minhas colegas doutoras são umas retardadas parasitas acadêmicas que só cresceram pois dormiram com as pessoas certas. Eu sou um self-made-man. Eu conquistei tudo que tenho hoje graças a suor e esforço. E é por isto que eu criei este blog, pois vejo que a maioria de adolescentes está gastando sua vida, desperdiçando

seu tempo escutando mimimi de vagabundas, gastando seu dinheiro com baladas ao invés de livros. Eu estou aqui para mudar sua vida rapaz. Em 1 ano, você irá comer qualquer vadia que quiser, irá entrar na Universidade que quiser, e irá ter o que quiser. (Homens de Bem, 15 de setembro de 2013).

A ideia da postagem é criar um estereótipo a ser seguido, foi isso que o autor da página buscou demonstrar para trazer mais pessoas que concordam com ele para curtir a página. A afirmação de homem no topo do mundo, rico e com acesso às mulheres, retrata o modelo heterossexual a ser assumido como acima de qualquer outro, colocando em segunda categoria outra forma de expressão sexual, bem como o gênero feminino, esse homem está acima do mundo.

Para além disso, com o direito de poder fazer o que quiser na sociedade, no dia 24 de outubro, depois de retornar no Ar, o blog coloca o artigo chamado *Penetração corretiva de lésbicas. CURA-GAY*.

A postagem fala que mulher é *para ser feita de saco de pancadas*, incentiva, como cura gay, o estupro corretivo, afirmando que é um direito natural do homem branco fazer isso para colocar as mulheres lésbicas em seu devido lugar, para impedir o avanço de um Estado esquerdista que visa acabar com o homem hetero. Informa, ainda, que não existe estupro, que na verdade, é um acerto de contas.

É sua obrigação sabotar o estado matriarcal. E é seu DIREITO fazer a penetração corretiva em lésbicas. Nos nossos próximos posts ensinaremos a abordagem e como meter de com força e estourar as pregas dessas delinquentes. (Homens de Bem, 24 de outubro).

Penetração corretiva de lésbicas. CURA-GAY

outubro 24, 2013 Geral Tio Astolfo



Figura 46: Homem de Bem - 24 de outubro de 2013



Figura 47: Homem de Bem - 24 de outubro de 2013

O blog também postou sobre o protesto realizado sobre o Instituto Royal, que as mulheres atrasam a ciência de todas as formas, *as mulheres seres pouco dotados de intelecto não devem dar opinião em nada a respeito da ciência*. Além de outras fotos de mulheres sendo humilhadas é postada no blog, em que já circulavam outras postagens ensinado como lidar com mulheres em grupo.



Figura 48: Homem de Bem - 23 de outubro de 2013

O caráter violento é expresso em diversas postagens do blog, com intuito sempre de colocar a questão feminina em situação de humilhação, bem como deslegitimar a luta LGBT, sempre utilizando de fotos com armas apontadas para mulheres e homossexuais, enaltecendo a posição do homem brando na sociedade. Em uma postagem em que uma mulher abandona um homem e fica com o celular, ele indica que só existe uma saída, que seria *lavar a honra com o*

sangue, ele pauta isso, pois os esquerdistas da sociedade querem destruir o ocidente, então, deve-se impedir que mulheres *vagabundas* possam sair ilesas de situações como essa.

A grande verdade é que a mulher ocidental devido à degeneração moral do ocidente não passa de um pedaço de carne, um depósito de esperma, um ser imundo e sem sentimentos que deve ser tratado como um objeto. Na verdade, a mulher sempre foi isto, porém, submetida a uma sociedade patriarcal ela é oprimida sexualmente, ela é forçada a se comportar de uma maneira submissa para o bem de todos.

As pessoas que estão por trás desta liberação feminina, mulheres pelo direito de abortar, liberação sexual, o objetivo desta gente não é nada disto. O objetivo do esquerdistas é destruir o ocidente, ele sabe que sem estes pilares nenhuma civilização consegue resistir e acaba indo parar no caos (Homem de Bem, sem data).

Coloca a mulher como objeto ao longo do discurso e afirma que *é um bem inalienável do homem*, ele deve lavar a honra com sangue.



Figura 49 - Homem de Bem

O blog foi retirado do ar, duas semanas depois por um grupo de hackers, mas cabe compreender que não se tratou de casos isolados, outros blogs desse tipo apoiaram a iniciativa do homem de bem, em redes virtuais de pouco acesso e/ou particulares. No entanto, é preciso destacar que, mesmo as páginas que atacam as feministas, os homossexuais, os negros, tiveram reações de repúdio ao blog Homem de Bem.

3.9 Homens Brancos: Orgulho de Ser Branco

O blog Homens Brancos, foi um produto virtual que visava fomentar a ideologia de um orgulho branco (White Pride), com postagens que visavam à propaganda, doutrinação, táticas de guerrilha urbana e artigos sobre temas como homossexualidade, mulheres e a separação do sul.

O blog ficou no ar, por aproximadamente 3 meses, antes de ser retirado definitivamente por conta de diversas denúncias. Observa-se que estamos lidando com o que há de mais temeroso para nossa sociedade, um discurso que se apresenta livre, descarado, aberto em prol da degradação do outro, da defesa da misoginia, do racismo e da heteronormatividade.

A explicitação desse discurso, nesse blog, aparece cercada por um conjunto de estruturas ideológicas e científicas que visam demonstrar que a raça ariana ainda existe e é superior a todas as *sub-raças*, esse sangue puro só pode ser encontrado no Sul do país, por isso o blog defende a separação do resto do país.

A culpa da corrupção e das desigualdades sociais está baseada nos defeitos *genéticos* da miscigenação pelo qual o país sofreu, somente os euro-descendentes arianos seriam capazes de reparar esses erros. Os termos: *racismo revolucionário*, *racismo radical*, *orgulho branco*, *hegemonia branco* foram recorrentes ao longo das postagens do blog.

O *racialismo* é adotado como uma ideologia a ser seguida, centrado no eixo de reflexão da antropologia racial. Nessa postagem, o autor coloca diversos dados arqueológicos e da antropologia física, para justificar e traçar o caminho genéticos da raça ariana, apresentando 100 fatos e uma mentira, com o propósito de demonstrar a superioridade racial.

Fato No 2: Através de 6000 anos de história registrada, o negro africano não inventou nada. Nem uma língua escrita, roupas tecidas, um calendário, um arado, uma estrada, uma ponte, uma ferrovia, um navio, um sistema de medidas, ou sequer a roda [...]
 Fato No 3: O Q.I dos negros norte-americanos está entre 15 e 29 pontos, em média, abaixo do Q.I de brancos norte-americanos. [...] Fato No 16: Os descendentes de casamentos inter-raciais tendem a ter Q.Is menores do que o do genitor (pai ou mãe) branco. [...] Fato No 85: Negros são 50 vezes mais prováveis de portarem sífilis do que brancos [...] Fato no 98: Em 1988 houve 9406 casos de estupro de negro-contrabranco e menos de 10 casos de estupro branco-contranegro nos Estados Unidos (Homens Brancos, 17 de fevereiro de 2014).

Esse conjunto de informações que visa desorientar quem queira ler, apresenta fatos referentes à pesquisa negativa da posição do negro na sociedade, bem como procura estabelecer

uma relação de inferioridade na sociedade atribuída ao negro. O blog apresenta, inclusive, livros e apostilas para doutrinação dentro dos parâmetros neonazistas. Apresentado códigos de ética a serem seguidos.

O blog indica que o governo vigente no Brasil é o judaico capitalista maçônico, de modo que é um governo que favorece *sub-raças* em detrimento do trabalho do *homem branco*. Afirma que a Raça Ariana euro-descendente é tratada em segundo plano, em detrimento a imigrantes haitianos/senegaleses e indígenas que não produzem nada na terra.

Além desses fatos, há o incentivo ao assassinato de mulheres que, segundo o blog traíram a raça, o título do artigo é *mate uma traidora racial HOJE mesmo!* No artigo, o autor defende a inferioridade natural da mulher, que se rende ao processo de miscigenação e trai o povo branco. Para o autor, devido seus instintos animais, a mulher não pode evitar ser inferior, já que é da sua natureza, mas afirma que com a educação correta, ela pode andar na linha, defendendo o patriarcado como a forma de manter a mulher em seu devido lugar.

Em seguida, no artigo, ele apresenta uma série de fotos de uma mulher que traiu um homem branco e depois foi assassinada. Ao final do artigo, afirma que *90% dos portadores de AIDS são negros* e ainda apresenta a figura *Traidoras Raciais sua hora chegará* ao lado de uma serra elétrica.

Em outra publicação *100% das mulheres são vadias*, defende o papel inferior do gênero feminino.

Já que o sexo feminino é inferior ao sexo masculino, ele se compara ao comportamento de um animal (vaca/galinha/cobra/rato/porco) e por isso deve ser adestrado. Digamos que o comportamento feminino é até pior do que de um animal, pois pelo menos alguns animais possuem senso de lealdade (cachorro/cavalo) e a mulher não, o comportamento dela é de uma cobra ou de um inseto (aranha viúva negra) na base da covardia, trapaça e parasitagem. Mulher = Saco de excremento. Por isso que uma das artes milenares é o espancamento, estupro e apedrejamento de mulheres, tal como funciona no oriente médio.

[...] Portanto MATE toda traidora racial, ESTUPRE toda lesbo-feminista, ESPANQUE toda mulher que ridiculariza a sua autoridade e DIFAME o comportamento negativo de toda vagabunda que “caiu na net” ou botou chifre na cabeça de mais um otário cuzão (Homens Brancos, 17 de fevereiro de 2014).

O grau de violência do discurso empregado visa demonstrar como a mulher ocidental é negativa em relação ao homem branco. Percebe-se que a tática não é tão somente da deterioração da identidade, mas de táticas de terror e extinção da vida da mulher, para isso, vale-se de diversos termos como matar, estuprar, espancar direcionados à violação do corpo feminino, em grande medida buscando infligir dano. Isso pode parecer óbvio, quando o discurso

está tão escancarado dessa maneira, mas não o é, quando este apresenta um teor mais sofisticado.

Essa página apresenta o tipo de discurso que é de ódio, mas sem subterfúgios, disfarçados através de humor ou outros campos de apoio, somente faz isso quando busca afirmar um fundamento ideológico nazista. Por esse aspecto, a colisão é o único modo de afirmação da identidade, uma colisão que resulta na extinção do outro, através do sentido de poder que lhe é atribuído.

Não há dúvidas, não há questões éticas, pois a própria ética afirma a violência sobre o outro, há apenas o ódio e a violência como forma de comunicação e afirmação de identidade, o outro é *subi* entidade, está automaticamente fora do jogo. Para o nazista, não existe incerteza ou arrependimentos, há apenas a crença.

3.10 – Dispositivos emocionais de descontrole

Ao longo do processo de análise desses sites e blogs, alguns elementos importantes foram identificados, primeiramente eles constituem uma espécie de *guias* que partilham entre si léxicos e estruturas semânticas aproximadas, vão desde indicações organizativas para fazer frente a lutas institucionais como ADHT, até a produção de uma tomada política por parte de grupos religiosos, que elegeram determinados movimentos sociais como inimigos declarados, que precisam ser enfrentados. Criaram, assim, uma falsa posição de resistência, quando, na verdade, trata-se de posições de reação, ou reacionárias. Em todos os sites aqui apresentados, seus produtores nos indicam um temor pelo esfacelamento da sociedade, da família, de suas identidades, a recorrência desse medo é a justificativa para elencar antagonistas.

Os instrumentos, em sua maioria, circulam entre: memes que tem o objetivo de identificar o “inimigo” e “denegar a luta” instituída por esses grupos; o uso de termos nativos que se espalham para fundamentar sentido também é parte, *vitimismo, coitadismo, degenerados, nojentas, feminazis, gayzistas, peludas, comunistas satânicos*; o uso de fake news – falseamento da realidade – para sustentar seus argumentos.

Há, em todos os instrumentos utilizados, o desenvolvimento de uma denegação da identidade do outro, pautada por estruturas gramaticais sociais bem estabelecidas, o uso e reafirmação têm como objetivo a condução de comportamento dos usuários. Talvez os sites em

que esse efeito apareça mais explícito seja Orgulho de Ser Hétero e Mulheres Unidas Contra o Feminismo.⁶¹ A maioria de seus artigos tem o objetivo de definir comportamentos do grupo de origem – homens e mulheres – contra os movimentos antagonistas escolhidos – movimento LGBTQIA+, feminista e socialista em todo seu aspecto. Os processos de demonização ou de satirizarão atuam concomitantemente, pois o riso ou a condução ao riso é essencial para o desenvolvimento e a desarticulação dos sentidos das ações dos movimentos sociais, como apresentados acima, tanto na reação a protestos, quanto a qualquer tipo de pauta que seja instituída, é prontamente construído, o que podemos chamar de um contra-argumento, situado em meio termo entre uma indução emocional e racional.

Dessa maneira, o discurso de ódio é parte do dispositivo de descontrole que sustenta os sentidos de engajamento, a sensação de partilhar os mesmos sentimentos se perde. Podemos perceber isso na interação de internautas na página Orgulho 32 e Parada Hetero Brasil, em que a reafirmação do público em cima das postagens alimenta ainda mais o alcance da página e suas postagens, reafirmando e criando consensos temporários.

O uso de arquétipos – quer seja através de memes ou dos artigos – é parte imprescindível para o funcionamento da condução e para a eficácia emocional do dispositivo na representação de si – homens bem sucedidos, exemplos de masculinidade, mulheres “femininas” em oposição a *mulheres masculinizadas*, relações heterossexuais como fundamentos, a partir de valores conservadores e neoliberais. A *derapage* se encontra nos blogs Homem de Bem e Homens Brancos, que transfiguram todas essas representações através de postagens violentamente explícitas, a linguagem violenta é parte do processo de denegação, todavia ao extrapolar faz com que páginas, mesmo conservadoras, não compactuem com que é proposto por essas páginas, mas a crítica está no formato e não no conteúdo.

É importante ressaltar que os enunciados discursivos encontradas nesses dois blogs acima citados, também podem ser encontrados nos oito produtos analisados, compondo um cybernodo específico, que se desloca e que é reproduzido em grande escala, na medida em que o discurso se sofisticava, se aprimora e se torna cada vez mais palatável para o grande público. Nós encontramos alguns tipos de gramáticas que sustentam esse conjunto particular, nesse

⁶¹ É interessante que ambos os sites se perpetuaram mesmo após o estabelecimento das plataformas de redes sociais depois de 2016, mas adaptaram-se ao novo modelo, como veremos mais adiante.

período histórico: 1) gramática heteronormativa patriarcal; 2) gramática neoliberal conservadora; 3) gramática supremacista branca; 4) gramática judaico-cristã.

3.11 – Gramática heteronormativa patriarcal ou a gramática do homem do bem

Os léxicos produzidos a partir desse recorte gramatical, tem como objeto a representação de um corpo masculino, de comportamentos e atitudes centradas no homem heterossexual cis e na sua relação com o mundo que o cerca. Os vários canais procuraram situar, diversas vezes, que existia um valor masculino que se perdeu ao longo do processo histórico, impulsionado por um tipo de política contra a representação tradicional do homem.

Entre as características ressaltadas, destaca-se um homem sacrificial, que se lança contra o mundo em favor da família, em favor de *sua mulher*, que, por vezes, é traído. Essa representação aparece como *soldado caído ou ferido*, o próprio uso de *frienzone* visa qualificar um tipo de relação que diminui essa representação e precisa ser contida.

Quando o produtor de Homem de Bem cita: *Não existe amor gay, já que o amor verdadeiro é um valor moral e homossexuais são seres amorais*; ou quando Orgulho Hetero fala: *não aceito homossexualismo*, ambos estão se colocando em uma mesma posição, em um mesmo local semântico de práticas, de representações e conciliações. A principal diferença é que Homem de Bem se utiliza de uma violência gráfica, sexualmente explícita e agressiva, enquanto Orgulho Hetero escolhe a memificação da linguagem, a insinuação sexual implícita e o humor, para reafirmar o mesmo enunciado.

Essa gramática heteronormativa patriarcal se desloca ao longo das representações de mulheres, uma representação de uma feminilidade deslocada da razão, representada de forma bestial – quer seja quando comparada a uma *égua no cio* pelo Orgulho de ser Hetero, quer seja comparada a um *demônio* na Parada Hetero Brasil. O tipo de feminilidade representado como positivo requer assumir o papel de gênero imposto pelo patriarcado, que ocupe o lugar de uma mulher dentro da função reprodutiva do capital, que tenha um comportamento subjetivamente de apoio incondicional ao homem.

Os ataques, usos dos termos *gayzistas e sapatonas* são utilizados sempre, acompanhados de adjetivos como nojentos ou nojentas, *não concordo, querem acabar com a sociedade ocidental*. Ao nomear as Outras e os Outros, se reafirmam dentro de uma

representação definida, um dos argumentos recorrentes encontra-se na questão da reprodução, utilizado de maneira indiscriminada ao se referir ao público LGBTQIA+, bem como a insinuação de pedofilia, constantemente utilizada de maneira recorrente.

Existe, com certeza, a exposição do dispositivo sexual citado por Michel Foucault (2005), mas que é impulsionado de forma descontrolada, visando a uma potência emocional, em que o ódio é administrado de maneira racional, buscando o engajamento à página e, mais ainda, a formalização de ideias que são compreendidas como positivas para essas identidades. Esse homem sacrificial aqui chamado, emerge, justamente em um período em que se coloca sobre o indivíduo seu próprio destino, a nova razão de mundo, que lança sobre esses indivíduos um viés neoliberal, individualista e egocêntrico. Encaixa-se com essa ideia de sacrifício, não como sacrifício ritualístico, mas um sacrifício performático, que se pretende manter sob uma fachada de representação para sustentar uma masculinidade homogênea. Essa noção é atravessada pela gramática neoliberal conservadora, que é sustentada pelo dispositivo de descontrole.

Esse sacrifício autoimposto não busca uma sacralização e nem a manutenção de uma ordem, mas é uma busca por reconhecimento desse homem que se torna vítima de um tempo em que “seus valores estão sendo questionados”. Ao se impor o sacrifício de ser homem, cria-se o sentido que sustenta o Orgulho de ser Hétero, o valor de Homem de Família, Homem de Bem, Homem Branco, instituindo-se, assim, contra o feminismo, contra o movimento LGBTQI+, movimento negro, contra qualquer posição divergente dessa posição sacrificial. Ao sumir essa posição a si, contempla-se a permissão para a violência contra qualquer corpo dissidente. A função ritual do sacrifício (GIRARD, 1990) é de calar a violência e impedir que outros falem, a expiação tem como objetivo a coletividade.

O mecanismo da vítima expiatória é duplamente salvador; realizando a unanimidade, faz que a violência se cale em todos os planos em que ela fala; impede que os próximos lutem e que a verdade do homem apareça, colocando-a no exterior do homem como incompreensível divindade (GIRARD, 1990, p. 346).

Diferente da incompreensibilidade divina, temos aqui uma posição de incompreensibilidade desse homem sacrificial neoliberal, que aceita o que o mercado lhe dá para manter “sua família unida”, que não tolera ser enganado ou subestimado pela mulher ou por qualquer outro. Por isso, a constante necessidade de representações de virilidade e masculinidade de homens solitários, que pouco falam, ou que conquistam pela força e charme,

produzidos pela indústria cultural no século XXI. Qualquer representação dissidente é uma ameaça a essa posição sacrificial, que performaticamente precisa ser mantida a qualquer custo.

CAPÍTULO 4 - INFLUENCERS COMO INTELLECTUAIS DO CIBERESPAÇO (2017 – 2020)

Entre 2014 e 2016, o ciberespaço virtual sofreu deveras alterações, se antes poderíamos traçar uma relação bem potente com uma blogosfera estabelecida, vemos esse quadro mudar gradativamente desde a consolidação das redes sociais – Orkut, Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, mais recentemente TikTok e Kawai, que cresceram exponencialmente, como já abordado anteriormente. Essa mudança já podia ser observada, principalmente com o uso do conceito de *Web 2.0* (POELL, NEIBORG, DJICK, 2020), onde houve não apenas uma mudança estrutural, mas uma alteração discursiva importante, já que o usuário deixou de ser um receptor e passou a ser um agente ativo de produção cultural.

Isso mudou o designer da internet nessa etapa e, como efeito discursivo, temos uma dinâmica de propagação discursiva cujos processos de memificação da linguagem e digitalização da vida cotidiana ganham contornos cada vez mais colonizadores, em especial, a partir das grandes corporações que irão redefinir as formas de acesso a mercadorias e o acesso ao consumo cultural. Há a formação de novos atores, uma mudança drástica no formato do debate político, antes pautada por sites, fóruns onde o anonimato era privilegiado, agora assumido por um processo de personalização cada vez mais crescente, em que a arena de disputa seguirá uma dança de fluxo informacional bem definida, que será reproduzida e pautará agendas políticas cotidianamente, ignorando pautas políticas locais e regionais.

O termo *trend topics* se tornará de uso casual, para exemplificar a pauta desenvolvida do dia, suprimindo dissidências ou discursos antissistêmicos, com auxílio desse novo colonizador artificial, que cerca o fluxo informacional de cada um de nós, no nível do celular. Cria-se, dessa forma, o efeito de plataformização da interação. Esse conceito de plataformização é bem desenvolvido por Poell, Neiborg e Djick (2020), cabendo ressaltar uma das três dimensões da plataformização por eles apresentadas.

[...] as plataformas não apenas orientam as transações econômicas, mas também, as interações dos usuários. Isso nos leva a governança [...] Mais visivelmente, as plataformas estruturam como os usuários finais podem interagir entre si e com os complementadores por meio das interfaces gráficas dos usuários, oferecendo vantagens específicas enquanto retêm outras [...] Essa forma de governança das plataformas se materializa por meio da classificação algorítmica, privilegiando sinais de dados específicos em detrimento de outros, moldando assim tipos de conteúdos e serviços se tornam visíveis e em destaque e o que permanece fora de alcance (POELL, NEIBORG, DJICK, 2020, p 7)

Apesar dos autores apresentarem três dimensões da plataformização – dimensão de infraestrutura, dimensão econômica e dimensão da governança – há, no caso do discurso de ódio e da luta pelo reconhecimento, uma quarta dimensão, que envolve um caráter subjetivo da interação em plataforma, pois a dimensão interacional entre usuários constitui um fluxo de sentidos, de dados, particulares, em que um usuário, auxiliado pelo algoritmo, define pautas, condições e uma política discursiva particular, diferente de uma governança, temos uma governamentalidade incorporada por esses perfis de usuários, que os revelam como intelectuais, micro celebridades e influencers. Gostaria de discutir melhor essas condições no presente capítulo, bem como apresentar algumas dinâmicas discursivas relevantes para um debate de construção de gramáticas sociais.

4. 1 A monetização do eu e a simulação da vida cotidiana (2017-2018)

Em 21 de outubro de 2016, iria ao ar, na plataforma de streaming Netflix, o episódio *Nosedive* que narra uma sociedade que delimita o acesso às pessoas conforme seu status nas redes sociais. Nesse episódio, a personagem Lacie encontra uma possibilidade de melhorar seu status dentro dessa sociedade ao ser convidada para o casamento de uma personalidade de alto status que estudou com ela no passado.

Lacie é uma mulher branca, de classe média, que almeja muito se enquadrar no formato proposto por essa rede social que define o mundo, o acesso aos locais, sua posição no emprego, seus relacionamentos e sua felicidade. A paródia faz uma constante referência a muitas plataformas de redes sociais, mas principalmente àquelas que tem como objetivo o registro do cotidiano.

Ao final da história, Lacie, no desespero de se colocar em uma posição melhor, é execrada por essa personalidade e pelos amigos dessa personalidade, a ponto de ser presa e ter seus status zerado, o que impede de conseguir uma carona na auto estrada. A verdade que o mundo narrado no episódio *Nosedive* é muito parecido com o nosso, pela diferença de um ou outro detalhe.

O Instagram é uma plataforma que pertence ao Facebook, em 2018 atingiu o número de 1 bilhão de usuários no mundo. Em 2020, só Brasil, cerca de 77 milhões de usuários, que

em média usam o Instagram diariamente 53 minutos.⁶² Levando em consideração que é uma média global, pode-se afirmar que as pessoas passam mais tempo que a média apresenta.

O Instagram funciona a partir do compartilhamento de imagens e vídeos entre usuários. O design do Instagram funciona da seguinte maneira, existe um feed, que é uma página onde o usuário acessa as publicações das pessoas com as quais se relaciona, que podem ser fotos ou vídeos produzidos pelos usuários. O feed, se fosse traduzido para o português ao pé da letra, seria O alimento, não se sabe ao certo o porquê do nome, todavia ele se tornou tão popular que passou a ser utilizado em todas as outras plataformas de redes sociais para designar essa página inicial, o Facebook, Youtube e o Twitter também possuem um feed. Outro dispositivo dentro plataforma é o stories, lançado em 2016, que envolve um conjunto de imagens e vídeos temporários (de 24 horas de duração), cuja ideia é ser uma ferramenta rápida em que o usuário possa compartilhar parte do seu dia. Em seguida, existe também a lupinha, um instrumento para pesquisar e acessar imagens e vídeos que o usuário esteja procurando, é uma ferramenta de busca, que direciona os usuários para produtos, usuários com mais seguidores. E finalmente o direct, que é uma mensagem particular que pode ser enviada para os usuários que fazem parte da plataforma.

O feed, o direct, os stories e a lupa compõem funções básicas de engenharia de comunicação social, um espaço público de interação, onde os usuários podem curtir as fotos e os vídeos, comentar, compartilhar e salvar. Uma foto de um feed que agrada o usuário, se for pública, pode ser compartilhada no stories de outro usuário, fazendo com que mais pessoas acessem o conteúdo. É possível também marcar usuários em fotos e vídeos, ainda nos comentários de fotos e vídeos, fazendo com que mais pessoas interajam.

O Instagram funciona com uma plataforma de rede social que constrói comunidades de marca, conectando pessoas a partir dos gostos dos seus usuários. Todavia, sabemos também que o algoritmo influencia no que é apresentado para cada usuário, formalizando uma realidade específica de prazeres a serem acessados através da plataforma. É justamente nesse contexto que essa plataforma trabalha, através do engajamento com as marcas.

A questão é que cada usuário é uma marca em potencial, um possível influencer. Um influencer é um usuário que possui uma comunidade de seguidores ampla, que constrói engajamento em torno de marcas, estilo de vida, posições políticas. Dessa forma, um influencer

⁶² <https://blog.flyon.com.br/fatos-curiosos-sobre-o-instagram-2020/>

mobiliza e auxilia a própria plataforma a manter demais usuários engajados em determinados temas.

4.2 A construção de uma gramática social ultraliberal nas redes sociais

Um influencer, de acordo com a literatura especializada em marketing, é um usuário que tem a habilidade de influenciar outros usuários em torno de um tema, produto e comportamento. Conceitualmente, um influencer é um articulador social que, através de si, permeia valores, conceitos e conduz comportamentos, como um instrumento auxiliar da plataforma para a produção de engajamento de sua comunidade. O termo influencer e engajamento andam lado a lado, por isso precisamos compreender conceitualmente como ambos se entrelaçam no desenvolvimento de uma gramática social.

O influencer pode ser compreendido como um efeito produzido pelas próprias estruturas da plataforma, que produz um usuário capaz de se adequar ao perfil de uma determinada comunidade de marca produzida nas redes sociais, mas também possui disposições práticas que constroem o engajamento nas redes sociais. O discurso em torno do influencer envolve certas capacidades, mas não define especificamente que capacidades são essas, o que leva a considerar que, em vez de capacidades, um influencer possui determinadas disposições de classe e disposições de identidades, que permitem o reconhecimento, o endosso de sua personalidade como indivíduo que detém capital simbólico suficiente para a condução de comportamentos nas plataformas de redes sociais.

Essas disposições para o engajamento envolvem, também, um processo de monetização do eu, em que o indivíduo se torna uma marca a ser difundida e compartilhada, influenciando pessoas nas redes virtuais.

No Brasil, podemos tomar como exemplo, o ator Felipe Neto, que em 2010 começou sua carreira no Youtube, postando vídeos com teor humorístico e crítico a determinados temas e sobre a cultura no geral. Um dos vídeos mais antigos e mais assistidos do seu canal é *Não faz sentido! - Crepúsculo [+13]*, com cerca de 16 milhões de visualizações, onde ele faz uma análise satírica do filme Crepúsculo. Atualmente Felipe Neto possui cerca de 39 milhões de inscritos em seu canal no Youtube e 12 milhões de seguidores no Instagram. Outro exemplo, Neymar Jr, jogador de futebol que possui 142 milhões de seguidores em sua conta no Instagram, ou Anitta, cantora e produtora musical, com 49 milhões de seguidores.

Analisando o processo de construção de um influencer, pode-se afirmar que esse usuário possui disposições particulares que servem de conexão entre a estrutura de produção cultural e uma mercadoria que pode ser comercializada: filme, jogos, música, maquiagem, estilo de vida, posição política. Na atual relação de forças do processo de produção cultural, todos esses elementos se tornam produtos consumíveis. Então, o influencer conecta a estrutura de produção cultural à uma comunidade, que tem o objetivo de manter outros usuários o máximo de tempo engajados à marca, para manter a estrutura das plataformas de redes sociais funcionando e lucrando. Em um sistema financeiro especulativo, o investimento é medido no tempo gasto pelos usuários nas redes sociais, um influencer constrói essa conexão de tempo e dedicação de outros usuários consigo e com uma marca, ele não atua como um vendedor direto, mas intelectual, que resenha, crítica, sugere e opina, simulando ser um consumidor como outro qualquer. Por isso, precisamos situar o tipo de intelectual que é produzido pelas plataformas de redes sociais.

Levando em consideração a noção de intelectual coletivo proposto por Bourdieu, que é um indivíduo que articula os valores morais da elite, ou do que é conhecimento cultural necessário a ser apreendido com a sociedade, que faz parte do jogo de reprodução das desigualdades sociais e da reprodução da dominação de classe. E ainda, compreendendo que a noção de intelectual orgânico de Gramsci, que nos apresenta a dimensão de intelectuais como agentes organizativos, dentro de partidos, sindicatos e nos movimentos sociais que indica direcionamentos, conduz à população a um horizonte político.

Precisamos pensar se a posição de um influencer é de um intelectual do campo cultural e do campo econômico ao mesmo tempo, já que a indústria cultural do século XXI avançou sobre nossas vidas de maneira avassaladora, tanto que esse relacionamento se caracteriza dentro da cultura pop. A cultura pop altera drasticamente a relação com a arte, tanto que os filmes, a música, os livros se tornaram produtos de consumo em massa, globalmente distribuídos, com a emergência de plataformas de redes sociais. Com isso, a possibilidade de conhecer o artista que produz uma música, um filme e um livro se tornaram parte do cotidiano de diversas pessoas.

É justamente o campo de produção cultural de massa que inicia o processo de construção de influencer. Ao longo do século XX, artistas que trabalham para determinadas empresas, construíram a noção de "garoto propaganda" dos anos 90, mas que agora se tornou digital influencer. Um especialista em influenciar pessoas, mas diferente de um artista que possui uma comunidade de consumidores fidelizados, um influencer pode ou não ser artista,

mas ele incorpora elementos discursivos desse campo e constrói sua imagem de maneira adequada para o desenvolvimento de trabalhos em cada comunidade específica que atende.

Se a função do intelectual, anteriormente, era articular campos diferentes dentro da sociedade, hierarquicamente separados por conta do capital econômico, político, cultural e simbólico, o influencer exerce também essa função, a partir de disposições individuais e de posição que ocupa no campo dos produtos culturais de massa. Nessa nova relação de forças com as plataformas de redes sociais, o intelectual coletivo que recebe o nome de influencer exerce a função de condutor, de forma mais tradicional, ele não se coloca contra a estrutura de reprodução, mas se utiliza da própria estrutura para assumir uma posição dentro do campo.

Assumir a posição dentro de um campo estabelecido não é fácil, pois da mesma forma que as regras do jogo de produção cultural foram definidas previamente pela influência da cultura pop, os influencers assumem um papel diferente de outros intelectuais, eles necessitam criar uma sensação de aproximação com outros usuários, também precisam construir sua imagem e a imagem de sua comunidade que o apoia e, finalmente, no caso das redes sociais, faz-se necessário uma posição pseudo radical.

Diferente de intelectuais de outros campos, esse tipo de intelectual necessita de uma aproximação com sua comunidade de consumo, um reconhecimento em sua imagem que permita que ele possa convencer e se aproximar. Diferente de um caráter ascético, as disposições de administração da forma de se comunicar, da construção dos cenários, da reprodução de comportamentos que formatam o que é feito na internet.

A exemplo disso, temos um tipo de vídeo reproduzido no Instagram desde 2018, o chamado *challenge* - um vídeo editado com uma música de fundo, focado em um enquadramento americano - em que a pessoa que realiza mostra etapas de construção de maquiagem ou figurino, os vídeos, em média, duram 1 minuto. Outro tipo de vídeo também é o *dubmash*, em que uma pessoa ou duas interpretam uma determinada cena a partir de um áudio diferente, que pode ser de algum filme, alguma novela e até mesmo outros memes. Como abordado anteriormente, a memificação da linguagem é parte do processo, os formatos desses vídeos ganham sua efetividade conforme se aprofunda essa relação com os memes dentro das redes sociais. Dessa forma, a construção da comunicação se encerra a uma reprodução de memes como mecanismo de comunicação.

Um exemplo interessante é o @kaquebrito, um usuário que ficou famoso dentro das redes sociais em 2019 após dublar um áudio de uma mulher que falava sobre *racismo reverso*. Kaique é um jovem negro, hoje de 16 anos, um usuário da plataforma Tik Tok e Twitter.

Aquele vídeo estava há uns dois dias circulando na internet dela falando sobre racismo reverso, que branco está sofrendo racismo, a gente viu o vídeo inteiro no Youtube, a gente ficou assim!? [...] meu deus que absurdo, daí eu falei, gente eu quero gravar dublando esse áudio[...] peguei o áudio coloquei no tik tok, gravei [...] Eu nem ia postar no twitter, eu ia postar no status do WhatsApp e no próprio tik tok. Daí meu amigo falou, posta no twitter vai hitar [...] daí posteí, assim dormi com 10 likes, quando acordei eu nem peguei no celular, uma coisa que normalmente não faço, fui assistir uma série, tipo quando vi, meu deus!?, fui dormir com 10 likes e quando vi eram mais de 10.000. (11 de novembro de 2019, entrevista para o canal Muro Pequeno⁶³).

O usuário, que se tornou influencer, tem atualmente 215,9 mil seguidores no Twitter, começou a fazer diversos outros vídeos, dublando falas como da atual ministra Damares e do Presidente Bolsonaro, que tiveram o mesmo alcance que o primeiro. Os vídeos seguem uma edição fluída que conduz à piada e à sátira, com quadros construídos a partir do cotidiano do jovem, com utensílios de casa, equipamentos eletrônicos e uma interpretação para cada trecho, mas o importante é que o usuário utiliza instrumentos das redes sociais para demonstrar o absurdo dos argumentos utilizado por figuras públicas para atacar minorias sociais, deteriorar a luta e a identidade de pessoas diversas.

O jovem influencer satiriza, em seus vídeos, discursos extremamente preconceituosos, uma maneira de desconstruir parcialmente o efeito do enunciado, mas só foi possível ganhar infiltração dentro de setores da sociedade, através do formato assumido da plataforma. Nesse sentido, existe uma individualização da luta que se transfigura de um processo coletivo na figura de uma pessoa. Compreendendo que não existe permeabilidade do enunciado sem reconhecimento dos léxicos que compõem a linguagem. A permeabilidade de Kaique se encontra na sua capacidade de refratar através do humor, da sátira, o discurso de ódio que permeia outros influencers das plataformas de redes sociais, realizando um caminho rizomático, por isso é importante analisar o áudio que o fez *hitar* na internet.

⁶³ Canal Muro Pequeno, série Potencias Negras 11: Kaique Brito in: <https://www.youtube.com/watch?v=oT8J8ztYII8>

O áudio que ele utilizou era um trecho extraído de outra influencer brasileira chamada Ayu Brazil, o vídeo original não se encontra mais na plataforma, mas é possível ver o trecho em conteúdos produzidos por outros canais. O trecho é o seguinte:

[...] o cara sofreu racismo. Racismo por ser branco! Então meu querido, talvez, a cem anos atrás o branco não sofresse racismo, mas hoje em 2019, tem muito negro, que nasce, cresce e vive sem sofrer racismo, e tem muito branco que sofre racismo, as coisas mudaram, e os valores estão se invertendo, o negro tá deixando de sofrer racismo aos pouquinhos, concordo, a passos de formiga, só que vocês estão fazendo com que o branco sofra racismo e ainda querem que a gente engula que isso não é racismo [...] (Canal New York Treta, 2 de julho de 2019)⁶⁴.

O conceito de racismo reverso surge nos Estados Unidos, conforme as lutas conhecidas por "direitos civis" ganham formas e, a esfera pública estadunidense é pressionada a lidar com o racismo estrutural que havia no país. Políticos contrários à luta por direitos civis, acusavam o movimento negro de “racismo negro”, que no Brasil é assumido como racismo reverso, principalmente quando se referiam aos partidos dos Panteras Negras.

Devemos desconstruir essa noção de racismo inverso porque ela é falsa. É uma expressão usada para negar a estrutura racista e faz parte do mesmo repertório de expressões como "o pior racista é o próprio negro", "o negro é racista contra o próprio negro". Expressões como essas são usadas para quem prefere confundir e encobrir o verdadeiro debate aqui proposto. O racista não se vê como injusto, porque a justiça é um termo que não importa para ele. A não ser que ele se sinta injustiçado (DAMACENO, 2016)⁶⁵.

O falseamento da realidade e a sensação de injustiça são elementos recorrentes, acionados quando grupos, que detêm uma hegemonia de legitimidade de classificação, sentem-se ameaçados ou pressionados por outros grupos. É no conflito entre si e com os outros que afirmam ainda mais sua identidade e posição dentro da sociedade e negam ao outro a possibilidade de reconhecimento. No caso do enunciado de Ayu Brazil, o racismo reverso se torna conceito chave da gramática social compartilhada em suas redes sociais, primeiro porque é um conceito que gera engajamento, abre a possibilidade de discussão e mobiliza posicionamentos. Ayu Brazil recorre a esse conceito a partir do canal chamado **Fala Ayu** que tinha o objetivo de "combater o feminismo e o comunismo"⁶⁶, mas, a partir de maio de 2020, essa descrição foi retirada do canal da influencer, após a abertura de inquérito por parte do Tribunal Superior de Justiça que avalia os “atos inconstitucionais” de março de 2020. Ao

⁶⁴ https://www.youtube.com/watch?v=HZFSX_ul3mE&t=246s

⁶⁵ In: Por que você deve parar de afirmar que o racismo reverso existe? Entrevista com Janaína Damaceno, 2016. Acessado em <https://ceert.org.br/noticias/violencia-seguranca/10015/por-que-voce-deve-parar-de-afirmar-que-o-racismo-reverso-existe>.

⁶⁶ https://m.wikinet.pro/wiki/Ayu_Brasil

acionar o conceito de racismo reverso, Ayu Brazil se ancora em um campo de luta conservador, historicamente representado por partidos de direita, apesar de, em suas redes sociais, ela negar qualquer vinculação política.

A noção de *valores se invertendo*, parece ser um sentimento partilhado por ela e todo um conjunto de indivíduos que acreditam que a luta por reconhecimento de direitos para populações negras, quilombolas, indígenas, mulheres é nociva para a sociedade e se trata de uma luta injustificável. Em uma outra entrevista ao canal Pocket e Cortes do Flow, que é um canal de entrevistas voltado para a cultura geek, Ayu continua:

Eles tiram de contexto total, no mesmo vídeo [...] eu estou falando, racismo é errado, todo mundo sabe que o racismo contra o negro é muito pior que contra o branco, mas cara a gente tá progredido no quesito do racismo contra o negro e a gente tá criando um racismo contra o branco. Que antes não existia.

O quê? Você está falando que o negro tá deixando de sofrer racismo e o branco tá começando a sofrer racismo!? {interpretando alguma crítica}

Cara eu nunca vou achar certo a pessoa falar, isso é coisa de branco, porra é racista, desculpa, é total racista, há já vem o branco. É pejorativo...

Tá um tal de "isso é coisa de branco", "para de branquice" [...] no twitter, na vida real não tem tanto assim, na vida online tem bastante. E isso é o começo de uma coisa ruim, você não pode apontar se isso é racismo? Se você aponta isso é racismo reverso.

{Em seguida o interlocutor fala}

"Desde quando a palavra racismo é só para negros

{Ela responde}

"Eu não vou deixar esse mal crescer, porque a gente precisa cortar o mal pela raiz, isso também é racismo, para com isso pelo amor de deus. A gente tá tentando combater um racismo que é histórico, que é enraizado, que é horrível, aí tua resposta é combater isso criando um outro tipo de racismo, um racismo online.

Se você entrar nos grupos de Facebook desse movimento, desse movimento negro, você vai ver que é extremamente tóxico, você vai ver muito comentário racista, muito, muito, muito comentário racista contra brancos. Mas você não foi perseguido por um segurança no shopping [...] Eles legitimam sua dor? Se você conversa com eles você é exceção. Eles não legitimam a sua dor, você não é um ser humano⁶⁷(Entrevista publicado em 12 de maio de 2020).

O argumento gira em torno do medo de um revanchismo, de uma violência contra pessoas brancas que teria origem no movimento social negro, em que essa população negra estaria criando um racismo contra brancos. O termo "isso é coisa de branco" se refere ao termo

⁶⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=PNGOO0jKJqs>

racista "coisa de preto". Importante frisar que, ao longo dos processos de luta desenvolvidos dentro do movimento social negro, o termo foi alvo de diversas reflexões para desenvolver uma crítica ao termo "coisa de preto" e ao viés racista do termo que denota um trabalho mal feito.

Existe uma instrumentalização e relativização do conceito de racismo, ontologicamente é um conceito construído para destacar as "diferenças entre as raças". Sabemos que isso encontra sua base nas teses eugênicas do século XVIII e XIX, bem como no caráter determinista biológico do termo, que traz consigo um mecanismo de classificação dos outros, dos quase humanos. Não à toa, ao longo do século XX, têm-se verdadeiras lutas para se chegar à síntese de que, além dos brancos europeus, todos os outros povos também pertencem à humanidade.

O racismo, enquanto estrutura historicamente construída, é fundante para o capitalismo e para o projeto colonial dos últimos três séculos. Os efeitos do dispositivo colonial são sentidos na própria organização e hierarquização da sociedade, posto que, até meados do século XX, políticas segregacionistas e de subalternização de corpos eram explicitamente desenvolvidas como política de Estado, com jurisdição e normatividade em vigor. Mesmo após a mudança desses paradigmas raciais, a moralidade que fundamentava essas ações se perpetua de maneira silenciosa e subterrânea.

Dessa forma, as populações negras, indígenas, asiáticas e originárias fora do eixo eurocêntrico do mundo, lutam pelo reconhecimento de sua humanidade diante da potência dessa moralidade racial que permeia a sociabilidade. O racismo, enquanto estrutura, delimita cultura, saberes, condições e hierarquias para a manutenção de uma política racial não dita, implícita nas ações que perseguem, capturam, excluem e assassinam as populações não brancas nas sociedades ocidentais.

O medo que Ayu Brazil procura desenvolver, o medo branco de um potencial revanchismo se ancora na manutenção desses privilégios historicamente herdados, na sua trajetória de cantora mirim em programas de talentos na televisão, sua educação nos Estados Unidos, seu desenvolvimento como cantora de músicas de Anime a fomentadora de política de ódio na internet contra movimentos sociais em luta, reside no fato dessa pertencer a uma determinada classe, a um determinado grupo étnico que permite que seus enunciados organizem ideias dentro de uma comunidade.

Em ambos os casos, temos dois influencers que começam suas carreiras ainda jovens, mas que comunicam para comunidades diferentes e partilham valores, sentimentos e identidades semelhantes. As plataformas colocam ambos em polarizações, um jovem negro que satiriza o discurso de ódio contra minorias, que faz piada dos absurdos políticos do governo; do outro lado, uma jovem cantora, que partilha, ao lado do namorado, a visão de um mundo com "inversão de valores" e do medo de um revanchismo negro.

Suas identidades, suas imagens são passíveis de monetizações, as performances do corpo, da fala, são interpretações possíveis de mobilização, elementos que permitem o reconhecimento por grupos distintos que elencam esses usuários como passíveis de atenção, estima e relevância.

A parte mais difícil é escolher, não que não tenha muita opção [...] eu pego os vídeos envolvendo o absurdo que as pessoas falam, eu prefiro envolver o social, a pessoa falando sobre racismo reverso, falando sobre machismo, do que aqueles falando de política diretamente. Eu mesmo não gosto desse assunto, só que às vezes não dá para fugir, às vezes não dá para deixar isso passar.

Por incrível que pareça, apesar de ter esse debate todo na escola, eu não sou bom em redação, eu sou de exatas, eu adoro física, então a maior parte desse debate que vi na internet, a maioria dos meus amigos é virtual, daí o assunto surge sabe. Uma coisa boa que o Bolsonaro nos trouxe, foi a gente poder discutir esses assuntos, ano passado (2018) eu passei a querer discutir isso, na época das eleições meus status do wpp eram só sobre isso, textão falando mal dele, daí eu me descobri nesses assuntos, me descobri de humanas.

Eu tento ter muito cuidado, mais do que nunca para não espalhar opiniões de merda, tento ter cuidado mais do que nunca⁶⁸(kaique).

A internet tem exercido um papel importante como fator de formação de muitos ativistas nas últimas décadas. Se antes, a formação se construía nos espaços do sindicato, escola e associações comunitárias e na própria organização dos movimentos sociais; na era das plataformas de redes sociais, a comunidade virtual se torna outro espaço de construção, através da produção de inteligências coletivas que contribuem tanto para a formação da identidade quanto para o desenvolvimento de ideias e articulação de enunciados diversos.

A trajetória de Kaique se mistura com diversas outras trajetórias no país. A construção de suas disposições para se comunicar se situa a partir dessa rede de relações estruturantes dentro das plataformas, ele cita que amigos virtuais exercem a principal influência sobre a forma como ele pensa e como ele se comunica. Do mesmo modo que Ayu Brazil encontra essas

⁶⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=oT8J8ztYlI8>

relações nos meios artísticos da comunidade otaku, que a recepciona e impulsiona sua imagem enquanto cantora de animes, artista e produtora de opinião, como conservadora e liberal.

A relação entre o conservadorismo e o liberalismo entre os influencers do país parecem andar lado a lado. Mesmo que o conceito não seja aprofundado, tornou-se parte da identidade desses grupos, como se fosse uma "oposição natural à esquerda". Ayu Brazil, inclusive, participou dos protestos antidemocráticos em 2020, mas apagou de suas redes sociais quaisquer vestígios dessa participação. Em uma entrevista produzido pelo Portal 387⁶⁹, em 15 de dezembro de 2018, em uma entrevista, pode-se observar as falas de Ayu Brazil:

Quando me perguntam porque não voto no Amoedo, é porque não acho ele a melhor opção, o Amoedo tem uma carreira incrível é um cara bem bacana, mas ele caiu de paraquedas na vida política, então ele é muito novo nas coisas políticas que é ser presidente, que vai além disso. O Bolsonaro ele... o Amoedo é muito pragmático, ele não quer brigar com ninguém, ele é o cara da paz e do bem, e não é isso que o país precisa, a gente precisa de uma medida disruptiva, a gente precisa de uma pessoa com pulso firme [...] O Amoedo ia assumir, iríamos colher bons frutos, mas a esquerda iria voltar e a gente iria continuar a patinar na economia, as pessoas não iriam entender a diferença entre o Amoedo e o Lula, enquanto o Bolsonaro é um poder mais disruptivo, ele chega dando soco mesmo, claro no sentido figurado, mas ele chega chutando a porta. É disso que a gente precisa, a gente precisa mudar a cabeça das pessoas, mostrar o quão nojento é esses partidos de esquerda [...] (22 de dezembro de 2018).

O posicionamento de Ayu Brazil nessa entrevista sugere que uma medida *disruptiva* - expressa na figura do atual presidente Jair Bolsonaro - se faz necessária para romper com uma suposta inversão de valores que a sociedade atual está inserida. É importante resgatar esse processo de afinidades que a intelectualidade das redes sociais teve no processo de eleição e oposição a Bolsonaro, pois ao influenciar toda uma comunidade com ideias e valores neoliberais, conservadores, anticomunistas, o faz por sentir que algo lhe escapa no horizonte, algo que coloca em risco sua existência. Não se trata somente de uma representação de si para gerar engajamento, mas de uma representação de si que simule uma crítica. Seguindo este pensamento, institutos e organizações não governamentais *think tank* espalhadas pelo mundo enxergam uma oportunidade em influencers dessas comunidades, para difundir ideais antidemocráticos e influenciar a população a aceitar arranjos de políticas de desregulamentação do mercado.

⁶⁹ Melhores momentos da entrevista com a Ayu Brazil. <https://www.youtube.com/watch?v=5fkcmU3iAoo>

Ayu Brazil, recentemente migrou para plataforma Twitch, uma plataforma em que os usuários transmitem jogos, conversas, ou atividades cotidianas diariamente e ao vivo. O ato é chamado de streaming, ela busca streamar jogos para um público adolescente e tem evitado falar sobre assuntos políticos.

Um outro canal merece destaque, chamado Canal Tragicômico, apresentado por Wagner Thomazzino, músico e Youtuber. Está fixado, também, dentro da comunidade Otaku e lá, Thomazzino constrói conteúdo com argumentos centrados na direita, dissemina pensamento conservador e liberal, apresentando uma gama discursiva bem comum a outros Youtubers desses meios. O canal começou voltado para produção de conteúdo musical – assim como Ayu Brazil – depois formou um nicho dentro do meio otaku brasileiro, todavia, nos últimos anos, desenvolve um trabalho formativo, pautando toda e qualquer questão a partir de um olhar da direita. Wagner Thomazzino e Ayu Brazil são namorados, apesar de ela ter abandonado o debate político de seu canal no Youtube, Instagram, e agora apenas fazer streaming na Twitch, ele, por sua vez, encontrou um espaço crescente no Canal Tragicômico.

Antes de passar a falar sobre assuntos mais políticos, eu já tinha mudado o formato do canal para vídeos só comentando, mas eu estava falando sobre animes, cultura geek de forma geral, porque minhas músicas eram de abertura de animes, na maior parte, então eu fiz essa transição pegando esse público que eu já tinha que gostava desse tipo de conteúdo.

Como eu já estava comentando, como eu já tava dando minha opinião sobre a cultura geek, eu acabei entrando, mais ou menos, em opiniões mais pessoais, primeiro sobre esse universo de anime. Já teve um tópico bastante polêmico, que eu comentei sobre o episódio da Satty. Porque é uma coisa até curiosa, porque os libertários não acreditam em propriedade intelectual, então a primeira vez que eu comentei foi um episódio que a Satty tinha sido acusada de plágio e tava todo mundo descendo a lenha nela, porque ela tinha copiado conteúdo (Entrevista de 09 de setembro de 2020. Canal Universidade Libertária).

O caso a que ele faz referência trata da acusação de plágio sofrida pelo Canal Pense Geek, administrado e apresentado por Mariana Delveccio, conhecida como Satty. Quem acusou foi Geof Thew do canal Mother's Basement, em abril de 2018⁷⁰. Isso abriu diversas discussões sobre a diferença entre inspiração e plágio entre os produtores de conteúdo no Youtube. O Thomazzino demarca esse ponto como um momento de mudança no canal, pois é o momento em que ele introduz um conteúdo mais político para sua comunidade alvo. É interessante porque o formato de um *vídeo de opinião* é colocado como se fosse um conteúdo diferente, o recurso

⁷⁰ <https://istoe.com.br/youtuber-brasileira-e-acusada-de-plagio/>

usado por muitos influencers tem uma dupla função. Ao usar da premissa “é minha opinião”, você individualiza todo um conjunto de segmentaridades a qual o discurso pertence, como se ele surgisse da personalidade sem um lastro histórico, sem um campo social ou cultural que o cerca. É importante ressaltar que no meio influencer, “a minha opinião” é acionada recorrentemente quando o influencer pretende se lançar em um assunto dentro do campo político. A outra função importante sobre “a minha opinião” é o papel de estabelecer uma espécie de neutralidade semântica, que serve de blindagem para futuros contra-argumentos e debates, já que, ao iniciar “é minha opinião”, o interlocutor também encerra qualquer consideração posterior, se eximindo de qualquer debate dentro dos campos das ideias.

Como indicado anteriormente, o influencer, enquanto um intelectual, organiza um determinado campo a partir do conjunto de valores partilhados, possui mais a função de reificar um conjunto semântico de valores que contrapor qualquer forma crítica de pensamento. Isso não quer dizer que esse movimento não possa acontecer, todavia o influencer tende a pender para o fluxo discursivo ditado pelo *trending* da plataforma, como iremos observar. No caso de Thomazzino, ele assume que é uma personalidade de direita, conservadora e liberal, por isso, em alguns momentos, afirma que “acaba fechando portas”, quando comente sobre o conteúdo que produz.

É uma área muito complicada de entrar, eu tinha muito receio, quanto mais eu comento esse tipo de coisa, mais eu acho que tinha razão a esse respeito, tu fecha uma porta quando tu se posiciona, principalmente se o seu posicionamento for mais à direita. vai ter gente que, simplesmente por eu falar que sou de direita, já vai assumir, então, que eu sou machista, que eu sou racista, que eu sou preconceituoso, de todas as formas possíveis (Entrevista de 09 de setembro de 2020. Canal Universidade Libertária).

É possível perceber, primeiramente uma necessidade de defender sua posição política de maneira implícita, ao se defender possíveis acusações previstas, pois ao nomear-se aliado a uma posição hegemônica reconhecida – direita ou esquerda – você se alinha com um conjunto ideológico bem explícito. Isso auxilia ao enunciador no movimento discursivo necessário para a propagação de posições políticas explícitas, que em nosso caso, compõe um lastro histórico contra minorias sociais. Ao mesmo tempo, você cria mecanismos de escape de acusações de “machista, racista, preconceituoso”, entre outras. Em 2018, preocupado com isso, ele desenvolve um conjunto de vídeos visando manter essa defesa, acionando conceitos de Esquerda e Direita.

A esquerda defende que o poder deve ficar mais nas mãos do Estado e no coletivo e menos no indivíduo, enquanto a direita defende que o poder deve ficar mais na mão do indivíduo e menos na mão do Estado e do coletivo. E o tal do Estado ou o coletivo são representados pelos políticos, então na prática, isso significa que o cara de esquerda prefere deixar a administração do país mais nas mãos dos políticos e o cara de direita prefere que os políticos interfiram menos – e deixem cada um administrar do seu jeito. [...] eu não estou aqui para dizer qual lado está certo ou errado, muito menos tentando mudar sua opinião, mas eu quero sim que você termine esse vídeo sabendo qual dos lados está certo e com bastante convicção disso, só que você nunca terá como ter plena convicção de uma coisa se você estiver olhando para um dos lados da moeda (THOMAZZINO, ESQUERDA OU DIREITA? QUAL O LADO CERTO?, 3 de outubro de 2018⁷¹).

Essa redução de compreensão de conceitos – como esquerda e direita – faz parte, também, de um processo de expropriação semântica desenvolvido nos conteúdos produzidos na internet. Os influencers, ao se tornar o porta-voz de determinado tema, muitas vezes retira o contexto social, histórico e cultural no qual determinado discurso se estabelece, ao se tornar um enunciador, ele ao mesmo tempo legitima e naturaliza determinado discurso. Essa redução da esquerda, atrelada ao poder estatal, é resquício de uma formação política neoliberal, instituída a partir de um revisionismo histórico, que resume o papel da esquerda na luta pelo poder e o papel da direita na luta pela liberdade. Ao reafirmar que o objetivo dele é constituir que um dos lados está certo - *com convicção* -, Thomazzino também nos apresenta um lastro importante que vai ser repetir em seus vídeos, a noção de convicção e de neutralidade como mobilizadora de posicionamentos políticos, que vai se estender em conteúdo do MBL, EI Nerd, entre diversos outros vão partilhar esses elementos.

No vídeo “*Qual minha posição política? #ELENÃO ou #ELESIM*”⁷², produzido em 05 de outubro de 2018, Thomazzino apresenta uma metodologia política para justificar seus posicionamentos, para reafirmar sua posição mais liberal e conservadora. É importante ressaltar que o conjunto de elementos que ele apresenta compõe aspectos subjetivos, partilhados dentro de uma *gramática social liberal conservadora no Brasil*, que mais tarde viria se tornar o campo ultraliberal, composto por um conjunto de intelectuais influencers desses campos – alguns, inclusive, que iriam utilizar o capital simbólico conquistado nas redes sociais para se eleger em 2018, o que não é o caso de Thomazzino.

Nesse vídeo, ele apresenta 4 importantes teses que são acionadas para justificar posições à direita e o apoio ao Bolsonaro em 2018. O primeiro argumento envolve o não desperdício do

⁷¹ <https://www.youtube.com/watch?v=MT03S0q9V8M>

⁷² <https://www.youtube.com/watch?v=yml3mLxiW3M>

voto, a noção agenciada de que o voto é visto como investimento, pode ser compreendido como um direito constitucionalmente estabelecido em democracias, todavia o argumento acionado não reside no exercício da cidadania, mas a partir de um investimento. A eleição, dessa forma, é um mercado ideológico, político no qual o consumidor político deve escolher seu representante. Essa primeira tese, que parece tão natural, é justamente o mais potente argumento utilizado para justificar a necessidade do voto, principalmente no Brasil que o voto é obrigatório. A noção de desperdício só compõe um léxico semântico importante, porque essa governamentalidade neoliberal impõe um regime de verdade que estabelece o voto como um investimento sobre um projeto, que não pode ser desperdiçado, votando nos políticos que não têm chance.

As eleições, a partir desses termos, seriam um grande painel político, em que a economia política institucional estabelece os parâmetros do que é política, em que a gestão econômica assume, em um discurso de efeito ofuscante, o lugar de gestão de populações. No discurso, a gestão do investimento é mais importante que a gestão de populações, o que tornaria a política um campo político econômico, fundamental para a propaganda das mercadorias político ideológicas estabelecidas na eleição. Todavia, isso também é uma falácia, tendo em vista que as eleições têm mais relação com a potência simbólica que determinadas classes têm de produção de consenso – isso envolve tanto as estruturas estruturadas quanto as estruturas estruturantes - na produção dessa legitimação. Thomazzino consegue ser o porta-voz dessa tese, influenciado, não apenas em quem votar, mas como o voto, a política e as eleições devem ser analisadas.

Essa primeira tese de “não posso desperdiçar o voto”, ao mesmo tempo que é fundante na argumentação do discurso, deriva de todo o conjunto metodológico na escolha do político, que envolve o “menos pior”. Observem:

Se todas as opções que forem ruins, eu vou sim votar no menos pior, para mim não adianta nada seguir o discurso utópico que o voto precisa ser na melhor opção e não na menos pior, se a melhor opção vai perder de lavada e a pior opção possível vai acabar assumindo o poder. Eu prefiro combater a pior opção, do que seguir um princípio que, na teoria, parece muito bonito, que na prática não fará a menor diferença. É pelo mesmo motivo que eu nunca voto branco ou nulo [...] os dois candidatos podem até ser horríveis, mas sempre vai ter um que é menos pior. Eu certamente vou preferir ele. Se você tivesse que escolher entre um soquinho no braço e um tiro de 12 na perna, você iria deixar outra pessoa escolher por você? (THOMAZZINO, Qual Minha Posição Política?, 05 de outubro de 2018).

O *menos pior*, conceito acionado sempre contra “princípios utópicos”, segunda tese apresentada, se correlaciona como o desperdício do voto, todavia aqui se trata da escolha a

partir de uma analítica da realidade da escolha do mais eficaz, mesmo não sendo tão perfeito. Ao acionar o menos pior, evidencia-se a necessidade da escolha de que uma possa servir ao investimento estabelecido, de forma que o menos pior é melhor que a pior escolha. A pior escolha é parte daquele painel de escolha do consumidor político, ou seja, o menos pior é “aquele que tem alguns problemas, mas que ainda pode realizar o trabalho”.

A noção de eficácia anda lado a lado com a noção de menos pior, tendo em vista isso, Thomazzino descarta primeiramente o Partido dos Trabalhadores-PT, na figura do Haddad – que concorreu as eleições de 2018 – inclusive correlacionado o programa político petista com um tipo de ditadura:

Seguindo esse princípio eu só tenho 3 opções de voto, Haddad, Ciro Gomes e Bolsonaro. Eu vou logo descartando o Haddad, porque para mim, o PT nem pode ser considerado uma opção. Mesmo que o governo do PT fosse bom, ficar 20 anos como o mesmo partido no poder é algo muito perigoso. Muitos falam da ditadura militar de Bolsonaro, mas nada é mais próximo de uma ditadura que um país comandado pelo mesmo partido político por 20 anos. Monopólio é algo horrível, a ditadura nasce justamente do poder todo concentrado em um lugar, ou seja, um monopólio, quanto mais tempo um partido fica no poder, mais o sistema fica na sua mão [...] (THOMAZZINO, Qual é minha posição política? 05 de outubro de 2018).

Muito esclarecedor como Thomazzino relativiza a defesa de Bolsonaro à ditadura e coloca o Partido dos Trabalhadores numa posição autoritária, comparada com a ditadura empresarial-militar de 60-88 no Brasil, inclusive usando o argumento que o PT se manteve no poder por 20 anos. É interessante que, ao usar esses argumentos, não se questiona, por exemplo, o tempo de governo do PSDB no governo do estado de São Paulo, ou mesmo a presença do MDB em diversos acordos e cargos de poder ao longo do processo de redemocratização. A referência do antipetismo para transformar o PT em uma ditadura se funda no anticomunismo – que como apontado no capítulo anterior, faz parte do léxico construído por mais de 20 anos em que o PT esteve no governo. O anticomunismo que compõe o conjunto de valores defendidos por Thomazzino é parte importante da política neoliberal e do revisionismo feito pelos intelectuais da escola austríaca e, principalmente, por Hayek.

No capítulo “As Raízes socialistas do Nazismo”, Hayek estabelece esse enunciado que é repetido, nesse capítulo em particular afirma que “socialismo de direita e o socialismo de esquerda” (HAYEK, 2010) pavimentaram a ascensão do nazismo na Alemanha, onde já encontrava todas as características para o estabelecimento do socialismo. Para ele, o nazismo seria uma forma do socialismo que estabeleceria sobre o Estado todo o seu planejamento e centralização das decisões, comparando, até mesmo, a república de Weimar a esses parâmetros. Ainda afirma “que a juventude idealista socialista” foi responsável pela difusão do nazismo na

Alemanha. É importante lembrar que o Nazismo era – ainda é – anticomunista, de caráter conservador e de direita, não à toa, grupos neonazistas marcharam ao lado da alt-right em 2017⁷³, ou na Ucrânia em 2013, ou ainda o apoio a Bolsonaro por Nazistas em 2011⁷⁴.

Diversas vezes, essa correlação entre socialismo e totalitarismo – quando não nazismo – foi parte das propagandas empreendidas no ano de 2018 para difundir desinformação. Em alguns casos, era utilizada a imagem de uma moeda nazista de 1934, em que há uma águia segurando uma foice e um martelo. Retirada de contexto, pode parecer que a foice e o martelo se referem ao socialismo, todavia se trata de uma moeda comemorativa, feita quando Hitler assume o poder na Alemanha, a moeda tem como objetivo dialogar e cooptar a classe trabalhadora no dia de comemoração do Dia do Trabalhador.

Nesse caso, Thomazzino sofisticava os elementos propostos para antagonizar o Partido dos Trabalhadores. Outro motivo acionado para o descarte do Partido dos Trabalhadores como possíveis de serem votados faz parte do léxico de corrupção e ineficiência. Embora esse binômio faça parte de uma gramática social ultraliberal, constituída a partir do antipetismo, se ancora nos mesmos argumentos econômicos que delimitam as escolhas políticas a partir do voto e a partir das qualidades do melhor candidato. Após realizar o que ele chama de *pesar moralmente* a Bolsonaro, Thomazzino afirma que nesse ponto moral ambos foram racistas, homofóbicos e machistas, mas que se arrependem e se retratam. Cita até o caso da deputada do PT, Maria do Rosário, que o influencer faz um papel de amortecedor do evento:

[...] Ainda tem o episódio da Maria do Rosário e a mídia caiu matando em cima, dizendo que havia sido machismo, mas depois ficou claro que ele disse isso porque ela tinha o chamado de estupro, sendo que na discussão Bolsonaro estava condenando um estupro que a Maria do Rosário estava defendendo, na prática ele que estava do lado das mulheres nesse caso, ele também já se retratou dizendo que não deveria ter dito aquilo e que falou de cabeça quente [...] (THOMAZZINO, *Qual é minha posição política? 05 de outubro de 2018*).

A cena referida trata do episódio de 2003, em que a deputada Maria do Rosário e Jair Bolsonaro discutiram, enquanto ele dava uma entrevista sobre menoridade penal – que vinha sendo debatida na época – e Maria do Rosário se coloca contra. Ele fala que se ela quisesse, poderia contratar um estupro para ser motorista de sua filha, em seguida é gravada a parte

⁷³ Marcha Unite The Right, foi uma marcha realizada em agosto de 2017, era conta a retirada da estátua do confederado Robert E Lee. Havia diversos grupos, neonazistas, neoconfederados, antissemitas, conservadores, extrema direita, entre outros. FONTE: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40910927>

⁷⁴ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/04/06/neonazistas-ajudam-a-convocar-ato-civico-pro-bolsonaro-em-sao-paulo.htm>

em que Maria do Rosária fala “é o senhor que promove essas violências”, ele rebate “eu que promovo estupro?”, em seguida o mesmo afirma “Grava ela aí, grava ela me chamando de estuprador. EU SOU ESTUPRADOR AGORA, JAMAIS IRIA ESTUPRAR VOCÊ, PORQUE VOCÊ NÃO MERECE”. Essa frase ainda foi repetida em 2014, no dia internacional dos direitos humanos, após Maria do Rosário fazer duras críticas à ditadura e elogiar o trabalho da comissão da verdade.⁷⁵

Ao amortecer o impacto das palavras, mesmo ele afirmando que não é machista, nem homofóbico e nem racista, Thomazzino relativiza a potência do discurso do Bolsonaro, afirmando que ele se arrependeu e, para provar, apresenta vários recortes de campanha eleitoral de Bolsonaro ao lado de mulheres. A construção de um discurso moderador e menos explícito é parte da virada discursiva que se deu de 2014 para 2018, quando o discurso de ódio assume outras características, sofisticando-se. O mesmo Bolsonaro que repetiu em 2014 – *não te estupro porque você não merece* –, em 2018 constrói uma imagem de aliado das mulheres. É interessante compreender esse recorte discursivo, pois ele recorre à imagem do homem sacrificial, que se coloca à disposição do trabalho doméstico, do cuidado de sua mãe, do cuidado com sua esposa. Esse tipo de gramática patriarcal que fundamenta as representações de masculinidades, aciona e justifica qualquer sacrifício em nome de um ideal de família.

A terceira tese apresentada por ele, envolve essa noção que chama de uma moralidade realista, em que os indivíduos comentem erros públicos, mas podem se retratar. Esse conceito de moral, nesse caso, situa-se no campo de valores partilhados, como o próprio influencer coloca, cada lado vai pesar de maneira diferente. Assim, se todos são moralmente imperfeitos, não há porque usar a moralidade como objeto decisório, todavia é justamente no campo de uma moral conservadora em que Thomazzino e Bolsonaro situam-se, ao procurar dialogar com um tipo de público. O próprio influencer se classifica como de direita e conservador, ao mesmo tempo que se apresenta como liberal, porquanto existe o que podemos chamar de um *campo moral bem difuso*, cujas linhas – da mesma forma que os ativistas liberais do século XIX – não são bem delimitadas entre ser liberal ou ser conservador, que ora está em defesa de uma formato de família, ora é preciso colocar determinados projetos acima disso, compreender o direito da mulher, desde que essa mulher se encaixe em uma representação conservadora.

Mas o ponto fundamental de sua posição política reside no que ele afirma ser fatores econômicos. Segundo Thomazzino, o programa econômico de Bolsonaro *é disparado o melhor*.

⁷⁵ FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=vzNva866hiw>

Novamente a expressão de uma *escolha racional*, que fundamentaria o melhor argumento, recai sobre a construção de um projeto econômico, em que o nome de Paulo Guedes se torna um personagem fundamental. De acordo com ROCHA (2018), a figura de Guedes tende a se tornar importante no campo da direita, desde metade dos anos 2000, mas situando-se de maneira central a partir de 2016. Paulo Guedes é apresentado como uma salvaguarda para Bolsonaro, e, juntamente com Moro, teve a função de estabelecer uma coalização liberal conservadora que foi fundamental para as eleições de 2018. Moro, porque possuía uma certa fama fora do campo da direita, justamente pela Operação Lava a Jato, compôs nomes importantes durante a corrida eleitoral de 2018 que apoiaram Bolsonaro, ambos serviam para agremiar apoio de públicos distintos, entre moderados e liberais, que compunham um campo difuso. Thomazzino faz parte desse campo conservador e de direita, de tal modo que, se *Bolsonaro não é o candidato perfeito, ele é o menos pior*, ele prova isso através do programa econômico, ou pelo menos pela ideia de um programa econômico mais “liberal”.

[...] As propostas de Direita consistem em: a) privatizar as estatais; b) desburocratizar o sistema para facilitar a abertura de novas empresas; c) reformular o sistema de previdência; diminuir o PREVILÉGIOS DOS TRABALHADORES para facilitar a contratação de funcionários e diminuir o desemprego. Parecem propostas mais simples e menos nobres que da esquerda, mas elas funcionam e elas foram testadas em milhares de países de primeiro mundo, que fortaleceram suas economias, só com privatizações é possível arrecadar dinheiro para cobrir os gastos dos 4 mandatos petistas. Sem contar que isso diminui os gastos públicos, os impostos e aumenta a eficiência das estatais, pois empresas privadas não podem se dar ao luxo de dar prejuízo, caso contrário elas quebram (THOMAZZINO, Qual é minha posição política? 05 de outubro de 2018).

Estamos diante de ponto fundamental, o baluarte dos ultraliberais contemporâneos, que é a noção de *eficiência*. Apesar de ser uma ideia neoliberal já constituinte da atual governamentalidade, a *eficiência* instrumentalizada no discurso ultraliberal é quase como um retorno à utilidade do Estado, ou às formas úteis que a arte de governar pode ser apresentada. Temos, então, o lexo fundamental que é a eficiência, acionada sempre que é necessário iniciar ou finalizar um argumento no discurso, notem que a *eficiência* é mais importante que qualquer outra coisa, porque *elas funcionam*, sob sua égide tudo é possível, inclusive retirar os *privilégios dos trabalhadores*.

O que Thomazzino chama de privilégio, refere-se aos direitos trabalhistas. No Brasil, em 2017, ainda no governo Temer, tivemos uma reforma trabalhista, em 2019 tivemos novamente uma segunda reforma trabalhista, dessa vez mais agressiva aos direitos trabalhistas, sem contar a reforma da previdência, que se desenvolveu através de chantagens que incluíam a

retenção de recurso do Ministério da Educação em troca da aprovação da Reforma da Previdência⁷⁶. O discurso falacioso de austeridade norteou de maneira religiosa as análises econômicas de especialistas, mas só se efetivou através do discurso difuso, repetido diversas vezes entres influencers diferentes, como Thomazzino. Notem que a linha de raciocínio é o mesmo, repetidamente.

[...] a concorrência também aumenta a valorização dos funcionários, se você for eficiente no seu serviço o seu chefe precisará te pagar muito bem, porque senão você pode ir para empresa rival fazer o mesmo trabalho ganhando ainda mais. Hoje em dia, se um funcionário recebe o salário de 2000 reais, na verdade ele custa para o seu chefe 4.000 reais por causa de todos os privilégios exigidos pelo governo. Se os dois pudessem selar o próprio acordo, o funcionário poderia perfeitamente receber um salário de 3.000 reais para exercer a mesma função e o empregador ainda gastaria mil reais a menos com ele (THOMAZZINO, Qual é minha posição política? 05 de outubro de 2018).

Os argumentos de “você negociar diretamente com o patrão” foi outro enunciado que mobilizou corações, porém eram tão somente vontade de lucro da direita Brasileira, que foi efetivado, na figura de Bolsonaro – aliado com Moro e Guedes – que iria *reformular, melhorar e tornar eficiente* o país, que iria *moralizar a família brasileira*, que iria *reconstruir o país destruído pelo PT*.

Thomazzino, diversas vezes, afirma que não quer demonizar *um lado ou outro*, mas nesse duplo discurso desenvolve posições e deteriora imagens e representações, sistematicamente, em diversos vídeos como “Expondo o Feminismo e sua Hipocrisia por 50 minutos”⁷⁷ ou “Feministas VS Mulheres de Verdade”⁷⁸, também conteúdos como “Provando que brancos sofrem racismo”⁷⁹ ou “Lacradores atacam prefeita negra por ser conservadora”⁸⁰. É visível que a discursividade ultraliberal se fundamenta em segmentaridades conversadoras, anticomunistas, antifeminista, punitivista penal e racistas para fundamentar os seus argumentos de igualdade e liberdade. Thomazzino possui muito material e recentemente se envolveu em polêmicas com grupos feministas, o que é característica do comportamento influencer, isto é, construir polêmicas, se envolver e em seguida construir um discurso vitorioso. Essa trajetória é importante, pois retoma uma estrutura da jornada do herói, para que exista engajamento é

⁷⁶ <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/01/02/posse-paulo-guedes-reforma-da-previdencia.htm>

⁷⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=M4Nbv-vEQrU>

⁷⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=14dYctv0SxM>

⁷⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=gRogoUby8EY>

⁸⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=gRogoUby8EY>

necessário construir essas disputas, que no caso da gramática ultraliberal – fundamentado no discurso de ódio – são grupos em luta por reconhecimento, mas esse discurso não pode ser explícito, então ele é falseado com relativizações como “brancos sofrem racismos”, “feminismo é discurso de ódio”, “a mente genocida esquerdista”, são jargões que ora era utilizado em nodos ciberespaciais pequenos, mas que circundam a discursividade ultraliberal, pode-se dizer, inclusive, que é o combustível para a produção de conteúdo nas plataformas.

É importante citar Nando Moura, que teve um papel fundamental na ascensão do discurso de ódio desenvolvido entre 2010-2014 em ciberespaços mais particulares – que ROCHA (2018) aponta como contrapúblicos, que se formaram ao longo dos anos 2000 e continuaram se organizando até 2018 – onde um tipo de discurso mais agressivo se formava. Isso foi transfigurado para as plataformas através da conceituação de sinceridade, “uma fala sincera” ou “a verdade nua e crua”⁸¹.

Nando Moura, também produtor musical e membro de uma banda de metal, adentrou na produção de conteúdo político a partir de 2015. Segundo ele, o primeiro vídeo “político” é sobre a posse da presidenta Dilma Rousseff, após reeleição em 2014.⁸² No vídeo, “A Posse da Marmota”, ele inicia o vídeo sentado ao lado de uma televisão, o recorte do quadro é uma visão de baixo para cima, normalmente é um formato masculinista de filmagens de baixo para cima para parecer maior. A intenção é que pareça um vídeo caseiro, apesar de baixa técnica, tem o objetivo simples, criar o sentimento de aproximação com o público, produzindo o engajamento. Nando Moura inicia o vídeo chamando atenção para “bandeiras vermelhas de sangue, a cor do comunismo”, no momento da posse da reeleição da presidenta Dilma.

Nesse primeiro momento, ele nos conduz para uma introdução ao sentimento do anticomunismo que permeia a gramática ultraliberal, como visto anteriormente, todavia Nando Moura tensiona sua discursividade para um público mais velho que Ayu e Thomazine. Então, diferente desses, ele não evoca a construção de uma legitimação através de fonte ou fatos, mas trabalha todo seu conteúdo através da afetividade anticomunista, construída através de um lastro histórico, que pode ser traçado desde o primeiro quarto do século XX, nas práticas de grupos

⁸¹ Importante referência ao filme romântico de 2009 “A verdade nua e crua”, que serviu de representação de um tipo de masculinidade, que envolvia uma espécie de sinceridade nos relacionamentos entre homens e mulheres. Podemos dizer que se trata de uma fantasia masculinista de homem sacrificial, que cria uma couraça para se proteger dos sofrimentos do mundo, uma história recorrente dentro dos gêneros cinematográficos. Mas que se tornou representativo entre redes de homens na internet, sempre fazendo referência ao ator Gerard Butler, o mesmo que interpreta Leônidas em 300.

⁸² https://www.youtube.com/watch?v=UrdZ_z5SGmY

fascistas e nazista, do mesmo modo que o anticomunismo machartiano nos Estados Unidos. Ao evocar esse espectro anticomunista, Nando Mouro dialoga com uma geração que viveu o processo de redemocratização, mas que não lidou nem com o anticomunismo desenvolvido nos períodos da ditadura empresarial-militar (1964-1988), que é o cerne para a construção do antipetismo.

Solano (2017) define o antipetismo como uma prática articulatória, exposta com um significante vazio que mobiliza um conjunto de identidades, não necessitando de um sentido particular. Podemos afirmar que essa prática articulatória é permeada por um conjunto de elementos simbólicos que conformam o léxico de significados para grupos particulares, todavia esse significante não é permeado por vazios, ao contrário, é cercado por toda um doxa que possui um lastro histórico – entre o ódio aos pobres (SOUZA, 2019), articulado em *A Elite do Atraso*; ao racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) – que permite que essa doxa se torne potencialmente indiscernível.

É justamente nessa indiscernibilidade, muitas vezes dada como natural e/ou a partir de causalidade, que reside o cerne do antipetismo, como uma continuidade do anticomunismo presente na sociedade brasileira, historicamente articulado ao longo do século XX, nas instituições – educacionais, jurídicas, assistenciais, legislativas e executivas. É o anticomunismo que mobiliza e aglutina, a partir de afetividades historicamente construídas, um ódio de classe – incorporado por todas as classes – contra a possibilidade de uma sociedade socialista. O anticomunismo é parte integrante do dispositivo de descontrole e da governamentalidade neoliberal, que, em nosso caso, se efetiva, ou se conceituou no período da bolsonarização da esfera pública (SOLANO, 2019), como antipetismo.

Dessa forma, o Antipetismo é, em parte, anticomunismo, classismo, racismo, machismo e LGBTfobias estruturadas como uma prática articuladora. Um dos elementos que situa os sujeitos dentro da gramática ultraliberal no Brasil é o antipetismo, pois cumpre um papel importante, de manifestar através dele o que não poderia ser dito, permitindo que variadas pessoas possam se identificar – independente de posições políticas – e se reconhecer, (des)-efetivando o discurso de ódio, transfigurando-o em uma forma de expressar seu rancor pelas mudanças históricas trazidas pelas alas progressistas, como grupos feministas e LGBTQI++ principalmente, mas encontrando como bode expiatório o Partido dos Trabalhadores. Como Nando Mouro indica:

Repare na cara cínica dessa marmota, ao ler a constituição, repare no cinismo e no desprezo que essa mulher tem pela constituição federal, o espetáculo de posse foi essa marmota cínica chegando lá, enaltecida pelas bandeiras, diversas bandeiras vermelhas de sangue, não havia nas pessoas que resolveram saudar a presidenta uma bandeira verde e amarela, todas bandeiras vermelhas de sangue, a cor do comunismo. Ela não teve coragem de colocar uma roupa vermelha, colocou uma roupa mais branda, uma roupa branca, mas mandou sua filha colocar [...].

A Dilma herdará a herança maldita que ela mesmo plantou, porque vocês comunistas bandidos do PT, vocês destruíram o Brasil, vocês acabaram com o Brasil, então você sua cínica, sua mulher que não vale um peido, você herdará a herança que você mesmo plantou. Terrorista! Todas as mortes por tráfico de drogas são culpa sua, canalha, sim porque você é eleita com dinheiro de roubo e com dinheiro de droga. E não pense que eu tenho medo de bandido, porque é isso que você é BANDIDA! (gritando). BANDIDA SIM!!! E SABE QUE É! E SE ESTIVESSE NA MINHA FRENTE NÃO IA FALAR AS MENTIRAS QUE FALA.

POR ISSO SUA CARA IMUNDA DE DESPREZO PELA CONSTITUIÇÃO FEDERAL! PORQUE VOCÊ QUER MUDAR!!! É VOCÊ QUE QUER MUDAR!!! E FALA DEPOIS QUE O LEMA DO SEU GOVERNO ERA PÁTRIA EDUCADORA

Educadora é o cacete, é a pátria doutrinal, você quer doutrinar desde criança desde o começo com seu marxismo cultural, com kit gay, com kit magia negra, com cartilha comunista, com piroca de caramelo na merenda das crianças. É isso que você quer (NANDO MOURA, A Posse da Marmota, 2015).

O ódio articulado, instrumentalmente utilizado para condução de comportamentos, subjetividades e potência política, tem no campo afetivo o essencial para o desenvolvimento de uma política que possa expressar – sob o manto da corrupção – todo ódio contido contra mulheres, contra a esquerda, contra LGBTQI++. Dilma sintetiza, no discurso de Nando Moura, todos esses conjuntos de movimentos em luta por reconhecimento. Ao incorporar esse discurso e reproduzir, o Youtuber cria um efeito de curto-circuito discursivo, em que todo o conjunto de fluxos discursivos produzidos dentro de seu circuito de influência, começa e termina no mesmo lugar, na luta contra o PT – todos que não pertencerem ao discurso ultraliberal partilhado por sua fração de classe, é considerado PT, mesmo que não seja.

Em dezembro de 2015, em plena ocupação dos secundaristas das escolas de São Paulo, após o anúncio de uma contrarreforma e do fechamento de diversas escolas, o movimento estudantil paulistano organizou aquilo que foi uma das maiores ocupações de escolas, inclusive influenciou outras ocupações estudantis no mesmo período pelo Brasil. Nando Moura lança um vídeo chamado *Estudantes ou Bandidos*⁸³, no qual procura construir um discurso de criminalização das ocupações estudantis. Nesse vídeo, há uma construção que mistura um discurso de criminalização política de classe, posto que os estudantes são chamados, várias

⁸³ <https://www.youtube.com/watch?v=ohrQQsOIWQg>

vezes, de *quadrilha, bandidos, marginais*. Além de recorrer ao discurso produzido pela Escola sem Partido, em que os professores são chamados de doutrinadores. Para Nando Moura, a ocupação estudantil seria impulsionada pelo crime organizado, alguns trechos são importantes para explicitar o ponto central da discussão:

Agora imagina o moleque chegando com pais e dizendo: Papai vou entrar na minha escolinha, invadir a minha escolinha e vou ficar lá acampado até que o governador mude a lei. É muito difícil perceber que esse não é um estudante, que isso não é uma criança, que é um BANDIDO, um MARGINAL. É difícil entender isso? Você vê lá todos esses moleques lá, dentro das escolas como se fossem presidiários. (interpretando presidiário) Noix vai ficar aqui nessa porra, até esse porra mudar a lei, caralho [...]. Noix vai com 17 anos de idade, isso é tudo menos um estudante, estudante não é, agora o que acontece é que muitos estudantes estão sendo usados como massa de manobra, de sindicatos e de doutrinadores professores para atingir um objetivo político, um objetivo político [...]

Então você vê lá o adolescente ouvindo música “Quero comer você, no meio da sala de aula” de Funk, “é os menor que quer tirar as virgindade”, sei lá. Querer defender essas crianças (mais novas) de uma erotização precoce, do tráfico de drogas. Muitos desses caras que invadiram as escolas são traficantes, que estão vendendo drogas para criança, para moleque, e que não querem perder a boca onde estão. Muitos são traficantes.

Lembra até a cena da tropa de elite, “é você estudante, é?” Tá aqui óh, enfia cabeça do moleque no buraco de bala, olha aqui a merda que você fez, estudante, é muito difícil entender, que aqueles moleques ali, quase como se fossem presidiários dentro da escola não são estudantes, são bandidos, a escola de Osasco está toda depredada, roubaram tudo, computador, roubaram tv, roubaram tudo que tinha na escola. Aquilo é estudante é? Essa é uma manifestação legítima de crianças e estudantes? (NANDO MOURA, 06 de dezembro de 2015).

Criminalização de movimentos sociais é recorrente no campo ultraliberal brasileiro, pois dialoga concomitantemente com o discurso punitivista penal dos anos 90-2000, bem como é uma herança da ditadura militar, quando, qualquer movimento que se contrapunha à ordem estabelecida é ameaçador, criminoso e passível de punição. É importante ressaltar que Nando Mouro consegue sintetizar ódio de classe, anticomunismo e criminalização em um só discurso, pois em diversos vídeos, sempre procura associar movimentos sociais a algum tipo de prática de ilegalismo, apesar de não ser algo novo em grupos de direita e conservadores. Nando Mouro recorre a esse subterfúgio constantemente, com um claro objetivo de engajar um público conservador e de direita, como também reproduzir estereótipos anticomunistas.

Em vídeos chamado *Mestres do Çossialismo* (14 de setembro de 2018), ele aparece em um tipo de construção, com uma camiseta vermelha, ao que tudo indica é um personagem que deveria representar um comunista. Em seguida, ao longo do vídeo, apresenta os passos dos *Mestres do Çossialismo*, inclusive ao som do hino da Internacional Socialista, aparece deitado

em um monte de lixo e catando comida da lixeira. Os módulos, segundo ele, são: *Módulo 1 – Bolsas*, em que indica *vamos ensinar a você a reivindicar seus direitos, direitos socialistas, cara* (em seguida bate no braço que está pintado para parecer uma tatuagem do Lula Livre, jargão utilizado pela campanha contra a criminalização empreendida contra o ex-presidente Lula) – *bolsa crack, bolsa puta, bolsa(indiscernível) – ensinar a você a fazer umas arruaças, ir atrás de uns bancos capitalistas, virar a lata de lixo, você vai aprender para caralho, bicho; Módulo 2 – Coitadismo – é módulo da mendicância; Módulo 3 – Lula Live; Módulo 4 – Delícias – nesse módulo você aprender a usar sua sexualidade para conseguir moeda política e financeira; Módulo 5 – Cultura - vamo aprender a fazer um projetinho bem legal; (NANDO MOURA, 14 de setembro de 2018)⁸⁴.*

Um ano depois, ele lança *Mestres do Capitalismo 2.0 (07 de agosto de 2019)⁸⁵*, um vídeo um pouco mais longo, com uma produção maior, em que os mesmos estereótipos são aprofundados e ainda temos Nando Moura interpretando outros personagens, colocados como socialistas. Entre eles, o único que consegui reconhecer foi um que possivelmente se referenciava ao Rafinha Bastos, novamente elementos como *bolsa, edital e cultura*, se tornam elementos centrais no debate, da mesma maneira que temos, dessa vez, uma referência direta ao Bolsonaro – pós eleições de 2018. Ambos os vídeos são feitos para promover seu curso chamado *Mestres do Capitalismo*, que é um curso de empreendedorismo e finanças.

Nos vídeos *Mestres do Capitalismo (10 de setembro de 2018)*, ele apresenta o que supostamente são seus carros e sua casa, vestido com uma cartola, uma bengala, terno e calça social azul, expõe a proposta do curso – o vídeo é apenas uma apresentação – que será feito por outra plataforma em um site específico.

[...] Eu consegui chegar aqui com muito sangue, suor, sacrifício, criatividade e meus gestores financeiros, o Ramiro e o Bruno, vão te ensinar também, no curso Mestres do Capitalismo, são boas práticas a respeito de finanças pessoais, que você vai aprender conosco [...] eu quero que você preste muita atenção, porque aqui é o começo da sua mudança de vida financeira, eu não fiz toda essa marmotagem de ir para todos os lados, de cartola e bengala para você não prestar atenção não, eu quero que você entenda que as vagas são limitadíssimas, isso significa que enquanto você está assistindo esse vídeo aqui, pode ser que elas acabem [...] a qualidade você já conhece, é como Brasil Paralelo, Master Class [...] (NANDO MOURA, 10 de setembro de 2018).

⁸⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=s72wpS8Lr6M>

⁸⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=U4sGtuMlxdw>

Em seguida, o Ramiro se apresenta e fala sobre o método desenvolvido junto com Nando Moura, para “produção de riqueza”, ao que tudo indica o curso visa incluir o consumidor em uma lógica empreendedora, de poupança e investimento. Nando Moura cria uma caricatura de um pequeno burguês, que é parte do processo de classe na qual ele se insere, *a conquista vem com trabalho duro*, o conceito de trabalho duro dialoga com o conceito sacrificial – já discutido anteriormente – que a lógica neoliberal implementa ao longo das últimas duas décadas. É dessa forma que Nando Moura equaciona – trabalhando com conteúdo neoliberal, reificando estereótipos conservadores sobre movimentos sociais, principalmente, sobre o socialismo.

Wendy Brown (2018), ao analisar as políticas neoliberais e seus efeitos subjetivos sobre a autorrepresentação e a percepção da classe trabalhadora estadunidense, chama atenção para o discurso sacrificial imposto à classe trabalhadora, retomando desde políticas da década de 80 – empreendidas por Margareth Thatcher e Ronald Regan em seus respectivos países – à noção de “necessidade”, “urgência”, “sem alternativa”, mas o princípio sacrificial como ponto de partida essencial, na expectativa que, de alguma forma, o arrocho salarial, a desregulamentação dos direitos trabalhistas e a austeridade fiscal pública possam mobilizar bons frutos em um futuro próximo.

Essa lógica sacrificial é dialogicamente concomitante com a racionalidade instituída na modernidade, em que a ação social para fins lucrativos se incorporou a partir da expansão do próprio capitalismo, todavia é como se individualmente cada pessoas incorporasse a lógica do mercado financeiro – empreendedor de si e patrão de si próprio – para colher “frutos futuros”. Nando Mouro nos revela muito mais do que ele mesmo possa perceber, pois nos apresenta, escancaradamente, como o discurso anticomunista precisa andar lado a lado da governamentalidade neoliberal, para que, dessa forma, ela encontre sentido e efetivação na realidade, em que o sacrifício se torna a porta de entrada, o caminho e a saída para todos os indivíduos.

[...] Revela-se então uma lógica que combina um pensamento simplificador sobre o capital humano de empresas de sucesso com um discurso nacional-teológico de sacrifício moralizado, um sacrifício necessário à saúde e à sobrevivência do todo. Sacrifício moralizado que resolve artificialmente o paradoxo da conduta não recompensada, prescrita de maneira normativa pelo neoliberalismo (BROWN, 2018, p. 9).

Os argumentos sacrificiais estão no entorno das forças discursivas mobilizadoras para gramáticas sociais ultraliberais, se intercruzando com discursos racistas, anticomunistas e masculinistas – não necessariamente misóginos, mas antifeministas - que se centram na

representação de um tipo de homem e um tipo de mulher que precisa ser alcançada, mas é impedido por forças políticas, que tornam o sacrifício desses grupos em vão. Para isso, existe um papel importante de um explícito discurso moralizante para justificar discursos de ódio implícitos contra determinados grupos sociais. A gramática social ultraliberal no Brasil, ora se reconhece como conservadora, ora como liberal – no sentido clássico e não no sentido partido liberal estadunidense, classificado como esquerda por esses grupos. Temos aqui apenas uma amostra importantíssima da representação em disputa por esses grupos que compõem a construção da gramática ultraliberal nas plataformas de redes sociais no Brasil.

4.3 Gramática feminista liberal nas redes sociais

Compreender o campo de influência de produtores de conteúdo nas plataformas de redes sociais, significa entender as formas, significados e práticas socialmente compartilhadas entre o intelectual influencer e seu campo, que podem ser divididos em articuladores e seguidores. Acho prudente dividir esse conjunto, entre articuladores e seguidores por dois motivos.

1º) Articuladores podem ser um conjunto de indivíduos que trabalham, de forma remunerada ou não, para a construção do engajamento desses intelectuais dentro das plataformas. Esse grupo de indivíduos pode ser de outros tipos de produtores, agentes do campo artísticos, do campo da comunicação ou seguidores que constituem uma comunidade de aproximação, indivíduos que estavam no começo da trajetória do influencer, que podem ser ou não seguidores. A necessidade de separar estes, nos ajuda a entender a posição deste e desta dentro do conjunto de intelectuais na internet. 2º) Classificando entre seguidores e articuladores poderemos entender que o conjunto de seguidores que compõem a comunidade alvo deste influencer partilha sentidos e práticas aproximadamente comuns, mas que nos ajudará na compreensão das gramáticas utilizadas por grupos particulares.

Outra opção que tomamos aqui é a de analisar entrevistas cedidas a canais no Youtube sobre sua trajetória de vida, para compreender o conjunto de perspectivas de si, em uma série histórica, assim como a perspectiva de outros sobre o influencer, tendo em vista a impossibilidade de entrevistas face a face. Não é o objetivo dessa discussão encerrar em um bloco de cristal todo um complexo movimento que cada uma dessas pessoas fez e faz até hoje, independente de posição política no espectro de relações possíveis.

Maíra Medeiros, tem 37 anos, produtora de conteúdo no Youtube, seu canal possui um pouco mais de 2 milhões de inscritos. Entre seus vídeos, ela debate moda, cultura geek, entretenimento de massa, sob um viés da luta das mulheres por direito e reconhecimento, focando em um público mais jovem, com pautas importantes debatidas em seu canal, o feminismo. Maíra já pertencia a um determinado campo de produtores culturais de São Paulo, pode-se dizer que é uma primeira articuladora e colega de trabalho foi Mari Moon, que também possui um canal na plataforma, todavia com um alcance menor que Maíra, e com um conteúdo voltado atualmente para entretenimento - cinema, série - e cultura positiva, na época era ex-apresentadora da MTV. Maíra criou o canal Nunca te pedi nada.

Nunca de pedi nada é um jargão que, segundo a Youtuber, ela utilizava sempre quando conversava com as pessoas, por isso optou por utilizá-lo, no começo tratava de cuidados estéticos de si, com o tempo foi desenvolvendo um conteúdo para o campo do entretenimento.

Eu já estava ali mesmo e já tinha umas paradas que eu queria falar. Então eu falei “Bom, vamos começar um canal então” fui muito ousada realmente, porque ter um canal naquela época, não cabia na minha rotina, no meu dia a dia, mas aí eu resolvi tentar.

Tentar na verdade era uma palavra que não existia, eu estava fazendo aquilo só para vê como que era, a certeza de que ia dá nada era bem alta. Aí eu fui vendo que tinha um monte de gente que queria saber das coisas que eu queria falar, daí eu fui, continuei, continuei. Comecei a envolver outras pessoas, meu marido hoje a gente trabalha juntos. Enfim, a gente foi se profissionalizando, e hoje o canal é a nossa empresa. E estamos aí. E faz 5 anos, meu deus, 5 anos, estou impactada (TV 247, MAÍRA, 2020).

Esse aspecto de tentar não tentando, de querer não querendo, tem a ver com um tipo de *habitus* compartilhado entre os usuários das plataformas dos que se tornam influencer, o fato de não assumir que havia uma intenção em fazer sucesso, é parte importante da gramática incorporada. O sucesso é também um valor, um sentido de ação desenvolvido dentro desse campo, não significa exatamente ser bem sucedido, mas ter um conjunto de acessos, posições que permite ao influencer se tornar um articulador entre as ideias da classe dominante e sua comunidade. Por isso, quanto maior sua comunidade, quanto mais tempo produzindo conteúdo, maior é o grau de sucesso.

Maíra, ao retornar sua trajetória, analisa que a estrutura para se tornar influencer já existia previamente, em suas palavras *influenciadores sempre existiram, independente da época que se vive*. Essa percepção é construída a partir de uma memória de sua adolescência, em que ela elenca que já havia pessoas que “eram especialistas” em determinadas matérias, ou possuíam um determinado estilo, recorrendo à explicação do conceito de bolha social.

[...] lá atrás no colégio e tal, existiam os influenciadores do colégio, tinha o menino que manjava muito da matéria x, tinha a menina que manjava da matéria y, tinha a pessoa que era a pessoa mais estilosa, tinha a pessoa que sabia muito as fofocas da televisão, já existia esses núcleos, essas bolhas, sempre existiram. Essas pessoas sempre influenciavam as pessoas que estavam ao redor, agora com a internet, que a gente tem esse alcance bizarro de pessoas, então a gente inventou (TV 247, MAÍRA, 2020).

Essa leitura inicial se ancora em discursos de falseamento da realidade produzido pelo neoliberalismo, que em primeiro momento retira o horizonte histórico das explicações do mundo. Notadamente, os influencers, enquanto intelectuais dessa etapa, possuem uma função mais organizativa que reflexiva, cujo processo de desterritorialização, de deslocamento histórico, social e cultural, permite que sejam especialistas de generalidades, como se estivessem sempre a um passo de produzir um processo de consciência para si.

Essa compreensão sobre sua profissão, sua ação é parte, também, de um processo de naturalização de suas funções, como se sempre existissem. O que ela identifica são potências de mobilidade social dentro de grupos particulares, isso não cumpre ao papel de influencer como ela coloca, se trata de dinâmicas intragrupos, todavia, não se espera desse tipo de intelectual um aprofundamento, ao contrário, a *superficialidade* é parte do modus operandi, faz parte do processo de engajamento e de condução da comunidade, quase em um sentido religioso, pastoral, que exige uma explicação sem reflexão.

É importante que Maíra nos revela diversas dinâmicas importantes sobre as plataformas de redes sociais e sobre os influencers, todavia o que nos interessa nesse trabalho é a forma de inserção de temas políticas nos conteúdos. Primeiramente, ela relata sobre os challenges⁸⁶, como muitos canais fazem desafios, inclusive perigosos, como da canela⁸⁷, ela prefere os desafios relacionados a estéticas, que segundo ela, gosta de modificar.

Tem uma coisa que eu faço sempre, que eu gosto muito de fazer, eu uso esses desafios essas coisas, que as pessoas fazem dessa maneira, e eu gosto de colocar assuntos um pouco diferentes e fazer uma associação bem improvável. Porque muitas vezes essa galera mais nova que está assistindo esses desafios, eles querem ver mais um desafio e nesses desafios, eu mostro, na verdade, alguma realidade do que tá acontecendo. Alguma coisa que eu pensei sobre isso.

⁸⁶ Challenges são vídeos que viralizaram, usando o termo dos usuários, hitaram na internet e passam a ser reproduzidos. Normalmente são desafios variados: de maquiagens, danças, pegadinhas, entre os diversas outras atividades.

⁸⁷ Desafio da canela, consiste em uma pessoa pular, enquanto outras duas chutam a canela da pessoa no ar para que ela caia.

Tinha um desafio que chamava, o desafio das 100 camadas, aí as pessoas iam lá e faziam 100 camadas de esmalte na unha, colocava 100 camadas de cílios postiços, aí eu fiz o desafio das 100 camadas sobre mentiras que as mulheres escutam. Eu colo etiquetas com os estereótipos femininos, “a mulher só pensa maquiagem”; “a mulher bonita é burra”; “A mulher feia nunca vai arrumar um namorado”; “A mulher gorda num sei o quê”;

É uma maneira que eu faço, eu sinto muito que esses desafios, e esse conteúdo que ele vem dessa maneira, que vem com essa irresponsabilidade, porém vem com muita visibilidade. Porque na internet é uma coisa diretamente proporcional, quanto maior a besteira que você pode fazer com aquilo, mais visualização aquilo vai ter. Às vezes, eu gosto, essas coisas para justamente furar bolhas, tem o desafio, tente não rir pessoas privilegiadas.

O desafio, “100 Camadas de mentiras sobre as mulheres”⁸⁸ é muito emblemático na construção de estratégias de mobilizar conteúdo político dentro de tendências desenvolvidas dentro das plataformas de redes sociais. O vídeo é lançado no dia Internacional da Mulher, ela abre o vídeo da seguinte maneira

*Eu não acho legal ter um dia internacional da mulher, porque para mim, todos os dias são dias para **respeitar** as mulheres, para você entender a importância delas na sociedade, para você deixar de lado todos os estereótipos, que foram sedimentados, concretizados nessa sociedade, mas por motivos históricos nós temos esse dia. Então vamos usar esse dia para informar pessoas, sobre coisas importantes para nós mulheres, vamos falar sobre estereótipos, a gente vive uma vida que todo mundo tem opinião para dar para gente, todo mundo acha que a gente tem que fazer determinadas coisas, todo mundo quer encaixar a gente em um estereótipo. O feminismo me ensinou que nós não somos obrigadas aquilo que as outras pessoas querem que a gente faça (MAÍRA MEDEIROS, 8 de março de 2018).*

Em seguida, ela explica os desafios das 100 camadas, como ela quis adaptar o desafio para as 100 camadas de mentiras sobre as mulheres, esse desafio consistia em 100 camadas de esmalte na unha, 100 camadas de camisa, 100 camadas de algum produto no cabelo, entre diversas outras coisas. Houve diversos vídeos em 2017, no vídeo proposto pela Maíra Medeiros vai apresentando algumas mentiras contadas sobre as mulheres. Entre os eixos discursivos, encontramos controle sobre a sexualidade feminina e trabalho reprodutivo:

Sexo no primeiro encontro? Não presta. A mulher não precisa gozar sempre no sexo. Toda mulher precisa se dar ao respeito. Mulher que gosta de futebol é Maria Chuteira. Arrumar a casa é coisa de mulher, de mulherzinha. Tem mina que gosta de ser assediada. Mina que fala sobre sexo é meio vulgar [...] (MAÍRA MEDEIROS, 8 de março de 2018).

⁸⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=TD60yRcAjM>

Essas frases são expressões que se correlacionam com a política sexual construída em torno do corpo da mulher, sua função dentro de uma divisão sexual do trabalho. O vídeo se desenvolve com ela colando sobre o rosto e parte do dorso os papéis com as mentiras sobre as mulheres, a edição do vídeo termina com ela chamando as pessoas a comentarem sobre mentiras contadas sobre as mulheres. O vídeo possui mais de 150 mil visualizações, 32 mil curtidas.

Retomando a narrativa que Maíra empreende, o vídeo demonstra exatamente a forma como o conteúdo inicialmente é apresentado, de maneira solta, sem aprofundamento, ou questionamento, pois se trata de um vídeo com o objetivo de gerar engajamento, para que os usuários que a seguem respondam, do mesmo modo que é um ato político de questionar a política sexual sobre mulher na sociedade ocidental, apresentando alguns objetos discursivos, mesmo que ela não trate diretamente. Em um outro vídeo, intitulado *Por que eu sou feminista?*⁸⁹, para introduzir o caráter político no debate, ela busca experiências de vida, poderíamos chamar de vivências, mas uma vivência em relação ao consumo.

[...] eu cresci lendo uma personagem feminina muito forte, essa personagem, ela simplesmente se dava bem em todas essas histórias, não se dava bem porque ela era espertinha, ela se dava bem porque ela era uma pessoa correta, ela era dona da história, ela era dona de tudo, todo mundo conhecia ela. Se alguém desse risada da aparência física dela, ela batia. E foi assim que eu cresci, achando que se fosse forte suficiente que nem aquela personagem, eu poderia sim, bater de frente com alguém que estivesse me oprimindo, zombando da minha cara. Ou dando risada de mim, por algum motivo [...] mas eu não era forte, porque eu era menina, então eu achava que nunca teria força suficiente para bater de frente com quem estava me oprimindo. [...] Eu queria ser uma mulher forte [...] enquanto isso via minha mãe, sendo mãe solteira, tendo que ser a filha da minha vó, tendo muitos papéis sociais, quando eu olhava para minha mãe, eu via ali a pessoa mais inteligente do mundo, porque tudo que eu perguntava que eu fazia ela tinha resposta [...] eu queria ser minha mãe, então queria ser mãe solo, não queria casar, mas toda vez que eu falava sobre isso, eu recebia feedback que eu não poderia ser mãe solteira [...] eu também fui alertada que caso eu quisesse ser feliz, eu precisaria de um homem do meu lado, porque somente o amor pode fazer uma mulher feliz e completa (MAÍRA MEDEIROS, 30 de agosto de 2018).

O termo vivência é articulado a partir de uma plataforma de monetização, o efeito de monetização da vida cotidiana cria uma instrumentalização de determinados conceitos, entre eles a vivência é agenciada para que se torne o valor central de engajamento, do mesmo modo que possa criar um valor – mesmo que subjetivo – de ganhos futuros, como debatido anteriormente. A subjetivação da governamentalidade neoliberal atua nas redes sociais constantemente, as influencers, como Maíra Medeiros, já desenvolvem os elementos fundantes desses comportamentos. Isso não necessariamente ocorre de maneira consciente, pois é um efeito do discurso muito poderoso, pois o enunciado não apenas enuncia, mas gerencia

⁸⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=2VFwUI5n4eg&t=194s>

comportamentos. A potência dessas novas gramáticas sociais reside na capacidade de articulação, cujos enunciados são o pontapé para o engajamento, a mobilização e o encerramento dos fluxos de debates.

Assim, ao acionar a vivência, quer consciente ou inconscientemente, ela parte de uma comunicação partilhada entre comunidades bem particulares, como a comunidade feminista, negra, LGBTQI++. Como iremos perceber, a “vivência” não é mera palavra para o acionamento micropolítico das relações, é um conceito mobilizante, que pode definir “vencedores e derrotados” no campo de disputa política no ciberespaço.

Ao relembrar sua trajetória na adolescência, mesmo que em uma entrevista voltada para outro público, Maíra direciona sua comunicação para um público específico, para o reconhecimento de elementos seus, em uma coletividade: a escola, as relações de consumo, as marcas de consumo, são apresentadas como elementos universalizantes – mesmo que não sejam, tornam-se. E, ao se tornar, temos um quadro particular para o processo de subjetivação junto à plataforma, esse padrão comportamental é visto diversas vezes nos influencers que foram e serão apresentados aqui.

Não podemos achar que se trata apenas de uma coincidência, ou de uma padronização comunicacional, tendo em vista que isso ocorre, de maneira consciente e inconsciente, como no caso dessa entrevista da Maíra Medeiros. Trataremos como efeito de discurso neoliberal, que monetiza potencialmente cada elemento da vida cotidiana, desse modo um efeito sobre efeito, a monetização da vida cotidiana e instrumentalização monetária de conceitos partilhados pelas gramáticas sociais, em que o reconhecimento se torna o fluxo para produção desse valor. É como uma economia sentimental, tanto ódio, como o amor se tornam parte do cálculo a ser previsto, gerenciado e administrado nessa relação, o reconhecimento se torna lucrativo.

*[...] com a internet eu comecei a ver outras meninas em um mundo inteiro, que achava que elas não deveriam ser obrigadas a nada, essas outras meninas também queriam ser fortes e queriam tomar conta das vidas delas. Essas meninas também discordavam dos estereótipos lançados sobre elas, mas ao mesmo tempo que eu via isso, várias pessoas vinham falar para mim que **ser feminista** era a pior coisa para uma mulher. A feminista é feia, é mal amada, mal comida, mal resolvida, ela é reclamona, ela é chata e o pior de tudo para aquelas pessoas é que as feministas não achariam namorados [...]. Finalmente, eu entendi que eu poderia ser eu, eu comecei a ler sobre essas coisas, que existia sim um movimento que era esse levante de mulheres [...]. Eu percebi que toda a nossa estrutura social foi construída em cima disso. Nosso papel agora, de informar é de desconstruir o rolê. Eu não virei feminista, porque eu sempre fui feminista, não houve nenhum momento na minha vida em que foi convencida que os outros deveriam saber mais da minha vida que eu, então não adianta olhar com cara de “ai você é menina, você é fraquinha” [...] Eu descobri que posso ser tão forte*

quanto qualquer outra pessoa, ser feminista é não aceitar que digam que você é inferior só porque você é mulher (MAÍRA MEDEIROS, 30 de agosto de 2018).

Ao introduzir o feminismo dentro do seu léxico de sentidos, é importante ressaltar isso, Maíra rompe com um conjunto de estruturas estabelecidas, patriarcais e heteronormativas, ao mesmo tempo que reforça algumas outras, de cunho cisnormativo e classistas. O feminismo é outro conceito central de disputa, tanto para grupos que acionam discurso de ódio contra o feminismo, como para grupos que acionam para a luta por reconhecimento. Essa é a beleza dos nossos dias, a internet proporciona ao mesmo um lastro de construção de comunidades que ao mesmo tempo podem se unir em torno do ódio ao feminismo, por exemplo, como pode construir comunidades dispostas a resistir, transformar e modificar o mundo. As formas dessa luta mudam, mas seu objetivo permanece.

Maíra Medeiros agencia, dentro daquilo que podemos chamar de uma gramática do feminismo neoliberal, o uso dos feminismos. Em 2017 e 2018, o debate sobre os feminismos plurais estava caminhando nessa direção, inclusive com uma forte crítica construída pelo movimento feminista negro, a respeito da produção da representação do feminismo, principalmente o feminismo ter produzido historicamente uma representação branca e classista, quando a base do movimento é composta por mulheres plurais – negras, asiáticas, indígenas, LGBTQI++, de classes populares, trabalhadoras.

Não à toa Maíra Medeiros procura agenciar essas idiossincrasias a partir da construção de um *feminismo particular*, em relação aos *feminismos diversos*. Pode parecer trivial, mas ao particularizar o feminismo, ela traz para esfera da interpessoalidade, ainda mais, de uma microindividualização muito eficaz para o neoliberalismo, no qual cada uma pode definir seu próprio feminismo. Retirando o caráter coletivo de produção histórica de um movimento político mais amplo, essa armadilha da individualização da pauta não é criada por Maíra Medeiros, nem é ela somente que se encontra dentro desta armadilha. Essa individualização atravessa nosso tempo como um regime potente de verdade, parafraseando Boockchin⁹⁰ seria como um “feminismo como estilo de vida”, criando mais uma estética feminista a ser incorporada e consumida, que uma relação construtiva coletiva, de caráter político social. Todavia, esse não é o objetivo de Maíra, mesmo que ela assuma e acione o feminismo de forma

⁹⁰ Murray Boockchin escreveu Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de vida: Um abismo intransponível, no qual debate sobre como, nos Estados Unidos, diversas coletividades estavam se assumindo anarquistas, mas apenas em um estilo de vida, de individualização de sujeitos sem construções coletivas, ou trabalhos sociais, apenas em suas vidas particulares, ou assumindo uma estética anarquista, sem realmente transformar o mundo ao redor.

politicamente comercial, ainda assim o objetivo é engajamento, e tanto faz por militantes ou não.

[...] Às vezes, meu feminismo é diferente do feminismo da minha amiga. Cada mulher cresceu em um lugar, cada mulher cresceu de maneira diferente, teve vivências diferentes, por isso existem feminismos diferentes. Por exemplo, a luta de uma mulher negra, é diferente da luta de uma mulher branca, que diferente da luta de uma mulher trans. Por isso a gente tem que aprender a respeitar a luta de todas essas mulheres, em nenhum momento tentar competir, se a minha luta é mais digna que a outra da minha amiga. Na verdade, não, todas as lutas são importantes (MAÍRA MEDEIROS, 30 de agosto de 2018).

Em uma trajetória um pouco diferente temos também Júlia Tolezano, de 30 anos, que estreou seu canal em 2015, chamado Jout Prazer. Jout jout queria inicialmente criar um canal que falasse das coisas do cotidiano, uma espécie de diário de sua vida. É importante ressaltar que, durante os anos de 2010-2015, a blogosfera brasileira era repleta de blogs sobre a vida cotidiana, vários diários virtuais em que a troca de experiência era fundamental para o desenvolvimento de uma comunidade – em sua maioria feminina – que pudesse encontrar espaços para trocas de experiências, conversas sobre o corpo, sexualidade e relacionamentos.

Esses nodos ciberespaciais migraram gradativamente para o Facebook, porque os grupos eram fundamentais nessa plataforma para essa troca e por ser mais dinâmica. Os grupos de Facebook foram fundamentais para construção de diversas comunidades – de fãs, políticas e de hobbies – na internet nos últimos anos, esses nodos viriam mais tarde a migrar para os aplicativos de smathphones – como telegram e WhatsApp, entre mais diversos. É importante compreender esse cenário para entender a trajetória de Jout Jout no Youtube.

Primeiramente, Jout Jout Prazer era um canal sobre o cotidiano, o cenário intencionalmente era sua casa, seu quarto, seu jardim, sua cozinha. É importante que possamos compreender que, apesar de serem espaços de vida cotidiana da Júlia, ao se apresentar na plataforma, se transfigura. O cenário torna-se um simulacro, parte do processo de digitalização da vida, com o efeito de construir essa aproximação com o público.

Também é importante compreender que Jout Jout trabalhava, inicialmente, com a câmera em close e em corte americano – isto é, com enquadramento da pessoa no rosto ou da cintura para cima – o que pode parecer apenas mais um detalhe insignificante, todavia esse enquadramento ajuda na construção da sensação de aproximação com as pessoas. Esse efeito é sentido ao longo dos vídeos produzidos nos primeiros 9 meses de canal, criando uma

comunidade bem próxima da Jout Jout. Quer ela tenha feito isso intencionalmente ou não, isso foi fundamental para sua trajetória, pois criou usuárias articuladoras de seus conteúdos, principalmente nos nodos ciberespaciais que permitiram sua permeabilidade dentro da internet. Diferente de Maíra, Jou Jout não partilhava um conjunto de sociabilidade junto à comunidade de produtores culturais fora das plataformas sociais, sua construção, se deu a partir das redes, principalmente a partir das comunidades virtuais de mulheres.

Na construção de sua trajetória, o discurso de proximidade é essencial para compreender como ela articula vivência e política. Jout Jout fica famosa como o vídeo “Não tire o batom vermelho”, é um vídeo em que ela traz diversos exemplos de relações abusivas, o vídeo emerge de conversas online e de debates feitos em grupos de mulheres no Facebook, que Jout Jout não especifica, mas é importante ressaltar que, quando esse vídeo *hita*, ela ainda não reivindica o feminismo ou ser feminista.

Esse vai ser um vídeo tenso de gravar, mas eu vou conseguir. Porque... ele tem que existir. Eu estava conversando com uma mulher maravilhosa outro dia no Facebook. A gente começou a falar de nossas experiências com relacionamentos abusivos que tivemos. E a gente quase se abraçou virtualmente porque... E aí eu resolvi fazer um vídeo sobre relacionamentos abusivos [...] E para recheiar mais esse vídeo eu fui num grupo maravilhoso que eu participo no Facebook e pedi história de pessoas que já tiveram relacionamentos abusivos. E depois de ficar 3 horas chorando, lendo essas histórias eu vou, agora, falar um pouco sobre relacionamentos abusivos. Vamos tentar fazer isso com bom humor.

Este sujeito está te impedindo de sair com seus amigos? Ou está te colocando contra os seus amigos e os seus familiares? Ele já mandou você tirar o batom porque você estava com cara de puta “com esse batom vermelho?” Ele já sacudi um guardanapinho na tua cara? “Tira esse batom”. Ele já controlou a distância as roupas que você vai usar ou o lugar que você vai usar essa roupa? Essa pessoa já te pediu para excluir pessoas do seu Facebook ou Orkut (na época áurea da vida)? Ou essa pessoa já te impediu de falar na vida real como certas pessoas? Sempre que vocês brigam de alguma forma muito estranha, que não é explicada, você está sempre errada?

E você sai pedindo desculpa, mesmo quando no início você tinha certeza de que tava certa... mas rolou alguma coisa ali que ele falou, que você falou: “gente, eu acho que eu tava errada... Será?” E aí você olha pra trás e fala: “E, todas as brigas que gente já teve na vida, e...eu que tava errada.

Chantagem emocional! Sempre uma boa pedida. “ah acho que vou terminar com você” “Termina, eu me mato!” – ele diz e aí você fala “é, não vou terminar. Não quero que ele se mate. Melhor não terminar!”. Ele te faz, de vez em quando, se sentir burra? Feia? Estúpida? Inferior a ele... Ele faz você achar que é uma bênção ele estar ao seu lado porque ninguém merece uma pessoa como você. Mas ele aguenta. Então você tem que ficar pianinho, porque se você perder aquele ali, você nunca mais vai conseguir ninguém.

O relacionamento é construído de forma tal que ele fez você achar que só ele no mundo poderá te amar. E te tratar bem, mesmo ele não te tratando bem. E você nunca vai achar alguém que goste de você. Porque você é esquisita. Porque você é suja. Porque você é uma puta. Mas ele... te aceita como você é. Então se você terminar com ele, você está condenada a uma vida solitária, porque ninguém vai querer você. E aí

you vai ficando ali. Preso naquela teia de manipulação sem fim, achando que você tem que estar ali. Porque é sua última salvação. Porque sem aquele relacionamento, você vai viver sozinha para sempre. ISSO NÃO É VERDADE! ISSO NÃO É VERDADE NEM POR UM SEGUNDO! [...] (JOUT JOUT, 26 de fevereiro de 2015).

O vídeo de cerca de 8 minutos, está alcançando a margem de quase 4 milhões de visualizações, o trecho acima é metade do vídeo apenas, mas nos serve para compreender a gama de exemplos estruturais, construídos a partir das relações patriarcais da nossa sociedade, que colocam mulheres em situações de abuso psicológico, sexual, econômica e emocional. Jout Jout, com esse vídeo, se torna a porta voz de uma segmentaridade discursiva atravessada por mulheres – jovens, adultas e idosas – das mais diversas orientações sexuais, que se encontram reconhecidas nesse vídeo.

Mais tarde Jout Jout irá afirmar, *os brasileiros estavam em um relacionamento abusivos, foi isso que aconteceu, anda estão, muitas [...]* (JOUT JOUT, 30 de julho de 2019)⁹¹. Ao reconhecer que é um problema estrutural, ela retira do campo da individualidade, de cada relacionamento, nos apresenta um problema coletivo. Essa diferença discursiva assumida por Jout Jout, também é parte de sua trajetória dentro das redes sociais, pois no momento em que o vídeo ganha permeabilidade, ela é chamada para programas de televisão, é chamada para campanhas junto ao Youtube – sobre o empoderamento feminino, da Natura, entre outras empresas.

Concomitante a isso, Jout Jout se descobre feminista, sendo um caso raro de influencer que consegue interpretar o diálogo com sua comunidade de maneira comunicacional, refletir nas suas produções, podemos dizer que a sua produção de vídeos – de produção discursiva – pode ser dividida entre antes e depois do Não Tire o Batom Vermelho. Antes disso, seus vídeos, por mais elementos do cotidiano que trouxessem, a política era tratada de maneira casual e não intencional, o consumo de roupa – calcinhas sapatos – entre outras coisas era criticada, mas era parte do conteúdo. Após os vídeos, observa-se uma mudança – de estrutura na produção dos vídeos e de discurso – porque na medida em que Jout Jout traz o feminismo para o grande debate, ela também passa a se cobrar de outra forma.

Eu comecei a fazer os vídeos, e começou um monte de gente a ver os vídeos e falar: “Querida você é feminista.”. Aí eu fiquei “Gente, eu não levanto essa bandeira, não tem isso de feminista ou não. Vamos só aqui, ó, relax”. Aí começaram, estuda um pouquinho, você tá bem feminista aí, nesse vídeo”. Eu nunca tive acesso a esse universo, eu nunca tive acesso não, mas assim, o feminismo era uma matéria na escola,

⁹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=YoqHY5uEy9c>

na aula de história, sabe? Eu não tinha um coletivo feminista na minha escola, ou qualquer coisa assim. Eu não fui incentivada a pensar nisso desde cedo, fui ter esse contato com o feminismo, a entidade, quando comecei a fazer vídeos. Aí fui ler sobre, ver vídeos sobre. É, realmente, concordo com tudo isso aí. Foi quando comecei a entender como funcionava o tal de feminismo e me inserir completamente dentro dele. Foi uma coisa muito que apontaram e falaram “dá uma estudada porque acho que você vai gostar disso” (Jout Jout no canal Marília Gabi Gabriela, 01 de agosto e 2016).

Inclusive Jout Jout passa a abrir espaços para coletivos de mulheres, trabalhos sociais diversos em seu canal. Isso é fundamental para um desenvolvimento de um espaço seguro virtualmente para mulheres continuarem a debater, trocar conhecimentos e construir formas diferente de feminismo. Jout Jout vai na contramão da estrutura exposta pela plataforma, ela, ao invés de individualizar o discurso, coletiviza o debate, continua avançando, mesmo quando é alvo de grupos de haters dos mais diversos. Há um outro evento também importante, quando descobrem que o seu namorado, Caio, é uma pessoa negra, algumas críticas internas a comunidade de apoio da própria Jout começam a surgir, inclusive com um debate sobre racismo e invisibilidade. De acordo com Araújo (2020)

A participação de Caio no canal, mesmo por trás da câmera, foi tamanha a ponto dos seguidores começaram a elaborar vários questionamentos nos comentários dos vídeos em que ele eventualmente se colocava. Informações sobre sua vida profissional, sobre a relação dos dois, sobre o fato do Caio nunca aparecer em frente à câmera foram alguns desses questionamentos. As dúvidas geraram uma série no canal chamada “Cajout responde”, em que Júlia e Caio, ainda por trás da câmera, respondem perguntas enviadas pelos seguidores [...] (ARAÚJO, 2020, p. 58).

A discussão desenvolvida a partir do fato de Caio ser negro, do racismo sofrido, do questionamento sobre ser negro, são atravessadas por diversos discursos como o colorismo, como racismo cordial e pelo racismo estrutural na figura de Caio. O vídeo “Caião quer conversar” (05 de janeiro de 2016)⁹² foi uma resposta a diversas especulações e casos de racismo, quando fotos de Caio passaram a circular na internet. Essas especulações, todavia, foram sanadas com o vídeo citado acima, onde ele fala:

Agora você, você aí que pensou que a Julia escolhia não me mostrar porque eu era negro, porque eu era pardo, porque minha cor era... porque... Cê acha que eu vou namorar uma pessoa que me esconde por causa da minha cor? Cê acha que estou ficando maluco? Tem relacionamento abusivo aqui não, meu irmão! Vou deixar uma coisa bem clara, pela última vez, já que estou aqui: eu nunca apareci... qual motivo mesmo? Ah! Foi porque eu não queria! (JOUT PRAZER, 05 de janeiro de 2020).

A verdade que as especulações foram criadas a partir de representações feitas a cerca de Caio e o fato de Jout ser branca, pois boa parte dos comentários sobre as fotos de Caio tinha

⁹² <https://www.youtube.com/watch?v=YU20Zn5nlGQ>

conotação racista, sugerindo que esperavam uma pessoa branca, uma pessoa loira, até comentário do tipo “É um negão. Jout gosta de salame extra”. Acompanhado por discursos coloristas, como Caio cita, *“tentando me proteger de ser negro, como se fosse algo negativo”*.

A força discursiva da estrutura racial no Brasil é tão forte, que gramáticas sociais diferentes são construídas em relação a outros locais, por isso a importância do lastro histórico na compreensão das produções das intersubjetividades desenvolvidas nessas gramáticas sociais. Mesmo os liberais brasileiros possuem características particulares, não seria diferente das gramáticas feministas liberais, o importante é que esse caso reflete como racismo, mesmo em comunidades que reivindicam o feminismo, se perpetua de maneira silenciosa, como cita Araújo, de forma cordial, como se não fosse problematizado, até que se torne um problema.

Conforme Jout Jout se envolvia e engajava cada vez mais em pautas sociais, abrindo espaço para movimento sociais em seu canal, um processo de autorreflexão passou a ser desenvolvido e exposto pela influencer cada vez mais. Outros enunciados passam a ser acionados. Novos formatos assumidos, da mesma forma que Jout Jout busca caminhos para expressar essas mudanças e traz outras reflexões como no vídeo Não Vai Ter Confete (14 de dezembro de 2017), onde Jout Jout apresenta o que seria o termo Esquerdomacho, que se refere a um tipo de homem na esquerda que perpetua o machismo e relativiza a pauta feminista, apesar de “concordar com a necessidade da luta feminista:

O jeito mais fácil na verdade de você reconhecer um esquerdomacho é: se esse cara tá, o tempo todo, tentando de todas as formas possíveis e imaginárias, mostrar o quão feminista ele é. Já tem uma coisa esquisita aí. Porque um cara que tá junto com a gente na luta, esse cara não vai querer parar a nossa luta, parar nossa discussão, para a gente tacar confete nele. Vamos todas dar as mãos e fazer uma ciranda em volta desse cara para reconhecer a sua desconstrução. Isso não vai acontecer. Desse jeito você não vai somar tanto (JOUT JOUT, 14 de dezembro de 2017).

Jout Jout desenvolve debates sobre democracia em 2018, em uma série no canal “Discutir Política” lançada em agosto de 2018, em meio às eleições presidenciais e de governadores, mas sem citar candidatos ou candidatas, trabalhando em como funciona o processo eleitoral e a necessidade de participação política. Ao longo de 2018 e 2019, os temas de cunho político não citam ou debatem diretamente contra o governo Bolsonaro, tanto por medo de alguma represália política diretamente, mas também por procurar focar em outras pautas.

Em dezembro de 2019, Jout Jout, no vídeo Expressão Máxima de Desconforto – Parte 2, que faz referência ao primeiro vídeo do canal, Jout Jout anuncia a pausa no canal, com retorno

para o Carnaval de 2020, talvez devido ao covid-19, ou outros motivos, o canal não retoma suas atividades desde em tão. Um detalhe importante é que esse último vídeo, em teor de despedida, também faz um processo de rememoração da sua própria trajetória, algo também não muito comum, mas que ainda mantém a comunicação com o público alvo.

Jout jout nos apresenta como vivência e política se tornam capital social importante no desenvolvimento de conteúdo na internet. O aprofundamento do tema também é passível, desde que discursos “polarizados” ou “radicais” sejam deixados de lado, diferente de outros Youtubers, Jout Jout não individualiza o conflito, ao contrário, ela generaliza o machismo, o racismo, a lgbtfobia em seu conteúdo, ao mesmo tempo, sem particularizar, ou falar de uma pessoa, gerando um engajamento pelo tema e não pelo conflito. O conflito se mantém por outros meios, através do reconhecimento de sua comunidade alvo e para além de sua comunidade, a personalização despretensiosa se encontra apenas na figura de Jout Jout, mesmo assim ela procura romper, muitas vezes, colocando em pauta outras pessoas.

A contradição desse formato permite percebermos as mudanças estruturais que as plataformas de redes sociais tiveram na produção de intelectuais políticos dentro desses campos, ao não rivalizar ou não atacar pessoas, mas sim conceitos – como machismo, racismo – Jout Jout encontra uma válvula de escape, para suavizar temas, sem responsabilizar particularmente alguém, o que gera um efeito em cadeia porque você pode reconhecer quem pratica esses tipos de coisas em qualquer lugar.

Não se trata de alas conservadoras e de direita que classificam de “uma patrulha do politicamente correto”, mas de construir instrumentos de reconhecimento para o primeiro contato com o feminismo, por diversas mulheres no Brasil, a partir da vivência e do cotidiano.

4.4 Gramáticas CyberComunistas nas Redes Sociais

Existe uma tese muito potente, partilhada entre os campos da esquerda brasileira, de que as redes sociais são o lócus de ação de grupos de direita e conservadores. É importante que possamos compreender que essa tese, em parte, é real, pois como vimos, parte da construção do que é a internet passou por aquilo que Castells chama de Tecnoelites. O debate sobre isso e a forma como os conglomerados corporativos assumiram cada pedacinho da nossa vida, criando valor e digitalizando cada parte da gente, transformando em dados úteis se dá, em muito, pelo fato de as grandes elites serem as possuidoras dos meios de produção da realidade e da produção das representações da realidade.

Antes da internet, as elites possuíam os grandes jornais, os grandes rádios e as grandes emissoras de televisão – no caso do Brasil, algumas famílias detêm o monopólio da comunicação em massa por televisão, mas isso é outra história. A internet emerge como um potencial espaço de construção alternativa a grandes conglomerados, seria a internet, a esperança para formas comunicativas mais livres e democráticas, essa era a esperança, muitos grupos lutaram para que isso fosse possível, da mesma forma que muitos grupos corporativistas também se empenharam em um processo de recolonização ciberespacial.

Isso significa retornar um ponto fundamental da tese marxiana “as ideias dominantes, são as ideias da classe dominante”, esse pequeno trecho da Ideologia Alemã (ENGELS e MARX, 2007) nos ajuda entender a potência dessa tese, as redes sociais são um espaço de produção subjetiva de uma governamentalidade neoliberal, isso não quer dizer que somente grupos de direita ou conservadores encontram espaços, todavia, é importante ressaltar que as estruturas da internet, pós predomínio das grandes plataformas de redes sociais, contribuíram, em parte, para que discursos comunistas, anarquistas e de esquerda radical não tivessem a mesma permeabilidade que em outros veículos.

É importante ressaltar que a esquerda sempre disputou espaços de comunicação – desde o século XIX a disputa pela construção de jornais – pois é a disputa pela interpretação da realidade, não à toa esse é o campo de maior preocupação de grupos olavistas e conservadores da sociedade brasileira, pois se trata do campo da interpretação da realidade e da produção dos sentidos. É importante ressaltar que mesmo no debate esquerda e direita, termos mais recentes como petralha, esquerdopata, esquerdista, feminazi, gayzista, só ganharam permeabilidade por conta da força coletiva de grupos na internet, do twitter e do Facebook.

Há de se considerar que vozes dissidentes estavam lá, fóruns de discussão, grupos de articulação – muitas vezes nacionais, páginas de memes, plataforma de blogueiras, todo um lastro de alternativas que existiam antes das plataformas de redes sociais. Com a mudança estrutural na internet, os trabalhos mais coletivos perderem suas potências, dando lugar para porta-vozes mais individualizantes. Os coletivos ganharam rostos, personalidades e vozes particulares, isso traz consigo outras formas de luta e disputas, mas precisamos esclarecer que, de maneira alguma, os influencers comunistas criaram as regras do jogo que vem sendo jogado, ao contrário, eles foram se tornando vozes passíveis de disputar, no mesmo nível que outras vozes conservadoras e de direita, o poder de definição da realidade, poder de interpretação do mundo e da produção de seus sentidos.

É importante compreender que o discurso de ódio possui um lastro histórico e social, que ancora sua ação a partir de grupos que detém sobre si o monopólio da produção de discursos, o poder de classificação e desclassificação, que essa relação, apesar de ser interacional, sempre pesou para as forças que detinham a possibilidade de propagar, isto é, de fazer reverberar a mensagem a mais indivíduos. Dessa forma, o discurso de ódio não é de uso exclusivo da direita, mas é de forma inaugural, instrumentalizado por esta. E a luta por reconhecimento parte justamente da disputa de grupos que foram abjetados em suas identidades, culturas, sexualidades, etnicidades e territorialidades, não necessariamente de grupos à esquerda do poder, mas grupos que, em suas existências, ameaçam a hegemonia da produção dos sentidos da realidade desses grupos dominantes.

Não à toa, ao passarmos pelos grupos que instrumentalizam o ódio como discurso, vemos explicitamente que grupos são esses: feministas, LGBTQI++, negros, indígenas, pessoas como deficiência. Da mesma maneira, observamos as idiossincrasias internas dos grupos na disputa por representação, no poder de definição. Assim sendo, uma gramática social importante, que precisa ser apresentada, é o que chamo de cybercomunistas, isso é, uma tipologia ideal, primeiro porque não gostaria de chamar estas e estes de new left – que remeteria um outro grupo -, nem de neoativistas, pois isso também não sintetizaria o conjunto de características complexas encontradas em campo. Mesmo agora, penso que esse termo cybercomunistas pode soar de maneira incompleta, espero poder, nas páginas seguinte, da mesma forma que nas secções anteriores, preencher a lacuna que essa palavra pode conter e romper com as contradições que o termo possa trazer, até porque, para muitos, o termo cyber já é estranho, da mesma forma que a propaganda anticomunista, é tão potente até os dias de hoje, pode fazer parecer que o termo comunista seja tão difícil de ser usado e classificado, mesmo que interlocutores se afirmem dessa forma.

Também irei fazer nessas próximas páginas uma extrapolação, pois nem todas as personalidades que aparecerão se classificariam como comunistas, mas uso o termo comunista no sentido amplo, passível de colocar sob esse leque um conjunto de discursos que permeiam o meio. Não uso cyber esquerda, pois isso remeteria a um outro conjunto de discursos que não necessariamente retratariam a discussão desenvolvida até aqui sobre formas gramaticais de ação. Para cumprir este propósito, elenquei três cybercomunistas que ganharam proeminência nos últimos anos, que na mesma medida conseguiram romper com a barreira anticomunista, alcançando um público maior a partir das redes sociais, alguns entre eles comunistas, socialistas

e anarquistas, que nos ajudarão a entender as contradições criadas pelas plataformas de redes sociais.

Jones Manoel é um historiador, mestre em Serviço Social, colunista de diversos canais como Boitempo, TV247, O Povo, entre diversos outros jornais, militante do PCB e Youtuber. O canal de Jones Manoel estreia em 2017, chamando-se ainda Makaveli Teorizando, Makaveli era o nickname de Jones na época, um tempo depois, o canal muda de nome, passando a se chamar Jones Manoel, a partir de julho de 2018. O formato envolve um enquadramento da cintura pra cima, sem muito close, focando em uma postura professoral. Jones Manoel desenvolve conteúdos sobre socialismo, comunismo, marxismo e a questão racial, debatendo autores como Domenico Lousurda, Fanon, Aime Cesarie, entre outros. Os temas em voga em seu canal envolvem análise do quadro político, em uma posição que o influencer afirma que é “uma disputa de classes pela história e a memória”.

O influencer já desenvolvia diversos trabalhos, no nodo do ciberespaço socialista na internet, em canais como TV247 e Boitempo, mas consegue emergir para fora desse nodo a partir de 2020, após uma entrevista de Caetano Veloso para o programa Conversa com Bial.⁹³ Ao conversar sobre uma fala de Caetano sobre Estados Socialista, ele fala:

[...] essa fala tem uns dois anos, quando filme foi lançado. Pouco tempo, eu digo que nunca louvei nenhuma medida estado socialista, o que é verdade, hoje eu tendo mais a respeita-los pelo menos. Eu mudei quanto a isso, eu sou menos liberaloide do que eu era, até dois anos atrás [...] Foi uma revisão da história do liberalismo que me atraia muito mais antes de eu encontrar essa revisão que me foi muito convincente, eu tive contato com essas críticas, com essas leituras da história do liberalismo, através de um moço de Pernambuco, que se chama Jones Manoel, que é um Youtuber, mas eu fiquei muito impressionado [...] Essa rapaz [se referindo a si] que falou a dois anos atrás “eu não admito que nada de país socialista”, não sou mais aquele rapaz, são dois anos, eu tenho 78 anos, mas houve uma mudança desse tamanho, eu não atribuo somente como uma reação a um mundo reacionário, uma reação da reação, é uma questão de desenvolvimento intelectual mesmo, é de ser avisado de certos aspectos da argumentação racional a respeito da experiência social, que foi inevitável para mim acontecer. Por causa do contato com esse pensador, Domenico Lousurdo através de Jones Manoel. Que é um rapaz preto, pernambucano, jovem e muito inteligente (Caetano Veloso, 04 de setembro de 2020, Conversa com Bial).⁹⁴

Nesse caso, a trajetória do influencer se torna tão importante quanto seu conteúdo, diferente da trajetória dos youtubers ultraliberais – sua trajetória é marcada pelos sucessos e ganhos – a trajetória da vida dos influencers do campo comunista é parte do processo de

⁹³ <https://www.youtube.com/watch?v=lpOTA3wetnA>

⁹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=lpOTA3wetnA>

consumo do seu conteúdo. Quando Caetano Veloso apresenta Jones Manoel, o apresenta como um intelectual, preto, pernambucano, jovem e muito inteligente, ao fazer isso ele busca representar Jones como um nordestino, pertencente a um grupo étnico particular, em uma faixa etária, não para validar, para construir uma representação alternativa de intelectual. Jones Manoel já se fazia presente em debates socialistas nas redes sociais desde 2017 pelo menos, seu canal não teve um grande vídeo de hitou, mas foi formado a partir de usuários articuladores que se reconheceram no Youtuber, como uma possibilidade de debater o comunismo de outras formas.

Ao atingir um conjunto diferente de indivíduos, Jones Manoel passa a ser alvo de difamação e ataques nas redes sociais, por grupos conservadores e de direita, ao mesmo tempo que passa a receber apoio, cada vez maior, da própria comunidade mais à esquerda – não necessariamente apenas comunistas. Os casos mais emblemáticos são do Morning Show da Jovem Pan – rede declaradamente liberal e conservadora, em que o comentarista e ex-BBB, Adrilis Jorge, também olavista e conservador, apresenta como pauta da parte de um programa “Quem é a reencarnação de Lúcifer?”, se referenciando a Stalin, justamente para falar de Jones Manoel.

É Josef Stalin, exatamente ele é, sem nenhum tipo de ambiguidade a reencarnação de Lúcifer. Lúcifer segundo a mitologia bíblico cristã, era o anjo preferido do Senhor. Lúcifer quer dizer, feito... oriundo da luz, ou seja, é um anjo bom, belo, que se revelou Satanás, que se revelou Belzebu, que se revelou o Capeta, o Cramulhão. Stalin matou 20 milhões de pessoas. O nosso querido Jones diz “que não se pode reduzir Stalin a campos de concentração e genocídio”. SIM! NÃO SE PODE, DEVE-SE! O homem matou 20 milhões de pessoas, algumas delas de fome, 1 milhão de fome só em Gulags. E na Ucrânia. Agora a esquerda brasileira, agora presta esse serviço. Esse imenso favor ao debate nacional. Reabilitar e revisar a obra de Stalin, o maior genocida do século. Sob as bênçãos do intelectual Caetano Veloso e da Folha de São Paulo, que sim, presta um serviço jornalístico, dando voz, a vozes múltiplas. Mas será que deve-se realmente relativizar a obra de um monstro, assassino como foi Stalin? Eventualmente o cara foi o maior genocida da história.

E de onde surge essas figuras neostalinistas, das escolas, das universidades, essas pessoas se transformam em jornalistas, em professores, em intelectuais, depois dizem “eu nunca fui adestrado, eu nunca fui doutrinado”. E seguem aprendendo, seguem ensinando, que Stalin que matou 20 milhões de pessoas, que foi o maior genocida da história, tudo em nome do bem, em nome da comunhão das almas humanas, que massacrrou seu próprio povo é um homem que não foi tão ruim assim.

Como diz o Jones: “elevou direitos humanos, deu direito a voto, deu direito a princípios democráticos em uma ditadura nefasta, é absolutamente esquizofrênico, dar voz a essas pessoas. Uma coisa é um bom senso jornalístico de dar voz a múltiplas opiniões, outra coisa é o mal senso de dar voz a psicopatas, sociopatas, criados em universidades, faculdades e escolas, infelizmente, aqui no Brasil. (Adrilis no Morning Show, Jovem Pan, 18 de setembro de 2020).⁹⁵

⁹⁵ https://www.youtube.com/watch?v=1Lb_MmLMJeo

O amalgama discursivo de Adrilis, mescla conservadorismo religioso com o anticomunismo presente, mas de maneira explícita nos comentários do Morning Show da Jovem Pan, que, sem dúvida, têm norteado uma parcela expressiva de grupos conservadores, liberais, proto-fascistas que coadunam com posições políticas mais conservadoras. Diversas vezes a presença de Olavo de Carvalho no Morning Show nos indica uma articulação, através de Adrilis, para a participação dele no programa, em que ele o trata sempre com reverência de um séquito.

As referências na fala de Adrilis nos remetem ao curso de formação política de Olavo de Carvalho, bem como a alguns livros de referências como Livro Negro do Comunismo, de onde ele tira esse número de 20 milhões de mortos e, ao falar de Jones Manoel o chamando de psicopata, sociopata, ataca outros intelectuais no bojo. Adrilis faz uma clara referência aos conceitos usados em *A mente esquerdista – As causas psicológicas da Loucura Política* de Lyle H. Rossiter, que parte das referências usadas em cursos conservadores e de direita no Brasil, esse segundo se propõe a explicar – quase de maneira eugenista – como ser socialista ou comunista é considerado uma patologia, o termo de sociopatia e psicopatia é utilizado de maneira aberta para se referenciar a pessoas que sejam de esquerda, o livro que é escrito por ex-militar e médico psiquiatra, o livro é de 2006, e sua versão brasileira chega em 2016.

Alguns dias antes, Jones Manoel, impulsionado pela fala de Caetano Veloso, cede uma entrevista à Folha de São Paulo, claramente recortada das respostas do influencer quando ele responde ao ser perguntado se é Stalinista: *Parte-se do pressuposto, amparado no senso comum, de que ser stalinista significa qualquer pessoa que não tem uma visão de Stalin como a reencarnação de Lúcifer na terra (Jones Manoel, Folha de São Paulo, 17 de setembro de 2020)*⁹⁶.

Outro comentarista, que já havia escrito um artigo para a Folha de São Paulo, escreveu um artigo chamado, *Influencers stalinistas nas redes sociais são sintomas de uma sociedade doente*, de Joel Pinheiro, coaduna com a resposta de Adrilis. Nesse artigo, que faz também referência a Jones Manoel de maneira indireta e a outras personalidades influencers, como Sabrina Fernandes e Rita Von Hunty, o jornalista e comentarista fala sobre os reflexos de ideais

⁹⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/09/stalin-nao-foi-a-reencarnacao-de-lucifer-diz-influenciador-de-caetano-veloso.shtml>

tão radicais, do papel da ideologia no controle de massa. A relativização de Joel Pinheiro coloca no mesmo patamar esses influencers e Olavo de Carvalho, como se fossem a mesma coisa.

Essa apoliticismo, que vemos nos discursos que buscam um afastamento para uma análise, é uma estratégia de discurso muito recorrente, é parte do processo de neoliberalização da política, em que política é substituída por gestão e/ou eficácia, procurando desefetivar ou ofuscar os efeitos políticos em ações de gerenciamento. Como Wendy Brown aponta, trata-se de uma desdemocratização da sociedade através de estratégias de poder que visam desqualificar, desefetivar e desconfigurar – no caso do ciberespaço – o político.

Jones Manoel analisa esse processo, no dia 08 de setembro, em uma conversa na TV 247, onde ele comenta que essa reação é parte do processo de defesa ao sistema liberal, pois ele afirma *a crítica de Caetano, foi ao liberalismo, eles estão fazendo de tudo para não debater o Liberalismo*. Ao não se discutir o Liberalismo, você então o naturaliza, como consequência histórica e social, impedido qualquer mudança possível, nem no campo das ideias, nem na realidade efetiva.

[...] Note, o Caetano Veloso na conversa com Pedro Bial, não citou Stalin, nem a União Soviética, ele fez crítica ao liberalismo, aí os liberais que apoiaram o golpe de 64, que apoiaram o golpe agora, que apoiaram a PEC da Morte, que apoiaram a contra reforma da previdência, que apoiaram o governo Bolsonaro [...] o Bolsonaro não foi eleito pelo voto de comunista, de socialista, de anarquista, de trabalhista, de petista. Bolsonaro foi eleito com o apoio dos liberais, os liberais em massa apoiaram o Bolsonaro [...] Aí os Liberais não querem debater suas posições, tanto de agora quanto do passado, da história do liberalismo, para fugir do debate, me jogam a pecha de stalinista, porque eles querem deslocar o debate. [...] E figuras como eu, que tem postura abertamente antiliberal, são raras, mas estão começando a crescer, eles estão com medo, porque qual a ideia deles? A ideia deles é fazer o Brasil os Estados Unidos, que tem partido Democrata e Republicano, eles querem fazer a direita Bolsonaro e a esquerda Tabata Amaral (TV 247, Quem tem medo de Jones Manoel, 08 de setembro de 2021).

Rememorar as posições dos liberais é parte da maneira de debater de Jones Manoel, em seu conteúdo no canal ele desenvolve um método desconstrutivista da história liberal. Essa posição envolve apresentar um problema e ir indicando os elementos de contradição e os discursos que foram deixados de lado na construção de um consenso, boa parte de seu posicionamento é partir do debate de Domenico Lousurdo. Todavia, esse processo é apenas um ponto inicial, os vídeos possuem tempos curtos, mesmo os em torno de 20 minutos – que para os padrões da plataforma já são considerados grandes – conseguem ter uma permeabilidade. No último ano de 2021, ele comemorou os 3 milhões de acessos ao canal, em três anos de canal Jones Manoel se encontra na etapa de ascensão, com 184 mil inscritos em seu canal, apesar de ser considerado um canal de médio porte.

Há alguns elementos no processo de reconhecimento que são fundamentais na sua trajetória das redes sociais, aquilo que Crystal Abidin (2020) indica que fazem parte do que chama celebridades de internet, que em nosso caso de influencers, na periferia do capitalismo, também é importante ter a trajetória vencedora, não aos moldes do enriquecimento posto pelas estruturas neoliberais, como acompanhamos diversos influencers das plataformas que enriquecem com o trabalho nas redes e precisam ostentar, mas a trajetória valorizada nesse discurso através de vivência expressa nas entrevistas e no canal. Não podemos deixar de notar que, ao apresentar sua história, um jovem negro vindo de periferia, que se tornou professor de história e agora concorre ao cargo de governador de Pernambuco pelo PCB, cria uma relação de proximidade com seu público alvo e para além do público alvo.

A articulação discursiva, que possui uma organização pedagógica, ajuda o conteúdo de seu canal a alcançar outros patamares, as falas diretas, aos moldes da Jout, com temas explicativos e intelectuais, ajudam a criar um efeito de se tornar um intelectual mais explícito, talvez seja essa uma das características que iremos acompanhar da gramática social cybercomunista, o processo de representação da intelectualidade, que rompe com padrões estabelecidos pelo nodo comunista nas redes sociais. É essa representação de intelectualidade – pois são intelectuais acadêmicos, de movimentos sociais e da internet – que permite que, ao personalizar a pauta, não se torne personalista. Jones Manoel sempre faz referência ao PCB, à organização coletiva e política, sempre fazendo um chamado a uma luta coletiva, todavia a amplificação de seu discurso também faz com que micropoderes sejam acionados, poderes de classificação e desclassificação de discurso.

Esse efeito é causado pela própria estrutura construída em torno das plataformas de redes sociais, onde o influencer, enquanto um usuário em destaque, que promove a si e promove o uso da plataforma, cria uma comunidade, que pode ser chamada de fandom, um termo de uma espécie de comunidade de fãs ou de uma torcida organizada no ciberespaço. Todo influencer de sucesso possui um fandom que sustenta, apoia e dialoga com Youtuber, Instagramer, streamer e twitteiro. É dessa forma que o influencer se sustenta na plataforma, mesmo que se crie alternativas para monetização do conteúdo através de plataformas como apoie-se, que realiza transações financeiras de modo mais coletivo, ou pelo próprio pagamento pela plataforma que partilha seus ganhos com influencers.

Percebendo isso, a partir de 2016, o Youtube criou mecanismo de interação, criando a aba Comunidade, que visa criar uma espécie de clube de apoio, em que os apoiadores ganham

presentes, acessos vips ou qualquer benefício definindo pela plataforma ou pelo próprio influencer. Muitas vezes, é apenas uma aproximação maior com o influencer, sem nenhum ganho material, mas que é um mercado de capital social entre aqueles mais próximos ou mais distantes do influencer.

Muitos influencers que trabalham com conteúdo de formação vendem cursos, livros, ou mesmo eventos, dependendo de seu nicho. Durante um tempo, Jones Manoel, com a Autonomia Literária, por onde ele publicou seus livros, tinha diversas parcerias. Parcerias são normais para influencers de grandes alcances, mesmo em youtubers de médio porte como o caso de Jones Manoel, por isso alguns cursos livres sobre Fanon, Marxismo de Domenico Losurdo, entre outros eram compartilhados em plataformas pagas para acessar o curso.

Dessa forma, o influencer não é apenas um porta voz de si, mas também um agregador de marca, como dito antes, o papel do influencer é ser um articulador entre a elite e a classe popular; entre a corporação e a comunidade alvo. Mas no caso dos cybercomunistas, a interlocução é entre linhas editoriais socialistas e a comunidade de usuários que comungam desses valores. Essas relações envolvem menos investimento de capital financeiro que em influencers do campo mais liberal, ou com comunidade alvos maiores, que é o caso dos gamers e as comunidades de estilo de vida, ou que se amparam no discurso do body positive, marcas de cosméticos, de periféricos de computador, empresas de venda de curso, normalmente investem pesado em personalidades que possuem traços mais moderados e com discursos menos radicais, o que não é o caso. Dessa forma, o fluxo dos cybercomunistas é menor, mas não insignificante, o que lhes favorece agregar, com a possibilidade de construção de um contra discurso sobre a realidade.

Sabrina Fernandes, por exemplo, doutora em Sociologia e mestre em Economia Política pela Universidade Carleton no Canadá, criou o canal Teze Onze para divulgação científica. Desenvolve um trabalho articulando conceitos básicos da sociologia, principalmente desarmando o discurso neoliberal sobre as questões sociais. Sua tese, que virou livro, chamado Sintomas Mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira (publicado em 2019, pela autonomia literária), apresenta um quadro de debate a respeito das saídas potenciais da esquerda na última década, a partir da tese gramsciana de disputa pela hegemonia e compreensão de um bloco histórico. A socióloga desenvolve um diagnóstico perspicaz sobre as potências políticas dos partidos de esquerda no Brasil, bem como as barreiras a serem enfrentadas pelas forças

conservadoras e de direita no Brasil, a grande questão de sua tese é potencialmente o problema da conciliação.

O problema da conciliação de classes, a partir do horizonte social democrático, encontra seus limites a partir das forças conservadoras, de direita e do capitalismo que impõe agendas, regras, e “reformas” a serem executadas para fazer valer o pacto de classe – aqueles que detêm o poder dos meios de produção permitem pequenos ganhos populares. No debate proposto por Sabrina Fernandes, o afastamento da esquerda das pautas e da base criaram um eclipse político, que imobilizou, em parte, a esquerda, mas permitiu a criação de alternativas, cada vez mais radicais e de base que permitiria uma mudança radical no bloco histórico vigente.

Um dos vídeos mais visualizados da influencer é o Socialista de Iphone, publicado em 14 de fevereiro de 2018, um pertinente debate sobre acesso a bens de consumo, sobre socialismo e comunismo. A influencer vai desconstruindo o falacioso argumento de que para ser militante socialista ou comunista requereria um “pacto de pobreza”. O vídeo explica primorosamente o conceito de propriedade privada e propriedade pessoal, o papel do socialismo na luta contra o capitalismo e como isso não significaria uma extinção da atual tecnologia. Em 16 de fevereiro de 2021, ela lança Socialista de Iphone: minha autocrítica, em que esclarece o debate, principalmente, sobre comunismo de luxo, reafirmando sua posição como ecossocialista.

Entre outros vídeos importantes, temos o Coisa de Burguês de 2020, o De onde vem seu antipetismo? Publicado em 15 de outubro de 2018. E A verdade sobre Karl Marx, 05 de maio de 2018. Seus vídeos são voltados para organização de pautas mais gerais, temas acerca do socialismo e suas análises conjunturais, a partir da sua tese de doutorado. Os formatos de vídeo mudaram bastante ao longo dos anos, antes filmando em uma parede branca, que mais tarde teve uma mesa, hoje ela já usa um cenário mais complexo, com uma parede que visa simular estantes de livros, mas nada muito pesado, com algumas placas de PVC no fundo e conta com uma equipe pequena de apoio. Seu canal possui agora 401 mil inscritos.

É importante ressaltar que o vídeo Socialista de Iphone é também uma resposta a comentários sobre a câmera que ela usava, o material que usava para edição, de pessoas que tinham o objetivo de desqualificá-la enquanto militante, socialista e socióloga, bem como pelo fato de ser jovem. Mas é a influencer do campo comunista que articula conceitos e debates, teorias feministas, marxistas e ecossocialistas de forma rápida e pedagógica.

Sabrina não procura simular o cotidiano em sua construção discursiva, seus vídeos seguem uma lógica roteirizada e organizada, possuindo uma estrutura pedagógica, muitas vezes buscando ser introdutória ao assunto e incentivando outras referências. Notadamente, a força do seu alcance reside na comunidade de apoio dela, pois não se utiliza do conflito ou do embate para construção do engajamento. Todavia, é importante perceber que, em sua trajetória de vida, construiu disposições para adentrar no campo das redes sociais, conseguindo êxito em curto espaço de tempo.

Eu ainda sou aquela pessoa que preferia sentar e escrever um texto, houve uma pressão do meu irmão e do meu companheiro para criar o canal. É mais confortável para mim escrever o texto. Posso fazer isso sem ter que pensar na iluminação, no áudio, depois na edição eu mesma, é mais rápido é mais direto. A gente tem que reconhecer que as pessoas gostam do audiovisual, é uma mídia muito importante, ter hoje em dia, que nós temos que nos adaptar aos tempos também. Eu me considero uma propagandista. Uma pessoa que trabalha com a teoria e tá tentando comunicar isso, para a maior quantidade de pessoas interessadas em mudar o mundo. Se eu me resumi a um tipo de mídia, isso acaba me limitando a passar a mensagem também.

Ir para os vídeos foi um pouco disso, meu irmão deu uma cutucada maior assim, acabei criando, era outro nome na época, porque parte da ideia, era pegar algumas coisas que eu trazia de críticas. Que eu considero críticas justas, críticas embasadas, sobre o desenvolvimento das esquerdas no Brasil, baseado na minha pesquisa de doutorado. E levar para mais pessoas, até para qualificar um pouco o debate, só que com o tempo percebi que o potencial disso é muito grande. Então eu tenho que montar um outro plano de comunicação, então o canal chamado A Esquerda, que era o nome que eu tinha dado, talvez não comunicaria tão bem a pluralidade de coisas que posso abordar, quando o canal virou tese onze.

Tese Onze porque é uma das teses favoritas de Marx na crítica a Furbach. Eu gosto também muito da tese 3, a tese onze passa um pouco dessa ideia da práxis, que é a teoria e a prática. Não adianta a gente ficar só no debate. O debate tem que ser para transformar o mundo e dessa maneira eu pude ampliar também os debates que eu estava trazendo, que não era só de críticas a esquerda. (Sabrina Fernandes, 31 de maio de 2019).⁹⁷

O engajamento da influencer pode ser acompanhado desde o primeiro vídeo, alguns comentários no primeiro vídeo, lançado em 2017, há pessoas falando em 2020 que pretendem maratona o canal inteiro. Sabrina conseguiu introduzir pautas socialistas para um público jovem, sem precisar deixar raso o debate, com aprofundamento a cada vídeo, criando uma sensação de continuidade, como uma série de TV. Ela hoje está no vídeo 099 do seu canal.

Do mesmo modo, há uma tendência a um trabalho sempre coletivo, Sabrina faz questão de apresentar outros movimentos nas suas redes sociais, apoiar militantes e intelectuais,

⁹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=q5ABD0mbCFQ&t=4082s>

mesmo de vertentes diferentes, mas que compõe um quadro político importante para o desenvolvimento de uma sociedade comunista. Atualmente ela desenvolveu um trabalho de leitura coletiva na Twitch, uma plataforma voltada para divulgar vídeos ao vivo, para fazer streaming, com um trabalho de leitura coletiva. A verdade é que um influencer não pode mais ficar apenas em uma plataforma de rede social, a twitch é um espaço de constante interação com a comunidade de apoiadores, diferente do Youtube, que apesar de ter lives, é uma plataforma voltada para criação de conteúdo, com vídeos pequenos.

Vale a pena citar também Rita Von Hunty, do *Tempero Drag*, interpretada por Guilherme Terriri Pereira, um ator, professor, atualmente apresenta também *Drag Me As a Queen*, no Canal de TV E!, onde eles encontra mulheres e, a partir da história e personalidade de cada uma, cria novas drags no programa. Rita Von Hunty desenvolveu diversos trabalhos apresentando temas Consciência de Classe, LGBTQIA+, Prisão, Antifascismo etc..

Laura Sabino, que ingressou na plataforma do Youtube em novembro de 2019, também traz uma temática socialista, mesclando com temas da cultura pop. Um dos principais vídeos é *A mais valia na Vida de Inseto*, publicado em 04 de julho de 2020 e, também, *Qual diferença entre socialismo e comunismo? Explicação com Monstros S.A.*, de 08 de agosto de 2020. Diferente de Rita Von Hunty, que já trabalha com uma produção e cenários prontos, Laura começa falando diretamente para a câmera, sem um cenário específico, mas com uma mínima edição, todavia tem alcançado um número considerável dentro da comunidade. E mais recentemente, é importante apresentar as figuras de intelectuais e professores que começaram a desenvolver trabalhos na plataforma, como Jessé de Souza e Silvio Almeida, que utilizam a plataforma e o seu alcance para divulgação científica de seus livros.

O presente capítulo foi uma trajetória, através da qual passamos por tipologias de algumas gramática sociais, mas por termos um número cada vez maior, sinto que faltou falar de um tipo de gramática que identifiquei nas redes sociais, que seria a gramática social incel, a relacionada aos grupos de pessoas chamadas de Incel, ou seja, auto celibatários, grupos de homens jovens e brancos, ressentidos, com traços misóginos e reclusos, também chamados de *trolls* na internet, que circulam normalmente em comunidades geek e gamers, com participação fundamental para a ascensão da alt-right nos Estados Unidos e também no Brasil. Poderíamos citar como porta-vozes proeminentes Xbox Mil Graus, um site especializado em jogos da Microsoft e de seu console, o XBOX, que foi protagonista de diversos discursos de ódio racial e misógeno, por isso, expulso das comunidades gamers no ano de 2020 e 2021. Também a

plataforma Central, que trabalha com notícias de clickbait, antifeminista e anticomunista, o central mescla ideologia política ultraliberal com notícias ditas técnicas sobre jogos, animes e cinema. Mas vou apenas citar, para quem sabe, num futuro próximo, aprofundar essas relações.

Acredito que esse capítulo tenha cumprido o papel de demonstrar as características diversas do reconhecimento, do uso do ódio como estratégia de engajamento, do desenvolvimento da conflitualidade para o desenvolvimento do influencer. Outro papel importante foi de demonstrar como se constitui um influencer e seu papel como organizador de uma comunidade, o divulgador de uma marca, como ele é representativo para essa nova forma de agir na internet, diferente de uma etapa pré-plataforma de redes sociais, influencers se tornaram fundamentais nessa economia afetiva que é propagada nas redes sociais.

CAPÍTULO 5 - NA PERIFERIA DO CIBERESPAÇO

O ciberespaço e seu fluxo não são divididos de forma igualitária, a arquitetura das plataformas de redes sociais delimita tendência a novos nortes ciberespaciais, não é casual que a maioria de produtores de conteúdo se localizem no Sudeste, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, ou pelo menos, os produtores que conseguem viver desse trabalho. Notem que nem todo produtor de conteúdo em plataforma alça acesso ao grande público, existem milhares de pequenos produtores de conteúdo, que fazem de tudo para se manter na plataforma, e alguns que jamais vão ganhar nada, mas mesmo assim insistirão nesse trabalho.

Assim, o ciberespaço é condicionado por questões estruturais econômicas, mas também por outras estruturas, entre elas, a estrutura colonial que se perpétua através dessa arquitetura de poder, como citei antes. O poder de classificação ou desclassificação é relativo na internet, passa por um conjunto de relações que envolvem capital social, estima, performance e estética do discurso, alguns elementos já abordamos nos capítulos anteriores. Mas quando nós adicionamos a questão política, normalmente esses elementos mudam suas figurações.

Quando o assunto é Amazônia, há sempre uma dupla relativização, enquanto existe uma preocupação discursiva no ciberespaço com a Amazônia e sua preservação, também é relegada a um espaço distante, de preocupação seletiva. No ciberespaço, enquanto uma periferia nas redes, os produtores de conteúdo, influencers estão sempre em uma luta para romper com a chamada bolha, não são raras as tentativas de romper com isso. No debate político das redes sociais, as questões locais, muitas vezes, são deixadas de lado.

5.1 Gramática Social Proto-Fascista

Foi possível identificar um tipo de gramática social nas páginas de direita do Amazonas, que pode ser chamada de uma gramática social proto-fascista, que se estabelece em um longo diálogo entre o bolsonarismo, o anticomunismo, militarismo e cristianismo fundamentalista. Como visto anteriormente o discurso de ódio, quando está presente não é explícito, mas apenas reforçado pela comunidade, nunca pela página produtora. Essa estratégia exige a página – e conseqüente seus produtores – de responsabilidades. Notei que em páginas ditas políticas, esse discurso era expressado de maneira quase sutil, nem em tom de piada e nem

em tom de escárnio, mas como posições justificáveis. Para que se possa analisar, selecionei como esse discurso é acionado a partir de gramáticas sociais desenvolvidas em Manaus.

Vejamos a página Direita Amazonas, que no Instagram usa o @direitamazonasoficial, é uma página que surge entre o ano de 2016-2017, apoiadora direta do presidente Bolsonaro, na verdade tanto no Facebook quanto no Instagram, as pautas giraram em torno da corrupção do PT, da saída da esquerda através de Bolsonaro. Seu lema é Deus, Família e Pátria, mesmo conjunto ideológico partilhado pelo integralismo brasileiro ao longo do século XX, que muitas vezes se atribui a uma questão militar, todavia é a influência da direita, pós golpe de 64, que inculca ideias nacionalistas e integralistas, que reverberam até nos dias de hoje. Esse nacionalismo exacerbado, a criação de um passado mítico, a escolha de um líder como seguidor, são características estruturais de um discurso conservador, de uma gramática social profascista, partilhada entre seus membros de maneira natural, regadas por um cristianismo conservador.

A Direita Amazonas é uma consequência de segmentaridades discursivas que atravessam a sociedade brasileira, com um lastro histórico particular, não representa necessariamente uma direita partidária, mas, ao reivindicar uma posição de direita, possui o objetivo de criar aquela sensação de proximidade, de engajamento. O anonimato é parte do processo, pois sem saber quem produz a página, qualquer um pode produzir, quando determinados valores são expressos, cria-se a noção de um trabalho coletivo, livre e não direcionado. E informações variadas podem ser apresentadas sem questionamento algum.

Em 09 de agosto de 2017, a página posta a seguinte informação.

Hitler era do PARTIDO nacional SOCIALISTA dos TRABALHADORES, Bolsonaro repudia o Socialismo, Hitler odiava os judeus, Bolsonaro apoia Israel, Hitler queria eliminar as “raças inferiores”, Bolsonaro diz que todos somos iguais perante a lei, Hitler considerava o Cristianismo uma perda de tempo, Bolsonaro é Cristão, Hitler desarmou a população, Bolsonaro quer armá-las. E porque um “fascista” iria votar na Reforma Trabalhista parra mudar a CLT se a mesma foi baseada na Carta Del Lavoro do Fascismo? (Direita Amazonas, 09 de agosto de 2017).

A postagem se refere a um vídeo feito por uma escola da polícia militar do Amazonas, convidando o presidente Jair Bolsonaro a vir à escola. No vídeo, crianças do 3º ano, perfiladas em posição militar, com braços para trás em uma posição conhecida como descansar, bradam um grito de guerra iniciado por algum professor que está fardado, ou que deveria ser um professor.

Marcho em direção ao sucesso e nunca paro. Tenho audácia suficiente para convidar Bolsonaro. Sou guerreiro corajoso e minha vitória fito. Prestígie a formatura e vejo o terceiro é mito. Convidamos Bolsonaro a salvação dessa nação. Nos quatro cantos ouvirão completo nossa canção. Disciplina, honra, educação Brasil (grito de guerra).

Nós alunos da comissão de formatura, gostaríamos que o senhor pudesse nos honrar com sua presença em nossa formatura militar. Nosso convite deve-se a sua trajetória ética e seu compromisso com a educação (alunos da escola).⁹⁸

O vídeo fez com que a OAB-AM se posicionasse, chamando essa atitude de doutrinação fascista. A postagem da Direita Amazonas apresenta diversas informações falsas, com o objetivo de distanciar Bolsonaro da ideologia nazista e fascista, como já citamos anteriormente, embora o mesmo já tenha sido apoiado por nazistas enquanto deputado e sua relação com ideologia nazista se espalhou entre seguidores e secretários de seu governo. É importante ressaltar a tentativa constante de grupos conservadores de correlacionarem o nazismo com o socialismo, isso em parte decorre das referências que muitos grupos de direita se utilizam aqui no Brasil para fazer essa interpretação, enquanto em locais como nos Estados Unidos e na Europa, nazistas são acolhidos pela *alt-right*, no Brasil isso é visto como vergonhoso. Mesmo que tenhamos acompanhado nos últimos anos o crescimento de organizações neonazistas.

O ano de 2017-2018, a página trabalhou na campanha de Jair Bolsonaro, com divulgação de atos públicos, adesivações, principalmente nas cidades de Manacapuru e Coari, com a ida de Jair Bolsonaro a cidade de Manacapuru. Em 2019, a página no Facebook continua com divulgações e apoio ao presidente, com figuras como Carla Zambelli e Luciano Hang, sempre presentes na página, principalmente nos atos de apoio ao presidente.

Durante os meses de março, abril e maio de 2019, diversas postagens A Favor da Lava-jato e em Repúdio ao STF, seguindo o mesmo movimento nacional nos nodos virtuais de apoio ao Bolsonaro. O reflexo do bolsonarismo em 2019 ainda era muito potente, principalmente na cidade de Manaus.

Em março de 2019, a Direita Amazonas publicou a apresentação de trabalho *A bolsonarização da Esfera Pública: uma análise foucaultiana sobre a (re)produção de memes a partir dos discursos de ódio nas falas de Bolsonaro*, que gerou diversos ataques à estudante de Letras da UFAM e ao orientador. Inclusive, a mestranda, na época, teve seu carro depredado

⁹⁸ Vídeo se encontra na página de Jair Bolsonaro no Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=v_dknjD-IGg

no estacionamento da UFAM. O debate na página girou em torno do aparelhamento das universidades, doutrinação e adestramento.

Nos anos de 2020 e 2021, a página continua tentando mobilizar atos, mas visivelmente mais esvaziado, todavia a retórica de que “somos todos Bolsonaro” permanece continuamente. Com atos de adesivações e motociatas, principalmente um chamado à unidade da direita no Estado do Amazonas.



Figura 50: Motociata
Fonte: Página do Facebook Direita Amazonas

Figura 51: Motociata 2
Fonte: Página do Facebook Direita Amazonas



Figura 52 - Ato de apoio a Bolsonaro 2021

A aproximação com clubes de motoqueiro e movimentos bolsonaristas precisa ser investigada a fundo, mas é relevante que seja percebido que existe uma cultura masculinista nesses meios, em que a motocicleta é “símbolo de liberdade”. Ela se adequa tanto como um bem de consumo, quanto um objeto psicológico de realização masculina e de sua liberdade,

apesar dos meios bolsonaristas não serem exclusivos de homens, uma cultura masculinista é reforçada como vimos anteriormente, e essa *representação de homem* se torna o ideal a ser seguido. No Amazonas, isso não é reverberado de maneira diferente, perdura-se, mesmo com a presença feminina, ela é representada a partir de uma subordinação, para manutenção de um ideal familiar particular, tradicional e conservador.

Duas figuras vêm sendo trabalhadas localmente, uma é Coronel Menezes, para senado, e outra Alberto Neto, possivelmente para prefeitura, já na metade de 2021, chamado para o apoio em Bolsonaro de 2022. O movimento Direita Amazonas, pela página do Facebook e Instagram, conseguiu mobilizar núcleos no interior do estado, eleger o diretório do PSL no Amazonas, em 2018, ainda permanece fiel ao Bolsonaro. É importante ressaltar que ignorou completamente a pandemia em 2021, não há nenhuma postagem sobre isso, ou se havia foi apagada. Ignorou o apagão, citando talvez a culpa do governador. É visível em seus vídeos de live uma redução no número de participantes em atos de rua, todavia ainda permanece expressiva a atuação destes no Amazonas. Inclusive no ano de 2021, uma série de palestras sobre Ideologia de Gênero, Liberdade de Expressão, Linguagem Neutra, Corrupção entre outros temas foi postada no canal da página no Youtube.

A página Direita da Floresta, administrada por uma mulher chamada Monique, possui um discurso explícito armamentista, pró-armas e pró-vida. O período da página também é semelhante ao da Direita Amazonas, surge entre 2017 e 2018, com um perfil voltado para postagens em favor de Jair Bolsonaro, mas também com uma forte propaganda armamentista. Entre os colaboradores comerciais ou apoiadores, vale citar marcas como Bazar Militar. Em 04 de janeiro de 2020, a página se juntou à Aliança Norte – não sei ao certo se é uma organização – para a tentativa de construção do partido Aliança pelo Brasil.

O foco da página é o discurso armamentista, “ladrão bom é ladrão morto”, “proteção de sua casa” e “legítima defesa”, estão entre os sentidos que circulam pela página. Em 2020, ajudou a promover a visita de Bené Barbosa, que lançara o livro *Mentiram para mim sobre o desarmamento*, que conta também com a participação de Flavio Quintela. Entre as atividades desenvolvidas pela página estão a publicação de propaganda pró armamentista em outdoors na cidade de Manaus. Entre eles, frases como Manaus segue firme com Bolsonaro; A escola ensina e família educa (apoio a Weintraub); Precisamos proteger a Constituição e a liberdade dos brasileiros; Não queremos comunismo; Coronavírus vai passar! Nosso apoio ao presidente. Entre diversos outros outdoors que espalharam pela cidade de Manaus, a Direita da Floresta é

uma plataforma de apoio significativa, inclusive como fotos da administrada em atos com a família Bolsonaro, Eduardo e Carlos, e aqui dentro dos bastidores do Programa Alerta Amazonas, que mais tarde viria a se tornar Alerta Brasil, do apresentador Siqueira Jr.

Ambas as páginas nos ajudam a perceber a estratégia de abandono de um discurso explícito de ódio, diferente das páginas de 2014-2015 estudadas, em que havia uma violentação explícita de opositores, agora as páginas dificilmente citam, o ataque é mais abstrato, contra a corrupção no STF, contra o comunismo, mas sem apresentar as pessoas. Muito mais voltada, isso no caso de Manaus, para a promoção de pessoas locais, de personalidade locais que possam ter pautas dentro da política institucional. Observamos esse processo nas redes sociais nos últimos anos, a criação de carreiras políticas a partir das redes sociais, no caso dos membros do MBL, que se aproveitaram dos protestos de 2014-2015 para surfar no movimento Vem Pra Rua. Talvez a intenção dessas páginas seja promover figuras militares mais enxutas que possam participar do jogo político local. Mas existem páginas que não abandonaram a linguagem violenta, principalmente as páginas de policiais, ou voltadas para circular “notícias” policiais. É importante que possamos compreender, que o discurso de ódio é também um discurso anti-direitos humanos, fundamentado por um punitivismo penal, enquanto valor cultural expresso em nossa sociedade.

O perfil Tropa de Elite do Amazonas, é exemplar em nos apresentar um material explícito, de combate ao crime a partir de um viés de tolerância zero, cenas de linchamento, da cidade de Manaus e de fora, cenas de mortes com uso de armas de fogo, que entra no bojo de diversas páginas policiais que trabalham com esse tipo de veiculação discursiva, com cenas de assalto, linchamento, violência policial, não irei explorar muito, mas vale a pena citar que existe uma relação semântica entre as gramáticas ultraliberais e proto-fascistas, que se articulam no Estado do Amazonas.

5.2 Gramática Feminista Interseccional na Amazônia

O feminismo causa terror em setores reacionários da sociedade. Ao longo do desenvolvimento desse trabalho, podemos observar como as feministas são alvos constantes na produção de discursos de ódio. Creio que a maioria das páginas possuíam, pelo menos, uma postagem citando *os perigos do feminismo e das feministas*. Nessa etapa, optei por privilegiar a narrativa de mulheres manauaras, compreendo que o local se conecta com um debate universal

em suas particularidades. Primeiramente, é preciso desarmar a visão de que o ciberespaço amazônida não possui produções, ao contrário, vimos crescer nos últimos anos, dezenas de páginas, perfis, canais debatendo o feminismo, debatendo as mulheres na Amazônia, se debate inclusive um tipo de feminismo atravessado pelo território amazônico em suas particularidades. Não poderia fazer esse debate sem citar o Centro de Estudos e Defesa dos Negros no Pará, fundado em 1982, apesar da sua construção datar desde 10 de agosto de 1980 – de acordo com o material disponibilizado.⁹⁹ Tal centro atua na região da Amazônia na promoção do debate político, de Direitos Humanos, direitos das mulheres, direitos LGBTQIA+ entre diversas atividades, desde os anos 80 até os dias de hoje. Cito essa importante entidade porque, apesar de não ter uma permeabilidade grande nas plataformas de redes sociais, foi fundamental na formação de diversas militantes negras na Amazônia.

É justamente uma paraense uma das primeiras pessoas da Amazônia a publicar no site Blogueiras Negras, e seu artigo nos ajuda a compreender a potência epistemológica do feminismo interseccional, que será o ponto central desse nosso debate. O texto se chama *E nós amazônidas, não somos negras? Sobre Interseccionalidade e território*. A escritora Thiane Neves Barros, doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal da Bahia nos apresenta uma discussão interseccional e decolonial, ao mesmo tempo, rompendo com a naturalização do local da mulher amazônida, construída pelo resto do Brasil.

Esta semana falamos de feminismo interseccional aqui no BN. Semana passada falamos de visibilidade bissexual. Mas também já falamos de visibilidade lésbica e de visibilidade transgênera. Na interseccionalidade temos buscado romper com as generalizações sobre ser mulher e sobre ser mulher negra. Por isso, a necessidade das discussões a respeito da visibilidade. Aqui no Brasil, estimuladas por mulheres como Sojourner Truth – a quem devo o título que uso neste texto -, Audre Lorde, Kimberlé Crenshaw, Bell Hooks. Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Mãe Stella de Oxóssi, Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro, entre outras, dezenas de nós – já que não citei nominalmente as autoras que publicam aqui no BN -, temos tido a oportunidade de nos debruçarmos nas análises sobre o cruzamento – a intersecção – entre gênero, raça e classe social. E isso nos fortaleceu tanto que acabamos de ver acontecer um evento histórico em nossa própria história, o I Acampamento de Feminismo Interseccional.

Mas, como mulher negra que vive e circula pela Amazônia, eu também vivencio outras referências intelectuais e referencio outras vivências não intelectuais. Às minhas reflexões como mulheres que aqui promovem o debate teórico e por vezes epistemológico quanto à população negra, quanto ao corpo negro, quanto à geografia negra e à história negra, quanto ao território negro no contexto amazônico. São mulheres como Maria Malcher, Zélia Amador de Deus, Mônica Conrado, Marilu Campelo, Nilma Bentes, Nazaré Cruz, entre outras. São mulheres que me somam ao perceber que eu sou uma mulher negra, amazônica, urbana, midiática, tecnológica, acadêmica e tudo o mais que possa me definir quanto às minhas identidades.

⁹⁹ <http://cedenpa.org.br/index.php/sobre/historico/>

E ser uma mulher negra na Amazônia diz muito sobre mim também. Pois nossa história é tão invisibilizada que frequentemente desacreditam que sou parese quando estou fora do Pará. E quando me afirmo negra aqui dentro do Pará, logo destacam em mim meus traços indígenas (THIANE NEVES, 02 de outubro de 2015).¹⁰⁰

Ao recorrer a uma epistemologia local, Thiane nos apresenta a força discursiva dos que classificam, dos que delimitam o acesso epistêmico a determinadas linhas de conhecimento, mas também de uma prática feminista com um longo lastro histórico. A invisibilização do negro na Amazônia é um ponto central no debate da gramática social interseccional amazônida, pois como ela indica, *quando me afirmo negra [...] destacam em mim meus traços indígenas*. E por acaso isso a faz menos mulher negra? Ou isso a faz menos militante dentro de um campo de ação? Ela traz ao centro do debate duas questões importantes com esses questionamentos: o primeiro é a quem interessa uma classificação estanque de uma mulher negra na Amazônia, a que forças discursivas servem a invisibilização dessas protagonistas políticas? Sabe-se que, para além do racismo estrutural, existe um dispositivo colonial, que visa à subalternização das populações amazônidas, ao silenciamento e afastamento destas, tanto indígenas quanto negras. Um segundo aspecto aponta que, em nosso território, a questão não pode ser definida simplesmente a partir de um dispositivo colorista de classificação, pois temos uma outra relação com a natureza, com a cidade, com os rios, conosco; outras relações de gênero que os dispositivos coloniais, mesmo que reproduzidos por aliados, não alcançam e não se efetivam, mas forçosamente insistem em se reproduzir.

Aqui na Amazônia, território complexo, extenso, de tripla colonização, de tripla subjugação, onde predominam duas estações climáticas: período mais chuvoso e período menos chuvoso, onde nascemos cablocas – e isso quase sempre é um estereótipo negativo, como pessoas não civilizadas, por exemplo –, moreninhas e mestiças, onde somos as sensuais, as misteriosas, as míticas, favorece que não só a diáspora seja invencível em nós, pois somos triplamente desterritorializadas, triplamente des-identificadas socialmente, encontramos-nos com nossa condição de mulheres afro-amazônicas não é um percurso fácil. Reconhecer-se pessoa negra na Amazônia é “ofender” toda uma ancestralidade também indígena. Então falar daqui desse território é demais complexo para nós, mulheres negras amazônidas. E eu estou falando apenas de minha vivência na área urbana de Belém. Porque nos demais territórios deste imenso território, as complexidades são cambiantes e mudam de quilombo pra quilombo (THIANE NEVES, 02 de outubro de 2015).

A des-identificação, des-territorialização e des-caracterização de si, são características centrais para entender nossa região, já que a história de nossos ancestrais é marcada por um etnocídio e genocídio. Arrancam de nós nossa história, conseqüentemente nossa cultura e, para aqueles que conseguem preservar a cultura e insistem em permanecer nela durante muito tempo, o processo colonial relegou à marginalização e o dispositivo de produção de saber os qualifica

¹⁰⁰ <http://blogueirasnegras.org/e-nos-amazonidas-nao-somos-negras-sobre-interseccionalidade-e-territorio/>

como subalternos, como se não pudéssemos construir teoria, epistemologias, categorias e conceitos, apenas seguir no bojo das produções sudestinas, do centro do capitalismo e do centro da produção do saber. A tripla colonização é uma extensão imparável do processo de exploração das populações amazônicas, por isso, falar sobre a luta pelo reconhecimento em nossa região não é apenas palavreados conceituais, mas sim uma prática de resistência constante, desgastante e sufocante. Ainda assim, estamos aqui, para romper com esse silêncio, para seguir a possibilidade lançada por Thiane, de construção de um contra discurso, na contramão da subalternização. É através da interseccionalidade que encontramos os instrumentos possíveis de transformações, para desarmar o discurso uniformizante das produções culturais sudestinas.

Os produtos midiáticos como telenovelas, minisséries, seriados, etc, se ocupam em demonstrar a mulher amazônica como aquela que nada sabe sobre o mundo, que quando vai à cidade grande não conhece tecnologia, não conhece praia, não sabe se expressar na língua colonial. Se para Lélia Gonzalez a gente preta brasileira fala o “pretuguês”, aqui na Amazônia os estudos linguísticos certamente poderiam nos categorizar como falantes de um tupi somado ao banto africano. Aqui, até nossa religiosidade é “afroindígena”. Mas tanto quanto em outros locais no Brasil as práticas culturais de matriz africana são folclorizadas aqui na Amazônia, mas por sermos estes seres em tripla invisibilidade, pouco sabemos sobre as origens destas práticas, pouco falamos disso. É por isso que eu evoco, manas: vamos falar de território também. Nossos territórios também determinam opressões, nossas vivências, nossas relações sociais, nossas práticas culturais, nossas demandas (*THIANE NEVES, 02 de outubro de 2015*).

É no território que encontramos os sentidos, pois é nessa relação que negritude e indigenidade se encontram, não mais nos termos do colonizador, mas a partir de uma autodeterminação, de sua história, de sua trajetória, de seus trabalhos e desenvolvimento de suas histórias. Isto é importante, pois deve-se partir da interseccionalidade para poderemos entender a práxis das militantes presentes nessa parte.

Considerando estes contextos, iremos abordar a Amazônia como um ciberespaço em disputa, sendo lócus privilegiado de discursos e representação, que norteiam políticas variadas. Como o fluxo de informação em nossa região é extenso, buscamos adotar como metodologia um caminho rizomático, a partir do contexto histórico de produtores de políticas locais virtuais, analisar-se-á de que maneira determinados temas passaram a ser abordados em nossa região.

A emergência de grupos de mulheres em luta segue uma luta secular por reconhecimento de identidades, sob a bandeira do feminismo. O conceito de feminismo é heterogêneo, vinculado a determinadas vertentes em luta, dependendo de sua posição, mas como um conceito, comporta que existem traços identitárias que atravessam as sujeitas que se reconhecem sob essa bandeira de luta. Ser mulher, buscar o reconhecimento de seus direitos

básicos e a igualdade de gênero, nessa etapa, fazer uso da palavra feminismo enquanto léxico que aciona comportamentos, reivindica sentidos, define posturas de enfrentamento.

A partir dos movimentos que tomaram conta das cidades naqueles anos, através da conhecida Marcha das Vadias, surgiu em Manaus um grupo de jovens mulheres que passou a se organizar de maneira horizontal e autônoma. O Coletivo Banzeiro Feminista, fundado em 02 de fevereiro de 2012, inicialmente com o nome Coletivo Feminista Baré, se tornou um grupo importante na cidade, por trazer um debate acerca do feminismo na cidade de Manaus.

Desde 2012, a Coletiva¹⁰¹ Banzeiro Feminista se organiza, com reuniões periódicas, grupos de estudos e trabalho, bem como com o desenvolvimento de um árduo trabalho na internet para difundir o feminismo. De acordo com nossas interlocutoras, a motivação para a organização da coletiva se impulsionou a partir do movimento das Marchas das Vadias¹⁰². As Marchas das Vadias foi um fenômeno desencadeado a partir de um caso particular, quando um chefe de segurança, em uma universidade em Toronto, Canadá, expressou durante uma palestra que, para mulheres evitarem serem estupradas, bastaria "não se vestirem como uma vadia". Logo em seguida, iniciou-se um conjunto de protestos de mulheres contra esse tipo de discurso, se espalhando pelo mundo afora. Apesar de, inicialmente, a pauta se relacionar ao corpo, logo outras pautas se aglomeraram conjuntamente: a luta pelos direitos reprodutivos, igualdade salarial, contra a violência doméstica, sexual. Uma pauta que reuniu milhares de mulheres ao redor do mundo.

Em Manaus, no ano de 2012, a Marcha das Vadias aconteceu com uma caminhada no centro da cidade, reunindo cerca de 200 pessoas¹⁰³, de acordo com o jornal G1, tratou-se da segunda edição. De acordo com nossa interlocutora, houve uma primeira forma de organização que aconteceu no Parque do Bilhares, ainda no mesmo ano ou ao final do ano de 2011, reunindo mulheres que tinham a intenção de organizar a marcha em Manaus

Todo mundo estava descobrindo o movimento feminista, a Marcha das Vadias, embora tenham várias coisas que a gente discute, foi um impulso para esse debate. Houve um primeiro grupo que estava organizando a Marcha das Vadias, não

¹⁰¹ Termo utilizado pelas militantes para designar seu grupo, iremos assumir o termo de nossas interlocutoras, pois se trata de um desenvolvimento conceitual e político que envolve a flexão do gênero. Devemos compreender que os usos das palavras compõem parte do processo de construção de uma cultura de luta por reconhecimento.

¹⁰² Citei a importância da construção desse movimento em artigo publicado em 2017, intitulado "Discurso Político do Estigma: processos de deterioração identitária nas redes virtuais no Brasil", In: Fazendo Antropologia no Alto Solimões 9.

¹⁰³ <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/09/mulheres-sem-blusas-causam-polemica-na-marcha-das-vadias-no-am.html>

estávamos conseguindo acompanhar o grupo em si, porque era no esquema de grupo de estudos, com textos inacessíveis, não estava dando um número expressivo de mulheres. Eu lembro que falei: "Se a gente esperar virar especialista nesse negócio de feminismo, a gente não vai fazer nunca". Eu lembro que elas colocavam "baixem o texto", era muito difícil ler aqueles textos, ter acesso à internet, que não dialogavam com nossa realidade, que era sim um debate importante que pautava muito a universidade, naquele momento não era isso que queríamos, apesar de sermos da universidade (Raissa, Aline e Mayara).

Pelo que as interlocutoras informaram, a primeira edição tinha a proposta de ser uma coisa acadêmica, buscando criar um espaço de debates conceituais sobre as pautas femininas para poder construir a marcha. A partir desse grupo de estudo, Raissa Floriano, Aline Ribeiro e Mayara Serrão se juntaram e decidiram organizar a marcha de maneira mais pública, construindo, dessa maneira, uma marcha efetiva. A dificuldade de acesso aos textos, bem como a linguagem desenvolvida era um primeiro desafio para o acesso de outras mulheres ao debate feminista contemporâneo. Naquele momento, Aline e Raissa indicam que chegaram à conclusão que era mais importante reunir mais mulheres para desenvolver um protesto de maneira pública.

No dia 01 de setembro, a Marcha de Realizou, com diversas mulheres com placas reivindicando igualdade, abaixo ao machismo e sexismo, lutando pelo uso de sua roupa, reivindicando o direito sobre seus corpos e seus destinos. Uma das palavras de ordem no dia era: "O corpo é da mulher, ela dá para quem quiser". Enquanto diversas mulheres e alguns homens caminhavam pelas avenidas do centro de Manaus, informação circulava sobre a representatividade das mulheres em propagandas sexistas, sobre a violência contra mulheres.

A principal pauta da Marcha era Contra a Mídia Machista, em suas primeiras postagens.

Teremos várias coisas a que protestar. Marcas de cerveja sempre traduzem a mulher como uma serviçal por natureza, e um brinde, uma recompensa sexual. Com pouquíssimas exceções, a indústria cervejeira reduz a mulher à capacho serviçal e sexual do homem. Marcharemos contra esta visão distorcida da mulher, que compra sua própria cerveja, que também é consumidora, e deve ser tratada com tal. Empresas de cosméticos e roupas, em geral, também tendem a tratar mulheres como fúteis, que só pensam em consumir com o dinheiro de seus maridos e namorados. As empresas de cosméticos e vestuário femininos ainda possuem um problema mais grave: direcionam-se para as mulheres, a fim de chegar aos homens. Ao mesmo tempo que corroboram na visão de "mulher dependente, que não trabalha, só gasta o dinheiro do marido", incentiva as mulheres a acreditarem que assim é o certo (Raissa, Aline e Mayara, 27 de agosto de 2012).

A pauta escolhida tinha o objetivo de afetar a grande mídia sobre as representações das mulheres em comerciais, o debate sobre consumo e representação foi pautada em nível

nacional por outros grupos de mulheres que realizaram a marcha naquele ano. É importante ressaltar que pelo que nossas interlocutoras nos falam, não existiam uma centralização nacional, as marchas aconteciam de maneira autônoma em cada local, as decisões coletivas em nível nacional eram tomadas mais por um consenso através de debates em grupos do Facebook, que um comitê central que definia datas ou maneira de organizar.

Tanto que a organização em Manaus seguiu suas próprias estruturas e definições. Contou com um carro de som que foi alugado através de contribuição de participantes da marcha, algumas coletadas previamente e outras no local, da mesma forma que houve uma organização orgânica na construção de cartazes dias antes da Marcha, o local onde essas atividades foram desenvolvidas eram a sede do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Amazonas, que se localizava na avenida Joaquim Nabuco, no centro da cidade. A coletiva iria usar esse espaço por um bom tempo, como local para suas reuniões, naquele momento ele serviu para formar um grupo que se autodeterminava como Movimento Feminista.

Depois que a gente fez a primeira marcha, a gente sentiu o impacto do que é ser vista como feminista, porque não tinham aqui mulheres que falavam, "eu sou feminista", a gente acabou sendo o primeiro grupo a reivindicar o termo e todo mundo viu a gente lá na marcha (Aline Ribeiro)

Isso repercutiu na nossa família, nos nossos grupos de amigos, todo mundo viu a gente lá na marcha, viu que a gente estava falando, então fez com que as pessoas questionassem mais a gente, por isso que a gente foi buscando mais, sentimos essa necessidade [...] foi quando eu tive aquela perseguição também, foi na divulgação das Marchas das Vadias, era muita gente me adicionando, veio um perfil específico que não adicionei, que era de um homem, não aceitei e sei lá, até que ele começou a me chamar no in box, quando fui ver o perfil dele. Lá estava escrito é isso que vou fazer com essas vadias, ele tinha uma foto de mulheres todas quebradas, então foi muito assustador (Raissa Floriano).

A perseguição virtual, chamada de stalking, envolve dois comportamentos particulares, o primeiro de contato com o perfil a ser perseguido, que envolve a pesquisa de fotos, postagens e vídeos produzidos pela vítima; em seguida, o agressor pede para adicionar, tendo negado, pode ocorrer um outro tipo de comportamento, essa pessoa cria um perfil fake. Justamente esse comportamento que nossas interlocutoras relatam, além de ameaças de violência sexual de perfis fakes. Como indicado anteriormente, o anonimato é utilizado para a difusão de discurso de ódio contra grupos minorizados e grupos de mulheres. Em pesquisa realizada em 2014, um blog pregava explicitamente estupro corretivo como instrumento de ameaça contra grupos feministas e LGBT, no blog Homens de Bem, que foi retirado do ar no

mesmo ano. Do mesmo modo, essas ameaças pessoais reproduzem o mesmo instrumento de ameaça sobre o corpo das mulheres.

Nesse sentido, no século XXI, o corpo se torna um espaço de violência, do exercício de padrões estéticos a uma instrumentalização da violência de gênero e patriarcal, do racismo ao classismo, o corpo se torna dispositivo de ignição de violência. Esse corpo, mesmo que virtual, sofre também os efeitos desses dispositivos, já que as mulheres se tornam alvo de stalking, ameaças de estupro corretivo, de desqualificação e deterioração de identidades por suas condições existenciais.

Acho que a gente individualmente, tem nossas histórias, e a gente sempre teve que lidar com essa questão de violência contra mulher, mas quando a gente se coloca num lugar, olha a gente é feminista, isso foi uma porrada muito segura, muito segura mesmo (Aline Ribeiro).

Nossa interlocutora indica que ser feminista, ao mesmo tempo que envolve o engajamento em um grupo particular de pessoas, também traz consigo um conjunto de riscos potenciais, riscos de vida, de prisão, riscos de deterioração moral contra suas identidades, da mesma forma que ser feminista ajuda no processo de apoio mútuo entre mulheres. De acordo com o relato de nossas narradoras, é após esse processo de construção da marcha, de ameaças e riscos, que se desenvolve também um processo de construção de grupo político para enfrentar essas violências.

A coletiva surge, então, com o nome de Coletivo Feminista Baré, no dia 02 de fevereiro de 2013, sete meses após a Marcha das Vadias. Com isso, também surge uma página e um blog para difusões das ideias desse grupo, a escolha do nome, inicialmente, tinha como objetivo fazer referência à etnia Baré, que povoava Manaus antes da colonização, a escolha do dia para fundação é também por conta da divindade africana Iemanjá, nesse dia também se celebra o dia da divindade.

O Coletivo surgiu nesse período, a gente considera dia 02 de fevereiro, que é dia de Iemanjá, a gente botou esse dia, como um dia simbólico, quem sugeriu foi a Liliane, bora botar o dia 02 que é dia de Iemanjá, que é uma mulher muito forte, a gente achou bem bonito. Foi mais ou menos quando o coletivo começou, a gente continuou com esquema de grupo de estudo, porque a gente queria se empoderar das coisas que estavam acontecendo no nacional. A gente ficava assim pensando, o que esse pessoal de São Paulo está falando, porque eles estão falando disso.

É nessas indicações que se pode perceber que a construção de uma rede na internet permitiu dois pontos importantes, um processo de fundação de uma coletiva de mulheres que já se reunia em um trabalho formativo há mais de um ano e, ao mesmo tempo, manter contato com outras mulheres que estavam nesse processo em diversas partes do país. O processo de trocas, de diálogos através das plataformas de rede sociais se tornou um nó necessário para impulsionar a construção de ações políticas diversificadas e descentralizadas ao longo do território brasileiro. A emergência de coletivos feministas, negros, antifascistas, entre diversos coletivos que impulsionaram a construção de outro tipo de política, visavam a uma formação continuada e dinâmica.

A Coletiva Banzeiro Feminista, que antes era Movimento Feminista e também Coletivo Feminista Baré, passou por esse processo. Assim, a construção política subjetiva que permeia as mulheres desse grupo se estabelece mais nas relações que não eram vistas como políticas do que em um espaço político institucionalizado. A postura anti-institucional é presente nos relatos de nossas interlocutoras.

Essa relação é uma característica de diversos movimentos sociais que atuam no formato de coletivo no Brasil, não sendo necessariamente uma característica determinante que define a construção de um coletivo, mas essa postura envolve a construção política por outros meios. Em uma etapa histórica anterior, a função da construção política talvez estivesse localizada no sindicato, na universidade, na associação de bairro, todavia podemos observar que, na última década, a emergência de coletivos e redes independentes parece ser mais recorrente, o que nos indica uma mudança fundamental nas relações objetivas da luta. A formação não se dá mais em um espaço físico, com uma pessoa direcionando o debate, mas ocorre de maneira menos centralizada, de modo que uma multiplicidade de vozes permeia o processo de construção coletiva. A Coletiva Banzeiro Feminista é um importante fragmento da atual etapa histórica de construção política independente.

Nossas interlocutoras nos indicam que, em diversos momentos, algumas pessoas ligadas a instituições queriam tutelar o coletivo, propondo palestras, ou querendo indicar como elas deveriam construir suas lutas e pautas.

A gente sentiu muito que a universidade tinha uma postura de querer tutelar esse grupo de mulheres, entendeu? A princípio a gente não reivindicava essa identidade universitária, porque quando a gente fundou o coletivo, a maioria era universitária, nessa época achávamos que reivindicar a identidade universitária era muito elitismo, mas só depois a gente percebeu que não era, porque esse espaço não era ocupado pela gente, enquanto mulheres negras, mulheres pobres, enquanto mulheres indígenas [...] E a gente tinha muito medo de transformar o Baré em um grupo da

UFAM de intelectuais. Eu lembro de uma professora que pediu para dar uma palestra pra gente. A gente virou e falou que não tínhamos interesse, mas que se ela quisesse sentar conosco de igual para igual para debater e conversar sobre algum assunto seria bem-vinda. Se quiser trocar uma experiência, porque vai haver conhecimento que vamos achar nos livros e vai ter histórias que os livros não vão contar.

Além dessa preocupação com a experiência, existe uma mudança de metodologia na construção dos encontros. Em determinado momento, Raissa indica que os encontros eram mais no formato de grupo de discussão, sem necessariamente uma pessoa responsável por palestrar, mas um tema ou texto motivador servia para desenvolver discussões e debates sobre conceitos, histórias, experiências compartilhadas pela condição de ser mulher. Ela relata que, em determinado momento, o coletivo que reunia tanto mulheres e homens, toma a decisão de abrir suas reuniões exclusivamente para mulheres.

É interessante que essa questão parece permear um questionamento recorrente a coletivos de mulheres, *o local do homem no feminismo*. Esse questionamento envolve dois pontos importantes, primeiramente o lócus do homem na política, que se encontra questionado conforme mulheres avançam em sua construção política; outro ponto envolve também a luta por autonomia de grupos de mulheres, de políticas voltadas para mulheres, tendo em vista que o homem, enquanto categoria política, é o responsável pela violação e por retrocessos nos direitos das mulheres. Aqui não cabe uma pseudo-oposição conceitual entre as práticas feministas e uma deterioração da identidade masculina, pois a posição masculina, na estrutura de construção do poder, envolve uma condição privilegiada para a reprodução de violências físicas, simbólicas e subjetivas contra as mulheres. Nesse sentido, o que se coloca em questionamento é a dominação masculina e seu conjunto de dispositivos de reprodução.

Eu lembro que a gente começou a fazer assim, a gente sentiu carência de muita coisa que tinha na marcha, tinha um momento que a gente tinha os dados, vamos fazer reunião todo sábado? Vamos... Mas não tínhamos lugar, a gente não se sentia confortável no Largo (do São Sebastião) porque era onde a galera gostava de reunir, porque tinha muita gente, era muito aberto, não tinha banheiro, aí a gente usou o DCE, a gente ainda não era o Baré, não era o Coletivo. Eu lembro que algumas mulheres começaram a se aproximar, umas foram bem legais, outras foram mais assim, para coletar informações e ver o que a gente tava lendo e tchau... Isso era muito escroto, porque isso desgasta a gente (Aline Ribeiro).

Tinha os homens na época, a gente fazia juntamente com o coletivo estudantil da UFAM, que tinha participação de vários homens que tinham ideologia anarquista, só que a gente foi vendo que muitos deles... Ai teve a questão dos homens, que foi uma coisa muito importante, porque foi quando a gente tomou consciência que não precisávamos de homens no nosso espaço de luta, não precisava, isso causou um

racha muito grande, Eu lembro que teve uma vez, que era só eu você de mulher, o resto era homem (Raissa Floriano).

Eu lembro que eu já tinha falado, e as meninas ficaram assim. "Mas os meninos colaboram". Eu lembro que olhei para a Raissinha, "Quantas mulheres têm aqui?" Ai a Raissa só nos duas. Então tem algo que estamos fazendo errado... Tipo hoje são pessoas que não falam nem com a gente, não falam com a gente (Aline Ribeiro).

Conforme as militantes do coletivo vão desenvolvendo debates teóricos e construindo ações práticas, de encontros de estudos a protestos com cartazes, piquetes, também passam a produzir um conjunto de ações na internet, através de folders, depois utilizando memes, mas sempre pautando a necessidade do combate à violência contra mulheres, pauta central entre os diversos postes na página do Facebook. Entre diversas ações, também há o desenvolvimento de saraus, apresentações artísticas diversas, beijaços, entre diversas ações diretas visando conscientizar as mulheres das contradições das relações de gênero violenta e capitalizada.

Entre uma das campanhas de colagem, focada na Universidade Federal do Amazonas, as mulheres tiveram cartazes arrancados e pichados diversas vezes, demonstrando uma força antagonista que se constituía dentro da universidade. Antagônica, anônima e duradoura, já que em um poste realizado em 12 de março de 2014, dois anos depois, em 2016, o mesmo ocorreu, uma segunda campanha, com cartazes arrancados e pichados. É importante notar que pichações de conotações de ameaça sexual são sempre presentes nas pichações

É importante notar que, através dos postes na página da Coletiva Baré Feminista, temos uma trajetória dos conceitos instrumentalizados pela Coletiva, em primeiro momento a articulação em torno da luta contra a violência vai sendo permeada, também, pelo reconhecimento de identidades feministas diversas, mas é importante que o debate racial passa a ser desenvolvido a partir dos anos de 2015, em 2016 as postagens relacionam a diversidade sexual. Esse processo vai se encontrando com reconhecimento pela coletiva de ser feminista interseccional.

A interseccionalidade é um conceito chave que emerge a partir de correntes feministas plurais, envolvendo mulheres negras LBTQIA+, que perpassa a compreensão das pessoas do feminismo a partir de múltiplas características, desconstruindo a noção de uma mulher universal como agente de transformação e protagonista da luta feminista. Nesse sentido, a interseccionalidade atua nas múltiplas dimensões da subjetividade, compreendendo as mulheres como sujeitas plurais. Esse debate epistêmico é desenvolvido a partir de movimentos de

mulheres negras e LGBTQIA+, principalmente, que perceberam ao longo do século XX a necessidade de situar historicamente essas mulheres.

Compreendendo o uso histórico no sentido sociológico do termo, a partir de suas posições em relação ao mundo social, cultural e simbólico, demarco pelo corpo, isto é, mulheres negras lésbicas, mulheres indígenas transsexuais, mulheres latinas trabalhadoras. Esses recortes, para além de adjetivos, trazem consigo classificações e permeiam sentidos e acesso histórico que determinadas sujeitas possuem e outras não. O elemento fragmentário, citado no capítulo anterior, é exatamente o que permite que essas agentes de mudanças não sejam vistas de forma unidimensional. A função fragmentária possui o caráter agregador nas identidades múltiplas, ao contrário de sectarizar como um certo conservadorismo da esquerda mais ortodoxa afirmava, pois isso constrói redes de apoio e esperanças, formando identidades complexas acerca dos feminismos.

O feminismo interseccional também é uma posição epistemológica, de acordo com Collins (2016) a posição que as mulheres negras assumiram dentro da sociedade de classes com um recorte racial, proporcionou uma posição importante para compreender o mundo na perspectiva daquelas mulheres que estavam dentro do movimento feminista e, ao mesmo tempo, de fora. Quando a mulher negra luta contra o machismo e o patriarcado, ela se depara com uma barreira racial que se contrapõe, mesmo dentro dos movimentos sociais, uma barreira, inclusive, heteronormativa, dependendo da posição que ela assume.

Em termos gerais, é como se a mulher negra tivesse que abdicar de uma parte de si para poder ser reconhecida dentro de um movimento. Isso se assemelha com um argumento interno que coloca a classe acima do gênero, ou gênero acima da raça, ou a raça acima da orientação sexual. Esse processo de fragmentação do corpo político fez como que o feminismo interseccional pudesse emergir como movimento social, organizado por mulheres negras para fazer frente a essa fragmentação instrumentalizada por uma governamentalidade neoliberal.

Como discutido no capítulo anterior, o que pode ser entendido como fragmentação é parte de uma condição humana. Em uma sociedade de classes, a representação de si tende a ser cada vez mais dinâmica a partir das relações sociais estabelecidas, o que não quer dizer que uma determinada representação em um espaço social e simbólico seja menos parte da identidade da pessoa que outra. É nesse ponto que o feminismo interseccional apresenta uma perspectiva conceitual, tanto para uma prática política como para uma compreensão diferente do mundo, tendo em vista que ambas compreendem um mesmo movimento. Isso poderia ser

citado através de três pontos chaves; 1) *Autovaliação e Autodefinição das mulheres negras*; 2) *A natureza interligada da opressão*; 3) *O desenvolvimento cultural de mulheres negras* (Collins, 2016). Esses três pontos, podem ser vistos no desenvolvimento das reflexões produzidas pelas mulheres do Coletivo Banzeiro Feminista, em sua trajetória política e coletiva.

Assim, o reconhecimento delas como feminismo negro interseccional é parte da gramática social desenvolvida por elas como instrumento de luta. Entre as referências que Aline cita, podemos encontrar Bell Hooks, Audre Lorde, Angela Davis, mesmo buscando dialogar com outras referências, são essas mulheres negras a base fundamental do diálogo desenvolvido, do mesmo modo que as influências de sites como Blogueiras Negras ou o blog Preta e Sapatônica surgem como potenciais referências, sem contar o grupo do Facebook Feminismo Negro Interseccional.

O desenvolvimento cultural das mulheres negras nas últimas décadas, muitas vezes empurrado para o subterrâneo, desponta como ponto fundamental de transformações dos movimentos sociais, trazendo luz ao debate que interliga as opressões, questiona práticas estabelecidas por outros grupos em luta, construindo esse processo de autorreflexão do pensamento e das práticas sociais.

Na época tinha uns grupos de Facebook que eram assim, Marcha das Vadias Nacional, tinha Mulheres Contra a Mídia Machista, ai maninho, o feminismo se espalhou, ai teve um excesso de coisas difundidas, um excesso positivo, mas que também criou-se grupo de mulheres brancas, privilegiadas, que começaram a dizer. Olha feminismo tem que ser assim. Não só mulheres brancas, mas mulheres do sul e do sudeste... Eu comecei a perceber o feminismo que estava sendo feito ali (no Grupo das Marchas das Vadias Nacional), elas começaram a falar sobre os problemas delas, era um lugar muito seguro, elas falavam sobre qualquer problema, só que ai a gente foi vendo que problemas eram colocados lá.

Chegou no absurdo de uma menina branca colocar, tipo eu não sei vocês, mas as vezes eu sofro essa pressão de ser comparada com essas meninas do tumblr¹⁰⁴, as vezes eu fico mal por não ser branca o suficiente.

Eu fiquei assim ... hã?! E eu nem tinha tanta consciência como eu tenho hoje da questão racial, mas naquela época já achei um absurdo, cara eu não acredito que estou ouvindo isso. Chegou várias outras mulheres e começaram a questionar realmente que tipo de coisa estava sendo colocada ali. (Raissa Floriano)

Eu vejo assim, o feminismo ele é uma luta por igualdade, é um conceito geral que as pessoas falam, muitas pessoas entendem que são problemas, que qualquer problema que aflige a mulher; E a gente tá numa sociedade patriarcal, e blábláblá, então para elas seja um problema muito grande ela não ser branca o suficiente, ela achava que poderia compartilhar isso com o grupo de mulheres que também sofre essa opressão

¹⁰⁴ Uma plataforma de criação de mini-blogs, onde as pessoas podem criar colunas de fotos, textos, links, programas de tv, arquivos de vídeo, música. No contexto do relato de Aline, o tumblr era a referência no período do que hoje se tornou o Instagram, um espaço de interação através da imagem e fotos.

estética de não ser branca o suficiente. E o feminismo negro vem romper com isso, e trazer olha, tem problemas reais acontecendo (Aline Ribeiro).

A construção da consciência, na prática e ao mesmo tempo norteadas pelos princípios que seriam o feminismo, é que mantém o trabalho da Coletiva em atuação até os dias de hoje. No ano de 2020 e 2021, seus trabalhos foram voltados para a produção de um livro no projeto Mana, escreve.¹⁰⁵, também é importante ressaltar o trabalho incansável durante a pandemia na distribuição de cestas básicas para as famílias afetadas pela pandemia. Cabe ressaltar a importante participação na articulação da Coletiva durante o apagão do oxigênio em Manaus, em 14 de janeiro de 2021, momento em que elas organizaram uma rede de apoio para conseguir oxigênio, junto com diversas outras mulheres como Vanda Witoto.

Vanda Witoto, outra importante liderança e influencer, é técnica em enfermagem, pedagoga. Vanda ficou conhecida por um grande público manauara por ser escolhida para ser a primeira pessoa do Amazonas para ser vacinada, também foi responsável por construir um espaço de saúde dentro do Parque das Tribos, um bairro da cidade de Manaus, fruto de uma ocupação indígena, para atender população indígena durante o período da pandemia.

O município de Amaturá, no Alto Solimões, e eu venho da comunidade às margens do Rio Solimões, ali na comunidade Colônia que é onde vive o povo Witoto, aqui no Estado do Amazonas, né? A nossa comunidade é reconhecida como Witoto, porém até 2015, para mim, dentro daquele território nós não tínhamos nenhum fortalecimento dessa cultura, nenhuma organização e, na verdade, a minha trajetória ela se inicia na saída desse território, em dois mil ...é em 2002 quando eu venho para Manaus, né? Com 16 anos saí do município de Amaturá, né? Para vir para Manaus trazida para trabalhar em casa de família, uma prima minha que trabalha, trabalhava aqui há muito tempo, também que veio trazida da comunidade, uma família foi lá e trouxe ela para Manaus.

Então ela tinha essa vivência de ser empregada doméstica e por necessidade mesmo e com vontade de querer trabalhar eu vim embora, ela me trouxe para cá, e a princípio era para cuidar da filha dela, né? E depois não deu muito certo esse trabalho e comecei a ir para casa de outras famílias, então eu, desde 2002 até 2008, eu fico transitando em casas de famílias aqui em Manaus.

Eu tinha que morar onde eu trabalhava, né? Porque eu não entendia muita coisa assim, eu não tinha noção de muita coisa, eu só queria trabalhar e ganhar alguma coisa para mandar para minha família. Então tipo eu ganhava R\$100,00, assim onde eu trabalhava, porque eles achavam que como eu dormia, comia e morava nas suas casas, então eu não podia receber mais que isso assim. Então, eu trabalhava muito e ganhava muito pouco. Eu ganhava cem reais e era um dinheiro que eu mandava para mãe, para ajudar alguma coisa. E ali para mim tava super tranquilo, eu não tinha noção de nada dessa questão de exploração de trabalho, as próprias violências que eu vivenciei em muitas dessas residências, para mim, não, não tinha sentido (Vanda Witoto).

¹⁰⁵ <https://www.facebook.com/manaescreve/>

Ao vir para a cidade de Manaus para trabalhar, Vanda relata que não tinha muita consciência política de sua identidade, nem dos seus direitos. Nesse sentido, o reconhecimento se dá somente conforme o conflito se efetiva, notem que o conflito precisa ser reconhecido, as diversas violências pela qual Vanda passou nesse processo são deixadas de lado, mas ao lembrar sua trajetória, ela compreende agora as diversas violências que passava, o que lhe auxilia na produção de uma identidade de si e uma preocupação coletiva com sua própria história.

E esse período todo assim, a única coisa que eu sabia dessa identidade indígena, que eu era indígena, eu não tinha noção de nada mais disso. Da importância, não sabia desse corpo, não entendia muita coisa, não. Nada fazia sentido dentro desses aspectos da cultura indígena, e aí eu fico transitando por aqui, por muito tempo, né?

Quando eu saí da casa de família em 2008, e vou pra loja, né? Trabalho, consigo um trabalho na Tortas e Tortas que é o meu primeiro emprego de carteira assinada, é onde eu consigo sair da casa de família, e aí eu consigo morar sozinha, consigo pagar um aluguel, e construindo uma outra, uma outra expectativa de vida.

Assim, eu tinha muito medo de morar só, mas por conta de muita violência, que eu passei em casa de família, até tentativa de abuso sexual, fui muito assediada nas casas dos meus patrões, isso é uma coisa que eu vivenciei muito, sempre tive que fugir de muitas situações desse nível, assim foi uma coisa muito ruim, e eu passei em residências, e isso tudo de alguma forma foi fortalecido.

Quando eu passo a morar sozinha eu já tinha um pouco de entendimento de algumas coisas, até essa questão das violências que eu sofria, eu não entendia como uma violência, nem como uma tentativa, por exemplo de abuso. Eu não tinha compreensão de nada, disso assim, eu vim tomar consciência muito recentemente dessas questões que eu vivenciei, assim.

Refletindo a partir de outro conhecimento que eu fui adquirindo ao longo dessa vida de estudo, dentro da minha formação mesmo, nas escolas, é que eu fui tendo noção que eu estava vivenciando...tipo a exploração do trabalho, que eu trabalhava, muito, muito, muito (Vanda Witoto).

Vanda relata que esse regime de trabalho a impedia de conhecer e conversar com outras pessoas, é somente na escola que ela encontra refúgio, ao conseguir terminar os estudos e ingressar na UEA, ela encontra um ambiente propício para se reconhecer, para se encontrar enquanto um corpo político, com direitos e que luta por uma memória e por um futuro diferente.

A minha vida começa a ter uma mudança dentro desse fortalecimento da minha identidade e meu corpo político, de entender o meu corpo nesse mundo assim, é a partir de 2016 quando alguém me fala da Universidade. Então meu processo de pertencimento, meu processo de entender o meu corpo político, e esse fortalecimento se dá a partir da minha entrada na universidade. Então, isso é muito recente, é muito recente, então em 2015... Eu tenho um amigo que era vizinho lá de onde eu morava, ele perguntou sobre a minha identidade por conta dos meus traços e tudo, se eu era indígena, né? Eu falei para ele que era indígena, e ele sabia de algumas informações que eu não sabia, ele falava que os indígenas no estado tinham uma cota específica

na universidade, e que se tivesse o RENI, acessar essa universidade, e tinha uma bolsa pra alunos indígenas, eu fui atrás dessa informação que ele me trouxe [...] A negação dessa identidade dos nossos corpos da gente foi entendendo tudo isso nessa caminhada dentro da universidade e a ali que eu percebo, vou me construindo, vou me desconstruindo também porque Tudo aquels ser indígena, aquela ser Vanderleia, que eu era, eu tive que ir desconstruir, também, né? Porque parece que faltava algo dentro de mim que não fazia nenhum sentido que a partir de então começa a tomar consciência. Começo a militar nesse sentido e entender todo uma negação histórica, né? que fez da geração do meu pai até da geração da minha vida, da minha mãe, tudo mais, assim, porque para eles também foi negada tudo isso né.

E ali é que se inicia uma grande história e aí a gente vai para outros espaços assim além da Universidade que foi o movimento indígena que eu fui entender e aí quando eu entro nessa Universidade eu conheço o parque das tribos, então Parque das Tribos ele é fundamental nesse processo (Vanda Witoto).

Ao se deparar com os desafios políticos que seu corpo e identidade trazem, Vanda se aprofunda ainda mais nas lutas políticas e na construção de sua consciência. Além de estudar, ela consegue um emprego em uma loja de tortas da cidade, onde ela fala sobre quão diferente era o ambiente de trabalho, mesmo que ainda explorada, possuía o mínimo de condições para poder conversar e conseguia estudar, inclusive fazendo um curso técnico em enfermagem. Em meio a tudo isso, ela ingressa no movimento de luta por moradia e na ocupação indígena que, mais tarde viria a se tornar o Parque das Tribos, na zona oeste da cidade de Manaus. A partir dessa construção, ela e seu companheiro passam a construir no terreno cedido na ocupação, tendo, muitas vezes, que enfrentar ações de despejo, mas coletivamente conseguem manter-se no local, sendo um dos bairros da cidade com uma grande concentração de indígenas, a ocupação era encabeçada por um Kokama.

Vanda Witoto começa a entrar em contato, tanto com o debate político pela internet, quando pela vivência na faculdade, no movimento estudantil indígena e negro, conhecendo o trabalho da Coletiva Banzeiro mais tarde. Vanda começa a ter uma permeabilidade nas redes sociais, assim como diversas outras militantes indígenas como: Renatinha Peixe Boi (Mura), Samela Sateré-mawé, Centro de Medicina Indígena (Bahaserikowi) e Márcia Wayna Kambeba.

Em 2021, Vanda é escolhida para ser a primeira pessoa do estado do Amazonas a se vacinar contra o Covid 19, muito pelo seu trabalho no Parque das Tribos durante esse período, que foi essencial no atendimento de pessoas acometidas pela pandemia, ela se torna a primeira pessoa do estado do Amazonas a se vacinar, algo extremamente simbólico, pois se trata de uma mulher militante, indígena, trabalhadora da saúde. Isso, com certeza, foi muito positivo para ela e para sua comunidade, o que aconteceu depois é que não foi tão bom assim.

Então diante do trabalho que eu estava fazendo aqui na comunidade de enfrentamento da COVID 2019, né? E já havia construído, sim, uma imagem muito forte desse trabalho aqui, repercutindo nacionalmente e internacionalmente. Eu acho que tudo isso contribuiu para que o meu nome fosse um dos mais cotados, assim depois eu tive essa informação, né? E aí o convite veio no dia do evento para mim, tipo duas horas antes da iniciaram o evento, na verdade. Que foi estabelecido convite, mas tipo é na tarde tinham me ligado, tipo meio-dia assim para saber se eu podia indicar algumas pessoas, alguns profissionais de enfermagem para ser entrevistado e tudo mais. E assim como...e eu fui entrevistada também, eu fui uma das entrevistadas também, eu fui uma das entrevistadas nesse dia, aí como a entrevista era uma coisa que tava acontecendo com muita frequência comigo, para mim tava soando super mal. Mas não achava que era em relação a isso, e aí quando foi no período de umas cinco horas, eu recebi um telefonema da Secretaria de comunicação do Estado perguntando se eu aceitaria ser a primeira amazonense ser vacinada pela representatividade... você é mulher indígena, uma profissional de saúde, e o meu questionamento era exatamente isso, eu vou ser vacinada como uma mulher indígena ou por ser uma profissional de saúde? É porque a gente já sabia que os povos indígenas, em contexto de cidades, não estavam no planejamento de prioridades do governo, né?

Então, aí eu pensei, que esse é o momento também deu reivindicar isso, se eu vou tomar a vacina...então, tipo passou um monte de coisa assim porque a gente tava em reunião no Ministério Público, com a COPINE, com outras organizações, reivindicando isso, né, que a gente fosse prioridade também. E aí falei com meus pais, falei com meu marido...o meu pai falou "minha filha você pode ir, você é corajosa e é o nosso povo Witoto, então isso vai ser muito importante, pro...pra luta dos nossos povos, assim, fale que você tem que falar e vá". Ai assim eu me encorajei, porque eu tava com muito medo, também, né? Apesar de a gente ser profissional de saúde, diante de tanta informação ruim que a gente recebia toda santa hora no celular, sobre a vacina... é claro que é uma vacina nova que tipo estudos recentes e tudo mais, isso de alguma forma assusta a gente, né?

Eu não sou hipócrita, de não dizer que eu não tive medo assim de tomar, mas a gente a gente foi...e isso repercutiu muito positivamente, assim, as organizações indígenas, porque, em vários lugares já tinha sido escolhido, vários profissionais indígenas. É para tomarem a vacina e repercutiu muito positivamente.

Nem nas redes sociais não conseguia nem "storiar" assim de tanta gente que me marcou, e aí no dia seguinte, comecei a receber outras ligações..."Vanda tá sabendo que tá parecendo?! Vanda fizeram uma montagem com as fotos... é o aquele jornalista?! Vanda?! um monte de... meus amigos, né?

Aí, gente do céu e eu trabalhando, eu não paro, eu tava trabalhando e quando começou assim...tava uma loucura aqui o parque das tribos, a gente tinha acabado de montar a tenda, né?

Que a gente chamava de Hospital Campanha, aqui no Parque das Tribos, tinha 8 parentes assim internados. E aí eu recebo aquela montagem, com o Ronaldo Tiradentes me chamando de picareta, de Índia fake, que eu não deveria ter sido vacinada, porque um monte de coisa que eu nem gosto de lembrar...E aí comecei a receber os prints do Diálogo da postagem inteira, nossa... e arrasada com aquilo, porque muitas mensagens horríveis, pessoal pedindo a minha morte, sabe assim?

Que eu era uma vagabunda, uma puta, monte de palavrão horrível, assim... que eu tinha que morrer mesmo! E espera aí o tempo que ela vai ser, ela vai ser, vai virar mapinguari, jacaré, um monte de coisa, assim, sabe?! E que eu não era indígena, e que tá cheio de gente assim, por aí, falando... "é isso que querem mostrar da região, já chamam a gente de índio! E aí qual a necessidade de chamar uma índia pra ser vacinada?!"...essas coisas assim... "Para que que tem que vestir aquela roupa, que teatro! Que palhaçada!"

Nossa, aquilo me entristeceu demais, assim mesmo depois... eu parei, né, para ver os prints, aí eu pedi para os meus amigos, que eu falei, eu não vou deixar isso barato, não! Nem que seja para o Ronaldo Tiradentes que que é a pessoa que não deveria fazer isso, né? Por ser um Jornalista, que ele era para ter um mínimo de compreensão, de tudo isso e foi o que reproduziu, né? E desencadeou uma cadeia de ataques assim pra mim, então a partir, da montagem... Cara ele entrou nas minhas redes sociais, botou minha imagem do período político lá, que eu botei minha imagem em apoio ao Haddad, me chamaram de comunista, de não sei o quê...o que mais...colocaram a foto do meu marido, assim de vários locais que a gente vai, com as minhas roupas que não são tradicionais, né? A gente anda com roupa normal... E aí tudo isso, né? Colocaram...eu fiquei chocada e fiquei com medo, porque eu já tava vivenciando uma violência dentro do território, né? Então assim os ataques que ele, ele, que ele proporcionou, eu fiquei bem assustada eu fiquei com medo...falei com a minha família, falei com o meu marido assim pra gente ter cuidado com tudo, né? (Vanda Witito).

Vanda foi extremamente atacada, por diversas pessoas que questionaram sua identidade, sua relação com o território e seu respeito, entre os detratores estavam Ronaldo Tiradentes, um jornalista e radialista conhecido na cidade de Manaus, que usou a foto da Vanda para escrever o seguinte: *Esta é a primeira “índia” a ser vacinada em Manaus. Os índios priorizados para a vacina são os aldeados e não picaretas, aproveitadores.* Entre outras ofensas, envolviam elementos de cunho misógino e anticomunistas, mesmo que Vanda não reivindique o discurso de ódio anticomunista, sempre é acionado quando representações emancipatórias são acionadas no jogo das relações culturais.

O índio fake não deve tomar vacina. O índio aldeado é que deve receber a vacina, eu cometi essa injustiça, dizendo que ela havia tomado indevidamente a vacina. E essa menina, a Vanda Ortega, depois eu fui vê no Facebook dela, ela botando foto desde março, ajudando e trabalhando sim, pegando no pesado, enfrentando a doença. Eu quero pedir desculpa a Vanda Ortega e me redimir desse pecado, que tinha colocado no meu Instagram e retirei imediatamente, quando recebi fotografias dela trabalhando desde o comecinho. Foi um ato equivocado de nossa parte (Ronaldo Tiradentes, janeiro de 2021).

O radialista se retratou dias depois, mas o dano à imagem de Vanda já havia sido feito, o fluxo do dispositivo de ódio nas redes sociais é muito rápido, ele acontece em cadeia, mas é impulsionado por algum influencer ou personalidade que consiga fazer a mensagem chegar a um número maior de pessoas. É como uma caixa de ressonância, as plataformas de redes sociais criaram um mecanismo que podemos identificar – às vezes – o primeiro som, mas em seguida, conforme ele rebate nessa caixa, não sabemos mais de que direção pode vir. Esse dispositivo de ódio que precisa ser desarmado, desconfigurado, requer uma outra relação com comunicação e com os usos dos instrumentos tecnológicos que nós temos.

As escolas ensinaram muito errado, sobre quem são os povos indígenas. A gente precisa reparar isso, essa sociedade precisa reparar esses danos históricos direcionados aos nossos povos. Eu não tenho ódio de nenhum de vocês, eu só gostaria

que vocês buscassem conhecer sua própria história [...] a sua história é indígena. E não digam que eu não sou indígena, eu sou Witoto originário, eu tenho um território, eu tenho um rio sagrado, eu tenho uma terra e eu não sou aldeada.

Há mais de 10 mil anos erámos livres nesse território, os brancos, os militares que nos enclausuraram, não existia demarcação, o índio vivia livre, os povos originários viviam livres nesse território. A colonização que deu nome a essas coisas hoje horríveis, que nos mata, que nos pune e que nos criminaliza. Aqui nesse coração que vem da terra, eu sou uma formiga, meu clã é de Saúvas. Eu sou uma formiga braba, meu nome é Derekini, eu venho do centro dessa terra, eu carrego nesse coração, a mãe terra, que me faz ecoar essa luta. E eu não me calarei para ninguém, não sinto nenhum sentimento de ódio. Mas cada palavra de ódio direcionada para mim, tem me fortalecido, para não me silenciar e ninguém vai mais silenciar os povos indígena. (Vanda Witoto, Ninguém vai me silenciar, 14 de março de 2021).¹⁰⁶

Essa gramática interseccional amazônida possui características únicas, caminha em uma práxis do cotidiano, em que vivência e território e mescla-se constantemente. De forma independente, diversas redes de mulheres negras, indígenas, quilombolas, educadoras, enfermeiras têm composto diversos coletivos pela cidade, como Ponto de Lança, Cumbucaa, Instituto Feminismos na Amazônia, mulheres negras que se articulam em torno de diversas pautas, mulheres indígenas, da classe trabalhadora, LBTQIA+. Apesar dessa luta já iniciada, nas redes sociais, ainda precisa romper com as barreiras algorítmicas e contra o dispositivo colonial que visa subjugar as pautas do território. Na luta contra a desterritorialização, des-identificação e na des-caracterização de si, identidade novas são constantemente construídas, bem como estratégias de luta por reconhecimento, com outros centros fenomenológicos e valorativos.

¹⁰⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=o8zRf-8r5UM>

NO INTERREGNO DO CIBERESPAÇO (A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Ao longo dessa tese, apresentei diversos quadros de como as gramáticas sociais de luta por reconhecimento e discurso de ódio atuam dentro das redes sociais, como são partes integrantes de um mesmo dispositivo histórico e social. Ao apresentar tipologias e trajetórias, visava demonstrar como os processos de subjetivação das plataformas de rede social têm delimitado ou ampliado campos de ações possíveis. Não poderia encerrar essa tese sem apresentar um quadro consequente desse processo, de produção de fake news e de embates polarizados nas redes sociais, que resultaram em movimentos políticos e políticas públicas. Esse capítulo será dividido em duas partes, o primeiro na apresentação de um quadro de crise do oxigênio da cidade de Manaus, quando, mobilizados por notícias falsas e desinformação, criaram-se as condições para um desastre, na segunda parte, deixo as reflexões finais, poderiam ser chamadas de considerações finais.

Em janeiro de 2021, em plena pandemia ocasionada pelo Covid 19, o Estado do Amazonas se encontrava em uma situação de caos, pois estávamos em um dilema fundamental entre luta pela verdade, pois as fake news serviam de base para a orientação política do governo amazonense e da prefeitura de Manaus. Desde o início da pandemia, em dezembro de 2019, diversas informações falsas passavam a circular, inclusive notícias que orientavam políticas sanitárias públicas. Na Itália, por exemplo, por pressão dos campos conservadores e do mercado, criou-se a campanha *Milão não para*, incentivada, inclusive, pelo prefeito da cidade, a campanha tinha o objetivo de resistir às medidas de restrições de circulações para conter a proliferação do vírus.

Muitos se referem àquele vídeo que circulava com o título #MilãoNaoPara. Era 27 de fevereiro, o vídeo estava explodindo nas redes, e todos o divulgaram, inclusive eu. Certo ou errado? Provavelmente errado. Ninguém ainda havia entendido a virulência do vírus, e aquele era o espírito. Trabalho sete dias por semana para fazer minha parte, e aceito críticas (Giusseppe Sala, 27 de março de 2020)¹⁰⁷

No Brasil, impulsionado, pelo bolsonarismo e pelo obscurantismo crescente em diversas camadas do ciberespaço brasileiro, não tivemos dificuldade alguma, enquanto sociedade, em piorar ainda mais as consequências dos impactos da pandemia. Sem sombra de

¹⁰⁷ <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/27/prefeito-de-milao-admite-erro-por-ter-apoiado-campanha-para-cidade-nao-parar-no-inicio-da-pandemia-de-coronavirus-na-italia.ghtml>

dúvida, o presidente Bolsonaro se empenhou em seguir os piores passos possíveis para isso, mas como o mesmo já disse *minha especialidade é matar*.

Em março de 2020, em meio às medidas de restrições que vinham sendo implementadas e respeitadas no Brasil, o governo lança uma campanha similar à de Milão não pode parar, em nosso caso foi *O Brasil não pode parar*. A campanha publicitária foi o ponta pé em um embate entre Governo Federal e Governos Estaduais, pois medidas restritivas vinham sendo implementadas, mesmo enquanto o presidente citava estas como “medidas alarmistas”.

Para os quase 40 milhões de trabalhadores autônomos, #oBrasilNãoPodeParar. Para os ambulantes, engenheiros, feirantes, arquitetos, pedreiros, advogados, professores particulares e prestadores de serviço em geral, #oBrasilNãoPodeParar. Para os comerciantes do bairro, para os lojistas do centro, para os empregados domésticos para milhões de brasileiros, #oBrasilNãoPodeParar. Para todas as empresas que estão paradas e que acabarão tendo de fechar as portas, ou demitir funcionários, #oBrasilNãoPodeParar. Para dezenas de milhões de brasileiros assalariados e suas famílias, seus filhos e seus netos, seus pais e seus avós, #oBrasilNãoPodeParar. Para os milhões de pacientes das mais diversas doenças e os heroicos profissionais de saúde que deles cuidam, para os brasileiros contaminados pelo Coronavírus, para todos que dependem de atendimento e da chegada de remédios e equipamentos, #oBrasilNãoPodeParar. Para quem defende a vida dos brasileiros e as condições para que todos vivam com qualidade, saúde e dignidade, o Brasil definitivamente não pode parar. (GOVERNO FEDERAL, 28 de março de 2020).¹⁰⁸

A chamada para não parar, para abertura do mercado, o descaso com as próprias condições do covid-19, iniciaram uma série de reações em cadeias nos mais diversos locais e, seguida pelos pronunciamentos do governo Bolsonaro, as medidas restritivas foram constantemente sabotadas. Ao longo de 2020, acompanhamos com as mais diversas estratégias de poder, a partir de fake news, visavam criar confusão e, ao mesmo tempo, conseguir criar lucro em meio à pandemia.

Em meio a tanta desinformação, eis que o Governo Federal buscou apresentar curas milagrosas. É nesse cenário que hidroxiquina e ivermectina emergem, no caso da cloroquina, embalado pelas perspectivas apontadas por Donald Trump, o governo Bolsonaro começou a promover o remédio. Inicialmente se falava do uso dele em pacientes como sintomas graves.

[...] Ele hoje está sendo utilizado em pesquisas clínicas, com autorização de comissão ética dos hospitais e poderá ser usado, caso o ministério da saúde libere a utilização desse medicamento, para os médicos prescreverem para pacientes graves, para pacientes que estejam em hospitais, não é para usar para quem está gripado e acha que se tomar esse medicamento não vai ter complicações com a síndrome gripal, fora

¹⁰⁸ O vídeo foi retirado do ar semanas depois, para tanto se utilizou outra fonte para registro: <https://www.youtube.com/watch?v=hQQZE7LQIGk>

isso não existe nenhuma indicação para uso desse medicamento (João Garbbado dos Reis, 21 de março de 2020).

Mesmo sem nenhuma comprovação das comunidades científicas e dos pesquisadores, hospitais como Albert Einstein, Pevior Senior e Samel em Manaus utilizaram a cloroquina. A prescrição do remédio de maneira informal levou, inclusive, ao fim dos estoques nas farmácias, facilitando o uso da cloroquina. Mesmo após resultados negativos pela comunidade internacional, membros governistas e o próprio Jair Bolsonaro continuaram sua propaganda.

O cenário descrito acima proporcionou, no segundo semestre de 2020, quando as vacinas já estavam sendo negociadas, a criação também do chamado “kit do tratamento precoce”. Notem que menos de alguns meses, havia a construção discursiva para um tratamento precoce, isto é, um tratamento que tinha o objetivo de prevenir o contágio da covid, envolvia um remédio para parasita e a cloroquina. Nas redes sociais, diversas pessoas divulgavam a eficácia do tratamento precoce – que também viria a se chamar tratamento preventivo. Agora com o discurso diferenciado, a agenda do Governo Federal era promover tal tratamento, e isso foi feito na cidade de Manaus, Amazonas.

Estava em jogo um embate político Entre Governo Federal e Governos Estaduais, porém o governador Wilson Lima e o recém eleito prefeito David Almeida – eleito em 2020 para assumir em 2021 – passam a promover, na rede pública de saúde, aliados com médicos bolsonaristas e médicos desesperados, o “kit de tratamento precoce”. Agentes do ministério da saúde vêm a Manaus, tiram foto dos kits, reconhecem o fato, enquanto o governador travava um embate político com lojistas sobre a abertura do comercio em dezembro de 2020.

Em janeiro de 2021, temos um cenário crítico, impulsionado por medidas sanitárias sem eficácia alguma uma verdadeira tragédia recai sobre a cidade de Manaus. Em 14 de Janeiro de 2021, temos o apagão do oxigênio, com diversas unidades intensivas hospitalares da cidade de Manaus sem oxigênio suficiente, com alas inteiras de pessoas morrendo sem ar, sem respirar. Em meio ao desespero, vemos médicos e familiares pedindo ajuda.

A gente se sente impotente, essa é a palavra, temos a notícia que o oxigênio tá acabando, oxigênio vai acabar em uma hora, como falar isso para nosso paciente, é desesperador para gente, é angustiante, dói, dói na alma, você vê um paciente pedindo ajuda e você não ter como ajudar no mínimo, que é fornecer um suporte de oxigênio para os pacientes (médica em entrevista para televisão em 17 de janeiro de 2021).¹⁰⁹

¹⁰⁹ https://www.youtube.com/watch?v=QWCYUgQ_9uA

Com o fim do oxigênio, houve uma corrida para conseguir cilindros de oxigênio. Ao longo desse dia, uma rede de mulheres feministas da cidade Manaus foi criada para conseguir auxiliar na compra e na distribuição de oxigênio na cidade, não à toa foram mulheres que encabeçaram essa luta, pois muitas delas estavam na linha de frente do combate ao covid-19, como cuidadoras e acompanhantes de pessoas enfermas. Os relatos da reportagem aqui citada, em sua maioria, são de mulheres.

Tem muita gente, tá lotado, tá faltando profissionais para assistir os pacientes, não tem equipamento, não tem oxímetro, não tem aferidor de pressão, que ajuda são os poucos acompanhantes que conseguiram entrar, é revoltante, é absurdo, eu nunca imaginei que meu pai iria passar por isso [...] (familiar de pessoa doente, 17 de janeiro de 2021, reportagem).

A crise ou o apagão do oxigênio não durou somente um dia, foram cerca de 5 dias para regularizar o fornecimento de oxigênio, até porque, o cilindro que antes era abastecido por 400 reais ou 500, passou a ser abastecido pelo preço de 5000 reais, de modo que as pessoas mais pobres não conseguiram comprar balões de oxigênio para seus familiares.

Mesmo pós pandemia, o Prefeito de Manaus continuou orientando o uso do kit do tratamento precoce, o uso indiscriminado de remédio para tratamento de piolho e verminose, somada com a cloroquina. A Semsa, em nota, respondeu em uma reportagem da Amazonia Real – portal de notícia local - no dia 14 de janeiro de 2021:

A reportagem procurou a Prefeitura de Manaus para responder sobre o questionamento dos cientistas sobre doar medicação sem eficácia nos postos de saúde de Manaus. Em nota, a prefeitura respondeu – [...] é função da Atenção Básica de Saúde oferecer meios de prevenção ao adoecimento e tratamento precoce [...] para os casos suspeitos ou confirmados de Covid-19 e outras síndromes gripais tem, à disposição profissionais médicos, um leque de 28 itens de medicamentos, incluindo antivirais, anti-inflamatórios, antibióticos, analgésicos e antitérmico [...] (Amazonia Real).¹¹⁰

A verdade que a gestão política da cidade de Manaus insistiu no tratamento precoce, abandonando somente com a chegada das vacinas ao final de janeiro. Esse quadro que apresentei, reflete a força que as redes sociais possuem para definir as potências de realidade constituintes no jogo de relações. Outros horizontes de realidade poderiam ter sido citados: as Eleições de 2018, que é outro quadro em que os usos das redes se tornaram mais explícitos, ou ainda o caso do Gabinete do Ódio, nome dado às pessoas que executavam conjuntos de disparos

¹¹⁰ <https://amazoniareal.com.br/eu-acho-que-funciona-ne-diz-paciente-que-ganhou-remedio-de-piolho-da-prefeitura-de-manau-para-curar-covid-19/>

em redes sociais para difamar inimigos, atacar opositores e difundir alguma informação. Mas esses quadros são partes desse quadro maior.

Estamos vivendo as ruínas do neoliberalismo. Quando Wendy Brown nos indica isso, não quer dizer sobre o fim do neoliberalismo, mas sobre como as políticas neoliberais deixaram as democracias em ruínas. De modo algum, estamos vivendo o fim das políticas neoliberais, pois, como vimos, a governamentalidade neoliberal se perpetua de outras formas, se reifica em gramáticas sociais pregressas e se reinventa em novas gramáticas sociais. O ultraliberalismo ou neo-fascismo compõe gumes de uma mesma espada, de um mesmo segmento discurso, resultante de processos cotidianos de subjetivações e construções de discursos que, reinterpretados, assumem letmotivs diferentes, objetivos e subjetivos, conscientes e inconscientes.

A internet que possuía a potência para uma sociedade mais democrática, foi reconfigurada para a construção de uma des-democratização da sociedade. Os efeitos de curto-circuito entendidos como bolhas, aprisionam a subjetividade de indivíduos, mesmo que em grupos diferentes, fazendo com que todos nós trabalhem constantemente para a plataforma, a frase “você olha para esquerda e para direita, mas a pancada vem de cima”, faz muito sentido, não nos termos do apoliticismo esvaziante do discurso neoliberal, mas na análise estruturante do que as plataformas de redes sociais se tornaram.

Vemos despontar outras plataformas, como Tik Tok, que trará outros desafios interpretativos para nossa sociedade, que irá nos subjetivar de outra maneira. Notem a quantidade de tempo que estamos logados, parcial ou integralmente, às plataformas de redes sociais, mesmo que você não use, alguém próximo a você está usando. A crise da pandemia só aprofundou processos que estavam ocorrendo, de uberização, de tiktokzação, a era dos streamings está, aos poucos, emergindo. A cada consumo de arte popular, há um vídeo de revisão – review –, um react – um vídeo de reação –, um contra discurso a ser respondido.

As plataformas de redes sociais necessitam do engajamento, para tanto precisam ser uma máquina de produção e consumo de sentimentos, de afetividades, quer seja reconhecimento, quer seja o ódio. O ódio se tornou combustível para o avanço, pois sob a égide do combate ao ódio, abandonamos estratégias alternativas, não se fala mais em mídia alternativa, pois todas são potencialmente alternativas dentro da uniformidade criada pelas plataformas.

Temos podcasts de sucesso, como Podcast do Flow que prega desinformação de maneira humorada e em nome da “liberdade de expressão”, ou Podcast Mano a Mano, um espaço de conversa liderado por Mano Brown, aos moldes de um programa de rádio, o mais escutado no Brasil no último semestre, mas ainda assim, dentro de suas plataformas sociais, dentro de moldes esteticamente estabelecidos. As regras de um jogo que não podem ser mudadas, dialogadas, apenas seguidas. Assim como Marcuse percebia como a tecnocracia limitava o horizonte de mudança da classe trabalhadora, temos um cybertotalitarismo, quando vemos influencers mobilizando seus exércitos de seguidores para silenciar, atacar ou anular uma pessoa das redes sociais.

Esses casos de cybertotalitarismos podem ser percebidos no cancelamento de Carol Conká do BBB, posto que as redes sociais eram fundamentais para a difusão da produção desse reality show. Ou casos vistos menores, como no caso do Gamer Antifascista que teve sua conta apagada pela twitter após um ataque de *flame hates*, quando denunciaram seu perfil por questionar os posicionamentos bolsonaristas e anticomunistas do Gaulês, o maior streaming da Twitch.

A contradição das redes sociais reside no fato de que ela encarcera nossa subjetividade, mas é a partir de seu processo de subjetivação que vemos a potência para transformação. A emergência de cybercomunistas como influencers nos últimos anos é uma prova disso, mesmo que dentro da blogosfera comunista houvesse debates importantes sendo desenvolvidos, são esses influencers que furaram a “bolha”, que conseguiram estabelecer posições de debate. São a essas posições que devemos ficar atentos.

Esse cybertotalitarismo vai acabando com as pequenas comunidades, pequenos fóruns, com outras histórias possíveis. Poderia ter usado os conceitos de público e contra-público de Nancy Fraser, mas não era esse o objetivo, o trabalho era compreender essas sutis formas discursivas de produção de subjetivação e conseguimos identificar algumas, dentre muitas, como *homem sacrificial*, *gramática ultraliberal*, *feminista liberal*, *gramática proto-fascista* e *gramática interseccional amazônida*. Existem diversas outras, outras potências que ainda não estão visíveis e outras que ainda não de emergir. Essas tipologias que foram apresentadas são apenas nortes compreensivos para o entendimento da nossa realidade.

Essas gramáticas, que compõem um conjunto prático de sentidos e comportamentos, podem auxiliar a desarmar as armadilhas criadas pelos efeitos da governamentalidade neoliberal, que reúne, de uma só vez, uma política do corpo, mais ainda das almas. Almas não

nos termos moral religioso, mas a alma como bloco subjetivo de sentidos que nos identifica, composto por identidade, representação e cosmovisão. Os fios condutores desse processo estão dados ao longo dessa tese, das grandes estruturas que compõem nossas formas de comunicação atualmente a pequenas variações nesse universo virtual.

A preocupação do capitalismo de vigilância com bigdados, metadados e algoritmos não é despreziosa, é central na forma de exploração do futuro que se constrói nos dias de hoje, já que as formas de produção de lucro estão se modificando e se reconfigurando. O corpo, sempre colocado em questão, se torna central nesses processos de subjetivação das plataformas de redes sociais. Antes os manuais, os livros, os guias, as resenhas; agora os challenges, reacts, memes, cortes de podcast, são os novos dispositivos disciplinares, mas dessa vez o objetivo não é o controle, mas o descontrole dos sentimentos, dos pensamentos e da visão de mundo. Ao criar esse efeito de descontrole, a governamentalidade neoliberal também nos imputa a desesperança, o horizonte revolucionário se torna apenas um sonho, quando não modelado como estilo de vida.

É o que Mark Fisher (2020) chama de realismo capitalista, quando o horizonte da produção cultural encerra o futuro do próprio capitalismo, considerando que a ascensão do neoliberalismo não foi apenas uma vitória no campo da gestão de recursos, mas uma vitória no campo da gestão do futuro. O futuro é desenhado a partir das regras desse capitalismo, esse efeito condicionante, que impede que possamos enxergar para além do que está dado, o efeito de Parallax. Isso é tão potente, que subjetiva nossas decisões políticas, as plataformas de redes sociais se beneficiam da “polarização”, a verdade que a “polarização” é efeito da política afetiva dessas plataformas, sem ela não pode haver o engajamento.

A mercadoria não é mais o objeto, mas a sensação, é isso que as plataformas de redes sociais estão oferecendo, a sensação de pertencimento aos desterritorializados pelo ciberespaço, a sensação de identificação aos desconfigurados pelas redes sociais e a sensação de realidade para despossuídos de verdade. É sem dúvida alguma, expropriação afetiva das pessoas transfiguradas em capital afetivo, a ser negociado e vendido. As plataformas de redes sociais são uma máquina de consumo dessa afetividade, não só criando situações em que esses sentimentos possam ser gastos com suas plataformas, mas consumindo com produtos toda possibilidade de sentir.

Não é uma visão pessimista das plataformas de redes sociais, a colonização cyberespacial que executou esse processo não foi nenhuma IA, nenhum robô do futuro ou mega

computador, mas um dispositivo neoliberal de comunicação no qual estamos inseridos, onde todo indivíduo é único, mas também parte de um perfil de massa de consumo. Cada indivíduo é uma empresa potencial, a ser terceirizada pelas plataformas de redes sociais. Youtube, Facebook, Twitter, Twitch, Instagram, TikTok, Kwai, todos planejam para que estejamos integradas a elas 24 horas, se possível, de modo que não precisa recrutar funcionários, elas recebem de bom grado todo apoio de um trabalho sem remuneração de inúmeros usuários, com o sonho de se tornar influencers.

Nesse exato momento, há inúmeros canais voltados para crianças a idosos, conteúdos sobre gênero, sexualidade, progressistas e antiprogessistas, negacionistas ou cientistas. Essas plataformas envolveram a todos, em um processo que demorou menos que uma década. Em breve, teremos as primeiras gerações que nasceram com o mundo nessas configurações, onde a monetização do eu e digitalização da vida cotidiana são partes integrantes da vida nessa sociedade de capitalismo de vigilância. Como desarmar essa armadilha? Como criar rotas de fugas no ciberespaço? Quais formas de ação os futuros cyberativistas terão que tomar?

Não estou falando sobre desistir da internet, ou se tornar um eremita virtual, mas estou falando como coletivamente iremos desarmar os efeitos desse dispositivo? Como poderemos reverter os efeitos de descontrole proporcionados por essas plataformas? Talvez o primeiro passo seja reconhecer em que ponto estamos, para criar estratégias efetivas de rompimento, *o velho está morrendo e o novo [ainda] não pode nascer, e nesse interregno uma grande variedade de sintomas mórbidos aparecem*, frase de Gramsci para explica o processo de crise do bloco histórico, talvez seja fundamental para entender nossa situação com as redes sociais.

O tipo de mudança que exigimos só pode vir de outro lugar, de um projeto de que seja no mínimo, antineoliberal, se não anticapitalista. Tal projeto pode ser torna uma força histórica somente quando ganha corpo em um bloco contra-hegônico [...] Independentemente de nossas incertezas em relação ao ponto final, uma coisa é certa: se falharmos, agora, em dar consequência a essa opção, prologaremos o atual interregno. Isso significa condenar os trabalhadores [...] imergi-los também em uma extensão cada vez mais ampla de sintomas mórbidos – em ódios nascidos do ressentimento e expressos em bode expiatórios; em surtos de violência seguidos de arroubos de repressão; em um mundo perverso, onde as solidariedades se contraem até o desaparecimento (FRASER, 2021, p.68-69)

Nancy Fraser estava analisado o bloco progressista estadunidense, mas essa citação pode nos ajudar a compreender a encruzilhada na qual nos encontramos. As redes sociais trouxeram transformações que não podem ser ignoradas, não é somente um espaço subjetivo de lazer, é onde sintomas mórbidos se expressam de maneira mais explícita, onde a crise cultural se espalha, tudo a partir de um dispositivo de descontrole estrategicamente acionado.

Ao longo desse debate, minha preocupação buscou demonstrar a construção histórica e social de comportamentos relegados a uma naturalização das coisas, conseqüentemente isso nos colocaria dentro de uma situação niilista – como propões Marcuse – da própria consciência, e que, nessa etapa de consumo, se encontra absolvida pela realidade exigente do capitalismo, tanto como razão quanto como moral, e impede, através das atividades do viver, que se possa construir outras realidades, naturalizando, dessa forma, o discurso de ódio e mesmo a luta por reconhecimento como posições estanques, quando, na verdade, estão em constante movimento, em constante processo de transformação.

Os restos fracos da consciência – já exaurida pela dessublimação - que gera uma consciência feliz – são dominados pela razão e exigência de mercado. O real é tanto racional quanto moral. Ao mesmo tempo princípio da realidade, imperativo e ordem moral, o capitalismo torna-se necessidade, autoridade, e verdade reunidos; saturando cada esfera e imune a críticas, a despeito de suas devastações, incoerências e instabilidade manifestas, não há alternativa (BROWN, 2019).

As redes sociais cumprem esse papel de colocar em prática o desenho dessa revolução neoliberal, da constante necessidade e única, do desespero pela escolha do menos pior, do questionamento constante do imperativo da própria realidade, do uso do ressentimento para eclipsar qualquer fagulha de construção de consciência ou de alternativa fora dos padrões neoliberais. É nesse patamar que nos encontramos, não à toa tanto ressentimento, tanto ódio, tanto medo. As plataformas de redes sociais precisam que seus usuários sejam reativos e não propositivos, o simples botão de reagir é o suficiente para que possa satisfazer essa necessidade de crítica ou concordância, como afirmei anteriormente, tudo ocorre dentro dessa caixa de ressonância, onde há momentos mais intensos e momentos menos intenso, onde há escolhas e há arbitrariedades, mas todas dentro do jogo estabelecido pelas corporações.

O reconhecimento se torna política de distribuição de sentimentos, não apenas de respeito enquanto justiça social, mas de afetividade enquanto direito básico que foi expropriado pelo capitalismo. Estamos entrando em um era de negociação de afetividades, esse é o campo de maior consumo das redes sociais, justamente na troca, no reconhecimento entre usuários que essas plataformas se constituem como estruturas cada vez mais potentes para políticas de indiferença, de engajamento e de reconhecimento. O uso instrumental do ódio é incidental, é o efeito colateral aceitável e, ao mesmo tempo, produto importante a ser comercializado.

Sob a égide da indiferença, do egoísmo neoliberal, somos passíveis da produção do cancelamento, dos ataques em massa, dos *hates flames*, de delimitar bodes expiatórios para

qualquer um que esteja lutando pela sua identidade, pois essa luta ameaça fundamentalmente seu modo de vida. Uma espécie de niilismo pós-moderno que se espalha e cria efeitos novos de ressentimento e posições cada vez mais fundamentalistas em suas identidades; que cria gramáticas sociais proto-fascistas, ultraliberais, que obscurece a pluralidade do feminismo e comunismo; que cria ruídos comunicativos e até mesmo grupos dentro de movimentos em luta por reconhecimento, como o caso das feministas radicais que odeiam mulheres trans, ou como gramáticas feministas liberais que não se vinculam às mulheres da classe trabalhadora, ou mesmo a perpetuação de um punitivismo penal dentro das esquerdas, uma luta contra o identitarismo por militantes marxistas, onde se cria uma guerra discursiva falsa entre marxismo e pós-estruturalismo.

É justamente nas redes sociais que esses embates são travados, desenvolvidos e encerrados. São lutas que antes eram feitas face a face, agora contam com uma interlocução digital; são disputas dentro do ciberespaço, por representatividade, pela mínima distribuição do respeito que esse campo de economia afetiva pode situar para todos nós.

Não sabemos os efeitos disso a longo prazo, talvez conseguiremos sair dessa armadilha, romper com a realidade imposta pelo neoliberalismo, pois a esperança – como um valor – é parte integrante nesse processo de transformação que queremos, que precisamos para sair desse interregno, das ruínas do neoliberalismo. Mas não deixa de ser irônico, que é justamente sob as barras desse dispositivo que tenhamos que depositar nossa esperança para emancipação, uma esperança, ainda que seja uma esperança tola.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana Guerra. **As esferas do reconhecimento**: uma introdução a Axel Honneth. In: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, vol 14, nº1, pp.127-143, 2011.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, RJ. 2009.
- AVRITZER, Leonardo e COSTA, Sérgio. **Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública**: Concepções e Usos na América Latina. In: DADOS – Revista de Ciências Sociais, N.4, VOL.47, Rio de Janeiro, pp.702-728. 2004.
- AZEVEDO, Monia Karine e NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello. **O Desenvolvimento do Conceito de Pulsão de Morte na Obra de Freud**. In: Revista Subjetividades. Fortaleza, 15(1): p67-75, abril. 2015.
- BOENAVIDES, Débora Luciene Porto. **Ressignificar e resistir**: a Marcha das Vadias e a apropriação da denominação opressora. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol 27(2), 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 2012
- BRASIL. **Relatório da CPI de Assassinato de Jovens**. Senado Brasileiro, 2016.
- BUTLER, Judith. **Relatar-se a si mesmo**: Crítica da violência ética. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.
- CARNEIRO, Suelli. **A Construção do Outro como não-ser como fundamento do Ser**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, USP. Orientadora: FISCHEMANN, Roseli. 339 páginas, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: Relexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. Vol 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, Viveiros. **O Nativo Relativo**. In: Mana 8(1), pp.113-148, 2002.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a outsider within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: Revista Sociedade e Estado, Vol 31, n. 1, Janeiro/Abril, 2016.
- CORDEIRO, Franciele Roberta e KRUSE, Maria Henriqueta Luce. **Direito de morte e poder sobre a vida**: saberes para o governo dos corpos. In: Texto, Contexto e Enfermagem. N 25(2). 2015
- DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre a Sociedade de Controle**. In: L'Autre Journal, n.1, maio de 1990.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o Ódio**: Entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Orientadora: KOFES, Maria Suely. p.366, 2018.

DORNELLES, Jonatas. **Vida na rede**: uma análise antropológica da virtualidade. 2008. 293f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade do Rio Grande do Sul, Florianópolis. 2008.

FIGUEIREDO, Angela. **Somente um ponto de vista**. In: Cadernos Pagu, vol 51, 2017.

FOUCAULT, Michael. **A Coragem da Verdade** – O governo de Si e dos Outros II. Curso no College de France. 1983-1984. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michael. **Do Governo dos Vivos**. Curso no College de France. 1979-1980. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michael. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no College de France. 1975-1976. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michael. **O Nascimento da Biopolítica**. Curso no College de France. 1978-1979. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michael. **Segurança, Território, População**. Curso no College de France. 1977-1978. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal estar da Cultura**. Porto Alegre. L&PM, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Editora Coletivo Sabotagem. 2004.

GOMES, Carla & SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade**: a Marcha das Vadias no Brasil. In: Revista Sociedade e Estado, vol. 29, n. 2, Maio/Agosto 2014.

GUITERREZ-TERRAZAS, José. **O conceito de Pulsão de Morte na Obra de Freud**. In: *Ágora*, vol V, n.1, pp.91-100 jan/jun 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia**: Entre facticidade e validade, Vol 1. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1997.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça**: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. In: Revista Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.26, n.1.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed 34, 2003.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014. E-book.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras**: moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n.16, p.193-210, jan./abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010333522015000200193&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 mar. 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

HOOKS, bell. **We real cool**: black man and masculinity. New York: Routledge, 2004.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo, Centauro Editoria, 2002.

JOUTARD, Philippe. **Nuevas Polémicas Sobre Historia Oral**: algunos retos que se le plantean a la historia oral del siglo XXI. In: JOUTARD, Philippe & BOFIL, Mireia. Historia, Antropología y Fuentes Orales. No 21, Entre la Exclusión y El Trabajo. 1999, pp. 149 – 162.

KIRKPATRICK, David. **Efeito Facebook**. Rio de Janeiro, Editora Intrínseca LTDA. 2011.

LANIER, Jaron. **Gadget: você não é um aplicativo** – um manifesto sobre como a tecnologia interage com nossa cultura. São Paulo, Editora Saraiva. 2010.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

MACHADO, Jorge Alberto S. **Ativismo em rede e conexões identitárias**: novas perspectivas para os movimentos sociais. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 9, n. 18, jul/dez, pp. 248-285, 2007.

MALINI, Fábio e ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais, Porto Alegre, Sulina. 2013.

MARCUSE, Hebert. **A ideologia da Sociedade Industrial**: O homem unidimensional. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1973.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do Discurso e Ciberespaço**: Heterotopias Contemporâneas. Dissertação de Mestrado apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara. Oritadora: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. 137 páginas. 2010.

MEIHY, J. C. S. B.. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J.C.S.B. **Os Novos Rumos da História Oral**: O Caso Brasileiro. In: Revista de História 155 (2º - 2006), 2006. p 191-203.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Reconhecimento em Debate**: Os modelos de Honneth e Fraser em sua relação com o legado habermasiano. In: Revista de Sociologia e Política, Nº 29: pp. 233-236, NOV, 2007.

NETO, José Aldo Camurça de Araújo. **A categoria “reconhecimento” na teoria de Axel Honneth.** In: Argumentos, Ano 3, N.5, p.139-147, 2011.

POLI, Luciana. **Um olhar sobre a teoria crítica de Axel Honneth.** In: Iusgentium, v.12, n.6, 2015.

PRETTO, Bernadete e NICARETTA, Fernanda. **Facebook e a era da visibilidade:** algumas composições com a psicanálise. In: Reverso, Belo Horizonte, n.74, pp. 83-90, dez 2017.

PRETTO, Nelson De Luca e SILVEIRA, Sérgio Amadeu. (ORGS). **Além das redes de colaboração:** internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador. EDUFBA, 2008.

RAYMOND, Eric S. **A Catedral e o Bazar.** Disponível em <http://www.catb.org/~esr/writings/cathedral-bazaar/cathedral-bazaar/> consultado em 19 de fevereiro de 2021.

REVEL, Judith. **Foucault, conceitos essenciais.** São Carlos, ClaraLuz Editora, 2005.

ROSA, Gabriel Arthur Marra e SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade de Usuários:** Uma Revisão Crítica de Literatura. In: Temas em Psicologia, Vol 23, N. 4, pp. 913-927, 2015.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva e TOMÉ, Vitor Manuel Nabais. **As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens Brasileiros e portugueses em idade escolar.** In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 96, n.242, p.11-25 jan/abr, 2015.

ROSSI, Teresinha de Jesus Noske. **Redes Sociais e Ciberativismo:** Motivações, expectativas e esperança. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-RIO, Orientadora: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. 131 folhas, 2017.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Revolução tecnológica, internet e socialismo.** São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record. 2000.

SILVA, Marcelo Kunrath e MICHELOTTI, Fernando Canto. **Conflitos por reconhecimento na modernidade periférica entre a igualdade e a distinção.** In: Política & Sociedade, N° 14, p.447 – 474, 2009.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e individualismo colaborativo.** Entrevista in: Revista USP, São Paulo, n.86, p.28-39, junho/agosto, 2010.

SOBRINHO, Patrícia Jerônimo. **Meu Selfie:** a representação do corpo na rede social Facebook. In: ARTEFACTUM – Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia. V.8, n.1, 2014.

SOLANO, Esther e FELIPE, Miguel. **O ódio como política:** a reinvenção da direita no Brasil. São Paulo, Boitempo, 2018(2).

SOLANO, Esther. **Crise da Democracia e extremismo de direita**. In: FRIEDRICH EBERT STIFUNG BRASIL, *Análise*, n.41, 2018(1).

TAVARES DOS SANTOS, Vicente. **As conflitualidades como um problema sociológico contemporâneo**. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, n.1, ano 1, p.10-13. Jan/jun. 1999.

TORRES, Iraíldes Caldas. **O contemporâneo e os novos coletivos de mulheres**. IN: *Ser Social, Desigualdade, Mundialização e Políticas Sociais Contemporâneas*. Brasília, vol 22, n.47, Julho e Dezembro de 2020.

VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica**. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (orgs). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1996. p.11 -25.

WEBER, Max. A “Objetividade” do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política.

In:

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo, SP. Cortez Editora, 2001.